

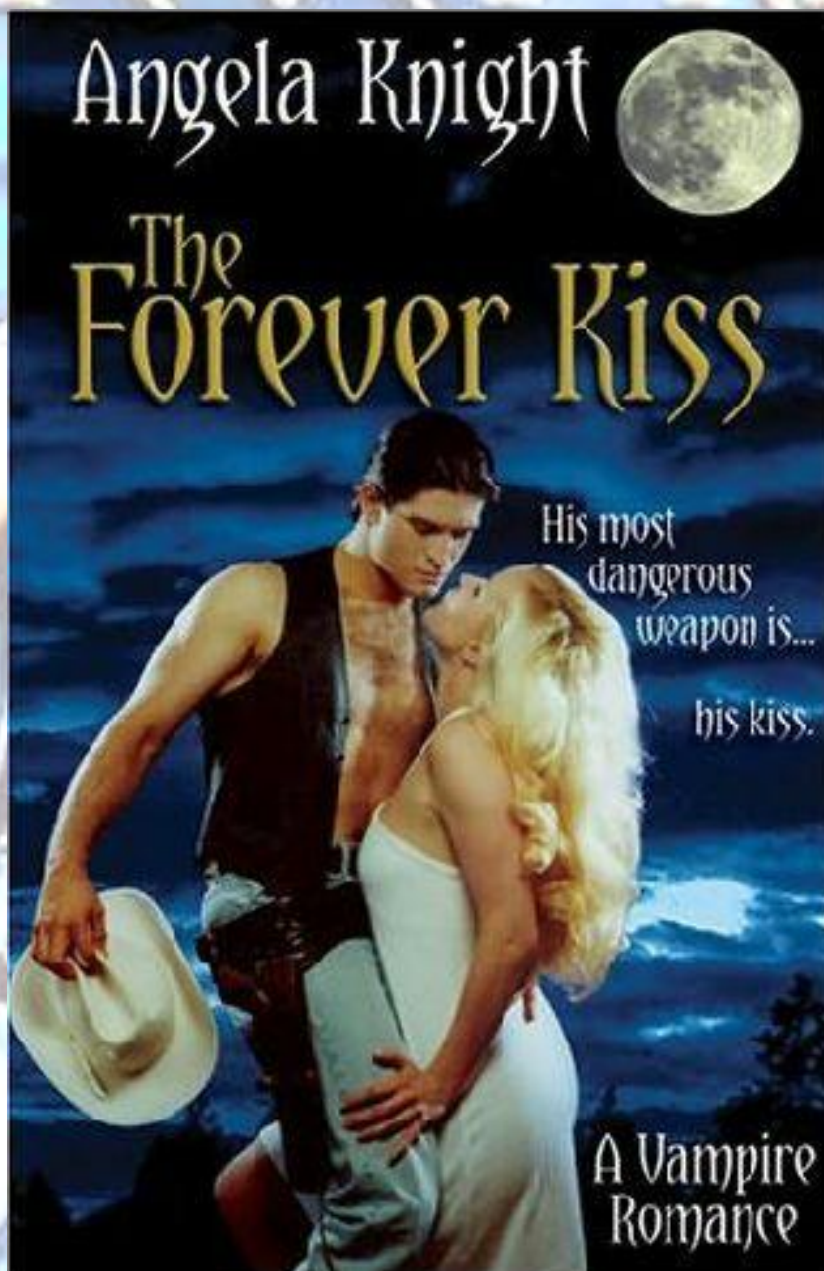
Angela Knight

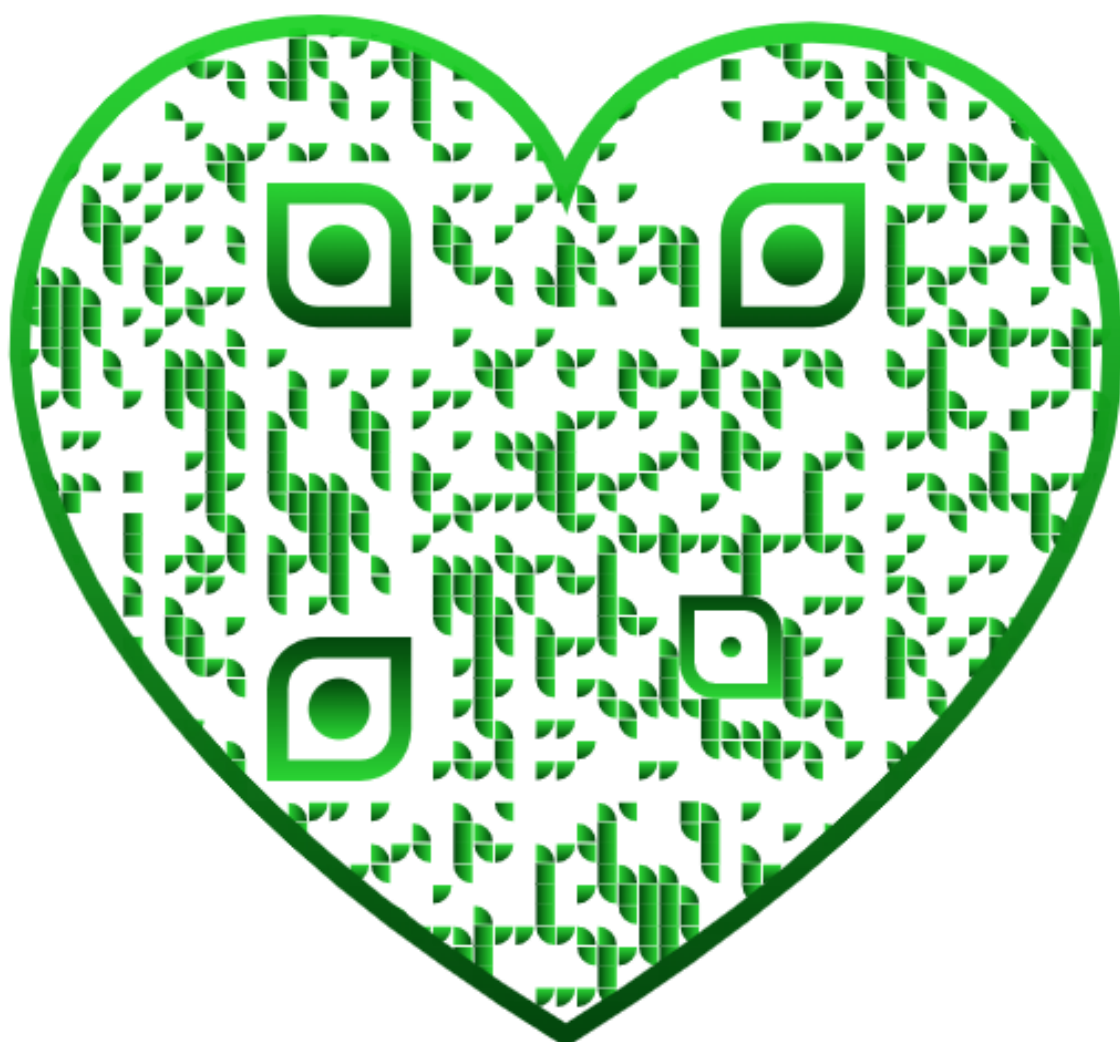
O BEIJO ETERNO

(The Forever Kiss)

Angela Knight

Rev. PRT





Angela Knight

Resumo

Por anos, Valerie Chase esteve enfeitiçada por sonhos com um homem que ela conhecia apenas como Cowboy. Quando criança, seu Texas Ranger de faz de conta a resgatou dos vampiros sádicos que assassinaram seus pais. Agora, adulta, ela ainda sonha com ele — mas agora ele é seu amante sedutor em noites de prazer erótico.

Mas o Cowboy está muito longe de ser apenas um sonho. Ele é muito real. E ele é um vampiro.

Por anos, Cade McKinnon protegeu Valerie de Edward Ridgemont, o vampiro sádico que o transformou. Mas agora, Ridgemont se determina a tomá-la para ele, e Cade é o único que pode protegê-la. E ele tem a intenção de fazer justamente isso, mesmo se tiver de sequestrá-la para conseguir.

Quando Valse vê sequestrada pelo belo homem de seus sonhos, ela fica consternada ao descobrir que ele é um dos vampiros que teme. Agora, apanhados em uma trama de medo e paixão, ela e Cade precisam aprender a confiar um no outro, enquanto ao mesmo tempo um monstro imortal espreita cada um de seus movimentos.

Sua única esperança de sobrevivência é... *O Beijo Eterno.*

A Vampire
Romance



Disponibilização: PRT
Revisão Inicial: Ana Christie
Revisão Final: Ana Christie
Visto Final: Ana Christie
Formatação: Ana Christie
Logo / Arte: Iara
Projeto Revisoras Traduções



Livro revisado da Lista Global da qual fazem parte os seguintes grupos:

Projeto Revisoras Traduções
Adoro Romances em Ebooks
Traduções Digitalizações – TeD
PDL

Angela Knight

Dedicatória

Eu gostaria muito de dedicar este livro, meu primeiro, para as muitas pessoas que o tornaram possível.

Minha *Publisher*¹ e amiga, Alexandria Kendall, e minha editora², Claire, que trabalharam tão duro para me ajudar a fazê-lo o melhor possível.

Para todos os que perguntaram quando ele seria publicado. Espero que achem que tenha valido a pena.

Para o maravilhoso S.P.s do meu e-loop Yahoo!, que o aguardou por dois anos, se não com paciência, ao menos com humor e ânimo.

Para Diane Whitside, *minha critique partner*³, que lê cada um dos esboços, e deu grandes sugestões para melhorá-lo.

Para minha irmã, Angela Patterson, que me fez críticas e me encorajou em tudo o que escrevi muito antes de eu já ter uma palavra publicada.

Para meus pais, Paul e Gayle Lee, que acreditaram em mim quando publiquei meu primeiro texto aos nove anos de idade, "O camundongo que ia à Lua", publicado em lápis.

E, sobre tudo, para meu herói, Michael, e meu filho, Anthony, meu futuro autor, que me proporcionaram inspiração e amor.

¹ O **Publisher** seria a pessoa responsável pela escolha do livro, portanto deveria ser uma pessoa com maior visão global, mais generalista.

² Já o **Editor**, trabalharia com o título escolhido pelo Publisher, porém cuidando apenas da parte editorial e gráfica.

³ Não consegui encontrar uma tradução literal, mas acho que seria como um leitor beta, que lê uma obra com um outro olhar diferente do próprio autor, mostrando pontos falhos, lugares em que precisaria melhorar, e também ajudaria numa possível revisão.

Angela Knight

Nota da Tradutora/Revisora

Um livro perfeito. A história é rica, tem romance, drama, luta, aventura, muita paixão, várias cenas super hot que nos deixam sem fôlego. Ao menos, foi o que senti ao traduzir e revisar! Kkkkkkkk Preciso pedir desculpas pela demora em entregar o livro revisado ao PRT, mas fazer esse livro foi uma verdadeira vitória para mim. Eu não sou expert em inglês. Ao contrário, meu nível da língua é o das pessoas que o estudam para fazer uma prova de vestibular. A tradução mecânica que veio para mim foi uma tradução mecânica do espanhol, que por sua vez, era uma tradução do inglês para o espanhol sem passar por revisão. Estava completamente ininteligível. Então eu pensei que seria um desafio para mim: por que não tentar traduzi-lo? Bem, foi o que fiz, e peço desculpas se muitas coisas saíram erradas. Mas eu usei o máximo de dicionários e recursos possíveis, e quase a ajuda de ninguém para fazer essa tradução e revisão. Sinto-me orgulhosa dela. Espero que apreciem ler como eu apreciei traduzir e revisar.

A Vampire
Romance



Capítulo Um

— Preciso de você esta noite — sua voz emergiu da escuridão, um sussurro rouco, masculino e profundo de calor e fome. — Você se dará a mim?

Valerie Chase se sentou direito em sua cama revolta. O Cowboy estava parado bem na parte de fora das portas francesas abertas, observando-a do balcão enquanto a luz de lua se derramava em torno dele. A aba de seu *Stetson* branco obscurecia seu rosto. Sempre fora assim. Ela nunca tinha visto suas feições claramente, nem mesmo em todos os anos em que sonhara com ele.

Sua camisa branca de algodão se estendeu ao longo dos ombros largos, e seus jeans usados se ajustaram e abraçaram suas longas, musculosas pernas. A luz da lua cintilou na estrela de Texas Ranger fixada em seu colete de couro. Ele trazia dois coldres cruzados sobre os quadris estreitos, os revólveres Colt embainhados formando uma moldura sedutora para a coluna grossa, impressionante de sua ereção.

Era a forma como ele sempre aparecera em seus sonhos, sua fantasia de Cowboy, seu amante de sonho. Seu herói.

— Entre — ela disse suavemente, e sentiu que seus mamilos se enrijeciam fortemente.

Ele começou a andar na direção dela com aqueles seus passos de pantera largos, ritmados. Quando ele se moveu, suas roupas se desvaneceram, revelando a projeção faminta de seu membro.

Sua boca ficou seca. Sua camisa de dormir desapareceu. Ela não tinha certeza de qual deles a tinha feito desaparecer.

Logo suas mãos estavam nela, quentes, hábeis e de longos dedos, enquanto ele tomava sua boca em um beijo profundo, esfomeado, temperado com desespero. Suas próprias mãos encontraram vigor e calor quando ele deslizou em cima da cama, seu peso a pressionando deliciosamente no colchão.

— Não poderia me manter afastado — ele murmurou, sua voz rouca.



Ela lhe deu um sorriso malvado.

— Bom.

Ele riu, o som num meio caminho entre uma risada sufocada e um gemido faminto.

— Megera... — como se morresse de fome, ele curvou sua cabeça para provar seus lábios, o ângulo de sua mandíbula, a curva de sua clavícula, ultrapassando uma linha de beijos duros e mordidas suaves ao longo de sua pele. O fogo se vertia através das veias dela para se empoçar sob seu ventre.

— Meu Deus, senti sua falta... — fechando os olhos, ela fechou as mãos em seus cabelos curtos, sedosos, nem mesmo notando quando derrubou seu *Stetson*.

— Não tanto como eu senti a sua — ele levantou sua cabeça para olhar para ela. Mesmo sem o chapéu protetor, ela não pôde vê-lo claramente, embora pudesse sentir o amor e a necessidade nele. — Não há nada que não faria por você. Nada — sua voz baixa vibrava com uma determinação aguda que fez com que ela franzisse o cenho.

— O que está errado, Cowboy? — ela tomou seu rosto entre as mãos.
— O que você não está me dizendo?

— Nada, querida — ela podia ouvir o sorriso tenso em sua voz. — Sou simplesmente um sonho, lembra? Não sou mesmo real.

Antes que ela pudesse protestar, ele baixou sua cabeça para seus seios. Sua língua deu um golpezinho nos pontos rígidos enquanto seus dentes raspavam a carne delicada.

— Você, sem dúvida, não parece um sonho — ela gemeu, pendendo sua cabeça para trás no travesseiro com luxúria, o prazer resplandecente se construindo sob sua pele. Suas pernas desceram e se abriram como se seus ossos tivessem se derretido. — Não obstante, talvez você seja.

Ele fez um traço sob sua coxa até encontrar seu sexo.

— Mmmmm — ele ronronou. — Não desperte — dedos longos escorregaram para dentro em um empurrão possessivo. — Ao menos, ainda não.



Seus olhos se fecharam de vagar. Instintivamente, ela cravou seus dedos em seus ombros poderosos, procurando uma âncora para se defender do prazer que a inundava com cada carícia e cada beijo.

— Você tem certeza... — ela puxou o fôlego. — Tem certeza de que não é real?

— É tão real quanto nós deixarmos chegar a ser — ele soou amargurado. Antes que ela pudesse perguntar o que ele quisera dizer, ele enterrou sua cabeça entre suas coxas. Ela gritou com deleite comocionada com a forma como sua língua molhada acariciava seu clitóris, seus dentes amavelmente mordiscavam enquanto ele alcançava seus mamilos para brincar e beliscar.

Implacavelmente, ele devorou as dobras suaves até que ela sentiu um orgasmo se construindo como a crista de uma onda. Ela impulsionou seus quadris, tentando alcançar o clímax, mas ele se manteve bem fora de alcance.

Logo ele a apunhalou com dois dedos, deu um golpezinho com um polegar perito sobre seu clitóris, trazendo-lhe o desmoronamento. Ela gritou.

Como se esse fosse o sinal que ele estivera esperando, ele se arrancou para fora dela, pôs-se entre suas coxas e segurou seus joelhos em ambas as grandes mãos. Deslumbrada, Val o contemplou. Seu membro se mantinha grande e duro como se ele exibisse seu tamanho. Ele soltou um joelho apenas o suficiente para segurar a si mesmo. Ela sentiu a cabeça sedosa roçando os inchados, cremosos lábios. Ele curvou seus quadris e a invadiu em um impulso impressionante.

— Oh, meu Deus! — ela ficou sem fôlego, seus dedos agarrando os lençóis enquanto ele começava a estocá-la de forma dura.

— Venha para mim outra vez — ele grunhiu. — Quero assisti-la!

Quando ele arremeteu contra ela, cada nervo em seu corpo pareceu se arrebentar. Convulsionando, Val gritou o único nome com que ela o conhecia.

— Cowboy! Eu te amo!



— Eu. Te. Amo — sacudindo-a de forma dura com seus últimos impulsos, ele arrojou para trás sua cabeça em um rugido gutural. Ainda estremecendo, ela olhou para cima, ansiosa para olhar seu cru prazer masculino quando ele culminou.

Em vez disso, seu sonho deliciosamente erótico foi mais um pesadelo.

Enquanto Val o olhava fixamente, estupefata, os dentes caninos em sua boca aberta ficaram mais longos, mais afiados. Ela congelou, gelo abrindo caminho entre o calor.

Quando ele abaixou sua cabeça para olhar para ela, seus olhos brilhavam vermelhos acima das presas ameaçadoras.

— Cowboy? — sua voz tremeu. Um grito de traição e de incredulidade se construiu em sua garganta.

Ele não respondeu. Ainda sepultado profundamente dentro dela, ele abaixou sua cabeça.

Val saltou para fora da cama esperando sentir as presas do Cowboy rasgando sua pele. Seus ouvidos ainda retumbavam com o eco de seus gritos. Correndo velozmente para a porta do dormitório, ela se lançou pela abertura e saiu voando ao vestíbulo.

Mãos apertaram seus ombros. Ela gritou agudamente e lhe lançou um punho enfurecido.

— Ei, cuidado!

O grito tirou Val do aprisionamento do sonho. Seus olhos se enfocaram para descobrir Beth olhando para ela, cabelos escuros escorrendo em torno de seus ombros, susto e irritação se misturando em seu jovem rosto.

— Você está dormido, maldição — sua irmã disse, sacudindo seus ombros, que segurara levemente. — Desperte!

Um sonho. Tinha sido um sonho.

— O Cowboy ia me morder.

Beth revirou seus olhos como a adolescente que ela era.

— Então o que há de novo? E desde quando você presta atenção?



Val se curvou contra a parede do vestibulo como se seu terror se drenasse, deixando seus joelhos fracos e um gosto metálico em sua boca.

— Ele era um vampiro.

— Oh, bebê... — Beth estendeu a mão para tirar uma mecha de cabelos dos olhos de Val. — Você deve ter tido alucinações, se está vendo o Cowboy como material de monstro. Vamos, querida, vamos conseguir um pouco de chocolate. Acho que precisamos conversar.

Cade McKinnon acordou com uma sacudida, os punhos frustrados agarrando os lençóis. A cabeça de sua ereção roçou sua barriga plana, e suas presas doeram. O quarto teria aparecido pichado de negro para olhos humanos, mas sua vista de vampiro facilmente discerniu a elegância vazia da mansão de Ridgemont, o mogno polido e o cristal caro.

Val fora embora. Não que ela alguma vez tivesse estado ali para começar.

E ele a tinha aterrorizado, maldição. Sua última vez juntos não deveria ter acabado em medo, mas ele tinha perdido o controle de ambos, a Fome e o sonho.

Tentar alcançar a mente de Valerie para se alimentar primeiro tinha sido um engano, mas ele tivera que vê-la, tocá-la, uma vez em fim. Sabendo que ele nunca teria outra oportunidade, ele quisera conseguir tanto dela quanto pudesse. A pele sedosa, as longas pernas musculosas, os mamilos rosados de veludo, o almíscar vertiginoso de seu perfume, o banquete picante, salgado entre suas coxas.

Com um gemido de fome frustrada, Cade começou a girar sobre sua barriga. Uma vez, duas vezes, outra, ele apertou seus quadris nos lençóis de linho embaraçados, imaginando-a apertada habilmente em torno dele. Jogando para trás sua cabeça, ele gozou com um grunhido, seus dedos apertando o tecido suave do travesseiro.



O coração pulando, ele paralisou, o sabor de amargura e perda em sua boca. Finalmente ele afastou a depressão de cima de si e começou a rolar para fora da cama.

Era hora de se preparar para a última noite de sua vida.

— Ele nem mesmo existe — Val disse, as mãos ainda tremendo fracamente enquanto ela cortava lascas de uma barra de chocolate em uma caçarola de leite. Ela e Beth estavam na cozinha incrivelmente normal do apartamento com seu papel de parede alegre de morangos e seu teto cor de creme. Infelizmente, seus instintos vibrantes insistiam em conservar Cowboy de algum jeito em sua visão, todo sexo e presas e ameaça. Ela suspirou, tentando acalmar seus nervos agitados com a essência do chocolate e o leite fervente. — Ele é simplesmente o maior sonho contínuo do mundo. Inferno, perdi meu emprego esta semana — tenho coisas reais para me perturbar por hora. Por que sinto que fui traída, maldição?

— Bem, em primeiro lugar, seu cavaleiro de armadura brilhante pessoal não devia se voltar contra você — Beth estava empoleirada sobre a pia ao lado do fogão, balançando suas pernas bronzeadas enquanto observava a mistura de chocolate. — De qualquer maneira, apostaria que você teve o pesadelo por causa do trabalho.

— Talvez — mexendo o chocolate, Val estudou sua irmã. Beth era uma garota alta, de apenas dezoito anos, seu rosto travesso dominado por perceptivos olhos cor de café. Uma camisa vermelha solta deslizou sobre seu corpo magro, alto e atlético até o topo de suas coxas. Quase como tudo o que ela tinha, a camisa estava manchada com tinta a óleo — pêssegos, marrons, ocre, azuis. As manchas combinavam com as marcas em seus dedos e a ponte de seu nariz fino. — Trabalhando até tarde outra vez? — Val perguntou. — Você está dormindo o bastante?

Beth revirou seus olhos.

— Sim, mamãe, eu tenho dormido o suficiente. Estava há pouco para acabar o retrato de Tommy Wilson. Prometi ao Mr. Wilson que teria terminado pelo Dia das Mães, e estou próxima da data limite.



— Bem, não dê tanto duro quanto eu — Val mordeu seu lábio, preocupando-se outra vez sobre se ela devia deixar Beth em casa enquanto ia para Nova Iorque. Gravar as entrevistas para as memórias de Edward Ridgemont tomaria umas boas três semanas. Isso era muito tempo para a menina ficar sozinha.

Acalme-se, Beth tem dezoito anos de idade. Ela iria para universidade logo. Também, Val nunca tinha encontrado seu novo patrão. Ridgemont parecia limpo no papel, mas ela queria chegar a conhecê-lo antes de expor Beth à sua influência.

Franzindo o cenho, Val apertou seus dedos nos músculos que ela poderia perceber formando nós na base de seu pescoço. Ela estivera tomando decisões sobre o bem-estar de sua irmã desde que sua avó morrera havia sete anos atrás, mas o processo não tinha sido dos mais fáceis. Não que sua avó estivera tão envolvida com a educação de Beth igualmente antes de morrer. A próxima garrafa sempre mantivera de longe mais fascinação para ela que as crianças de seu filho assassinado.

— Os sonhos com o Cowboy tinham sido ruins antes? — Beth perguntou.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você está mudando de assunto?

— Sim. Não vou para Nova Iorque, Val. Tenho que terminar esse quadro e um portfólio. Então, o Cowboy?

— Não — seus olhos baixaram para as lascas de chocolate fundido que formavam redemoinhos em torno de sua colher. — Deus sabe que tive um monte de pesadelos sobre vampiros, mas ele sempre foi minha única salvação neles.

De acordo com um monte de psicólogos infantis, Val tinha criado o Cowboy para se proteger dos assassinos de seus pais — os assassinos que tinham se convertido em monstros com presas nos terrores das noites que ela tivera desde os doze anos. Ainda nessa noite ele tinha tentado se alimentar dela. Ela se perguntou que palavra técnica os psiquiatras usariam para aquela pequena distorção.



Logicamente, Val soube que não existiam coisas como os vampiros, nem mesmo o próprio Cowboy existia. Mas a lógica não deixou suas mãos pararem de tremer ao pensar naqueles afiados dentes brancos.

— Ele. Não. É. Real — ela grunhiu, mais para si mesma que para sua irmã.

— Pode ser que não, mas você o teve por tanto tempo, que bem poderia ser — Beth segurou seu queixo em seu punho e sorriu ligeiramente.

— Quando eu era criança, pensei que ele era real, de tanto te ouvir falar a respeito desses sonhos.

— Você não estava sozinha. Acreditei nele mais do que em mim mesma — algumas vezes ela ainda o fazia. Especialmente quando ela estava empalada naquele membro maciço. Que, definitivamente, não era um pensamento que ela tinha qualquer intenção de compartilhar.

— Senti tanta inveja — Beth negou com a cabeça. — Quis que o Cowboy visitasse meus sonhos também.

— Você não o teria querido neles esta noite — recordando a ternura sedutora daquelas mãos grandes, ela suprimiu um sorriso felino. *Bem, podia ser o começo.*

Os olhos de sua irmã se estreitaram.

— Sim, certo. Vejo você lutando contra um grande sorriso.

— Vamos apenas dizer que seu papel em meus sonhos — seu sorriso se abriu livremente — ...aumentou com o passar dos anos.

— Umas boas oito polegadas, aposto.

— Beth! — ela tentou parecer chocada, mas uma risada nervosa estragou o efeito.

A adivinhação estava maldita e consideravelmente perto.

Cade ficou com seu rosto numa careta sob o calor do chuveiro, as gotas ardendo. Não parecia poder deixar de pensar em Valerie.



Sua beleza o deslumbrara, claro — a grande elegância de suas feições, o caimento selvagem e ondulado de cigana de seus cabelos vermelhos, a excitação brilhando tenuemente naqueles olhos cinza. A cada vez que seus lábios cheios se abriam, as imagens carnavais se teciam em sua mente.

Mas não foi sua aparência geral que envolveu sua mente e o prendeu firmemente. Ele tinha conhecido mulheres belas demais em sua vida longa para isso. É obvio, nenhuma delas possuía o poder de Valerie — o talento Kith que ela inclusive não se dera conta de que possuía, embora ele houvesse sentido sua força se equilibrar quando ela fora uma criança. Em silêncio, Cade conhecera o lado escuro de tais habilidades por muito tempo para achá-las sedutoras.

Não, fora a mulher por si mesma que o fizera estar disposto a morrer para protegê-la. Sua inteligência, seu raciocínio, sua devoção por sua irmã. A coragem que ela tinha exteriorizado mesmo com doze anos de idade frente aos assassinos de seus pais. A coragem que não vacilara mesmo quando ela se dera conta do quanto Cade estava perto de se matar.

Ele se voltou para deixar a água quente bombardear seus ombros, recordando a noite horrível havia dezessete anos quando sua negativa desesperada para matar uma criança colidira com a necessidade desesperada de sobreviver de Val. Por apenas um instante, suas mentes tinham... se fundido.

O que era impossível. Nenhum deles deveria ter sido capaz de penetrar os escudos mentais do outro. Mas acontecera, e isso salvou a ambos. Sem essa conexão, Cade duvidava que pudesse ter encontrado a força para libertá-la e à sua irmã, logo distrair os assassinos até que ambas as meninas pudessem escapar.

Após isso, Cade e Valerie tinham compartilhado uma conexão, mesmo apenas em seus sonhos. Quando ela tinha começado a ter pesadelos a respeito dos assassinatos, seu terror o tinha alcançado. Ele tinha se convertido no Cowboy, matando violentamente seus vampiros de sonho — inclusive ele mesmo — e a provendo da influência masculina que a morte de seu pai a tinha despojado.



Os sonhos se detiveram no meio de sua adolescência. Ele tinha pensado, tinha esperado que nunca a veria outra vez, desde que cada contato entre eles tinha o potencial para chamar a atenção de seu inimigo. Ela não necessitava do risco.

Mas aos vinte e dois, ela tentara alcançar Cade outra vez. A morte de sua avó a tinha deixado para criar Beth, de onze anos de idade, sozinha, e ela quisera conforto. Quando ela ressuscitou seus sonhos para conseguir isso, Cade descobriu que a menina valente, ferida que ele tinha conhecido se convertera em uma mulher sensual a quem ele não poderia resistir.

Agora, sete anos mais tarde, acontecera algo que a fizera necessitá-lo ainda mais. Edward Ridgemont havia retornado à sua vida, e se ele não fosse detido, a destruiria. Mas se Cade tocasse sua mão de forma adequada, então ela nunca nem se precaveria do tão perto que estivera da morte.

Ele fechou a água com uma torção de seu pulso e abriu a porta do box.

A criança fantasma esperava por ele, flutuando no vapor de sua ducha, e a rajada de essência de bala de hortelã-pimenta que ela tinha amado em vida. Dois enormes laços enfeitavam sua cabeça, amarrando seus cabelos negros encaracolados em marias-chiquinhas. Os dedos dos pés de suas pantufas de pelica flutuavam seis polegadas acima do piso de azulejos, e seu vestido branco de seda tomou a forma de um sino ao redor de panturrilhas finas, agasalhados em meias.

O traje de noite uma vez tinha sido de sua mãe, cortado por Abigail depois que ela crescera demais. Quando Cole a enterrara em 1865, o vestido tinha pendurado em um corpo desperdiçado pela febre amarela.

Maldição, Cade McKinnon. A manada de pensamentos sobre Abigail em sua mente levou uma onda psíquica de medo e ciúmes misturados. Seu corpo fantasmal ainda se mantinha como se tivesse treze anos de idade como ela fora, mas sua mente havia muito tempo tinha deixado a infância para trás. *Valerie Chase não merece morrer por isso.*

Cade sorriu ligeiramente.

— Oh, sim, ela merece.



— Desejo que você não se parecesse assim — Beth disse.

Descansando sua cabeça na parte de trás do sofá, uma mão firmando uma caneca de chocolate em seu joelho, Val abriu um olho.

— Assim como?

— Tão malditamente derrotada — Beth se sentou sobre as pernas, de maneira torta ao lado dela, seu rosto preocupado. Ela fez Val se lembrar de um gato mimado. — Você não foi derrotada. Não importa o quanto as coisas cheguem a ficar ruins, você sempre se lança à luta.

Val tomou um gole do chocolate.

— Está sendo uma semana dura — Beth a estudou com aqueles olhos escuros, pensativos. A menina era sinceramente tão pequena para ter dezoito anos. — Aquela conversa com Kim provocou isso?

— Nunca lhe ensinei a não escutar às escondidas?

— Sim. Não se irrite. Vamos, o que Kim disse?

— Ela desligou o telefone na minha cara — inclinando-se para frente, Val pôs sua caneca na mesinha de vidro e passou uma mão frustrada pelos seus cabelos. A combinação do sonho com o Cowboy e os acontecimentos da semana a tinham deixado oprimida e esgotada. — Que inferno está acontecendo? Maldição, tenho direito de saber por que fui despedida de um emprego no qual eu me mantive por dez anos. O que eles acham que eu fiz?

— E por que estão eles mantendo isso sob tal profundo e escuro segredo? — Beth enrolou os punhos manchados de tinta na barra de sua longa camiseta larga e a puxou para baixo enquanto tirava suas pernas de baixo dela. Um franzimento sulcou a região entre suas sobrancelhas escuras. — Isso tudo é estranho.

— Me fale sobre isso — apoiando seus cotovelos em seus joelhos, Val fixou os olhos pensativos através do quarto no quadro de um garanhão que Beth fizera na décima série. — Um dia eu sou a garota loira de Gerry Price, a repórter que não pode ser ofendida. No seguinte, entro caminhando no escritório e todo mundo me olha como se eu tivesse fritado um cachorrinho *puddle*. Gerry me despede no ato sem me dizer uma só maldita palavra



além de que eu de algum modo traí o jornal, o jornalismo e a decência humana básica. Mas ninguém — nem Gerry, nem Kim, nem mesmo o cara que tira o lixo — me dirá que diabos — se suponha — eu tenha feito. E agora até crescem as presas do Cowboy — incapaz de ficar quieta por mais tempo, ela se levantou e começou a andar.

Beth olhou suas longas e agitadas passadas.

— Não compreendo qualquer um deles. Você é boa. Todo mundo sabe. E todo mundo sabe que você não faria nada antiético.

Val a deteve sua caminhada na sala de estar para pôr ambos os braços sobre a escrivaninha de carvalho. De maneira cega, ela cravou os olhos em uma das figuras de argila de Beth, aquela de uma ninfa dançando.

— Você e esse trabalho foram tudo em minha vida. Como puderam fazer isto comigo?

— Vai dar certo, Val. Você já conseguiu um novo emprego. Você vai ficar bem.

— Sim, certo. Escrevendo as memórias de algum cara rico. Sou uma jornalista, maldição, não uma escritora anônima. Nem mesmo conheço Ridgemont. Por que ele me escolheu? Nunca tinha escrito um livro antes.

Beth manteve silêncio por um longo tempo.

Val olhou por cima de seu ombro, logo começou a olhar fixamente.

— Oh, eu conheço esse olhar. O que você está você pensando?

— Repugna-me mencionar isto, dadas as circunstâncias — Beth disse finalmente — mas você não acha que há algo... estranho a respeito disso?

— A respeito do quê? — sua irmã podia ser jovem, mas através dos anos Val tinha descoberto que os instintos da menina eram fantásticos.

— Digo, você perde seu trabalho, e no dia seguinte algum cara rico telefona do nada e te oferece “grandes”⁴ por suas memórias — quando você nunca tinha escrito uma palavra como biógrafa em sua vida. Algo tão oportuno.

⁴ No original, “bucks”, gíria americana para “dólares”.



— Então o que você pensa? Edward Ridgemont me despediu, e agora ele está me oferecendo um trabalho para me atrair com falsos pretextos até Nova Iorque? Soa como uma novela romântica — Val caminhou novamente até pegar sua caneca, forçando um sorriso quando a ergueu até seus lábios. — Embora se ele venha a ser algum milionário nobre, bonito, sexualmente insaciável, eu suponho que apenas terei de me sacrificar por seu bem-estar...

— Deus, espero que não.

Ela baixou a caneca não tocada.

— O que soa tremendamente ardente.

Beth mordeu seus lábios.

— Fora com isso.

— Recebi um telefonema.

— Que tipo de telefonema? — algo no tom de sua irmã fez com que os cabelos de sua nuca se arrepiassem. — Quando?

— Imediatamente depois que você foi para a cama. Ele pediu para falar com você, e eu lhe disse que você estava dormido.

— Quem fez isso?

Beth deu de ombros.

— Não sei. Não reconheci a voz. Ele disse... que deveria tentar te convencer a não ir à Nova Iorque. Que Ridgemont não era o que parecia.

Val bateu a caneca sobre a mesinha de café.

— Rapaz, alguém realmente está a fim de me pegar. Primeira oportunidade para um trabalho decente que consigo, e ele está tentando arruiná-la, também.

— E se ele estiver certo? Val, você não conhece este Ridgemont. E se ele não for o que parece?

— Sou uma repórter, maldição — ela disse, e começou a caminhar para um lado e para o outro outra vez, seus passos rápidos fervendo de fúria. — Pesquiso as pessoas para ganhar a vida. Ridgemont está limpo. Ele foi um homem de negócios de Nova Iorque por mais de uma década, e ele



obteve mais dinheiro que Deus. Não há nem mesmo um sopro de rumor atribuído ao seu nome.

— Mas...

Val se voltou para ela.

— Não tenho opções, Beth! Você começará o semestre em uns dois meses. Sem esse trabalho, não posso pagar seu ensino.

— E daí? — Beth se inclinou para frente e firmou suas mãos em seus joelhos, seu rosto jovem mostrando um semblante carrancudo determinado.

— Olhe, quero ir para a faculdade de artes, mas não o suficientemente para que você tenha que se envolver com um bandido.

— Você vai à universidade, maldição! — ela cerrou seus punhos até que seus dedos ficassem brancos. — Você tem talento, e conseguirá o treinamento para fazer o melhor uso dele que puder. Não me importa quantos solavancos tentem me afugentar, e não me importa quanta lenha tenha que cortar. Não falharei com você.

Há sempre mais de um caminho.

— Não há — Fixando o olhar no espelho, Cade passou uma lâmina de barbear sobre sua mandíbula. Embora ele pudesse ver seu reflexo, ele não podia ver o de Abigail quando ela flutuou atrás dele; diferente dele, ela era um espírito puro. Sempre tinha achado engraçadas as lendas que insistiam em que os vampiros não tinham nenhum reflexo. Deus sabia que ali não havia nada de espiritual a respeito deles. — Eu até telefonei. Val estava dormido, então tentei pôr o medo de Deus em Beth. Infelizmente, Val não vai escutá-la. Ela necessita demais desse trabalho — inclinando sua cabeça, ele deslizou a lâmina de barbear sob sua maçã do rosto. — O que significa que Ridgemont tem que estar morto antes que ela voe amanhã à noite.

Então a alcance primeiro. Se você a transformasse em um vampiro, então ela poderia amplificar seu poder o suficiente para vencer Ridgemont.



— Talvez — Cade pôs a lâmina de barbear sob o jorro da torneira, lavando a espuma e os restos de sua barba escura. — Ou talvez ele arrancasse minha cabeça e nos matasse.

Ele chegaria um pouco tarde em meu caso, visto que morri cento e trinta e oito anos atrás.

Mandou ao fantasma um olhar incomodado sobre seu ombro.

— Você sabe o que quero dizer. E você sabe o que ele pode fazer.

Estou disposta a agarrar a oportunidade. Seu rosto pequeno estava endurecido.

— Eu não estou — ele retornou ao espelho e estudou suas feições sombrias. — Arriscar minha vida é uma coisa. Arriscar sua alma é outra.

Você não arriscará sua vida, Cade. Você a jogará fora.

— Eu não posso pensar em uma causa melhor.

Se você a Transformasse...

— Mas eu não farei isso, e maldição se deixarei que um outro certamente faça. Fizemos o bastante para essa garota estar assim — ele tirou uma toalha do cabide negro de mármore e enxugou os últimos vestígios de espuma de barbear enquanto retornava para perto do fantasma.

Ela apresentava a mesma expressão determinada que ele recordava de sua juventude. Mesmo aos treze anos, Abigail não podia ensinar teimosia para uma mula não domada.

A única coisa que você fez foi salvar a vida dela. Foi Ridgemont e Hirsch que mataram. E a teriam matado, também, se você não a houvesse tirado dali. Até onde eu percebo, ela tem uma dívida com você.

Cade negou com a cabeça enquanto caminhava perto dela até o dormitório.

— Se ela tem, eu não cobrarei. Ela odeia os vampiros, e sou um condenado se a transformar em um. Quero que ela tenha uma vida normal. Crianças. Um marido — nunca nada apertou tanto seu coração quanto pensar em Valerie com outro homem.



Abigail flutuou atrás dele.

Você pensa realmente que ela quer que o Cowboy morra por ela?

Caminhando a grandes passos até o armário, Cade arrancou um dos uniformes de motorista que penduravam em filas limpas. Ele o jogou na cama, então retirou a camisa branca engomada que vinha com ele.

— Olhe, sei que você não gosta disto, mas não tenho opções. Ridgemont precisa morrer, e desde que ele tem setecentos anos na minha frente, não há muitas formas de que eu possa matá-lo.

Mas...

— Estou cansado disto, Abigail! — ele explodiu, lançando o cabide através do quarto. — Fui escravo desse bastardo por cento e vinte anos. Finalmente rompi seu controle, mas não posso partir, porque ele viria atrás de mim, me mataria e te destruiria. E Deus Sabe o que ele faria a Valerie — rapidamente, furiosamente, ele jogou sua camisa. — Esta noite ele vai morrer — mesmo se eu tiver que ir com ele.



Capítulo Dois

Cade entrou um momento no vestíbulo opulento da mansão e fechou a porta atrás de si. A felpa grossa do tapete se afundou sob seus pés calçados com botas enquanto ele punha seu quepe de motorista e ajeitava sua túnica cinza com um puxão. Antes que ele pudesse mudar de direção, alguém se chocou duro contra ele por trás.

Surpreso, ele se virou enquanto uma mulher tropeçava atrás dele. Ele vislumbrou um perfil alvo, olhos deslumbrantes e um fio fino de sangue fluindo de furos gêmeos em sua garganta. Ela vacilou, curvou-se contra o piso de madeira em lambris, logo se ergueu e começou a descer a extensa escadaria que levava ao andar de baixo da mansão.

Baixando o olhar para vê-la descer, Cade enrijeceu. Bem abaixo da bainha de sua curta saia, longos vergões vermelhos riscavam suas pernas bem proporcionadas. Ela fora açoitada nas coxas com um chicote de cavaleiro. E ele sabia sem dúvida alguma quem tinha feito isso.

Com um grunhido de fúria, ele olhou para cima bem quando Gerhard Hirsch saía de sua própria suíte cruzando o hall.

Levantando uma mão elegante, Hirsch alisou as ondas loiras de seus cabelos. Havia uma mancha de sangue no canto da boca larga do alemão, e seus olhos cinza brilhavam intensamente com o poder consequente de sua alimentação. Subindo as magas de seu elegante terno cinza, ele começou a descer o hall atrás da mulher que ele abusara. Mesmo depois de sessenta anos, Hirsch ainda tinha o andar afetado ao estilo “Raça Superior” de oficial da Gestapo que ele tivera quando Ridgemont o Transformara.

Cade deu um passo largo para encontrá-lo e impactou seu punho direito com um golpe em seu queixo perfeito. O impacto enviou o alemão tropeçando para atrás com um agudo uivo alarmado. Cade grunhiu e o seguiu, os punhos cerrados.

Hirsch se lançou contra a parede e ergueu um antebraço para proteger seu rosto.



— Que diabos há de errado com você? — ele exigiu, passando um pano sobre o sangue de seu lábio cortado.

— Estou irritado ao te observar violar cada mulher com a má sorte de cruzar seu caminho — a fúria alongou em presas os dentes cerrados de Cade. Ele avançou enquanto Hirsch se endireitava rapidamente e dava um passo cauteloso para trás. — Quanto tempo se passou desde que te mostrei o que posso fazer com um chicote de couro, Gerhard? Talvez um corte para cada lambada que você há pouco deu nessa garota...

A ansiedade titilou nos olhos do alemão antes que ele estendesse seu corpo musculoso para seu tamanho inteiro de grande altura e largura.

— Prove, McKinnon — ele cuspiu. — Não será tão fácil desta vez. Já não sou mais um novato.

— Pode ser que não, mas você tampouco é livre — Cade lhe deu um sorriso zombeteiro. — Eu sou.

Hirsch se retesou. Ele ainda vivia como escravo de Ridgemont, incapaz de desobedecer qualquer ordem mental que seu senhor vampiro lhe desse.

— Minha liberdade virá.

— Você lamberá as botas de Ridgemont por outro século. Talvez dois.

Uma risada baixa retumbou do outro extremo do vestíbulo. Os músculos de Cade se contorceram numa reação involuntária ao um som que ele associava a sofrimento por mais de um século.

— São sessenta anos, garoto. Não é o tempo em que você aprendeu a se dar bem? — Ridgemont andou até eles. Seu poder golpeou contra os escudos psíquicos de Cade com um mal tão intenso que pareceu contorcer.

— Continuo esperando entrar e ver que um de vocês matou o outro — ele pausou por um segundo artístico e sorriu. — Ao menos espere até que eu esteja por aí para observar.

Ridgemont era dez centímetros menor que Cade, mas seu traje de lã Armani era muito bem cortado para acomodar os ombros de touro que ele desenvolveu brandindo uma espada contra Ricardo, Coração de Leão. Seu



rosto grosseiro, cicatrizado parecia ter não mais que trinta e cinco anos, mas algo naqueles olhos era mais velho que a serpente do Éden.

Deu a Cade um sorriso lento.

— Sairei esta noite. Um... encontro com Elle. Você dirigirá, está claro, a não ser que talvez se importe de se unir a nós para as festividades?

Cade recordou a última vez em que se viu forçado a participar de uma de caçadas do ancião.

— Sinto muito, não acho gritos excitantes.

— Não são gritos — Hirsch disse. — São os gemidos envergonhados de depois — seu sorriso aberto brilhou branco e repulsivo em contraste com seu rosto intensamente bonito. — Bastante poder para devorar depois.

— Alguns de nós pode obter uma reação de uma mulher sem recorrer à tortura — Cade lhe disse. — Tente fazer uma delas gozar uma vez em algum momento — se você puder.

Os lábios de Hirsch se retraíram contra seus dentes, mas antes que ele pudesse replicar, Ridgemont o cortou.

— Ah, mas espere até que Valerie chegue. Agora, isso será verdadeiramente delicioso — ele disse, naquele ronronar de veludo que fazia a pele de Cade se arrepiar. — Você não tem ideia de como é tomar uma mulher que seja uma de nós, minha criação. O prazer... nenhuma mulher mortal pode se comparar. E a própria Mudança — que alimentação primordial, profunda, tão rica com o sabor de terror. Logo a rendição voluptuosa final enquanto você força sua mente... — o ancião suspirou como um *gourmet* contemplando particularmente uma rara iguaria francesa. — É uma lástima tão poucos poderem sobreviver à transformação. Tive só um punhado de amantes vampiras em oitocentos anos.

— Muito ruim que você não possa resistir ao impulso de matar todas elas — Cade disse, seu rosto inexpressivo.

Ridgemont deu de ombros.

— Tenho uma tolerância baixa à rebeldia feminina. Acalme-se, Valerie deverá durar ao menos um século. E ela me dará tal poder... Talvez o bastante para até te controlar.



Cade não se sobressaltou; fora uma ameaça vazia. Mesmo se seu plano falhasse, o ancião o mataria por tentar.

Seu mestre inclinou sua cabeça, contemplando-o de um modo que fez com que seus músculos se tensionassem.

— É uma sorte que você tenha resistido ao desejo de matá-la, por todos esses anos.

Maldito inferno se fora um desejo. Tinha sido uma compulsão psíquica que o próprio Ridgemont plantara depois de deixar Cade morto de fome por duas semanas. Logo o ancião tinha ferido Valerie até que o aroma de sangue crescente tinha arrancado a pouca prudência que ele mantivera.

— Sim — Cade grunhiu. — Felizmente, sou mais forte do que você esperava.

— Certamente — Ridgemont disse, com um sorriso leve. — Devo admitir, fiquei impressionado que você tenha conseguido resistir à tentação. Mas sempre me perguntei, McKinnon — ele baixou sua voz para um ronronar sugestivo — ...exatamente o quanto perto você esteve de arrancar aquela pequena garganta macia?

Cade se controlou para não hesitar.

— Você parece um pouco pálido em torno dos lábios, Pistoleiro — o ancião observou com a voz fria, educada que tinha enganado tantos que pensavam que ele era civilizado. Ele deu um passo mais para perto até que as lapelas do paletó do seu terno roçaram a frente do uniforme de motorista de Cade. — Sempre me perguntei o que teria acontecido se você tivesse perdido essa batalha particular — um canto de sua boca se ergueu em um sorriso cruel. — Eu imagino a morte que a criança teria se a tivesse mordido como a um passarinho. Então eu podia fazer... alguma coisa.

— Não — Cade ficou com o olhar fixo friamente nos olhos de seu mestre. — Porque eu o teria matado por causa disso.

— Você não teria durado cinco minutos — Ridgemont sorriu aberta e sombriamente. — Mas tenho certeza de você teria feito os cinco minutos muito interessantes.

Ele deixou seu sorriso cruel brincar em sua boca.



— Talvez eu lhe teria feito algo interessante, também.

— Não se superestime, Pistoleiro — o poder do ancião empurrou forte contra seus escudos mentais como um punho fechado. — Você não seria o primeiro de minha prole que matei por se esquecer qual é seu lugar.

Cade ficou com o olhar fixo naqueles olhos vis, recusando-se a se render ao poder psíquico brutal que seu inimigo havia desenvolvido por mais de um milênio. Havia um certo prazer frio em sua habilidade de resistir. Até cinco anos atrás, Ridgemont poderia tê-lo colocado de joelhos.

Não mais. Ele era livre, agora. Tinha-lhe tomado décadas de luta, mas ele já não era um escravo. A necessidade de atacar, de ver o sangue do bastardo correr sob seus punhos, de conseguir algo do próprio dorso dele por cento e vinte anos de abuso fervia nele. Ele reprimiu o impulso. O que ele tinha planejado não era tão satisfatório, mas teria que ser feito.

Os olhos frios de Ridgemont se estreitaram.

— Você deveria vigiar esse pescoço tenso, Pistoleiro. Me repugnaria ter que quebrá-lo para você — ainda estranhamente, houve um indício de algo em seu olhar fixo que era menos frustrado que... satisfeito? Ele partiu dando meia volta abruptamente e se encaminhou para as escadas. — Venha. Estou com fome, e minha linda refeição me espera.

É isso. Cade sentiu seus músculos se ondularem antecipadamente. Involuntariamente, sua mente começou uma contagem regressiva dos últimos segundos de sua vida.

— Falando de refeições — Ridgemont disse quando os três desciam a escada para o salão de baile espaçoso — você precisará pegar Valerie amanhã em La Guardia. Ela estará no voo da meia-noite.

— A menos que os instintos de Kith a advirtam que ela está caminhando para uma armadilha.

O ancião riu, um curto, sórdido som.

— Se advertirem, então ela os ignorará. Estou oferecendo a ela uma grande soma de dinheiro para biografar minhas memórias. Ela seria uma tola se me recusasse — ele mostrou suas presas. — Particularmente depois de perder o emprego.



Como Ridgemont, estava claro, pessoalmente tinha arranjado. Na semana passada o ancião tinha voado para Atlanta para uma reunião com o editor de Valerie, supostamente para discutirem sobre o investimento de dinheiro no periódico. Em vez disso, ele alterara psicologicamente as memórias do homem. Agora, o corpo administrativo inteiro do Diário Independente de Atlanta acreditava que sua repórter estrela fora pega inventando uma história. Ele também tinha ordenado que nenhum deles contasse a ela algo sobre isso, assegurando que ela seria incapaz de se defender contra as acusações de fraude.

E desde que ela nunca tinha encontrado seu “benfeitor misterioso”, Val não tinha ideia de que ele era o mesmo homem que tinha orquestrado o assassinato de seus pais havia dezessete anos. Cade tinha a intenção de se assegurar de que ela nunca se inteirasse.

Os três vampiros caminharam a grandes passos através da mansão pouco notável de Ridgemont. Era quase meia-noite; os servos e os assistentes que tomavam conta dos negócios do ancião tinham ido para casa. Para evitar que seu batimento cardíaco o denunciasse à audição excepcional de seu mestre, Cade se concentrou na decoração — o Rembrandt original em uma das paredes, o vaso Ming precisamente posicionado na mesa Chippendale chinesa. Tudo muito bonito, mas ele duvidava que o ancião reparasse. Ridgemont estava mais interessado em fazer uma exibição ostentosa que qualquer outra coisa.

No hall, Cade avançou a passos maiores, as botas estalando sobre o piso de mármore. Ele abriu a porta para seus inimigos com subserviência zombeteira. Eles passaram na frente dele indo na direção do ar fragrante da noite. Ele fechou à chave e os seguiu descendo os degraus da mansão para a limusine que ele estacionara ao meio-fio.

Ridgemont se deteve ao lado do carro e olhou para trás, para ele. Sabendo quando estava sendo posto em seu lugar, Cade estendeu a mão e abriu a porta traseira da limusine, tocando a aba de seu quepe de motorista em uma saudação zombeteira. Ignorando o gesto, o ancião se abaixou entrando rapidamente no carro.

Hirsch já estava no assento do passageiro da frente quando Cade deslizou para trás do volante.



Analizando o espelho retrovisor, Cade se responsabilizou pelo olhar fixo frio de Ridgemont através da divisória do assento traseiro. Seu coração pulsou em longas, lentas batidas. O tempo ficou lento como um rastejar. Ele deslizou a chave na ignição.

Mas antes que ele pudesse girá-la, o carro foi alagado com o doce cheiro de hortelã-pimenta. Abigail! Ela estava tentando...

Não! A ordem telepática do maldito Ridgemont encheu o carro. *Hirsch! Não o deixe LIGAR O CARRO!*

O alemão avançou para frente enquanto Cade começava a girar a chave. Ele a soltou justo o suficiente para dar uma cotovelada no rosto de Hirsch. Seu inimigo ainda conseguiu despedaçar a caixa da ignição com um grande soco.

Oh, inferno. Cade prendeu Hirsch pelo colarinho e o jogou de cabeça no para-brisa. O vidro blindado explodiu, chovendo fragmentos brilhantes sobre todos eles. Ignorando os palavrões do alemão, ele lançou a porta para longe e se arremessou para fora para encontrar Ridgemont, que tinha se jogado da limusine.

Cade se esquivou dos primeiros “assaltos” do ancião e enterrou um punho na barriga de Ridgemont com toda sua força sobrenatural. O vampiro retaliou com um *backhand*⁵ que enviou estrelas que fizeram sua cabeça doer.

— O que você fez com o carro, Pistoleiro? — Ridgemont grunhiu. — Vi minha morte quando você pôs sua mão naquela chave.

— Duzentos e cinquenta gramas de C-4 conectados à ignição — Cade cuspiu sangue na erva e lhe mandou um sorriso aberto e cruel, mentalmente amaldiçoando Abigail. Ridgemont não tinha visões do futuro; ela devia ter enviado uma visão para ele. — Os policiais não teriam encontrado nada, exceto uma cratera.

Os olhos azuis do ancião se arregalaram.

⁵ golpe dado com as costas da mão viradas para frente.



— E você teria virado a chave — ele se moveu curvado. Ambas as mangas adequadas de seu terno e camisa se rasgaram, revelando músculos grossos se avultando embaixo. — Você teria nos mandado para o inferno.

— Oh, sim — ele grunhiu quando começaram a dar voltas. — O melhor lugar para nós.

O punho de Ridgemont se lançou contra seu rosto. Cade levantou um bloqueio com um antebraço, desviando uma polegada que salvou seu crânio. Mesmo o golpe de raspão foi como ser atingido por um trem de carga. Ele voou, rolando quando atingiu o solo. Sua força cinética o fez rolar uns onze metros antes que ele pusesse seus pés debaixo de si outra vez. Cambaleando em posição vertical, ele balançou a cabeça para clareá-la. Seus ouvidos estavam retinindo. Deus, aquele bastardo podia esmurrar.

Quando olhou para cima, Cade viu Hirsch se arremetendo contra ele, sangue fluindo dos doze cortes que arruinavam seu rosto tão bonito. Ridgemont estava se aproximando dele por outra direção, sua velocidade desumana. Cade tomou uma respiração profunda e deu um passo para encontrar ambos.

Ele bloqueou os primeiros poucos socos e deu alguns dele, mas então Ridgemont lançou um golpe de direita na mandíbula que esteve malditamente perto de ter acabado com ele. Quando ele afastou uma onda de escuridão, Hirsch socou suas costelas. Algo flamejou dentro de agonia. Ele ignorou, dando um duro chute na coxa de Ridgemont. O vampiro se curvou.

Antes que Cade pudesse ir para cima dele, Hirsch estava lá, mantendo-o tão ocupado com uma onda de socos que Ridgemont teve tempo de ficar sobre seus pés e atacar outra vez.

A cada momento que Cade bloqueava um dos golpes de seus adversários, o outro lançava como um raio um punho ou um pé através de sua guarda. Ele seguiu lutando, ignorando os impactos mesmo enquanto seu corpo se convertia em uma massa resplandecente de dor e o sangue lustrava sua pele, vindos de uma dúzia de cortes.

Cade ia morrer, e ele sabia. Ele poderia aguentar Hirsch, mas não poderia aguentar Ridgemont. Ele tinha perdido lutas demais com seu



mestre para ter quaisquer dúvidas quanto a isso. E ele certamente não tinha oportunidade contra ambos. O matariam e seguiriam adiante aterrorizando qualquer um que escolhessem. Incluindo Valerie, que sofreria por cem anos — se Ridgemont a deixasse viver por esse tempo.

Grunhindo, Cade impeliu um punho na face sorridente e maliciosa do ancião. Ele teve tempo para uma vitória momentânea antes que sua cabeça fosse detonada com uma explosão estelar vermelha de dor quando os nódulos de Hirsch a fendeu. Cambaleando para trás, ele cuspiu imediatamente sangue.

Ambos os vampiros estavam gargalhando agora, fome quente em seus olhos. Alimentar-se-iam dele uma vez que o derrubassem. Logo alguém obteria uma espada e arrancaria sua cabeça ou seu coração, e ele se acabaria.

Ele tomou uma respiração profunda, cheirando o fedor de sangue e suor — e o perfume fresco, doce de hortelã-pimenta.

Do canto de um olho que inchava rapidamente, Cade vislumbrou Abigail flutuando por perto, olhando a luta com pânico em seu rosto translúcido. Dando-se conta de que ele a tinha percebido, ela apontou urgentemente para a grade que rodeava a propriedade de Ridgemont a umas centenas de metros.

Fuja, Cade!

Eu estou cansado de fugir, ele disse a ela, mente a mente. Acabei com isto.

Se você morrer, então quem salvará Valerie?

Cade se esquivou de um soco e praguejou sob sua respiração. Ele iria para cima. Estava cansado daquele jogo que nunca poderia vencer com um adversário que nunca poderia derrotar. Mas, maldição, Abigail estava certa. Ele não poderia dar a Ridgemont permissão de pegar Val.

Girando, Cade correu velozmente para a grade. Ela tinha quatro metros e meio de altura e era coroada com pontas de trinta centímetros, mas ele se concentrou e saltou. Saltando-a com um pé para dispor, ele atingiu o chão correndo. O sangue escorreu por seu rosto e os ossos quebrados se deslocaram e arderam em seu peito, mas ele não se deteve.



— Covarde! — Hirsch começou a saltar atrás dele.

— Deixe-o ir — Ridgemont grunhiu, e o alemão sentiu que seus músculos se paralisaram com o poder do desejo de seu senhor.

Incapaz de se mover, Hirsch girou seus olhos para fitar o ancião, tão furioso que se esqueceu de si mesmo.

— Você está louco? Ele quase nos matou!

Ridgemont sorriu maliciosamente, lambendo seu lábio cortado.

— Ele fez, não é?

Repentinamente liberado, Hirsch tropeçou para frente, logo recuperou suas pernas para se voltar para seu senhor.

— Você quer morrer?

O ancião alongou seu corpo musculoso e se retraiu, pondo uma mão em suas costelas.

— Quero uma boa briga. Ovelhas assustadas não supõem nenhum desafio — ele arfou por causa de uma pontada de dor particularmente horrível. — Jesus, o Pistoleiro tem um golpe como um coice de um *destrier*⁶ — negando com a cabeça, ele olhou para Hirsch. — Matá-lo-ei em meu tempo, Gerhard, mas, enquanto isso, ele me dará todo o desafio que eu poderia querer.

A três quarteirões da mansão, Cade cambaleou até parar e se estendeu para fora de sua mente, procurando pelo táxi mais próximo e atraindo o motorista para ele.

Quando chegou, o homem quase passou direto, obrigando Cade a enviar outra compulsão. Evidentemente, seu rosto ferido e seu uniforme rasgado não encheram exatamente o taxista de confiança.

⁶ Cavalos de guerra medievais.



O carro girou a contra gosto para parar. Ele puxou e abriu a porta e desmoronou atravessado no banco de trás, arfando quando as costelas quebradas disparavam dor através de sua lateral. O taxista o olhou fixamente pelo espelho retrovisor e perguntou com acentuado sotaque inglês:

— Hospital?

— Deus, não. Vou sarar – embora não rejeitaria um pouco de morfina enquanto isso – arfando numa pontada de dor particularmente horrível, ele grunhiu o endereço no Queens de seu atual refúgio.

Quando Cade saiu do táxi, sua cabeça dava voltas. Foi um esforço para obrigar seus dedos inchados e ensanguentados a escolher as cédulas certas de sua carteira a pagar ao taxista. Quando as aceitou, o condutor analisou seu rosto ferido e inchado e se sobressaltou. Dando uma rápida olhada na mente do homem, Cade viu seu rosto e deu um passo para trás. Deus, os bastardos tinham se superado dessa vez.

Ensanguentado e exausto, ele começou a mancar na direção do decadente primeiro andar Vitoriano, notando que as portas da garagem ainda estavam baixadas. Com sorte, ninguém tinha saído com o Lexus enquanto ele tinha saído; ele detestaria ter que adquirir outro carro antes da viagem para o aeroporto.

Subindo os três passos para o alpendre, Cade teve que ranger seus dentes para lutar contra a pulsação retumbando em sua cabeça. Ele suspeitou que tinha uma concussão para combinar com as costelas quebradas. Essa intuição foi confirmada quando lhe levou infinitos minutos de tontura hesitante para conseguir abrir a porta, esmurrar o código de entrada do alarme antirroubo, logo fechar a porta e rearmar o alarme. Foi necessário, entretanto. Não importava o quanto seu sono curativo fosse profundo, se Ridgemont viesse invadir, o alarme deveria sacudi-lo do sono a tempo de se proteger.

Ele esperava.

Mancando para as escadas, Cade envolveu uma mão ensanguentada em torno do corrimão e começou a se arrastar para o dormitório do



segundo andar. Ele sabia que teria sorte se chegasse lá antes que desmaiasse no caminho.

Ele nunca realmente tinha vivido na casa, raramente até tinha passado a noite. Não era nada mais que sua base de operações, um lugar para deixar suas armas e dinheiro e organizar suas campanhas diversas. Ele dormia, quando dormia completamente, na mansão de Ridgemont. Ele preferia ter seus inimigos por perto quando despertava. Ao menos que ele soubesse em que lugar eles estavam.

Como o resto da casa, o quarto era espartano e limpo, provido com uma cama de casal, uma cadeira de palha trançada e uma escrivaninha. Nada do mobiliário combinado, mas então, a decoração não tinha sido exatamente uma prioridade quando instalara a casa segura.

Querendo apenas deslizar entre as cobertas e se curar por doze horas ininterruptas, Cade cambaleou para a cama. Um grande saco de areia estava em seu caminho, acomodado no centro da colcha. Ele o pegou e o jogou no chão.

Mas quando o saco bateu no tapete gasto, um instinto de autoconservação abriu caminho através de sua neblina de dor e exaustão. Gemendo, Cade cuidadosamente se abaixou sobre um joelho, assim ele poderia abrir o zíper do saco e puxar uma escopeta serrada de seu denso ninho de dinheiro.

Apesar de *Buffy, a Caça-Vampiros*, uma estaca de madeira não mataria um vampiro. Recebendo uma decapitação ou arrancando o coração, e a calibre-doze poderia fazer um ou outro com uma explosão do duplo cilindro. Não tão limpamente quanto uma espada, podia ser, mas mais fácil para usar se lançado para fora de seu sono de morte.

Calma, era uma maldita coisa boa que a pistola já estava carregada. Os parafusos em sua cabeça estavam girando rápido, e ele duvidava que tivesse a coordenação para colocar explosivos na coisa agora.

Cade deslizou a arma apenas o suficiente longe sob a cama para que ele não pisasse nela se tivesse de se levantar para usar o john, logo caiu atravessado no colchão sem se incomodar em se despir. Concentrando-se duramente, ele arrancou suas botas e puxou suas pernas de chumbo para a



cama. Como o quarto dava voltas como um carrossel, ele apertou seus olhos fechados.

E sentiu cheiro de hortelã-pimenta.

Você está furioso comigo?

Ele não abriu seus olhos.

— Por que você fez isso, Abigail? Você estaria a salvo dele. E comigo finalmente morto, você estaria livre para ir para Deus.

Não iria valer a pena. Não se significasse observar você morrer.

— Tive que observar *você* morrer, e você sofreu muitíssimo mais do que eu teria.

Cade, eu fiquei por você. Como você pôde pensar que lhe daria permissão para se matar?

Colocando daquela forma, ela tinha um bom ponto. Ela estivera arriscando sua alma por ele por mais de um século. Ele deveria ter sabido que ela faria qualquer coisa para mantê-lo vivo. Mesmo trai-lo.

Abigail ficou quieta por tanto tempo que ele teria pensado que ela partira, se não fosse pelo perfume de hortelã-pimenta. Finalmente ela perguntou:

Você pensa que virão atrás de você esta noite?

Essa foi uma pergunta malditamente boa. Com um gemido, Cade estendeu sua mente para fora para outra varredura. Ele não sentiu nada, o que queria dizer que os dois vampiros ainda estavam fora de seu alcance. No mínimo, Ridgemont estava; Hirsch tinha sido imortal por apenas sessenta anos, e seu poder apenas registrava percepções psíquicas. O que era por que Ridgemont não o enviaria sozinho. Cade poderia chutar o traseiro de Gerhard, e todos eles sabiam.

— Acho que eles provavelmente estão atrás da mansão — disse por fim, e se sobressaltou quando suas costelas protestaram. — Esperançosamente cuidando de uns poucos ossos quebrados próprios. E o amanhecer está muito próximo, agora. Não se incomodarão de vir atrás de mim esta noite.



Embora a luz do sol não fizesse realmente os vampiros entrarem em combustão, as queimaduras que infligia eram horríveis. Nem Hirsch nem Ridgemont iriam querer passar o tempo fora procurando por ele com todos aqueles raios ultravioleta. E definitivamente teriam que procurar. Ele ocultara sua posse da casa pela paranoia duramente aprendida de um homem que fora um escravo por muito tempo.

Apenas para maior segurança, estarei de guarda, Abigail disse. O perfume de hortelã-pimenta enfraqueceu.

Cade suspirou e mudou de posição cautelosamente, tentando encontrar uma posição confortável. Pela tarde seguinte, seu metabolismo de vampiro teria cicatrizado suas lesões, mas, entre eles e a briga, ele sabia que estaria perigosamente drenado. Ele teria que encontrar uma mulher e se alimentar rapidamente na noite do dia seguinte, se tivesse a intenção de encontrar o avião de Valerie antes que Ridgemont o fizesse.

No que se referia a exatamente como ele faria sua amada desaparecer debaixo do nariz de seu mestre...

Ele cruzaria essa ponte quando tivesse que fazê-lo.

Capítulo Três

15 De Janeiro de 1985

Ele se curvou em uma neblina vermelha. A fome. Em todas as partes. A dor queimando seu intestino, corroendo, mordendo, se enroscando como um dragão, grunhindo e torcendo e devorando a si mesmo. Ele não mais sabia quanto tempo estivera trancafiado. Por que ele fora trancafiado.

Os inimigos. O ódio. A morte o assistindo com olhos vermelhos de dragão, comendo-o vivo desde o interior.

Um som.

Ele levantou sua cabeça como um lobo. Olhou fixamente para a porta de aço reforçado marcada por mossa. Alguém à porta. Ele inspirou. SANGUE! O inimigo! Ele conhecia aquele aroma. Sua boca se inundou de saliva. A força alagou seu corpo debilitado.

A habilidade animal se agitou. Não! Finja-se de morto. Ele abaixou sua cabeça e se enrolou mais apertado no seu flanco no piso de cimento frio. Sentiu o cheiro do sangue em suas próprias mãos de tanto esmurrar a porta. Controlava-se para não morder.

O rangido da porta empenada sendo forçada a se abrir.

— Jesus, Cade, aqui dentro fede! — o sotaque alemão. O inimigo. — E que porra você fez com a porta?

O raspar de sapatos em concreto. Ele se enrolou mais apertado, a chama do Dragão queimando sua barriga.

— Você não é nada tão bonito agora, é, seu bastardo? — a voz soou presunçosa e satisfeita. — Suponho que te ensinarei a irritar Ridgemont, seu estúpido...

Ele explodiu para fora do piso, estrelou-se contra a presa, derrubou-a, forçou sua cabeça para cima. Atirou-se para a garganta. Mordeu.

SANGUE! SANGUE! SANGUESanguessanguessanguessangue...



Não sentiu os punhos maciços ferindo suas costelas, não ouviu os gritos, também se perdeu na sensação deliciosa de vida vermelha e quente em sua boca, o Dragão cantarolando de prazer enquanto engolia.

O INIMIGO! Ele sentiu o odor, os passos. Ele mordeu profundamente, sugou freneticamente, ignorado a costela que se estalou sob um golpe desesperadamente cruel do punho da presa.

— Afaste-o de mim! — um grito de terror.

— Deixe-o ir, Pistoleiro — o poder terrível se enredou em sua mente, mas o Dragão foi mais forte. Ele grunhiu contra a garganta da presa e se recusou a obedecer.

Algo maciço lhe arremessou um golpe atordoante no lado da cabeça. Suas mandíbulas se destravaram. O próprio chapéu pulou, arremessado longe da vida fluindo vermelha. Não! Ele se contorceu como um gato nas garras do Inimigo, se direcionando para o pescoço de touro. Vislumbrou-se uma fúria surpresa no rosto de Ridgemont.

Um punho empurrou-o na escuridão.

Algo macio, vibrante, sob sua cabeça. Ele tentou se mover. Estava preso. Grunhiu e começou a lutar.

Basta, Pistoleiro. O poder negro, familiar se envolveu em torno dele mais apertado que as cadeias grossas em seus pulsos. Bloqueando seus músculos, imobilizando-o.

— Ele perdeu a razão — a voz do alemão. Rouca. Dolorida. Bom.

— Duas semanas de inanição fazem isso. Você tem sorte que ele não tenha arrancado sua garganta, seu idiota. Eu o adverti.

Olhando para cima, Cade viu a parte de trás das cabeças de seus inimigos. Carro. Estavam em um carro. Ele estava preso no banco traseiro de um carro.

O Dragão se moveu e se enroscou e começou a morder suas vísceras. Ele estremeceu. Reteve um grunhido atrás de seus dentes.



O carro se deteve. Ridgemont e Hirsch saíram. Ele ouviu suas vozes se afastando. Deixando-o sozinho com o Dragão. Enrolou-se e vociferou. A dor vermelha rodou por sua cabeça, inundou-o na loucura fria e ardente.

Ele tinha perdido a impressão de quanto tempo flutuou na insanidade quando a porta do carro se abriu. Uma mão grande agarrou seu ombro. Puxou-o para cima. Ele quis lutar, mas o poder do Inimigo o manteve quieto.

Com um estalo, caíram longe. O Inimigo agarrou sua coleira, puxou-o para fora do carro.

— Venha em frente, Pistoleiro. Você não vai errar nisso. Se você for bonzinho, eu até te darei alguém.

Em um instante, uma parte racional de sua mente soube que ele mataria qualquer vítima que lhe fosse dada. Ergueu-se um protesto, mas o resto dele estava envolvido demais nas espirais do Dragão para se importar. Esfomeado, louco, ele cambaleou para uma aleia de cimento, meio suportado pelo aperto em seu cotovelo.

Através da névoa da respiração do dragão, ele ouviu gritos vindo de uma grande casa Colonial de tijolos bem à frente. Seu próprio uivo se desenvolveu em sua garganta, emergiu como um gemido estrangulado.

Ruim. Isto era ruim.

O Inimigo o fez passar através de um grupo de altas portas de madeira. Bem através da soleira da porta, Cade quase tropeçou acidentalmente com um corpo masculino jazendo inconsciente no piso. SANGUE! Instintivamente, ele começou a se jogar para a nova presa.

Pare!

A vontade do Inimigo o sacudiu abruptamente com força como um lobo em uma corrente. Ele grunhiu e lutou, mas Ridgemont o manteve ainda longamente quieto para alguma sanidade o fazer se dar conta de que, se ele tocasse o mortal, ele o mataria. Ele lutou por controle... apenas para perdê-lo outra vez quando se precaveu que os gritos que ele ouviu vinham de uma mulher que Hirsch arrebatava no sofá. Seu pânico se envolveu em torno dele, fez o Dragão rugir. Ele tentou arremeter outra vez, mas o Inimigo o envolveu em poder. Paralisado, atormentado, ele se perdeu na



névoa vermelha, mal consciente dos gritos e das súplicas das vítimas de seus inimigos.

Olhos cinza. Terror. Mamãe! Papai!

Ele avançou para fora do poder do Dragão para ver uma pequena garota cravando os olhos neles da entrada.

Onde ele estava? Que inferno estava acontecendo?

Desorientado, Cade fitou em torno da sala de estar elegantemente arrumada. Hirsch tinha uma mulher nua caída no sofá, alimentando-se enquanto a violava. Ridgemont agarrava um homem que gritava e lutava estridente e que brigava mesmo com as presas do ancião enterradas em sua garganta.

O aroma de sangue quase fez Cade perder a força das pernas. A Fome nunca tinha sido tão cruel em todos seus anos como um vampiro. Ele procurou por uma explicação. Ridgemont o estivera matando de fome. Ele não sabia há quanto tempo. Dias, semanas. Ele tentou se lembrar por quê. Não pode.

A criança observava, seu rosto horrorizado e pálido. Ela não deveria ver aquilo. Instintivamente, Cade se opôs à influência psíquica de Ridgemont, querendo ir até ela, tirá-la daquilo.

Seu momento de prudência atraiu a atenção de seu inimigo.

— Bem — o ancião ronronou, empurrando com força sua presa com um tapa com o dorso da mão no homem inerte. — Se não é a pequena Valerie Chase.

Os olhos cinza se arregalaram quando a garota deu um passo atrás, mas Ridgemont cruzou a sala de estar tão rápido, que ela não teve tempo de correr. Ela gritou quando ele agarrou seu fino antebraço e cravou a unha do dedo polegar de uma mão nele. O sangue fluiu. A criança agarrou o corte e olhou fixamente para ele numa confusão ferida. Ele sorriu aberta e maliciosamente para seus olhos horrorizados e a deixou ir.

— Corra.

Com um gemido de terror, ela obedeceu.



Ridgemont recorreu a Cade, desbloqueou seus músculos paralisados e propulsou uma compulsão nova em seu cérebro:

— Mate-a.

E o Dragão rugiu uma explosão de chama que queimou e afugentou sua sanidade.

Sangue sangue sanguesanguesanguesangue!

Correndo. Perseguindo a presa. Cheiro de terror, delicioso terror. O sangue enchendo o ar, almíscar quente, doce e acobreado...

Precisoagoradealimentodemorderdematardealimentoalimentodesangue de gritar bebê gritando.

Bebê gritando... bebê?

Cade saltou de volta à prudência para se encontrar em um quarto de crianças confrontando uma garota de doze anos de idade que agarrava uma criancinha chorosa.

— Fique longe! — a garota cuspiu, seus olhos cinza arregalados enquanto ela puxava o bebê protetoramente para perto.

Ele abriu sua boca para lhe dizer que nunca tinha machucado uma criança... e farejou o sangue gotejando por seu braço abaixo. O Dragão açoitou seu cérebro, apoiado pela influência feroz do comando de Ridgemont. Ele quase podia saborear sua vida, quente e doce. Bem o que seu corpo dolorido e espasmódico tão desesperadamente necessitava.

Cravando os olhos no riacho vermelho serpenteando por seu braço magro abaixo, Cade sentiu seu estômago vazio se retorcer nauseante de horror. Normalmente ele poderia controlar a quantidade que bebesse, mas seu mestre o tinha matado de fome por muito tempo e tinha plantado a compulsão para matar também muito profunda. Ele estava a ponto de se converter em um assassino.

Não!

A determinação, aflição e desespero retesaram sua espinha. Ele fizera coisas das que não se orgulhara em três anos de guerra, uma década como um Texas Ranger, cento e vinte anos como um vampiro. Mas ele nunca



ferira uma criança, e Cade estaria condenado se começasse hoje. Ele se mataria antes.

Se ele pudesse apenas reduzir o medo dela de alguma maneira... O terror, como qualquer emoção forte, aumentava a Fome.

Ele lançou sua vontade para tocar a dela.

— Durma — Cade disse, e ficou reservadamente surpreso pelo raspar quebrado de sua própria voz. — Você está a salvo. Apenas vá dormir.

A criança deveria ter caído como uma marionete com cordões cortados. Em vez disso, ela encontrou seu olhar fixo e zombou:

— Você acha que sou estúpida, senhor? Eu o ouvi dizer que você nos matasse — ela recuou outro passo, abraçando sua irmã, que felizmente tinha deixado de gritar para se agarrar como um macaco assustado. — Mas seria melhor você não fazer isso, porque eles o colocarão na cadeira elétrica.

Oh, Deus, ela é Kith⁷, Cade percebeu entorpecidamente. *Apesar de tudo, ela é uma de nós.* Se não fosse, então ela nunca poderia ter resistido a suas ordens.

Ele puxou um fôlego, e o perfume de seu sangue o envolveu outra vez, enlouquecendo o Dragão. Ele sentiu os cordões de seus músculos saltarem. De algum modo, ele conseguiu cair sobre seus joelhos.

— Saia, maldição! — Cade ficou sem fôlego. — Saia antes que ele me faça te matar! Agora! — ele podia sentir sua força falhando enquanto o Dragão se enroscava em suas vísceras.

Ele levantou a cabeça para encontrar seu olhar fixo, quente com medo e revolta e o desejo de viver.

Olhos cinza. Tão grandes. Ardendo com poder surpreendente. Estendendo-se para ele. Atraindo-o. Tocando-o. Conhecendo-o. Da mesma forma que ele a tocara, a conhecera. Sentiu sua pureza, sua força. Seu poder. Poder que, por um instante, encadeou o Dragão até que ele pôde encontrar sua própria força.

⁷ Não entendi muito bem, mas mais à frente, parece que Kith é uma expressão para uma pessoa psíquica que tem o dom de se tornar um vampiro, vem da expressão idiomática inglesa Kith and Kin, amigos e parentes, parentela.



Você não vai nos matar. Sua mente reverberou como um sino com a força de vontade dela.

Não, ele disse. Foi como um juramento santo, jura de mente para mente, um voto que o vincularia a partir daquele momento. *Eu te protegerei.* De Ridgemont. Dele mesmo.

Os olhos da criança se moveram dele para a porta. Ridgemont estava na sala de estar, bloqueando a fuga dela. Ambos sabiam que ela nunca passaria por ele.

— Desse modo — Cade apontou para a janela de criança atrás dela. — Suba, desça e corra até seu vizinho. Eles te protegerão. Eu impedirei que Ridgemont a persiga — de alguma maneira.

Ela cravou os olhos nele, aqueles olhos tão mais sábios do que uma criança deveria ter.

— E Mamãe e Papai?

— Eu os salvarei — ele tentaria. Provavelmente falharia, mas tentaria.

Ela se voltou para a janela e a alcançou com uma mão, o bebê ainda em seus braços. Ele percebeu que ela nunca seria capaz de levantá-lo.

Rangendo seus dentes com o esforço, Cade se estendeu atrás dela para pegar o caixilho, embora isso o tenha aproximado muito de sua garganta tentadora. Ele a empurrou para cima, e a janela se ergueu com um rangido ensurdecedor de madeira e vidro vibrando.

Ele mudou de direção e pegou a criança pelos ombros — e malditamente perto de perder o controle quando o perfume de seu sangue inundou sua cabeça. O Dragão o rasgou, mas ele o repeliu para longe e a empurrou para o ar. Ainda agarrando firmemente sua irmã bebê, Valerie gritou quando ele empurrou ambas para fora através da janela. No mesmo momento em que seus pés atingiram o chão, Cade jogou para trás suas mãos enquanto a pele dela o queimava.

— Fuja, maldição!

E ela o fez, nunca olhando para trás. Ele assistiu sua ida, opondo-se ao instinto horrível de persegui-la.

Em vez disso, ele mudou de direção e correu para a sala de estar.



E permitiu que o Dragão o possuísse.

Os olhos do Cade se abriram de repente enquanto ele avançava meio curvado, reprimindo um bramido de fúria. Esfregando as mãos sobre seu rosto suado, ele agradeceu a Deus por Valerie não ter compartilhado aquele sonho em particular.

Ele estremeceu, ainda saboreando o fantasma da lembrança do sangue de Ridgemont. Ele chegara muito tarde para salvar os pais de Valerie, mas tinha mantido Hirsch e o ancião tão ocupados tentando lutar com ele que a polícia quase tinha prendido todos. Pela primeira vez, seu mestre tinha sido completamente incapaz de controlá-lo. Ele levou outros doze anos para quebrar inteiramente a influência mental de Ridgemont, mas naquela noite o ancião se viu forçado a deixá-lo inconsciente antes que eles pudessem fugir.

Afastando as reminiscências do pesadelo, Cade olhou para seu corpo. A pesar do mau cheiro de sangue seco, ele poderia dizer que suas avarias tinham cicatrizado. Infelizmente, as reparações tinham vindo com um custo, como sempre faziam: haviam trazido de volta a Fome. Felizmente não foi rugido carmesim do Dragão de seu pesadelo, somente a usual necessidade rosa pálido que poderia ser satisfeita por uma hora nos braços de uma mulher e um pouco de seu sangue.

Quando ele começou a rolar na cama, ele divisou seu próprio reflexo. Sua uniforme pendurava de seu corpo ensanguentado em retalhos cinza. *Maldita boa coisa que tinha um de sobra no armário.* Ducha primeiro, ele decidiu, então roupas.

Logo a caçada.

O “Jump Shots” era um clássico bar de operários do Brooklyn, com uma coleção de TVs sintonizadas no ESPN e camisas autografadas de basquete pregadas nas paredes revestidas com painéis. Não era o tipo de



lugar onde os jovens e modernos iam, mas então, Cade não estava interessado em jovens e modernos.

Movendo-se facilmente depois do sono cicatrizante do dia, ele deslizou um quadril em um banco onde poderia observar o ressurto no longo espelho atrás do balcão. Abrindo sua consciência para a multidão, ele deu a seus pensamentos permissão de alagarem suas mentes, inundadas numa maré de álcool, cólera ou sexo. Mas não eram eles o que ele necessitava, então ele roçou através deles como um homem caminhando através de todo o pasto.

Logo ele a sentiu.

Cade começou a enfocar a atenção na mulher com uma intensidade de predador. Ela se sentava sozinha em um canto escuro, derrota pesando em seus ombros com um peso de chumbo. Tocando sua mente, ele descobriu que ela era Jean Riggs, uma professora de escola de meia-idade cujo marido recentemente tinha encontrado alguém duas décadas mais jovem. Sua necessidade de companhia era quase tão intensa quanto a dele por sangue. Ele se levantou de seu banco com uma confiança nascida de décadas de sedução.

Quando Cade deslizou na cabine em frente a ela, Jean olhou para cima, sobressaltada. Tocando na face dele, seus olhos se arregalaram num alarme automático. Ele poderia ver em sua mente que ela pensava que ele era muito jovem e muito bonito para estar interessado nela por alguma boa razão.

Antes que ela pudesse obedecer a seu instinto para saltar para cima e partir, ele se inclinou para frente.

— Você não tem que me temer — ele tocou sua mente e subtraiu o medo.

E ela sorriu.

Val se sentou curvada no assento incômodo da aeronave, olhando fixamente para fora da janela as luzes enfeitando como joias a paisagem



encoberta pela noite sob a asa do 747. As nuvens etéreas entraram furtivamente depois como fantasmas fugitivos, resplandecendo fracamente na luz leitosa da lua cheia que percorria o horizonte.

Seus olhos se achavam tão abrasados com o cansaço excessivo que ela permitiu que eles se fechassem. Depois que os sonhos agitados da última noite se seguiram por um dia gasto fazendo as malas para aquela viagem, ela se sentia esgotada. Com um suspiro, ela deslizou no sono.

E começou a sonhar.

O Cowboy a estava enganando.

Ele se aproximara demais de uma mulher estranha, uma das coxas roliças dela se curvando sobre o braço dele, uma mão grande apertando a curva de seu outro joelho, agarrando suas pernas longas firmemente. Os músculos firmes, duros de seu abdômen se enrijecendo enquanto ele lenta e profundamente arremetia seu grosso mastro.

Bastardo!

Valerie fervia numa fúria enciumada enquanto a mulher lançava para trás a cabeça no travesseiro, cabelos acinzentados emaranhados em torno de seu rosto enquanto ela arquejava ao mesmo tempo em que seus quadris giravam. Ele a assistia, sua expressão absorvida e sensual, seus olhos ardendo em vermelho. Ela ou não percebeu o brilho demoníaco ou estava muito perdida no prazer para se importar.

Ele ronronou algo e inverteu as posições, movendo-se sobre ela, cobrindo-a com seu corpo muito maior. Músculos contraíam e relaxavam na parte larga das costas, flexionando-se nos globos firmes de seu traseiro com cada impulso. Ela se movia contra ele até que os pelos encaracolados de seu peito provocavam as pontas de seus mamilos. Suas mãos pequenas, suaves se curvavam até agarrar os lençóis. Os olhos fechados com força, ela gemeu suavemente, gozando, apertando sua cabeça no travesseiro, arqueando sua garganta.

Os olhos dele brilharam mais intensamente e seus lábios sensuais se abriram para revelar os caninos que tinham dois centímetros e meio de comprimento. Ele inclinou sua cabeça para a firme, fina pele sobre a



pulsção dela. Bem acima dele, ele pausou. Um sorriso lento, quente de antecipação se estendeu por seu rosto bonito.

Então ele a tomou, afundando suas presas em sua garganta. Ela se sacudiu contra ele com um ofego de comocionado prazer.

O horror agitou a mente de Val. Ele mataria a pobre mulher! Ela lutou para despertar, mas o sonho a segurou firmemente.

Ele girou seus quadris, transando profundamente enquanto bebia. A mulher convulsionava, gritando roucamente, mas não de dor.

De prazer.

Com um grunhido amortecido, ele se virou com ela, estendendo seu corpo sobre o dele. Uma mão forte se fechou na carne macia, abundante de suas nádegas enquanto a outra segurou seus cabelos para impedir sua fuga. Sua mandíbula trabalhou enquanto ele simultaneamente se lançava para cima, dando-lhe arremetidas tão longas e profundas que seu grande membro quase escorregava para fora dela com cada forte impulso.

Repentinamente a mulher que ele possuía se transformou — ficou mais jovem, mais magra, os cabelos agarrados pelas mãos dele passando a um rico cobre outonal.

Val se reconheceu envolta na influência vampírica do Cowboy. Abrindo os olhos, ela estremeceu com abandonado êxtase enquanto ele a possuía e se alimentava dela.

Ela se sobressaltou acordando com um ofego.

Selvagemmente, ela olhou para os passageiros em torno dela dentro do 747, alguns dormindo, outros contemplando, entediados, a noite vislumbrante fora das janelas do avião.

Um sonho, Val pensou, piscando forte enquanto esfregava uma mão trêmula sobre seu rosto. *Foi apenas um sonho*. Ela se afundou de volta em seu assento, logo se retesando convulsivamente quando o movimento raspou os mamilos rijos contra a renda de seu sutiã. Um rubor queimou suas faces quando ela percebeu que estava muito molhada.



— Oh, Deus, oh, Deus, Oh DEUS! — Jean entooou enquanto Cade conduzia seu membro dentro de seu corpo cheio, suave. Ele podia se sentir ficando mais forte enquanto o orgasmo dela alimentava o dele, a intensidade de sua emoção tão doce e quente era enlouquecedora. O prazer dela impeliu o dele próprio, e ele grunhiu seu próprio clímax contra sua garganta.

Enquanto o prazer culminava e começava a retroceder, ele foi tentado a forçá-la ao ponto máximo. Mas ele já a havia trazido ao auge quatro vezes, e tomar mais a deixaria perigosamente fraca. Ele tirou suas presas da garganta dela e rolou para o lado, embalando-a perto.

Por um momento Cade se permitiu saborear a paz doce, rara, a saciedade animal pura de seu próprio corpo. Jean se sentiu tão deliciosamente quente, tão deliciosamente feminina. Ele fechou seus olhos e se embriagou em seu perfume, na suavidade de sua pele, o sabor de seu almíscar que se prolongou em sua língua.

Ainda dentro dele, algo sentia... um vazio, como sempre acontecia depois de que ele se alimentava. Ele sabia por que, é obvio.

Sua parceira não tinha sido Val. Elas nunca eram.

Mas talvez logo...

Não. Ele empurrou a tentação para longe. Mesmo se ele tivesse êxito em resgatar sua amante de sonho, ele nunca se permitiria tocá-la. Ele não se atrevia. Ele não tinha certeza se poderia resistir à urgência de Transformá-la, fazê-la completamente sua.

Traíra sua confiança.

Sacudindo para longe aquele pensamento deprimente, Cade tocou a mente de Jean e removeu a lembrança de sua mordida. Vislumbrando outras feridas mentais que ele não tinha infligido, ele se dispôs a repará-las também. Ele lhe devia pelo que ela lhe tinha dado, e ele pagava suas dívidas.

Ele podia sentir seu desconcerto. Por que ele a tinha escolhido, entre todas as pessoas? Em sua mente, ela apontou suas próprias imperfeições — os sete quilos adicionais que ela nunca tinha conseguido perder, os fios



cinza em seus cabelos, a boca, que era muita larga. Ele podia ter tido uma mulher mais jovem, mais bonita.

Podia-lhe ter contado a ela que uma mulher mais jovem, mais bonita não teria respondido com a intensidade faminta que ela lhe tinha dado. Em vez disso, ele beijou o topo de sua cabeça grisalha e disse suavemente:

— Você esteve fantástica.

Jean riu, o som muito perto de um soluço.

— Meu ex-marido não acredita assim.

Em sua mente, ele podia ver centenas de pequenas crueldades que Gary infligira quando se esforçava para deixá-la. O aperto de Cade se estreitou enquanto ele acolhia a fantasia prazerosa de caçar o homem e espancá-lo sangrentamente.

— Por que você se importa com o que esse bastardo pensa? Ele nem mesmo teve a inteligência para reconhecer o tesouro que ele tinha em você.

Ela ergueu os céticos olhos cor de avelã para os dele, pensando que ele estava sendo amável.

Cade encontrou seu olhar fixo e usou seu poder.

— Não deixe mais ninguém te destruir, Jean. A vida é tão curta. Haverá outro homem, outro amor.

Ela baixou suas pálpebras.

— Mas não você.

— Não — ele disse. Gostara dela, gostara de sua bondade e sua sensualidade escondida. Mas ela não era Val.

Como ele não poderia dizer aquilo, deu a ela outra verdade simples em vez disso.

— Eu tomo demais — embora ele nunca bebera mais que meio litro de sangue no curso de uma noite, ele poderia matar ou perigosamente enfraquecer suas parceiras se as tomasse muitas vezes. Ele nunca se deitara com ninguém mais de uma vez. — Você necessita de um homem que se entregará. E você o encontrará.

— Oh... — ela disse em uma voz baixa.



Ele apanhou seu queixo e persuadiu seus olhos a encontrar os dele.

— Você é uma mulher maravilhosa. *Acredite em você mesma.*

A mente de Jean se apoderou da sugestão telepática de Cade e se libertou de suas dúvidas. Um sorriso brilhante se propagou por seu rosto. Ela envolveu seus braços em torno dele, aconchegando-se perto. Lentamente, gentilmente, ele deslizou uma mão através de seus cabelos, permitindo-se saborear o calor do momento. Se ele se opusesse a Ridgemont e perdesse, poderia ser a última coisa que ele jamais saberia.

Finalmente, com um suspiro arrependido, ele a urgiu a dormir. Ele estava para duelar no aeroporto — e seu duelo pela vida de Valerie.

Val observou as luzes da pista de aterrissagem se levantarem para encontrar o avião, lutando com o tremor nervoso em seu estômago. Ela não estava, maldição, correndo para seu julgamento. E não importava o que sua imaginação hiperativa teimava, o Cowboy não a estava esperando lá embaixo para reivindicá-la e traí-la.

Não existem tais coisas como vampiros. E o Cowboy é apenas um sonho, ela disse a si mesma firmemente, forçando para longe a imagem de si mesma convulsionando montada sobre seus quadris triturantes com suas presas perfurando profundamente sua garganta.

Ridgemont não tinha vindo encontrar o avião de Val.

Sombrio, Cade esquadrinhou o saguão do aeroporto, mas a marca mental sombria do ancião não estava em nenhum lugar evidente. Não fazia sentido.

Franzindo o cenho, ele mudou de direção e estudou Bobby Mason, que se apoiava contra o centro de informação flertando com a bela garota que o controlava. Mason era o motorista de segurança de Ridgemont, mas segundo a varredura mental de Cade, ele não se lembrava de ter trazido



qualquer um dos vampiros consigo. Claro, suas lembranças podiam ter sido alteradas. Provavelmente tinham sido.

Ridgemont não era tolo; ele tinha que saber que sequestrar Val seria o próximo movimento de Cade. E que o maldito não poderia detê-lo. O que significava que aquilo era uma armadilha.

Infelizmente, parecia que Cade não tinha alternativa, exceto caminhar para ela.

Ele deu um passo até estar atrás do motorista e murmurou em sua orelha

— Ei, Bobby.

Mason se endireitou e girou em círculo.

— Que porra você está fazendo aqui? — ele exigiu, os olhos se arregalando em seu rosto quadrado e agradavelmente forte. De repente ele olhou rapidamente para trás para o representante da segurança no aeroporto, então agarrou o cotovelo de Cade e o puxou para um lado. Baixando sua voz, ele sibilou:

— Você sabe quanto tempo levou para o esquadrão antibombas desarmar aquilo que você deixou na limusine?

Cade se sobressaltou. Ele não tinha pensado naquilo.

— Alguém se machucou?

— Não, mas onde diabos você adquiriu todo aquele C-4? — seus olhos se moveram para um policial de trânsito que os observava com a paranoia de um post-9/11. Cade olhou para o homem e mentalmente o compeliu a acreditar que não estava interessado na conversa. O policial apartou o olhar, e Mason relaxou, embora deixasse baixar sua voz ainda *mais*.

— Aquilo é artilharia militar. Eles monitoram essa merda como material nuclear — ele costumava estar no Exército.

Cade deu de ombros.

— O tirei de um terrorista. Imaginei que atribuiria um uso melhor matando Ridgemont que explodindo um pedaço do metrô.



— Quero saber, o que aconteceu ao terrorista?

— Ele confessou tudo aos Federais. Acho que está aguardando o julgamento — Cade encontrou os olhos cor de avelã do mortal. — Bobby, você precisa tomar um rumo. Oferecerei a um hóspede de Ridgemont um passeio atrás da casa.

— Você está louco? — Mason se balançou sobre seus calcanhares. — Você deixou uma carta de demissão de meio quilo ligada à ignição, lembra?

— Não, não fiz isso — ele se estendeu para a mente do outro homem e amavelmente derramou a força de sua vontade através dela.

— Oh — a face do motorista ficou vazia enquanto ele instantaneamente esquecia a bomba. — Sem dúvida, Cade. Tudo o que você disser — mudando de direção, ele perambulou para longe.

Com um suspiro, Cade recolheu suas armas e se recostou contra a parede para esquadrinhar procurando Ridgemont e Hirsch. E esperar.

Quando ele ouviu o anúncio de que o voo de Val tinha chegado, ele se endireitou e se moveu para o posto de segurança do aeroporto que ela atravessaria uma vez que chegasse.

Seus intestinos estavam em nós. Aquilo poderia se tornar desagradável.

As oportunidades eram boas de ela reconhecê-lo, fosse como o Cowboy ou o vampiro que quase a tinha matado dezessete anos antes. Claro, ele estivera magro e meio morto de inanição naquele tempo, e ela não acreditava que o Cowboy existia, então aquilo poderia comprar um pouco de tempo para ele. Mas eventualmente ela perceberia quem ele era.

E ela não estaria feliz a respeito disso.

Se ela se tornasse histérica no aeroporto, as coisas teriam que ser perigosamente apressadas. Os poderes psíquicos latentes que a faziam uma candidata ao vampirismo significavam que ele seria incapaz de influenciar sua mente. Se ela começasse a gritar, ele teria um inferno de tempo para calá-la antes que ela atraísse perigosa atenção. Da mesma forma, ele não poderia monitorar um grupo de Tiras zangados do aeroporto. Muitas mentes seriam impossíveis de serem controladas.



Ele realmente precisava ter sorte uma vez que fosse, Cade pensou severamente, puxando seu quepe sobre seus olhos. Felizmente seu uniforme preto de motorista era tão diferente de seus jeans e *Stetson* dos Texas Ranger quanto era possível. Talvez aquilo lhe comprasse justo o tempo suficiente.

Percorrendo o olhar além do posto de segurança, ele viu um grupo de passageiros desembarcados seguindo seu caminho — famílias rebocando crianças cansadas, negociantes cobertos como um bando de mulas com malas de laptop e muitas preocupações. Enquanto eles deixavam para trás o posto de segurança, os parentes de Nova Iorque encontravam membros visitantes da família com gritos e abraços.

Logo ele divisou uma figura familiar, de pernas longas, caminhando a grandes passos para ele. Sua garganta se apertou pela doce harmonia de seu rosto e as curvas firmes, deliciosas de seus seios e quadris.

Valerie.

Ela parecia bem como sempre fora em seus sonhos. Seu rosto era de um delicado oval decorado por um queixo pequeno e agudo e um nariz estreito, mas sua boca era exuberante, com uma sugestão de um sorriso pecaminoso brincando em torno de seus cantos. Ela vestia um terno de verão sério cor de creme que passava um frio olhar profissional da mesma forma que abraçava suas pernas longas. Uma blusa de seda provinha uma cobertura discreta para seios redondos, atrevidos, que ele sabia por experiência própria que enchiam deliciosamente as mãos. O tecido novo e verde da blusa contrastava com o dramático caimento dos cabelos castanho-avermelhados que se espalhavam em torno de seus ombros magros.

Valerie. Ali, em carne e osso. Perto o suficiente para tocar. Os joelhos do Cade realmente ficaram fracos.

— Ok — Val resmungou, agarrando firmemente a bolsa do laptop enquanto examinava a multidão procurando alguém que parecesse procurá-la. A secretária do Sr. Ridgemont havia dito que enviaria um



motorista, entretanto como Val devia reconhecê-lo naquela turba era um mistério. Talvez ele tivesse um quadro com seu nome nele, como faziam nos filmes.

— Então onde está você? — ela se ergueu sobre os dedos dos pés, perguntando-se se ele usaria um daqueles trajes cinza de motorista. O único homem que ela tinha visto com um uniforme fora um Tira bonito...

— Senhorita Chase?

Val se voltou e olhou diretamente para um peito largo coberto com linho preto. Ela piscou e levantou seu olhar atento — levantou muito mais do que costumava. Com um metro e oitenta e cinco centímetros, ela não tinha que olhar para cima em relação a muitos homens, especialmente quando ela estava usando sapatos de saltos altos.

É o Tira, ela pensou, prendendo a atenção no uniforme preto faturado que ele vestia. Logo ela olhou de novo e percebeu seu erro. Fora o quepe de motorista, muito inclinado sobre os curtos cabelos negros que teriam sido ondulados se não fossem o corte cruel.

— Senhorita Chase, eu sou Cade McKinnon — o homem disse, estendendo uma mão grande, enluvada em saudação. Seu rosto era longo e anguloso, com maçãs do rosto largas, proeminentes, um queixo profundamente partido e um nariz estreito. Apesar daquelas feições agressivamente severas, sua boca era intensamente sensual, com o tipo de lábios generosos, volúveis que poderiam beijar e atrair com a mesma habilidade.

Val lançou para longe sua reação à beleza masculina esculpida dele e abriu sua boca para tentar uma saudação profissional. Justo quando ela encontrou seus olhos.

Plantadas bem sob sobrancelhas negras levemente enviesadas, suas íris eram de um chocolate escuro, rico. *Deus*, ela pensou, esquecendo o que estava a ponto de dizer, *ele tem os olhos mais bonitos que eu já tinha visto...* Arrebatada, ela olhou mais intensamente.

Sufrimento. Determinação cruel. E fome — devorando, ameaçando, de certa forma, erótico.

Ela congelou. Era o Cowboy.



Capítulo Quatro

Não é! ela disse a si mesma firmemente, tentando afastar a louca impressão. Mas a luta de seus instintos se recusou a aquietar. Enervada, ela deu um passo atrás tão rápido que seu pé virou sob ela.

Antes que Val pudesse cair, McKinnon pegou seu cotovelo e a estabilizou. O escuro olhar fixo iluminado com preocupação quente.

— Ei, você está bem?

Deus, ele ainda soava como o Cowboy.

Sacudida, ela perscrutou seu rosto. Seus olhos eram simplesmente olhos agora — gentis e comuns. *Eu imaginei aquilo*, ela disse a si mesma firmemente. Ele *não* era o Cowboy — o Cowboy não existia. E ela certamente não havia tocado a mente do homem e tinha encontrado algo estranho.

— Voo turbulento — ela disse em voz alta, mais para si mesma que para ele.

— Você precisa se sentar? — ele pegou sua outra mão como se com medo de que fosse cair. As luvas de couro pretas que ele usava pareciam quentes contra sua pele. Ele se moveu para mais perto, e por um momento seu calor e força percorreram queimando seu corpo de cima a baixo. Seus mamilos enrijeceram ao máximo.

Ela ruborizou violentamente.

— Estou bem — sacudindo seus cabelos para trás, Val se endireitou e puxou para se libertar de seu aperto leve.

McKinnon a estudou, franzindo o cenho.

— Sou o motorista do Sr. Ridgemont — ele disse enfim. — Ele me enviou para pegá-la.

— É um prazer conhecê-lo — automaticamente, ela segurou sua mão outra vez e o deixou envolvê-la naqueles dedos longos, cobertos de couro.



Ele sorriu, seus dentes de um branco deslumbrante — e perfeitamente comum. Ela fez uma careta para si mesma, percebendo que meio que esperava presas.

— Acredite em mim, o prazer é meu — McKinnon disse, então habilmente roubou a bolsa de seu laptop do ombro dela e colocou no dele. — Melhor que nos encaminhássemos para a esteira giratória para pegar o resto de sua bagagem. Temos uma longa viagem à nossa frente, e imagino que você está cansada.

Val inclinou a cabeça, tentando ignorar a pulsação de ansiedade que se moveu totalmente por ela ao pensar em estar sozinha em um carro com ele. Ele não era, maldição, o Cowboy. Era apenas porque ele tinha cabelos escuros, e qualquer homem de cabelos escuros a recordaria direto a respeito de seu amante demônio agora. Ao passo que por aquela bela voz de veludo dele... Realmente a do Cowboy não tinha sido tão profunda, tão ressonante.

Inconscientemente, seus olhos examinaram cuidadosamente seu corpo alto, bem musculoso. *Músculos contraíam e relaxavam na parte larga das costas, flexionando-se nos globos firmes de seu traseiro com cada impulso...* Ela sentiu seu rosto queimar em rubor.

OK, então ele era desenvolvido como o Cowboy. Talvez. Ou talvez os ombros do casaco preto de seu uniforme fossem acolchoados. *Não a julgar pela força daquelas mãos...*

— A captação da bagagem é por esse caminho — McKinnon disse, no tipo de ronrono baixo e masculino que podia dispersar sedução ao redor mesmo com os comentários mais casuais. Ele andou na direção da esteira a uma curta distância, e Val acompanhou, tentando convencer sua imaginação hiperativa a se acalmar.

Apesar de seus nervos agitados, algum instinto feminino murmurou aprovação por seus passos longos e o balanço fácil daqueles ombros poderosos. Ele era simplesmente tão malditamente grande. Ela sempre tivera uma fraqueza por homens grandes.

Incapaz de resistir a outro olhar pela extensão musculosa de suas pernas, ela viu que suas calças eram enfiadas dentro das botas negras



brilhantes que estalavam quando ele andava. Ocorreu-a que havia algo deliberadamente ostentoso no uniforme de motorista que ele usava — a túnica preta com seus botões de ouro, as luvas de couro, as botas de montar, embora ela apostaria que ele nunca chegara nem perto de um cavalo. Ele se parecia com algo fora de moda de um filme noir dos anos quarenta, como se Glória Swanson estivesse esperando no carro, coberta de mink. A fez se perguntar sobre o tipo de empregador que escolheria tal coisa como traje para seu motorista no século vinte e um.

Até o momento, de alguma forma McKinnon conseguira levar adiante o traje sem parecer idiota. Ele era um daqueles raros homens que podiam projetar confiança e carisma masculino vestido com um traje de palhaço. Val sorriu abertamente, divertida, enquanto imaginava um desfile de mulheres atrasando-se esperançosamente atrás de um par de sapatos grandes, desengonçados.

McKinnon alcançou a esteira giratória de bagagem e sorriu para Val quando ela se juntou a ele. Mas seus olhos não estavam direcionados para ela, ou mesmo na bagagem circulando no cinto transportador. Em vez disso, ele esquadrinhou a multidão circundante, seu olhar fixo pulando com cautela de rosto a rosto enquanto ele mantinha seu grande corpo com a prontidão fluida de um praticante de artes marciais.

Se esse homem é apenas um motorista, eu como meu laptop, Val pensou repentinamente. *Ele é um guarda-costas.*

O paletó do terno do uniforme preto era muito bem cortado para ficar saliente, mas ela apostaria que ele trazia um coldre de ombro sob ele quando não recolhia alguém em um aeroporto.

Ainda mais, ela percebia que ele efetivamente esperava um problema. Era apenas paranoia profissional, ou ele realmente esperava que alguém os atacasse ali?

Val sentiu sua própria tensão se aliviar. O senso de perigo que ela sentia devia ser uma reação inconsciente à sua cautela. Não tinha nada a ver com seu pesadelo com o vampiro, afinal de contas.

Mas que tipo de inimigos Edward Ridgemont tinha, de qualquer maneira?



Onde diabos estavam Ridgemont e Hirsch?

Logicamente Cade sabia que podia esperar encontrar seu mestre aguardando pacientemente no estacionamento do aeroporto, pronto para chutar seu traseiro outra vez. Exceto que ele não tinha captado sequer um traço da assinatura psíquica ameaçadora de Ridgemont em qualquer de suas varreduras. O ancião não estava ali.

Mandaria Hirsch, mas Cade tinha espancado o alemão em cada luta honesta que alguma vez tinham tido. O que significava que aquela não seria uma luta honesta. Hirsch o emboscaria. Provavelmente com uma das espingardas de cano duplo de doze calibres de Ridgemont que podiam arrancar sua cabeça diretamente de seus ombros. Não o tipo de arma que ele ordinariamente levava em La Guardia, mas com os poderes de um vampiro, tudo era possível.

E ainda mais... Algo a respeito da ideia de uma emboscada de espingarda apenas não parecia certo. Ridgemont tinha falado em matá-lo muitas vezes, com muita antecipação. Ele mesmo queria fazer o trabalho mesmo. Mas ele não estava ali.

Então que diabos estava acontecendo?

Enquanto eles assistiam a bagagem deslizar na esteira giratória, Val deixou sua atenção escorregar para a face de McKinnon. Agora que sua imaginação hiperativa tinha se aquietado, ela percebeu que havia algo em seus olhos castanhos que ela reconhecia. Belos como eram, eram também um pouco vazios com o cinismo resignado particular que ela sabia de seis anos como um jornalista de batidas policiais.

Ela teria apostado seu último caderno de notas que Cade McKinnon era um ex-tira.

E não apenas um ex-tira qualquer, igualmente. Um homem acabava com olhos como aqueles por ver a vida e seus aspectos mais desagradáveis



sem ser capaz de fazer uma maldita coisa a respeito. E isso significava detetive de homicídios.

— Quanto tempo faz desde que você deixou de executar a lei?

McKinnon esquadrihava a multidão outra vez. Seu olhar fixo saltou para os dela com a pergunta, e ela teve a impressão de que o surpreendera. Logo ele sorriu ligeiramente.

— Um tempo muito longo.

— N.Y.P.D.⁸

— Texas Rangers.

Val se enrijeceu. *Justo como o Cowboy...* Ela empurrou à força o pensamento. *Não seja ridícula.* Obrigando-se a soar casual, ela perguntou:

— Como você se envolveu nisso?

Ele deu de ombros.

— A guerra tinha terminado, e eu precisava de um emprego.

— Tempestade no Deserto?⁹

— Sim — silenciosamente Cade se amaldiçoou. Não deveria ter contado a ela sobre os Rangers — ele tinha visto o piscar em seus olhos quando ela associara essa mínima informação ao Cowboy. Ele tinha que ser mais cuidadoso.

Infelizmente, havia algo sobre ela que demandava honestidade, não importava o que o senso comum lhe dissesse. Inferno, ele esteve malditamente perto de admitir que falava da Guerra Civil. Ele mal tinha refreado as palavras a tempo.

— Aqui — ela disse repentinamente, chamando a atenção dele para apontar uma cara mala de couro deslizando. — Aquela é uma das minhas.

Obrigado, Deus. Ele se curvou e a pegou. Realmente tinham que sair de lá antes que Ridgemont ou Hirsch aparecessem.

⁸ NYPD que dizer, em português, Departamento de Polícia de Nova Iorque.

⁹ Uma das campanhas militares americanas no Oriente Médio na década de 90.



Pelo tempo em que Cade pegava a terceira e última mala, sua pele formigava. Ele a conduziu para a saída em uma velocidade apenas menor que uma corrida, querendo apenas levá-la tão longe quanto possível.

Como deram um passo através das portas duplas do edifício, Cade vacilou, expandindo seus sentidos vampíricos.

Até o momento nenhum sinal de Ridgemont.

Ele tomou uma respiração profunda, tentando captar a essência de Hirsch, mas o aroma de combustível de avião e gasolina subjugou todo o resto.

— Sr. McKinnon? — Valerie o contemplou curiosamente.

Ele deu a ela um sorriso falso.

— Apenas tentando recordar onde estacionei o carro. E me chame de Cade.

Os músculos se retesando na nuca, ele guiou Valerie ao longo da calçada para o estacionamento. Ele apenas desejava que pudesse ter encontrado um lugar um pouco mais próximo do edifício.

Enquanto caminhavam entre as filas de carros estacionados, Val franziu o cenho, estudando McKinnon fixamente.

A alça de seu laptop fora enganchada em seu ombro largo, e ele tinha enfiado uma mala sob seu braço esquerdo enquanto carregava a outra em sua mão esquerda. De algum jeito ele levava todas as três com tal força e facilidade que ele poderia muito bem estar esvaziando caixas de papelão.

— Estou curiosa — ela disse. — Justo quem você espera que salte sobre nós?

Ela pensou que vislumbrara culpa surpresa nos olhos de McKinnon antes que sua face estivesse polidamente vazia.

— O quê? Sobre o que você está falando?

Val apontou com a cabeça a mão livre dele, que se fechava e abria em sua lateral.



— Você olha como se estivesse pronto para sacar uma arma para alguém.

— Vamos, Srta. Chase — você realmente não pensa que trouxe uma arma a um aeroporto de Nova Iorque? — ele lhe mandou aquele sorriso aberto e encantador que ela começava a suspeitar que era um contra.

— Você trouxe?

— Por que faria isso?

Val ergueu uma sobrancelha para ele.

— Você é o guarda-costas de Ridgemont, não é?

McKinnon se viu genuinamente surpreendido, então deu uma gargalhada.

— O exato oposto, realmente.

Ela sorriu abertamente.

— Eu não penso assim — quando ele ergueu uma sobrancelha, ela esclareceu — O oposto exato de um guarda-costas seria um assassino, certo?

Todo o humor fugiu de seus olhos enquanto seu rosto calorosamente bonito ficou com uma frieza de carrasco.

— Parece dessa forma, não é?

Val sentiu um calafrio em sua coluna vertebral enquanto recordava seu último sonho com o Cowboy: seus olhos ardiam vermelhos enquanto ele enterrava suas presas na garganta de sua vítima.

— O que você quer dizer?

Ele encolheu seus ombros impressionantes e afastou o olhar.

— Tem minha palavra, Edward Ridgemont não necessita de um guarda-costas.

Seus instintos começaram a clamar tão ruidosamente que ela foi tentada a lhe dizer que pegaria um táxi. De certa forma, ela não quis ver sua reação àquela ideia.

Que diabos estava acontecendo?



Continuaram entre as filas de carros até ele apontar uma chave com alarme eletrônico para um Lexus negro. A tampa do porta-malas se moveu, abrindo-se obedientemente, e ele começou a alojar sua bagagem dentro com aquela mesma força rápida e sem esforço que ela notara antes. Havia mais malas ali dentro que apenas as dela, e Val se perguntou se Ridgemont habitualmente mantinha sua bagagem arrumada no caso de que ele fosse chamado para fora de povoado.

Finalmente McKinnon fechou o porta-malas e se moveu para abrir a porta do passageiro da frente. Ela vacilou, seu estômago agitado, sua boca seca. *Imaginação*, ela disse a si mesma. *Entre no carro, sua idiota*.

— Srta. Chase? — McKinnon começou a surgir, seu peito uniformizado uma sólida parede negra.

Val lambeu seus lábios e olhou fixamente para seus olhos escuros. Quando ela se precaveu de que buscava uma incandescência escarlate, soltou silenciosamente injúrias contra si mesma e entrou no Lexus, impaciente com sua neurose.

Um pensamento importuno a afligiu enquanto ela se sentava na macia manteiga do banco de couro. As pessoas que eram conduzidas por motoristas normalmente não se sentavam no banco de trás?

Olhando para trás dela, ela viu que o banco de trás estava cheio. Um rasgado saco de lona azul estava sobre o assento, junto com... Aquilo era uma espada embainhada? E a coisa de metal moldada de pé sobre o assoalho parecia com um escudo.

— O Sr. Ridgemont coleciona armamento medieval?

McKinnon ainda não tinha fechado a porta. Enquanto ela observava, franzindo o cenho, ele se curvou no pavimento ao lado dela e pegou sua mão direita na dele, colocando a outra num bolso de trás. O resplendor das luzes de segurança do estacionamento lançou um brilho forte sobre os planos agudos de sua face, fazendo-a ver luz e sombra sob a aba de seu quepe de motorista.

Uma memória de dezessete anos de idade ressuscitou em sua mente.

Ele se curvou em seus joelhos no piso do quarto dela, seus olhos negros ardendo, famintos e ferozes. Ele era grande, quase tão grande quanto o alemão que



tinha atacado Mamãe, mas os ossos de sua face se sobressaíam como se ele não comesse há semanas. Suas roupas penduravam de seu corpo, e ele estremeceu tremores de tormento. Em uma voz que mal soou humana, ele falou com voz áspera “Saia. Corra antes que ele me faça te matar.”

Ele tinha presas como um lobo.

Ela sentiu uma sensação estranha caindo, como se a terra repentinamente se desprendesse sob seus pés.

— Você é o terceiro vampiro. Você é o que ele enviou para nos matar. Você estava com eles quando assassinaram meus pais.

Ele se sobressaltou e se retesou. Como levantou sua cabeça, a sombra da aba do quepe encontrou de repente seu nariz — justamente a forma que o Stetson sempre tinha.

— Cowboy, seu filho da puta! — ela dirigiu seu punho para seu nariz elegante com cada grama de sua força.

Ah, inferno.

Foi pior até do que Cade tinha esperado. Controlar seus punhos espancadores não tomou esforço de todo, é óbvio, mas então Valerie empurrou um salto alto na direção de sua virilha. Antes que ela pudesse esmagar a ponta na parte da anatomia vulnerável como nenhuma outra dos homens, Cade a tirou à força do carro. Ela berrou e chutou enquanto ele a arrastava à força para o pavimento.

— Acalme-se, Valerie! — ele gritou acima de suas maldições enquanto trabalhava para segurar seus pulsos. — Não vou machucá-la!

— Sim, bem, vou machucar *você*, seu bastardo covarde sanguessuga! — ela se contorceu como um gato enlouquecido, toda curvas e fúria e pernas longas, esbeltas. — Que diabos você estava fazendo em meus sonhos? Fazendo-se passar por meu amigo! Meu amante! Você estava me convencendo! Bem, nem se dê ao trabalho!

Quando ela deu o bote para seu lábio inferior com os dentes se trincando, ele abertamente arremessou para trás sua cabeça em tempo.



— Maldição, Valerie! — ele grunhiu, despindo suas presas, que tinham crescido quando o pé dela ameaçara seus testículos. — Pare com isso!

Ela gritou para trás uma corrente de palavrões que teriam ruborizado um escroque atravessador de drogas.

Agarrando ambos seus pulsos com um punho, Cade manteve uma mão sobre sua boca para amortecer seus gritos furiosos. Ela cravou seus dentes em sua palma e mordeu duro. Ele a afastou depressa, espantado com seu atrevimento.

— Você perdeu o juízo? O que há de errado com você?

— Que diabos você esperava? — ela cuspiu. — Você gastou os dezessete anos passados me fazendo de tola! Eu era uma criança, seu bastardo! Confiei em você!

— E eu te ajudei!

Ela riu, o som curto e desagradável.

— Se ajudou para meu traseiro!

— Nunca foi isso! — rangendo seus dentes, ele deu uma sacudida cruelmente controlada nos ombros dela. — Foi você que estendeu a mão para mim, Valerie! Você quis que eu a protegesse de seus monstros, e eu fiz isso. Logo você quis uma figura paternal, e eu fui. E mais tarde, quando você quis um amante...

— ...você me fodeu — ela grunhiu. Ela corcoveou sob ele, lutando para liberar seus pulsos do aperto dele, seu joelho se erguendo contra seu traseiro. Cade apertou suas coxas ao redor das pernas dela, enganchando seus tornozelos com seus pés para aquietar seus chutes. Maldição, certamente ela teria que ficar cansada mais cedo ou mais tarde.

Pela primeira vez em sua vida, ele foi tentado a esbofetear uma mulher, apenas para arrancá-la de seu frenesi cego. Mas quando ele olhou para o brilho cinza enlouquecido de seus olhos, Cade percebeu que ela não deixaria de atacá-lo mesmo se ele fizesse aquilo. Ela se sentia muito traída.

Com um grunhido frustrado, ele permitiu seu peso todo esmagá-la. Não havia muito que ele pudesse fazer. Ele nunca tinha levantado uma mão para uma mulher em sua vida, e certamente nunca bateria em Valerie.



Mas ele tinha que calá-la antes que alguém ouvisse seus gritos acima do bramido dos motores dos aviões das pistas de aterrissagem próximas.

O Cowboy se envolveu ao redor dela como uma jaqueta reta e viva, pesada e ardente. A princípio, Val estava muito tomada pela fúria histérica para ser consciente dele como algo mais que um alvo para seus punhos e dentes.

Mas resistir contra toda aquela força pura e peso musculoso era cansativo, e o peito maciço pressionando o dela fazia difícil respirar. Seus esforços se debilitaram até que ela sofreu um colapso sob ele, ofegando na fúria e no esforço excessivo.

— Você está em condição de falar agora? — ele grunhiu.

— O que há para dizer? — Maldição, se supunha que os vampiros eram para serem sentidos frios e mortos ao toque. O Cowboy era todo calor e força muscular. — Se você vai arrancar minha garganta, termine logo — o medo deslizou totalmente do pensamento dela, só para ser subjugado por outro arranque de fúria. Ela não podia acreditar que ele a tinha traído daquela forma.

A boca sensual do Cowboy se apertou em uma linha dura, cerrada.

— Não tive intenção de te machucar, Valerie. Inferno, estou tentando te salvar. Outra vez.

— Oh, sim, você é um grande herói, seu mentiroso filho da puta. Você disse que salvaria meus pais, e você os deixou morrer! — Maldição, ela deveria ter visto aquela chegada. No mais profundo, ela sempre soubera que o Cowboy era real, não importava o que a lógica insistisse, tal como ela sempre soubera que seus pais tinham sido assassinados por vampiros.

Mas descobrir que o Cowboy era um deles — Deus, que sofrimento.

— Eu não os “deixei” morrer, Valerie. Eu lutei por eles. Eu fui apenas muito tarde — apertando seus punhos em seus pulsos, ele ficou de pé, içando-a sem esforço algum.

Val se debateu sacudindo as pernas sob ela e ficou com o olhar fixo em sua face bela, implacável. *Não há maneira de lutar contra ele*, ela pensou, amarga e apavorada. *Ele é apenas tão malditamente forte.*



Seus pais tinham tentado lutar também. Não lhes tinha feito qualquer bem tampouco.

Seu pai gritara e lutara enquanto um homem loiro, baixo e musculoso arrastava sua cabeça para trás pelos cabelos e enterrava longas presas brancas em sua garganta. Então um homem maior prendeu Mamãe no sofá da sala de estar. Ele tinha aberto de um puxão sua camisola, e ele a machucava. Ela soluçava enquanto ele zombava de seu terror com um forte sotaque alemão antes de se inclinar para baixo para morder seu pescoço. O sangue saía a jorros em torno de seus lábios. Ele cantarolava de prazer.

Um homem magro, de cabelos escuros estava parado assistindo como um robô, sua face vazia e pálida.

O mesmo homem que a agarrava agora.

Algo frio envolveu seu braço, sacudindo Val para longe do aperto paralisante da memória. Ela olhou para baixo para ver o Cowboy fechando com um estalo um bracelete de um par de algemas no seu pulso direito.

— O que você está fazendo? Me deixe ir! — ela tentou recuar, mas ele já a tinha empurrado contra o carro e começado a forçá-la para o banco.

— Nós temos de sair daqui. Desperdiçamos muito tempo em seu estado atual — ele soltou seu pulso não preso para enfiar o outro bracelete através da maçaneta da porta, então agarrou sua mão livre outra vez. Ela armou seu punho e apontou para aquele nariz bonito.

O vampiro arremessou sua cabeça para cima, encontrando os olhos dela com seus lábios estirados para trás de suas presas brancas.

— Não temos tempo para isto. Se você quer ser algo além de um brinquedo sexual de Edward Ridgemont, pare de me enfrentar.

A surpresa penetrou sua fúria.

— Ridgemont? O que ele tem a ver com isso?

— Quem você acha que matou seu pai, Valerie?

O líder jogou seu pai de lado com um repentino golpe brutal. "Bem, se não é a pequena Valerie Chase." Seu sotaque era agudo e inglês.

Ridgemont tinha um sotaque inglês.



— Isso mesmo — o vampiro disse, fechando a algema com um estalo.
— Ele fez você ser despedida de seu trabalho no jornal e te ofereceu dinheiro como um chamariz, assim ele poderia te trazer para Nova Iorque. Agora que você está aqui, ele tem a intenção de te violentar, te Transformar em vampira, e te violentar um pouco mais — ele disparou para ela um olhar brilhante. — Um destino do qual eu a salvarei — se você puder resistir ao desejo de estragar nossa fuga!

— Muito tarde — grunhiu uma profunda voz alemã.

O Cowboy girou. Algo perturbou a visão da noite para ele. Ele sumiu como uma folha em um ciclone.

O metal se triturou e o vidro se estilhaçou. Val cambaleou na direção do som e o viu rolar atravessando a capota de um carro estacionado na fila oposta de espaços.

Mãos brutais se fecharam sobre as dela. Com um arquejo, ela moveu sua cabeça em torno de si. Um homem se curvou aos pés dela, ambos seus pulsos algemados em seu aperto. O loiro e GQ bonito, sua face era tão elegante como se alguém a tivesse esboçado com um pincel, mas seu corpo era da safra de Conan, o Bárbaro.

— *Olá, Fraulein* — ele usava uma jaqueta de couro e calças jeans azul profundo que pareciam justas e novas. Quando ele falou, ela vislumbrou presas em sua boca. — Você cresceu para se tornar uma beleza. Eu espero que Ridgemont compartilhe...

Olhando fixamente para o sorriso frio do vampiro, Val o reconheceu. Tinham se passado dezessete anos, mas ele não tinha envelhecido nada. As mãos cruéis ao redor de seus pulsos eram as mesmas que tinham mantido sua mãe presa enquanto ele a violava.

Isto não pode está acontecendo, uma voz pequena gemeu em alguma parte de sua mente. Nada disso. É impossível. Não há tais coisas como vampiros...

Mas havia. Vovó estivera errada. Eles todos estiveram errados.

Uma dor cruel repentina em seus pulsos arrancou Val de seu choque. Ela olhou para baixo. O alemão estava puxando seus pulsos em direções contrárias, tentando romper as algemas.



Não!

Vampiros ou não, reais ou não, ela não ia deixá-los levá-la. Nenhum deles.

Sua paralisia se quebrou. Val tomou uma inspiração e gritou com todo o ar em seus pulmões enquanto ela tentava se jogar de volta para o carro. As algemas a sacudiram como um obstáculo, rasgando dor através de seus músculos.

Seu pânico deu passagem à fúria outra vez, purificando e dando às boas-vindas. *Deus os amaldiçoe, não vou deixá-los fazer isto comigo! Não vou deixá-los me matar, também!* Val lançou para cima ambas as pernas e chutou seu captor grosseiramente na face.

— Vamos!

— Vadia! — o vampiro rugiu, soltando seus pulsos para lançar a um lado seus pés frenéticos. Ele se levantou, lançando para trás um grande punho grande enquanto sangue serpenteava de seu nariz.

Uma mão apertou a gola de couro da jaqueta do alemão e o arrebatou de seus pés como se ele não pesasse mais que uma criança.

— Essa é uma mulher a quem você não vai espancar — o Cowboy rosnou. Com uma torção de seu tronco poderoso, ele lançou o alemão para o céu para navegar nove metros no ar, então o assistiu cair como um saco de cimento.

O impacto brutal deveria ter quebrado ossos, mas o vampiro loiro saltou para seus pés, uma mão passando limpando o sangue de seu nariz. Com a outra, ele tirou uma faca enorme embainhada na parte estreita de suas costas. Sua lâmina curva era ao menos tão longa quanto seu braço.

— É isso, McKinnon, eu vou arrancar seu coração — seus olhos azuis frios brilharam intensamente enquanto ele se aproximava suavemente do sequestrador dela. — E então vou fodê-la enquanto me alimento.

— Oh, vamos, Gerhard — o Cowboy tirou a gêmea da espada de sob sua própria jaqueta. — A única coisa que você vai fazer é sangrar, e você sabe.



O coração de Val galopou em sua garganta. O loiro era oito centímetros mais alto e pesava uns bons vinte e dois quilos mais que ele. Como seu insuficientemente musculoso Cowboy julgava derrotar aquele monstro musculoso?

E se ele perdesse, ela estava morta.



Capítulo Cinco

Val empurrou a porta do carro e saiu. As algemas presas à maçaneta não a deixariam se endireitar, mas ela mal percebeu, muito ocupada assistindo os vampiros lutarem com seu coração apertando sua garganta.

As enormes facas colidiam estrondosamente ao mesmo tempo que o anel de aço. Saltando, fintando, os vampiros circulavam em uma dança de músculos, fluidos como lobos.

E justo como não humanos.

Logo Hirsch atingiu a cabeça de seu adversário. Val se sobressaltou. O Cowboy lançou o comprimento da lâmina só para serpentear para trás dentro da guarda do alemão. Quando ele saiu com ímpeto fora outra vez, a frente da jaqueta de Hirsch pendurava em caras tiras de couro. Valerie exalou de alívio.

E instantaneamente se sentiu como uma tola. *Idiota*, ela disse a si mesma. *Ele a traiu. Serviria bem para ele obter a destruição.*

— Ridgemont te enviou atrás de mim sozinho? — o Cowboy deu a Hirsch um grande sorriso zombeteiro. — Ou ele está ficando senil, ou quis que você perdesse.

O alemão cuspiu algo vil e avançou.

O Cowboy deslizou para um lado como um toureiro. Sua faca se moveu rapidamente para fora. Hirsch saltou para trás. Uma linha fina escarlate marcou sua garganta, mas ele salvou sua jugular. Val maldisse seus reflexos.

Ele é o assassino de minha mãe, ela disse a si mesma. *Claro que quero sua morte.* O fato de que ele tivera a intenção de matar o Cowboy não tinha nada que ver com isso.

— Por que não trouxe uma espingarda, Gerhard? — o olhar fixo de seu amante de sonho estava tão fixo e feroz como um tigre caçador. — Você teria melhor sorte.



— Ele não me deixaria, ou você estaria morto agora. Mas então, ele sempre foi suave em relação a você — a boca de Hirsch se torcia em um sorriso zombeteiro. — Ou eu diria, duro *com* você. Você deve ser um “chupador” muito talentoso¹⁰.

— Melhor não deixar que Ridgemont te ouça dizer isso — o sorriso aberto do Cowboy não tinha absolutamente nenhum humor. — Ele te estriparia — outra vez. Além disso, se alguém está ficando de joelhos, é você. Não sou eu que ainda permanece escravo.

Dessa vez a faca mordaz de Hirsch deixou uma linha de sangue em sua face magra.

Por favor, Deus, deixe o Cowboy ganhar!

Ela afastou o pensamento. Por que diabos ela estava ainda de pé ali esperando para ver quem a ganharia? Ali devia haver algo que ela pudesse fazer para se salvar.

Levantando-se sobre os dedos dos pés, Val olhou com atenção ao redor do estacionamento, procurando por faróis, um policial, um Bom Samaritano. Alguém. Mas ela não viu nada mais que filas de carros vislumbrando imprecisamente no brilho âmbar das luzes de segurança.

— Socorro! — ela gritou, rezando para alguém a ouvisse de qualquer maneira. — Alguém me ajude!

Um avião zuniu acima, abafando-a. Lutando contra um soluço, Val ergueu sua voz, tentando fazer com que a ouvissem acima das ondas sonoras.

— Alguém, por favor, me ajude! Maldição...

O alemão a percorreu com o olhar e grunhiu:

— Cale-se, sua estúpida cadelinha. Se você trazer a polícia sobre nós, eu te açoitarei sangrentamente e depois arrancarei sua... — ele se deteve para arquejar em um ofego angustiado.

¹⁰ No original está cocksucker. Poderia ser homossexual masculino, mas acho que o sentido seria “que pratica felação”, ou seja, sexo oral. Por isso coloquei “chupador”, entre aspas.



Val se voltou cambaleando. O Cowboy estava cara a cara com Hirsch, uma mão em torno do cabo da faca de seu adversário. Ela não podia ver o que ele estava fazendo com o outro.

— Seu problema, Gerhard, é que você nunca sabe quando se calar.

O Cowboy o soltou com um tranco. O alemão cambaleou para trás e tropeçou contra a porta aberta do Lexus. Balançou-se para dentro para imobilizar Val.

Enquanto Hirsch tombava para trás, ela viu o punho negro de uma faca de caça se projetando de sua barriga. Quando ele atingiu o chão, curvou-se em um nó que gemia de agonia.

Botas soaram no concreto. Val jogou sua cabeça para cima. O Cowboy circundou o carro para o lado do condutor, abriu a porta de trás e se estendeu para dentro. Quando ele se endireitou, trazia uma longa espada embainhada em suas mãos.

Ele encontrou seu fixo olhar horrorizado com um olhar frio, indiferente. Desembainhando a espada, ele lançou a bainha no banco de trás.

— A coisa da estaca é um mito.

Engolindo em seco, Val olhou para Hirsch, percebendo, doente, que o Cowboy estava para executá-lo.

— Você banca o herói com tal talento, McKinnon — do pavimento, o alemão disse com desprezo, sangue serpenteando de seus lábios pálidos. Lançou a ela um olhar fervendo de malícia. — Não imagine que você esteja a salvo, garota. Ele se fará passar por seu cavaleiro de armadura brilhante, mas a violentará tal rápido como eu o faria.

— Eu não violento, Gerhard — ele bateu a porta do carro. — Essa é sua perversão.

— Você a violentará — Hirsch rolou e agarrou a faca, arrancando-a com força de sua barriga. Ofegando, ele pulou para seus pés enquanto o Cowboy se aproximava, espada erguida e pronta. Mantendo a faca de caça em um punho trêmulo, ensanguentado, o alemão recuou. — Você necessita



do poder que tomará dela se você quer matar Ridgemont. E você quer matar Ridgemont ainda mais do que você quer ser um herói.

— Não tanto assim — olhos escuros o estudaram, mortais e atentos. — Não dessa forma.

— Ah — o sorriso de Hirsch se torceu. — Você pensa bancar o Príncipe Encantado, fazendo a corte à bela donzela — seus olhos piscaram para o rosto de Val. — Você vai deixá-lo seduzi-la, *Fraulein*? Eu não o faria, se fosse você. Não, a menos que você queira gastar o próximo século na extremidade de sua corrente, chupando seu pau.

Val engoliu em seco enquanto sua mente fornecia a imagem com uma espiral de calor vergonhosa.

— Vamos fazer isto com alguma dignidade, ou você vai me fazer te perseguir e matar como um porco? — belo e sem remorsos, o Cowboy levantou a espada, parecendo mais com um arcanjo Renascentista que um vampiro.

E absolutamente nada com o nobre Texas Ranger de seus sonhos.

— É você que morrerá gritando agudamente — Hirsch cuspiu. — Ridgemont o estripará e beberá o sangue dela enquanto a fode. A menos que você o faça primeiro. Pergunto-me se ela é tão saborosa como sua mãe foi?

— Você nunca saberá — ele empunhou a brutal lâmina horizontal que tiraria a cabeça do alemão. Val afastou o olhar.

— Polícia! Abaixе isso!

O Cowboy girou. Então olhou para Val, um aberto sorriso se estendeu pelo rosto dela quando viu o carro patrulha que rodava despercebido no meio da luta. Um policial da Autoridade do Porto de Nova Iorque saltou para fora para apontar sua pistola para sua cabeça. Os olhos frios do oficial se estreitaram.

— Eu disse para abaixar a arma, senhor!

— Que arma? — o olhar fixo do Cowboy se fechou sobre ele. — Não tenho arma alguma.

O policial pestanejou duramente.



O som de passos hesitantes tirou a atenção de Val ainda a tempo de ver Hirsch cambaleando na noite.

— Maldição! — o Cowboy meio que se voltou para seu inimigo fugitivo.

— Jogue a espada, senhor! — foi um grito agora. — Vou atirar!

A boca generosa do vampiro se torceu em um rosnar frustrado.

— *Eu disse que não tenho uma arma.*

O oficial pestanejou duramente, logo olhou a pistola que ele ainda mantinha apontada. Engolindo em seco, ele a endireitou apressadamente e a embainhou.

— Sinto muito. Eu... Eu não...

— Nenhuma arma? — Val ficou boquiaberta. Que diabos o Cowboy estava fazendo com ele? — Você está louco? Há uma espada de um metro em sua mão! Prenda-o!

— Você não deveria transmitir pelo rádio que estava equivocado? — o Cowboy a interrompeu suavemente. — Você não quer ter cara de idiota.

— Não. Não, eu não quero — ele alcançou o rádio portátil levando ao seu ombro.

— Espere um momento! Esse homem está me sequestrando! — Val fez uma tentativa infrutífera de erguer suas mãos algemadas até sua visão. — Olhe! Ele me prendeu à porta!

O policial se deteve e cravou os olhos nela, seus olhos confusos.

— O quê?

— Ela está bêbada, oficial — o Cowboy disse naquela voz profunda que ele usara para acalmá-la tantas vezes. — Tomarei conta dela. Você é necessário em outro lugar.

O homem olhou para ele, seu olhar fixo se desanuviando.

— Sim. Eu sou.

— Não!



Mas o policial já entrara em seu carro. Enquanto Val observava com horrorizada incredulidade, ele bateu a porta e se afastou.

— Não, por favor — ela murmurou, observando as luzes vermelhas traseiras do carro patrulha retrocederem. — Não me deixe aqui com ele! — mas as luzes continuaram indo, diminuindo lentamente na escuridão. Deixando-a sozinha com o vampiro.

Mordendo seu lábio inferior, Val o olhou, lutando para não chorar.

— O que você fez com ele?

— O que eu tive de fazer — o Cowboy olhou fixamente pelo estacionamento, procurando por Hirsch. — Maldito inferno, Gerhard escapou.

— Ele não irá longe — ela disse entorpecidamente. — Não com aquela ferida no intestino.

Ele bufou.

— O bastardo estará curado pela manhã.

Val ouviu o anel de suas botas no pavimento e se encolheu para trás contra o carro enquanto ele caminhava novamente e puxava a porta longe do corpo dela. De olhos muito abertos, ela olhou fixamente para seu rosto totalmente bonito enquanto ele inclinava a cabeça para o interior do Lexus.

— Entre.

Seu coração batia tão rápido que doía. Ela inspirou, dispondo-se a gritar pulmões a fora.

— Se poupe, Valerie — seus olhos escuros se estreitaram, sua boca puxando em uma linha sombria, fria. — Primeiro, eu não vou deixar que ninguém te leve para longe de mim, e segundo, se você me incomodar demais, coloquei um rolo de fita adesiva no porta-malas e não tenho absolutamente nenhum escrúpulo a respeito de te amordaçar com ela. Terceiro, estou de muito mau humor, e você não quer me testar.

Ela se endireitou. Condenada seria ela se acovardasse.

— Sempre soube que você era um cavalheiro — ela disse com acidez açucarada.



Para sua satisfação, um rubor se ergueu nas maçãs do rosto altas do Cowboy. Ele se curvou até que estava perto o suficiente para beijar. Ela se encontrou enfocando a atenção na linha sensual de sua boca como um camundongo cravando os olhos em um gato.

— De fato, sou um cavaleiro. Não vou matá-la, e não vou violentá-la. Essas são duas garantias que você não obterá de Edward Ridgemont. Entre no carro.

Uma linha de suor surgiu sobre seu lábio superior com a ameaça de veludo em seus olhos. Sua rebeldia desmoronou. Ela se afundou no assento e mecanicamente puxou suas pernas para dentro. Ele fechou a porta.

Enquanto ele andava em torno do Lexus para o lado do condutor, Valerie lutou para recuperar sua coragem furiosa. Quando ele abriu a porta, ela a tinha controlado.

— Você espera que eu acredite que estou segura com você?

— Você deveria — ele tirou suas luvas de couro e as lançou no banco de trás. Quando ela deu uma olhada nelas através da luz do teto, viu que elas brilhavam molhadas e vermelhas com o sangue de Hirsch. — Não sou algum vampiro de filme que drena as pessoas como um garoto de faculdade toma uma Budweiser¹¹ — deslizando para trás do volante, ele fechou a porta e ligou o carro. — Não mato — ao menos, não dessa forma.

— Você quase me matou — ela cuspiu. — E eu tinha doze anos de idade. Por que deveria acreditar que estou mais segura agora?

— Ridgemont tinha gastado duas semanas me matando de fome — o Cowboy moveu o carro para trás e torceu seu poderoso torso enquanto ele olhava sobre seu ombro para o espaço atrás. Ela encolheu um pouco mais na porta. — Eu estava... — algo frio cintilou em seus olhos. — Louco. Sob condições normais, os vampiros necessitam não mais que meio litro mais ou menos de sangue por dia — ele freou o carro e fez uma pausa, olhando fixamente pelo para-brisa. — Mas se eu tivesse perdido o controle naquela noite... Sim, então eu a teria matado — o olhar que ele voltou para ela era firme, intenso com necessidade de que ela acreditasse. — Mas não perdi o

¹¹ Marca de cerveja.



controle. A Fome era pior que nunca tinha sido em minha vida, e Ridgemont plantara uma compulsão para te matar. Mas não fiz isso. Não te machuquei então, e não a machucarei agora. Tudo o que quero é protegê-la desse bastardo.

Para um longo tempo suspenso, ela olhou fixamente em seus olhos. Ela tinha a sensação mais estranha — como se estivesse caindo. Como se ela pudesse... tocar sua mente. *Impossível*. E ainda assim... Ela sentiu uma parte de si mesma se aliviar. Relaxar.

Confiar.

Não!

Val arrancou seu olhar fixo daquele rosto tão lindo, tão familiar. Ele a traíra antes, e ele a estava traindo agora.

— Não acredito em você — ela grunhiu. — Você passou dezessete anos mentindo para mim, Cowboy. Fazendo-se passar por algo que você não é — humano.

Ele apertou sua mandíbula, arrancou com o carro com uma marcha com um gesto violento e percorreu o estacionamento. — Eu sou humano. Apenas não sou mortal.

— Você é um vampiro — ela grunhiu. — Um morto-vivo.

— Ora, vamos! — seus olhos arderam para ela, impacientes, exigindo que ela acreditasse. — Pare de pensar como um camponês medieval. Estou vivo. Não passo a noite em um ataúde. Não tenho medo de cruzes ou alho, e tenho reflexo. Tenho uma alma. Não me converto em morcegos ou lobos ou névoa...

— E você pode fazer os policiais pensarem que você está desarmado enquanto você mantinha uma espada de um metro em sua mão. Pare de tentar me enganar, Cowboy.

— Meu nome é Cade McKinnon — ele grunhiu.

— *Mas você nunca me contou isso*. Nem sequer uma vez em dezessete anos! De fato, você disse por anos que não era mais que um sonho!



— Porque eu nunca pretendi que você descobrisse algo diferente! Quis te manter afastada de tudo isto. Tão longe de Ridgemont e Hirsch como eu pudesse.

— O que te importa? — ela exigiu, furiosa. — Por que você veio para dentro de meus sonhos, Cow... McKinnon?

— Você estendeu a mão *para mim*, Valerie. Você era uma criança e estava aterrorizada. Matei seus vampiros de sonho para você, assim você podia se sentir segura — ele olhou fixa e duramente pelo para-brisa. A iluminação extrema das luzes de segurança passageiras lançavam bandos móveis de luz e sombra através dos planos de sua face intensamente masculina. — Temi o que trauma estava fazendo com você. Temi que ele te vencesse. Voltando ao passado, deveria ter sabido que você era mais forte que aquilo.

Val curvou seus lábios com incredulidade.

— *Eu* me estendi para *você*?

Mas quando ele começou a responder, ela deu uma olhada pelo para-brisa. Seu coração saltou de esperança.

Bem em frente, um auxiliar de estacionamento olhou por sua cabine. Careca, enfadonho e de queixo duplo, ele se sentava como uma massa informe em seu tamborete. Val pensou que ela nunca tinha visto ninguém mais encantador em sua vida.

Ele veria as algemas! Se ela apenas pudesse chamar sua atenção, então ele chamaria a polícia. Poderia não servir de nada, mas, de todas as formas, dessa vez ela poderia ter sorte.

Ela se esticou, esperando que McKinnon não se desse conta do perigo e fizesse algo para esconder as algemas. Em vez disso, ele chegou serenamente com o carro na cabine, baixou a janela e estendeu seu bilhete. O auxiliar o pegou e o devolveu para sua caixa registradora.

O coração disparando, Val estendeu seus pulsos separando-os em cada lado do braço do banco, tentando deixar as algemas mais notáveis. Ela não se atreveu a chamar a atenção do homem diretamente. Se McKinnon se desse conta do que ela tentava fazer, então ele usaria não importa que magia que ele tinha no policial para fazê-lo ignorar o que estava



acontecendo. Mas se o auxiliar percebesse as algemas sem entregá-la embora...

Quando o homem se voltou para dar a McKinnon seu troco, seus olhos deslizaram para os pulsos oferecidos de Val e se arregalaram. Seu queixo caiu enquanto seu olhar fixo dardejou de volta para a face do vampiro.

— Ela gosta de sexo excêntrico — McKinnon disse, sem uma mudança de expressão.

— Oh — o auxiliar mergulhou de volta ao tédio. — Tenha uma bela noite.

O braço da cabine deslizou para acima, e o vampiro conduziu o carro para fora na noite.

— Entre outras coisas, sou um telepata — ele disse a ela, seu tom trivial. — As pessoas acreditam naquilo que as faço acreditar.

Val cravou os olhos nele. Bem, estava explicado o policial.

Ele faria a mesma coisa com ela? Ele lhe voltaria aqueles olhos escuros, hipnóticos e murmuraria “Se dispa para mim”?

Foi muito fácil imaginar o obedecendo como uma sonâmbula, tirando cada peça até que seu corpo estivesse nu e vulnerável sob aquele fixo olhar escuro, faminto. Calor se ergueu nas maçãs do rosto de Val enquanto ela recordava a forma como o vampiro a tinha mantido sob ele durante sua luta, seu peso musculoso cobrindo-a tão completamente. Aquelas mãos grandes acariciariam e provocariam, ou ele apenas ordenaria que ela estendesse suas coxas?

E então havia todos aqueles sonhos, quando o Cowboy fazia amor com ela com tal calor e força e sensualidade, pecaminosamente hábil, impossivelmente sedutor.

Sua mandíbula trabalhou como se ele se alimentasse, simultaneamente lançando-se para frente em arremessos tão longas e profundos que seu grande membro quase escorregava para fora com cada empurrão potente...

Ela lambeu seus lábios e deixou escapar:

— Você vai usar seus poderes em mim, também?



O vampiro olhou para ela. O que quer que ele tenha visto o fez inspirar agudamente como um lobo captando uma essência. Algo conhecedor e divertido passou em seus olhos, ela se perguntou com horror se ele de certa forma tinha visto as imagens eróticas em sua mente. Sua boca se armou num meio-sorriso.

— Por quê? Você gostaria que eu fizesse?

— O quê? Não! — ela se encolheu de volta em seu banco.

Cade soube por sua expressão aflita que ela estava com medo de que ele de alguma maneira tivesse lido seus pensamentos. Ele não lera, é claro — como ela era Kith, ele não podia, ao menos não enquanto ela estava acordada. Mas ele ainda podia usar seu sentido de olfato sobrenatural, e tinha havido mais que um indício de excitação em sua essência agora.

Por um momento ele se deixou imaginar o que seria parecido a realmente tocá-la, saboreá-la, bem como ele tinha feito em todos aqueles sonhos deliciosos...

Não, Cade disse a si mesmo firmemente. *Nem agora, nem nunca*. Ela era proibida. Além disso, tinham que pôr várias centenas de quilômetros entre eles e Ridgemont. Não havia tempo para uma sedução.

Infelizmente, seu membro não se preocupava com lógica. A imagem de Valerie se propagou, e nua sob ele enviou calor fervendo por suas veias. Ele praguejou silenciosamente. Tudo o que a situação precisava para realmente ir para o inferno era que ela desse uma olhada de relance para a rocha dura da protuberância que crescia sob seu zíper.

A essência do sangue de Hirsch não ajudou. Salpicara a parte da frente de seu uniforme, e ele ainda podia sentir o cheiro nas luvas. Com esse aroma escuro, tentador enchendo sua cabeça, foi muito fácil imaginar colocar lentamente os dentes na garganta deliciosa de Valerie enquanto ele a montava duro.

Ele tinha que se livrar das roupas encharcadas de sangue antes que fizesse algo que lamentasse. Percebendo um balde de lixo na esquina, Cade se aproximou. Valerie se enrijeceu prevenidamente quando ele saiu.

— O que você está fazendo? — ela exigiu. — Por que estamos parando?



— Preciso me livrar desta maldita túnica — ele disse enquanto começava a desabotoá-la. — Hirsch sangrou por ela inteira, e o aroma me deixa louco.

Val assistiu de olhos arregalados enquanto ele tirava a jaqueta. Sob ela, ele trazia uma camiseta branca que marcava cada monte, plano e depressão de seu peito impressionante. Ele abriu a porta de trás do Lexus e pegou as luvas, logo as embolou dentro da jaqueta. Caminhando a grandes passos para a lixeira, ele se curvou para socar o fardo ensanguentado tão profundo quanto podia. As calças negras justas se esticaram agradavelmente pelo seu traseiro musculoso, e as botas de montaria brilharam à luz do poste. Algo quente e feminino cresceu dentro dela. Ela rangeu seus dentes e se opôs à reação. *Ele é um vampiro, sua idiota. E ele esteve mentindo para você por dezessete anos.*

McKinnon retornou ao carro e entrou.

— Respondendo à sua pergunta, não, não posso influenciar sua mente da forma como posso com outros mortais — disse a ela, voltando à discussão outra vez enquanto ligava a ignição. — Se pudesse, não teríamos tido aquela pequena competição de luta lá atrás. E você não estaria nesse fluxo de confusão.

Ela o estudou prevenidamente.

— Não entendo.

Por um momento ele guardou silêncio, costurando o carro pelo tráfego da madrugada do aeroporto.

— O fato de que eu não possa influenciar seus pensamentos significa que você é Kith.

Val franziu o cenho.

— Beijo¹²?

— Kith. Como em “Kith e Kin”. Para os vampiros.

— Sobre que diabos você está falando?

— Você tem habilidades psíquicas. E isso te faz uma Kith.

¹² Trocadilho intraduzível, no original está Kiss, cuja pronúncia lembra Kith.



Que tipo de jogo ele estava jogando agora?

— Isso é um absurdo, McKinnon. Nunca li a mente de ninguém em minha vida.

— Sim, você leu. E sei malditamente bem que você lembra — ele fez uma pausa para guiar o Lexus ao redor de um táxi encalhado. — Lembre-se daquela noite quando você era uma criança. Eu estava de joelhos, tentando não te matar. Você olhou dentro de meus olhos...

E sentiu a sensação repugnante de cair na loucura, de dor rasgada, de uma Fome mais forte que nada que ela já tinha conhecido. Uma Fome que apenas sangue poderia satisfazer.

Ela arrancou seu olhar fixo do dele.

— Imaginei aquilo — sua voz tremia.

— Não. Você não imaginou.

Val olhou para baixo, para suas mãos envolvidas nas algemas e fechadas em punhos.

— Por que você fez isso comigo?

— Não fiz. Você fez. Você se estendeu para minha mente. Ainda não sei como. Mesmo um mortal Kith não deveria poder tocar a mente de um vampiro — nossos escudos mentais são muito fortes. Mas você fez de algum jeito — o vampiro deu de ombros. — O mais próximo que posso imaginar, ambos estávamos tão desesperados que nossas mentes... se fundiram.

Val quis desmenti-lo. Mas então ela se lembrou...

— Você teve relações sexuais com uma mulher esta noite? Mechas cinzas em seus cabelos? No final dos quarenta, início dos cinquenta?

McKinnon disparou para ela um olhar alarmado. Foi toda a resposta que ela precisou.

— Inferno — ela deixou cair sua cabeça contra a janela.

— Você viu isso?

— Sonhei — Val refreou uma risada. Ele soava mortificado. — Por que nunca percebi isto antes? Não leio mentes. E teria sabido, porque minto



para ganhar a vida — metade das pessoas que ela entrevistara para o jornal parecia ver a verdade como algo a se controlar como lixo atômico.

— A maioria dos Kith nunca percebe que tem habilidades psíquicas — McKinnon disse. Olhando-o de relance, ela se divertiu ao notar que ele ainda estava com uma expressão de desconforto profundo. — Pensamos que é porque desenvolvem escudos mentais quando crianças para se protegerem dos pensamentos daqueles ao seu redor. Nem mesmo os vampiros podem tocar a mente dos Kith — ele fez uma pausa. — Quando fiz amor com essa mulher, era porque precisei me alimentar. Eu tive um combate com Ridgemont e Hirsch, e eu...

Ela se inclinou para ele com um olhar divertido.

— Soa como um homem tentando se explicar para sua namorada, McKinnon. Eu não me importo com quem você dorme — mas, enquanto disse as palavras, Val sentiu uma pontada de dor que a fez franzir o cenho.

Ela estava de fato com ciúmes de um vampiro?

— Cuidado, seu filho da puta estúpido! — Hirsch refreou um grito enquanto Bobby Mason o ajudava a entrar de volta na limusine. Ele teria castigado o mortal por seu descuido, mas não se atrevia a desviar sua atenção da ferida aberta em seu intestino. Tomava todo o poder que ele tinha se abster de sangrar até a inconsciência. Convocar Mason telepaticamente quase o tinha acabado.

McKinnon era tão bom com uma faca quanto com o redskins que ele usava para lutar.

Mason resmungou uma desculpa e o ajudou a se deitar no banco de trás. Hirsch sibilou e amaldiçoou igualmente o motorista, Ridgemont e McKinnon com cada labareda de dor espetacular.

— Eu disse ao Velho — ele grunhiu enquanto Mason erguia suas pernas sobre o banco. — Eu lhe disse que o bastardo americano estava tramando contra nós. Qualquer tolo poderia ver. Mas não, Ridgemont não acreditou em mim. E olhe onde isso nos trouxe. Primeiro McKinnon quase



nos explodiu, e agora... — ele apertou seus dentes quando uma respiração descuidada enviou agonia ardendo através dele — ...e agora ele me estripou.

— Talvez se você não falasse...

— Cale-se e dirija! — ofegando, Hirsch se apaziguou por um momento, uma mão apertando duramente contra sua ferida vazante enquanto Mason se apressava para o lado do motorista. — Ridgemont sempre favoreceu ao americano. A estupidez de me mandar contra ele armado apenas com essa porcaria de estripar porco! Ele quis que eu perdesse? E agora McKinnon Transformará a pequena vadia Chase...

Que significava que, na próxima vez que eles lutassem, Hirsch seria um homem morto.

Ele rangeu seus dentes ao mesmo tempo em que pensava na vingança do americano enquanto Mason ligava a limusine com um rugido rápido. O carro guinou mais à frente. Hirsch reprimiu um grasnido.

— Cuidado, seu maldito!

— Sinto muito, Sr. Hirsch.

— Não, você não sente — o vampiro grunhiu. — Mas sentirá.

Os ombros largos de Mason se curvaram.

Ofegando, Hirsch focou sua atenção em seu corpo abatido. Ele sabia que necessitaria da ajuda de Ridgemont para reparar a ferida o suficiente para arriscar o sono curativo, ou lhe levaria longos dias para se recuperar.

Maldito americano.

McKinnon tinha sido sua ruína desde antes de Hirsch se converter em um vampiro, voltando aos seus dias como um major da Gestapo na França Ocupada. Ainda enquanto Hirsch caçava membros da resistência francesa, McKinnon os tinha ajudado. Usando seus poderes de vampiro, o americano tinha sido um grande espinho para o lado do Reich, matando soldados alemães, interrompendo as comunicações, destruindo equipamento.

Um pequeno hobby de Ridgemont encorajado em nome de manter a esperteza aguda de McKinnon.



Finalmente Hirsch recebeu uma informação secreta de que o misterioso super-homem da Resistência trabalhava para um inglês. Não foi difícil rastreá-lo a partir dali. Levando a uma brigada de soldados alemães, Gerhard se dirigiu para o castelo de Ridgemont no país para prender ambos os estrangeiros como espiões.

Ele apenas seguia seu caminho atrás dos empregados quando olhou para cima para ver Ridgemont de pé sobre as escadas, um agudo, terrível sorriso em seu rosto.

— Bem agora — o Velho havia dito. — Você não seria uma adição interessante para a família? Um pouco de rivalidade entre irmãos faria a McKinnon um imenso bem...

Quando Hirsch despertou dias mais tarde, seu pelotão estava morto, e ele mesmo era um vampiro — e escravo de Ridgemont.

E um escravo que ele manteve pelos 60 anos seguintes. Ele — um filho da Raça Superior! Era irritante.

Se ele apenas pudesse colocar suas mãos naquela pequena cadela Kith, Hirsch pensou através de uma névoa de dor. Ele a Transformaria e usaria o poder que ela lhe traria para arrancar as vísceras de McKinnon. Então ele iria atrás de Ridgemont.

E ele seria livre enfim — com a garota como *sua* escrava.

— Esta coisa de Kith — Val perguntou. — Kith e Kin¹³ para os vampiros? Que diabos significa isso? — ela franziu o cenho quando um pensamento desagradável ocorreu. — Minhas presas não começarão a crescer, sim?

Cade deu a ela um sorriso sombrio.

— Não sem ajuda.

— Um tipo de ajuda que eu não preciso.

¹³ Parentes e amigos, em inglês.



— Não — ele focou sua atenção no tráfego outra vez. — Mas você está basicamente certa. Você tem o potencial para se converter em um vampiro.

O pensamento enviou um tremor de repulsa através dela. Beber sangue, ver outras pessoas como presas...

Val mandou para longe a reação. Aquele não era o momento para emoção cega. Ela precisava entender o que estava acontecendo, se ela queria encontrar uma saída daquela confusão. *Finja que isto é simplesmente outra entrevista.*

— Concluo que a maioria das pessoas não podem se Transformar, então.

— Não.

— Então — o quê? A coisa de “três mordidas e você é um vampiro” é um mito?

— Basicamente. Ninguém tem certeza, é claro, mas suspeito que o vampirismo seja de fato uma infecção. Um vírus, talvez. Definitivamente muda o corpo — te faz mais rápido, mais forte, mais duro de matar. Algum tipo da mudança celular deve acontecer.

Ela o olhou suspeitosamente.

— Os vírus não atuam assim, McKinnon. Sequestram suas células para fazer mais deles mesmos, não te torna um Superman com presas.

— Pode ser que não, mas você sem dúvida como o fogo do inferno fica doente quando se Transforma. Os Kith são os únicos que ainda têm uma oportunidade de sobreviver ao processo — ele mata todos os outros. E como a Transformação começa com uma troca de sangue, isso soa como um contágio.

— Ou algum tipo de simbiose.

— Pode ser. Eu sou apenas um ignorante provinciano do século dezenove, então o que sei?

Interessada apesar de tudo, ela estudou seu perfil limpo à luz de néon azul de um bar por qual passaram.



— Você disse “século dezenove”? Que idade você tem, de qualquer maneira?

Ele deu de ombros.

— Não estive exatamente seguindo o resto dos aniversários, mas nasci em 1846. Suponho que me faria ter...

— Cento e cinquenta e sete anos. Você parece estar em torno dos trinta.

— Tinha trinta e sete anos de idade quando Ridgemont me Transformou. Parei de envelhecer então — ele fez uma careta. — Ao menos o que se vê.

— Você foi realmente um Texas Ranger? — seus olhos se estreitaram enquanto ela recordava todas as outras coisas que ele havia dito a ela. — Ou você mentiu a respeito disso, também?

Ele a inundou em um fixo olhar gelado.

— Sem dúvida você quer realmente me irritar, isso é mau — considerando que você está presa à porta?

O primeiro instinto de Val foi recuar, mas então ela torceu um lábio e enrijeceu sua coluna vertebral. Ela estaria condenada se se rebaixaria ante alguém, vampiro ou não.

— O que você vai fazer? Me morder?

— Não me tente.

Um calafrio girou sobre ela com o calor e fome nos olhos dele. Talvez fosse hora de deixar de confiar muito em sua sorte.



Capítulo Seis

Lentamente, amaldiçoando cada passo, Hirsch coxeou pela mansão, um braço disposto sobre o ombro de Mason.

Na sala de jantar formal, Gerhard, a voz mental de Ridgemont retumbou com um poder psíquico que ele podia sentir até a base de seu crânio. Estou jantando.

Hirsch rangeu furiosamente seus dentes contra a dor enquanto o motorista o ajudava a atravessar os vestibulos intermináveis da mansão até seu mestre à espera.

Encontraram Ridgemont ocioso em meio ao brilho da madeira escura e da prata polida, um punhal em sua mão e uma tigela de fatias de limão ao seu cotovelo. Sobre a mesa ante ele descansava uma enorme bandeja de prata. Uma mulher nua se ajoelhava em seu centro em um tapete de rosas. Seus cabelos compridos, castanho-avermelhados eram exatamente do mesmo tom dos de Valerie.

Uma corda longa amarrava a garota em um pacote apertado, utilizável, dando voltas ao redor de suas costas e seus joelhos de forma que ela estava dobrada em dois, os braços amarrados em suas laterais. Olhando mais de perto, Hirsch viu os espinhos dos caules das rosas fincados em suas canelas sangrentas e nas partes superiores dos pés. Três cortes finos marcavam as concavidades apertadas de seu traseiro; Ridgemont tinha apenas começado sua refeição.

O aroma de sangue atingiu a garganta de Hirsch, e sua boca começou a se encher de água enquanto a Fome golpeava através da dor de seu ferimento.

— Sente-se, Gerhard, e apresente seu relatório — Ridgemont disse, arrastando a ponta de sua faca delicadamente através de uma das nádegas pálidas da garota. Ela se sacudiu com um grito estrangulado. O Velho se inclinou para frente e passou sua língua sobre a lâmina. O medo dela se verteu sobre Hirsch como uma cascata, e ele respirou sofregamente, sentindo-se fortalecer.



Ridgemont raramente matava suas vítimas; não gostava de cadáveres abandonados para atrair atenção oficial importuna. Mas ainda que realmente não tomasse a vida dela, ele sabia como aterrorizar uma mulher tão profundamente que podia se deleitar com sua dor e pânico.

Enquanto a garota choramingava e lutava em vão em seus laços, Mason deixou Hirsch cair em uma das cadeiras. Quando Gerhard se reclinou, ele percebeu o olhar fixo do motorista piscar para a vítima de Ridgemont, então rapidamente se afastar. A culpa intensa de Mason em ser incapaz de ajudá-la foi tão deliciosa quanto o medo da garota. Gerhard quase ronronou enquanto atraía a energia psíquica de ambas as vítimas e a canalizava para suas células famintas, reparando o dano que McKinnon fizera.

Lambendo a ponta de sua faca, Ridgemont ergueu uma sobrancelha.

— Hirsch?

Estimulado, Gerhard precipitadamente começou seu relatório. Ele teria preferido diminuir a facilidade com que o americano o tinha espancado, mas não se atreveu. Ridgemont via com maus olhos esforços para enganá-lo, e era melhor que o desagrado de seu mestre fosse evitado.

Enquanto Hirsch descrevia sua luta com McKinnon, Ridgemont lambia preguiçosamente as feridas da garota, logo enterrou seu rosto contra seu sexo. Ela se sacudiu em seus laços. Hirsch o sentiu dar a ela um empurrão psíquico de excitação sexual.

Ridgemont favoreceu uma complexa gama de emoções enquanto se alimentava, e ele desfrutava de criar uma mistura de dor, excitação e medo em suas vítimas como um cozinheiro chefe preparando um prato exótico.

Isso tudo parecia desnecessariamente complicado para Hirsch. Ele sempre se encontrava simplesmente batendo e trabalhando bem o bastante em sua mulher. Suas reações provinham uma carga psíquica que, junto com sangue, mais que satisfazia suas necessidades. Além disso, ele desfrutava do puro prazer sensual de deitar o chicote.

Gerhard sempre tinha sido um homem simples.

Quando ele terminou sua narrativa, Ridgemont se endireitou para longe da garota e ergueu uma sobrancelha dourada.



— Deixar Valerie te distrair foi estúpido, como tenho certeza que a ferida exposta amplamente demonstra. Você não podia se permitir que sua atenção se desviasse em qualquer luta, particularmente contra McKinnon. Ele tem vantagens de mais sobre você em seu estado atual.

— Mas ele não tem nenhuma sobre você — Hirsch disse, a dor o fazendo temerário. — Por que você não foi reclamá-la? A estas alturas, ele terá...

— ...feito nada — o Velho preguiçosamente traçou a ponta de um dedo pelo sangue da garota. — O Pistoleiro é muito galante para violá-la, e seduzi-la levará seu tempo. Você ainda tem uma oportunidade.

— Eu? — Hirsch cravou os olhos em seu mestre. — Você não vai...?

— Ele saberia que eu estava vindo.

— Mas você poderia afastá-la dele tão facilmente.

— Poderia, mas não tenho nenhuma intenção de fazer isso — Ridgemont sorriu daquela sua forma tão lenta, fria. — Farei um trato com você, Hirsch. Se você recuperar a garota, então você pode tê-la.

Os olhos de Gerhard se arregalaram. O Velho tensionava mesmo aquilo?

A excitação atçou a dor — junto com uma onda de fome escura pela ideia de tomar Valerie.

— Se, Deus nos livre, Ridgemont alguma vez pôr suas mãos em você, nunca o desafie da forma como você faz comigo — McKinnon disse a Val abruptamente, quebrando o longo e tenso silêncio que tinha caído enquanto ele dirigia. — Ele vai te machucar. Muitíssimo. E desde que ele planeja te fazer um vampiro, ele poderia fazer um monte de danos muito dolorosos sem te matar.

— Mas por quê? — ela cerrou seus punhos nas algemas. — Digo, por que Transformar a mim? O que ele pretende com isso?



Os olhos dele relancearam para os dela queimando por um momento seus seios.

— Pelo que você acha?

Seu estômago se retorceu.

— Oh. Isso.

— Sim. Isso. Ele é um sádico sexual, Valerie. E como uma vampira, você será capaz de receber malditamente direto qualquer dano que ele apresente e sobreviver.

Repentinamente aquilo tudo fez um tipo terrível de sentido, particularmente levando a outra coisa que McKinnon havia dito a ela, algo que ela não tinha processado no calor do momento: *Ele te atraiu para aqui.*

— Ridgemont fez com meu editor a mesma coisa que você fez com o policial, não é? Por isso que eu fui despedida. E então ele ordenou a todo mundo que não me dissesse por quê!

— Provavelmente.

— Aquele filho da puta — Val deixou sua cabeça cair para trás contra o suporte da cabeça. — Agora entendo — ela disparou para ele um olhar enquanto mais um pensamento lhe ocorreu. — Você poderia consertar isso?

McKinnon deu de ombros.

— Talvez. Depende do quanto a compulsão foi forte. Ridgemont é muito mais poderoso que eu.

Val vacilou, tentando se decidir se perguntava se ele ia fazer aquilo. Só Deus sabia o que ele iria querer de volta.

— Quanto tempo ele esteve planejando isto, de qualquer maneira? — ela perguntou em vez disso. — Ele sabia que eu era Kith quando matou meus pais?

McKinnon ergueu um largo ombro em um dar de ombros.

— Estive tentando imaginar isso por anos. Não tem sentido. Se ele sabia o que você é antes do ataque, por que ele me falou para te matar? As fêmeas Kith são ainda mais raras que o resto de nós.



— Mas ele sabe que sou Kith agora, certo? — ela lhe mandou um olhar desconfiado. — Como ele descobriu? Você abriu o bico¹⁴, McKinnon?

Ele disparou para ela um olhar sombrio.

— Não voluntariamente.

— O que ele fez — te orvalhou com água benta até você falar? — ela se sentiu como uma cadela assim que as palavras saíram de sua boca. *Pelo amor de Deus, Val, ele é um vampiro.* Mas algo de sua calma recuou por falar daquela forma com o Cowboy.

— Realmente, ele obteve à força de minha mente — McKinnon rangeu, visivelmente ofendido. — Ele agiu embora estivesse surpreso, mas isso não significa porra alguma. Ele adora fazer esse tipo de jogos — franzindo o cenho, ele deu tapinhas com seus dedos desasosegadamente no volante. — Ele tinha que ter sabido que você era Kith. Se ele não sabia, por que ele foi atrás de seus parentes para começar? Esse ataque é a única vez que eu jamais soube sobre Ridgemont vitimar uma família inteira. Mulheres sozinhas são seu jogo preferido.

— Você alguma vez lhe perguntou?

— Sim, mas ele não tem o costume de se explicar.

— Bem, se ele fez a descoberta depois do ataque, por que ele não veio atrás de mim então?

Ele lançou a ela um olhar sombrio.

— Felizmente, Ridgemont não é um pedófilo. Estava esperando que você crescesse.

— Tenho vinte e nove anos de idade, McKinnon. Sou crescida há algum tempo.

— Eu notei.

Ela grunhiu.

— Você fez mais que notar.

¹⁴ No original está “did you spill the beans”, você espalhou os feijões.



— Realmente — McKinnon disse, ignorando o sarcasmo. — Esperei que ele fosse te sequestrar quando você alcançou os vinte anos de idade, mas ele não fez isso. O que é uma coisa boa, uma vez que eu não tinha quebrado o controle dele ainda, e não poderia ter te ajudado.

— Por que não? — ela espionou suas feições cinzeladas suspeitosamente. — E por que você ia querer fazer isso?

Os olhos de chocolate se afastaram do tráfego para encontrar os dela.

— Você já sofreu o bastante. Perdeu seus pais e sua infância por nossa causa. Não quero ver você perder sua oportunidade de uma vida normal.

— Muito nobre. Mas Hirsch disse que você necessitaria do poder que obteria de mim se você quisesse matar Ridgemont. O que ele quis dizer?

Ele guiou o carro em torno de uma Toyota lenta com faróis rutilantes.

— Ridgemont é um vampiro há oitocentos anos, o que o faz incrivelmente poderoso.

— Oitocentos... anos? — ela se recostou, imaginando como seria viver tanto, fazer o que Ridgemont deveria ter feito. Deus, ele daria uma história incrível... Mas ele provavelmente comeria qualquer repórter estúpido o suficiente para tentar entrevistá-lo. — Espelho que você realmente seja imortal.

— Assumindo que nada me mata, sim — McKinnon disse, sua boca se tornando uma curva seca. — O que se torna problemático em uma luta com Ridgemont. Posso manter minha oposição a ele por curtos períodos, mas em qualquer batalha prolongada eu não teria uma oportunidade.

— Mas me transformar mudaria isso?

— Em teoria. Poderia usar seus poderes para amplificar os meus para me equiparar com os dele, ao menos o tempo o suficiente para matá-lo.

— Então você vai fazer isso? — seu coração começou a disparar. Se ele dissesse que sim...

— Você quer?

— Não.

Ele deu de ombros.



— Então eu não vou.

— Mas você justamente disse que não seria capaz de vencê-lo em uma luta, caso contrário. O que você vai fazer se ele seguir nosso rastro?

— Não se preocupe com isso — McKinnon disse rapidamente. — Eu te protegerei.

— Como?

— Pensarei em algo.

Ela se recostou contra o banco e o estudou.

— Então você apenas está me ajudando pela bondade de seu coração?

O queixo dele enrijeceu.

— É algo que preciso fazer.

— Não, não é. Você poderia partir dando meia volta nesse mesmo momento.

— Olhe, apesar das condições, eu a conheço há dezessete anos. Não quero ver você se converter em uma escrava.

— Então me deixe ir embora. Posso fazer minha própria fuga.

Ele bufou.

— Você estaria deitada sob Ridgemont antes de amanhecer. E, acredite em mim, você não gostaria de estar lá. Ele tem inclinações muito desagradáveis.

Ela bufou.

— No momento, são suas inclinações que me preocupam.

O coração de Hirsch começou a disparar ao pensar no poder que lhe estava sendo devotado tão casualmente. Se Ridgemont estivesse sendo sério, seria a oportunidade que ele sempre sonhara — uma chance de se livrar do controle de seu mestre e matar ambos seus inimigos. Aquilo tinha de ser uma armadilha.



— Por quê?

— Possivelmente quero ver qual de vocês é digno.

Ele sabia que Ridgemont assumira que o ganhador seria McKinnon. Mas não seria. Ele estava condenadamente bem para provar ao velho bastardo que ele estava enganado.

Hirsch mudou de posição imprudentemente em sua cadeira. E ofegou em agonia quando sua distração lhe custou o controle sobre seu intestino ferido. O sangue começou a jorrar outra vez. Ele agarrou sua barriga, enviando poder em onda para a carne rasgada. O sangramento se deteve, mas ele não poderia fazer os vasos sanguíneos arruinados cicatrizarem totalmente.

— Idiota — Ridgemont se levantou para cobrir sua mão com uma palma larga. A energia sombria, antiga se derramou sobre seu corpo. Instantaneamente, os finos tecidos danificados começaram a ser costurados.

— Durma agora, Hirsch — o Velho lhe disse, endireitando-o. — Terei uma pequena refeição bonita e aterrorizada esperando quando você acordar.

A diversão malvada naquele olhar antigo o levou à inconsciência.

Quando o alemão deslizou para baixo, Ridgemont examinou profundamente sua mente, procurando por uma memória que ele pudesse usar.

Lá. Atrás do Lexus. Hirsch claramente tinha visto a placa de licença do carro.

Sorrindo misteriosamente, Ridgemont se decidiu que era tempo para ter uma palavra com alguém na execução da lei sobre manter um olho no carro do Pistoleiro.

Ele começou a chamar um dos servos para lhe trazer um telefone. Mas enquanto fazia isso, seus olhos caíram sobre Elle, ainda amarrada e sangrando sobre a mesa.

O Pistoleiro poderia esperar uma hora ou duas, ele se decidiu, e abriu o zíper de suas calças.



— Qual o número de telefone de sua irmã?

Valerie se retesou e moveu sua cabeça com um estalo para cravar os olhos em McKinnon.

— Por quê?

— Você precisa dizer a ela que consiga proteção — ele disse. — Com você em minhas mãos, Ridgemont tentará sequestrá-la como uma espécie de barganha.

— O que ele faria...?

— Faria com ela? Qualquer maldita coisa que queira. E conhecendo Ridgemont, essa poderia ser uma lista muito desagradável — era melhor não adoçar o perigo; ele queria deixar malditamente certo que ela enviasse Beth à segurança. — Você precisa dizer a ela que limpe sua conta corrente e salte em um trem ou um ônibus para qualquer lugar, sob nome falso. Não suponho que ela tenha uma falsa ID?

— Uh, não.

— Lástima. Ela não poderá comprar uma passagem de avião, então — Cade franziu o cenho, desejando que ele mesmo tivesse tido tempo de arrumar uma escapada para a garota. Ele tivera que pôr essa coisa toda em andamento ao mesmo tempo também de seu maldito jejum depois que a tentativa do carro bomba falhara. — Fale para ela não usar cartões de crédito ou identificação. Pagar à vista tudo, para evitar deixar um rastro de papel que Ridgemont possa rastrear. E não a deixe lhe dizer aonde ela vai, no caso de sermos apanhados.

Ela deu a ele um olhar perscrutador, linhas de tensão surgindo em sua boca.

— Ele pode me forçar a lhe dizer onde ela está?

— Uma vez que a Transforme, ele poderia te descascar como uma cebola.

— Mas Ridgemont me pagou antecipadamente para escrever suas memórias e a maior parte do dinheiro está em nossa conta. Se ela limpá-la e ambos desaparecermos, ele poderia nos processar como fraude.



A ideia de Edward Ridgemont correndo para a polícia fez Cade sorrir abertamente.

— Ele não irá aos policiais. Nunca lhe ocorreria, e mesmo se o fizesse, seria uma perda de tempo.

— O que você quer dizer? — as algemas chocalharam contra o braço do banco enquanto ela mudava de posição nervosamente. Então o dia se fez luz. — Oh, sim. Você apenas rogará uma praga neles.

— Exatamente. Qual é o número?

— Tire as algemas de mim e me deixe ligar.

— Não. Valerie, nós não temos tempo para isto. Qual é o número?

Ela o recitou relutantemente. Ele pressionou os botões, enviou, e esperou que Beth atendesse. Quando uma voz feminina surgiu na linha, ele estendeu o telefone com uma mão e o colocou contra o rosto de sua prisioneira.

Obviamente trabalhando para tornar seu tom inalterável, Val repetiu as instruções que ele lhe tinha dado. Enquanto ela falava, Cade podia sentir a pele sedosa de sua face roçar contra seus nódulos. Ele se encontrou pensando em outras partes dela que suspeitava que seriam igualmente suaves. Como aqueles seios cheios, bonitos que sentira tão docemente tentadores em seus sonhos...

Precipitadamente, ele desviou sua mente dessa linha de pensamento e tentou se concentrar nos protestos desconcertados de Beth. Valerie e seu pequeno corpo delicioso eram proibidos.

Val se agarrou à sua paciência desgastada com ambas as mãos enquanto Beth a apedrejava com perguntas.

— Olhe — ela disse no fim das contas, cortando sua irmã — não posso explicar o que está acontecendo porque não estou certa se entendo também. Mas eu sei que Ridgemont é o homem que matou nossos pais, e agora ele vai atrás de nós. Nossa única oportunidade é correr como o inferno — ao menos, era a única oportunidade de sua irmã. Ela fortemente suspeitou que



ela mesma não tinha uma oração, um caminho ou qualquer outra coisa. Mas ela não poderia dizer aquilo a Beth.

Ela podia ouvir a frustração zangada na voz de Beth.

— Não posso acreditar nisto — que ele matou Mamãe e Papai ou que ele vai atrás de nós outra vez. Qual o ponto de vista dele?

Ele quer me fazer um vampiro. Mas ela não poderia dizer isso.

— Não o compreendo também.

— Suponha que o homem que chamou estava certo ao final de contas. Quem lhe contou tudo isto de qualquer maneira? — a urgência repentina deixou seu tom agudo. — Val, você está bem?

— Sim — *no momento*. Os olhos cinza de Val deslizaram para o rosto bonito, implacável de Cade enquanto ele conservava um olho nela e outro no caminho. Ela percebeu que devia ter sido ele que fizera aquele telefonema alarmante na noite antes que ela saísse com destino a Nova Iorque. — Sobre como sei — ouvi de fonte fidedigna — *se você pode chamar alguém que poderia decidir te converter em um vampiro como uma “fonte fidedigna”*.

— Mas...

— Você confia em mim?

— Pergunta estúpida — Beth disse com mau humor.

— Então arrume suas coisas e saia, e não diga a ninguém aonde você vai. Ninguém. Apenas vá.

— Onde podemos nos encontrar?

McKinnon negou com a cabeça, aparentemente tendo ouvido sem intenção.

— Não é seguro para ela estar em qualquer lugar ao nosso redor.

Val suspirou.

— Vou deixá-la saber quando podemos nos reunir. Leve o biper e eu chamarei — *se puder*. Ela não havia dito a Beth que tinha sido sequestrada. As notícias só a assustariam, e sua irmã precisava se concentrar em sua segurança.



— Mas...

— Você não tem muito tempo. Ele poderia estar indo até você. Saia — ela piscou duramente enquanto as lágrimas arderam em seus olhos. — Bebê, eu te amo. Lembre-se disso. Eu...

McKinnon lhe tirou o telefone e o desligou.

Val o encarou, sabendo que ela poderia jamais ter outra oportunidade de dirigir a palavra a Beth.

— Não acabei.

— Você tinha dito o suficiente a ela.

— Como saberei que ela está a salvo?

— Vou deixá-la chamar com o biper mais tarde.

Deixá-la. Ela sacudiu com força suas mãos contra as algemas, mas elas apenas tilintaram complacentemente. Não havia uma maldita coisa que ela pudesse fazer. Ela estava à mercê de McKinnon.

— Aonde você está me levando?

— Eu adquiri uma casa na Carolina do Sul — ele disse. — Estaremos a salvo lá por um tempo.

— Dirigiremos todo o caminho até a Carolina do Sul esta noite?

— Deteremo-nos em algum lugar em umas poucas horas.

— Por quê? — ela deu uma olhada no relógio do painel. Uma hora da madrugada. — Oh. Amanhecerá logo. Quando o sol subir, você faz uma coisa humana normal. — *Se eu tiver sorte.*

— Não, de fato esse é um mito, então, se você tenta planejar uma forma de me colocar sob a luz do sol, não desperdice seu tempo. Além disso, você está muitíssimo mais segura comigo que com Ridgemont e Hirsch.

Ela bufou.

— Isso não é dizer muito. Eu estaria mais segura com Charles Manson que com Ridgemont e Hirsch.

Ele sorriu abertamente.



— Agora você entende a ideia.

Tinham estado conduzindo em silêncio por quase meia hora quando Cade sentiu a essência de hortelã. *Fique fora de vista, Abigail. Tenho a impressão de que um olhar para você no fim de tudo mais enviaria a gritar histericamente.*

Ela é mortal, Cade. Ela provavelmente não poderia ver, Abigail disse, mas permaneceu invisível de qualquer maneira. *Por que você diz a ela que não planeja Transformá-la?*

Porque não planejo.

Val olhou para ele e franziu o cenho.

— Você está sentindo o cheiro de hortelã?

— É o aromatizador.

Nossa, ela é sensível, o fantasma disse. *Lhe dará muito poder.*

Cade suspirou. A mentalidade fechada de Abigail podia ser enlouquecedora. *Não, não dará. Você estava ouvindo tudo agora pouco? Não vou Transformá-la.*

Você não tem opção, Cade. A difusão psíquica de Abigail estava cortante com apreensão e frustração. *Se você quer matar Ridgemont, você necessita do poder que ela lhe dará.*

Encontrarei outro caminho.

Como? Você esteve tentando por anos, e não funcionou. Aquele carro bomba foi o mais próximo que você alguma vez teve de...

Ele se apertou seus punhos no volante. Se Abigail não tivesse interferido, Val não estaria naquela confusão agora. *Eu não mencionaria o carro bomba, se fosse você.*

Mas esta é a oportunidade pela qual você esteve esperando! Nunca entendi por que você se recusou a ir atrás de Valerie, uma vez que ela cresceu...



Olhe, lembro como foi quando Ridgemont me transformou, Cade disse. Pensar naquela noite ainda fazia seu intestino se apertar. E depois do que acontecera a Caro... Mesmo se ele não fosse um filho da puta psicótico, mesmo se ele tivesse deixado Caroline em paz, eu o teria odiado apenas pela forma como ele forçou a Transformação sobre mim. Não farei a mesma coisa a Valerie. E ponto. Não é uma opção.

Então o que acontecerá quando ele seguir sua pista? E cedo ou tarde, ele fará isso. Ela especulou sem lhe dar uma chance para responder. Lhe direi o que acontecerá — ele te matará como a um leitão. E no que diz respeito à sua Valerie preciosa, ela pensaria que Caro teve sorte.

Ele fez uma careta. Abigail estava certa, maldição, mas não lhe importava. Havia algumas coisas que ele apenas não poderia fazer. Tenho que achar uma forma de matar Ridgemont que não inclua violar Valerie.

Por que você apenas não explica a ela? Ela não é uma mulher estúpida. Se ela perceber...

Maldição, Abigail, quantas vezes tenho que dizer? Não é uma opção. Ela vai ter uma oportunidade de uma vida normal.

Não, ela não terá. Ao fim de tudo, será você ou Ridgemont, mas será um de vocês. E você sabe disso.

Não se eu puder ajudar.

A frustração de Abigail girou sobre ele em ondas grossas. Você vai se matar.

Talvez. Mas não morrerei como um violentador.

Não, apenas como um tolo. O aroma de hortelã se enfraqueceu, deixando-o sozinho no carro com sua prisioneira.

O Corrington Sleeper Motel em Corrington, Virgínia, foi o primeiro hotel em cem milhas com uma placa iluminada com “Vagas”. McKinnon dirigiu até o terreno e estacionou o Lexus em um espaço bem além da linha de visão do lobby.



Val observou enquanto ele saía e caminhava para o lado dela, seus músculos se apertando em nós. Ela mordeu seu lábio e o contemplou cautelosamente quando ele abriu a porta, puxando seus pulsos algemados com ela. A ideia de ficar num quarto de hotel com um vampiro — especialmente o Cowboy...

Lendo sua expressão, McKinnon suspirou.

— Você estaria bastante mais segura lá dentro comigo do que sozinha aqui fora — ajoelhando-se, ele pegou a chave no bolso das calças de seu uniforme. O músculo fluiu e ondulou sob sua camiseta branca com o movimento. — Hirsch deve estar dormindo por causa daquela faca que o atingiu, mas ele poderia ter mais resistência do que eu acho. E Ridgemont...

Ela se sobressaltou.

— Ok, você me convenceu.

Ele tirou as algemas e as dobrou em um bolso de trás enquanto Val acariciava seus pulsos esfolados. Com uma cortesia que parecia automática, ele estendeu a mão para tomar a dela e ajudá-la a sair do carro. Ela o olhou atentamente enquanto se levantava. Se ela tinha que depender da proteção de um vampiro, saber que ele tinha uma veia cavalheiresca era decididamente reconfortante.

Ele tomou seu cotovelo enquanto eles começavam a cruzar o estacionamento. Seus olhos escuros esquadrinharam os carros circundantes desassosadamente, indo em busca de ameaças potenciais.

Val franziu o cenho. Se Ridgemont aparecesse, McKinnon acabaria por morrer. Sua mente produziu uma imagem involuntária: aqueles olhos de chocolate vazios e brancos, aquele grande corpo gelado e silencioso...

Ela estremeceu.

Maldição, por que se importava tanto assim? Ele era um vampiro. Ele estivera mentindo para ela por anos. Por que ela continuava vendo-o como o Cowboy?

Parte do problema era que ele ainda desempenhava o papel. Como dizer a ela para advertir Beth. Ou lá atrás, no estacionamento do aeroporto, quando ela tentara arrancar seus olhos e ele não tinha usado aquela força



de vampiro para paralisá-la. Mesmo há dezessete anos atrás, quando ele havia lutado contra a Fome e a compulsão de Ridgemont para salvá-la.

Seria fácil resistir ao monstro morto-vivo de seus pesadelos. Era muito mais duro dizer não ao belo Texas Ranger de seus sonhos. Mesmo se ele tivesse presas.

Mas ela tinha de resistir. Se ela o deixasse convencê-la, terminaria na cama dele com aqueles dentes em sua garganta antes que ela soubesse o que a atingira.

E o que realmente a preocupava era que a ideia não era de perto apavorante como deveria ter sido.



Capítulo Sete

Val ainda estava ruborizada por sua própria libido errante quando andaram até o balcão branco brilhante para encontrar o recepcionista absorvido em uma televisão portátil. O aparelho estava virado, de modo que ela não podia ver a tela, mas a julgar pelos ofegos e gemidos da trilha sonora, ela tinha uma ótima ideia do conteúdo do programa.

Bom Deus, ela compreendeu, enquanto os gemidos ostensivamente sexuais enchiam o lobby, Estou a ponto de arranjar um quarto de motel com um vampiro. Um quarto barato de motel.

Outra imagem de um de seus sonhos prontamente passou como um relâmpago por sua mente: *O Cowboy se aproximara demais de uma mulher estranha, uma das coxas roliças dela se curvando sobre o braço dele, uma mão grande apertando a curva de seu outro joelho, agarrando suas pernas longas firmemente. Os músculos firmes, duros de seu abdômen se enrijecendo enquanto ele lenta e profundamente arremetia seu grosso mastro.*

— Mais profundo, bebê! — uma voz feminina ronronou. — Martele seu grande pau em meu apertado e pequeno...

— Desligue isso — McKinnon falou rispidamente. — Há uma dama presente — sua voz baixou para um grunhido irritado. — Se houvesse outro hotel com vagas em cem milhas, eu iria...

Alarmada, Val olhou para ele para ver um tom de vermelho colorindo suas altas maçãs do rosto. Ele estava corando? O vampiro estava *corando*!

Os olhos do recepcionista se arregalaram e reviraram enquanto ele se atrapalhava para obedecer. Val sorriu abertamente.

McKinnon divisou seu sorriso malicioso.

— Bem, era desrespeitoso, assistir isso que com você aqui — ele disse, olhando de forma defensiva.

— E você quis proteger meus ouvidos virgens? Isso é meigo, McKinnon. Isso é realmente meigo.



Algo escuro e malvado faiscou nos olhos dele. Ele se inclinou perto de sua orelha e murmurou:

— Eu pensava que você acharia meu desejo de proteger sua virtude *de qualquer forma* um conforto. Dadas as circunstâncias — ele olhou para o recepcionista. — Nós gostaríamos de um quarto.

Val ofegou uma respiração arfante. *Nota para si: Não provoque McKinnon. Ele não aceita isso bem.*

Depois que McKinnon rebocou o Lexus em torno da ala do motel onde o quarto deles estava localizado, Val saiu relutantemente do carro.

A dourada luz matutina se verteu sobre o estacionamento e sua coleção variada de carros, muitos deles salpicados de manchas ou ferrugem ou ambos. Uma mulher emergiu de um dos quartos rebocando uma bela criança de cabelos escuros que revelava sono em seus olhos. A mãe inclinou a cabeça para Val e McKinnon com uma cortesia automática de sulista.

Virando a cabeça para trás, Val disse distraidamente para McKinnon:

— Olhe como será um lindo dia.

— Se você diz — ele olhou carrancudo para o céu brilhante por trás dos óculos escuros que pusera ao alvorecer. — Preciso descarregar o carro. Sinto cheiro de churrasco, e acho que sou eu.

Ela olhou alarmada quando ele colocou a mão no banco de trás e arrancou a longa espada embainhada.

— Pensei que você disse que a coisa de explodir-em-chamas era um mito.

— É. Não explodo em chamas — ele tirou a arma e abriu o porta-malas enquanto caminhava em torno do carro para pegar suas malas. — Apenas me protejo de uma interessante queimadura de segundo grau.

— Ai. O vampirismo tem suas desvantagens, não? — automaticamente, Val se moveu para ajudar.



— Sim, entretanto nunca ficar velho, doente ou calvo não é exatamente uma chupada — ele deu a ela as malas menores e enfiou duas das outras sob seu braço esquerdo.

— Não obstante, há Ridgemont.

Ele ergueu a espada em sua mão direita e fez uma careta.

— Pondo desse jeito, velho, doente e calvo não soa tão mal.

Quando eles começaram a ir para seu quarto, ocorreu a Val que o diálogo zombeteiro deles era ainda outro sinal do quanto perigosamente à vontade ela estava ficando com ele. E ela não podia se permitir aquilo. Ele tinha mentido para ela por muitos anos, escondendo sua natureza de vampiro atrás de uma máscara de heroísmo. Talvez ele dizia a verdade agora a respeito de seus motivos — mas talvez não dizia.

Mas seus instintos ainda insistiam que ela estava a salvo. Ela podia confiar nessas premonições, ou elas eram apenas uma resposta condicionada por um homem que tinha feito um trabalho muito bom ganhando sua confiança?

Esses instintos também disseram outra coisa a ela, algo que ela não teve problema em acreditar: McKinnon a queria. E isso podia significar problema, porque o homem era malditamente muito bom para a sedução.

Enquanto ela contemplava as implicações desse perigo, McKinnon baixou as bolsas fora do quarto e destrancou a porta. Ele deu um passo atrás e gesticulou para ela entrar. Quando ela se moveu atrás dele, sua nuca formigou com consciência sensual.

Sim, ela pensou. De longe muito bom na sedução.

Engolindo em seco, ela esquadrinhou o quarto quando ele fechou a porta. A decoração era a normal num motel barato: carpete, cortinas e colcha azuis, móveis de compensado de madeira escuros, um feio quadro de natureza morta suspenso sobre a cama king-sized pela qual ele insistira.

A única cama no quarto.

— Relaxe, Val. Parece como se você espera que eu vá te comer — McKinnon disse, parecendo de longe muito bonito para sua paz de espírito enquanto baixava as malas. Os músculos poderosos em seu peito ondearam



sob a camiseta fina, e ela inconscientemente baixou seu olhar para observar. Quando ela voltou a olhar para cima, ele sorriu aberta e malvadamente. — Prometo que inclusive não mordiscarei — não sem um convite, de qualquer maneira.

Val soltou um suspiro exasperado.

— Você precisa consertar sua mente, McKinnon.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Sobre?

— Num minuto você é Dudley DoRight, no seguinte você é o grande Lobo Mau. Você precisa escolher uma personalidade e se apegar a ela, porque você está me dando uma chicotada.

Ele riu, um som rouco masculino e rico. Enervada, ela rumou para o banheiro do outro lado da cama.

— O que você está fazendo? — McKinnon se moveu atrás dela enquanto ela entrava.

— Algum de nós tem que responder ao chamado da natureza — ela bateu a porta, obrigando-o a retroceder.

Sua voz flutuou através da madeira fina.

— Estive ouvindo o chamado da natureza por horas, Valerie. Apenas não acho que você queira que eu lhe responda.

— Não há alguns leitões em algum lugar a quem você deveria estar aterrorizando? — ela resmungou sob sua respiração.

Ele a ouviu, é obvio.

— Por que eu me contentaria com carne de porco quando posso ter Chapeuzinho Vermelho? — aquela risada sedutora soou outra vez, provocando calor em partes dela que conheceria melhor.

— Pare com isso — Val murmurou para seus mamilos. Eles teimosamente continuaram empurrando contra a seda de sua blusa. *Simmm*, ela pensou sombria, desabando pesadamente na pia, *estou definitivamente com problemas*.



McKinnon cravou especulativamente os olhos na porta do banheiro, sentindo cada porção do lobo que ela chamara. Ele lambeu as pontas de suas presas e puxou suas calças repentinamente incômodas.

— É para melhor te comer, minha querida — ele murmurou.

Acabe com isso, ele disse a si mesmo severamente.

Contudo... fazer amor com ela não queria dizer que ele tinha que transformá-la. E havia vantagens definitivas em seduzir Valerie além dos óbvios deleites físicos. Se eles se convertessem na realidade nos amantes que tinham sido nos sonhos, ele já não teria que se preocupar com que ela fizesse alguma tentativa estúpida de fuga e corresse direto para as presas à espera de Ridgemont.

E então havia a Fome. Ele podia passar sem alimentação por um bom tempo, mas eventualmente ele se enfraqueceria. Ele não podia se permitir aquilo, não com uma luta com Ridgemont tão provável.

Claro, ele teria que se limitar a uma ínfima quantidade de sangue, se ele tencionava fazer amor com ela repetidamente, mas se seus orgasmos fossem o suficientemente intensos, então isso seria suficiente. Ao menos por hora.

Exceto que... tendo provado Valerie, ele seria capaz de deixá-la ir quando aquilo acabasse? Ele recordou todos aqueles sonhos quando a tinha sentido se mover contra ele, seda e sedução. Maldição. Ele não podia se arriscar.

De qualquer forma, ele teria que usar outro meio para garantir que ela não escapasse enquanto ele dormia. Ela não gostaria de seus métodos, mas ele não tinha intenção de dar a ela uma chance de se matar.

Val se atrasou no banheiro penteando seus cabelos com os dedos. Quanto mais tempo ela pudesse adiar se arrastar para a cama com a Criança da Transilvânia, melhor. Ela não confiava exatamente em sua habilidade se defender dele. Ela tinha que escapar dele.



Poderia uma vez que ele fosse dormir. Ela esperaria que ele adormecesse, logo pegaria suas chaves do carro e partiria para o estacionamento. Com alguma sorte, ela estaria em outra situação antes que ele despertasse. Ela poderia se encontrar com Beth e...

Mas era essa realmente uma ideia tão boa? Se Ridgemont as apanhasse, então estariam indefesas. Era uma coisa arriscar sua própria vida, mas ela estava condenada se expor a sua irmã àquele monstro. E ainda, deixar Beth se arranjar por conta própria tampouco fora uma boa ideia.

Também, a criança esperava começar a universidade em duas semanas. O Instituto de Arte de Atlanta era prestigioso e exclusivo, e se Beth deixasse sua vaga ir por água abaixo¹⁵, ela podia não ser capaz de entrar outra vez.

Por outro lado, Ridgemont seria capaz de encontrar Beth lá muito facilmente. Se Val baixasse a guarda, ele sequestraria sua irmã para forçá-la de volta a campo aberto. O pensamento do que ele poderia fazer a Beth enquanto isso fez seu sangue correr gelado.

Que diabos ela ia fazer?

Vamos por partes, Val se decidiu. Escapar de McKinnon, então fugir dali.

Cravando os olhos em seu reflexo no espelho, Val apoiou seus cotovelos na pia e tentou pensar em um plano de fuga. Isso tudo dependia do quanto profundamente McKinnon dormia...

Repentinamente ela sentiu cheiro de algo doce de hortelã. Distraidamente Val olhou em torno do banheiro, esperando ver uma tigela de balas. Ela não faria objeção a um pouco de reconfortante comida naquele momento...

Deixe-o te Transformar, uma voz infantil murmurou.

Retesando-se de alarme, Val girou. Não havia ninguém no banheiro com ela. Exceto que... a cortina do chuveiro estava puxada através da banheira. Ela a alcançou.

¹⁵ No original está "and if Beth lost her slot in the fall", mas decidi aporuguesar para o Português brasileiro.



— OK, criança, saia daí. Sua mãe sabe... — ela puxou forte o plástico para trás, mas a banheira estava vazia.

Você morrerá se não fizer isso, Valerie, a voz aguda disse. É a única oportunidade que você tem.

Os cabelos se ergueram na nuca de Val enquanto ela examinava em torno do banheiro. Vazio.

Ela escancarou a porta e olhar fixamente para McKinnon.

— Você ouviu algo?

Ele olhou sobre seu ombro para ela enquanto se deitava de bruços atravessado na cama, as cobertas reunidas no chão. Ambos os longos braços estendidos para baixo entre a cabeceira e o colchão, mas ela não podia ver o que ele estava fazendo.

— O quê?

— Você ouviu uma garotinha falando?

Ele virou sua cabeça e retornou ao trabalho.

— Não.

— Deve ter sido minha imaginação — dadas as circunstâncias, não era de se admirar. Ela o olhou com o cenho franzido enquanto saía do banheiro, despindo sua jaqueta amarrotada para deixá-la cair sobre uma cadeira. O que ele estava fazendo agora?

O tecido fino de sua camiseta e a posição de seus braços erguidos fizeram suas costas parecerem ter uma milha de largura. Ao contrário, sua cintura parecia tão estreita como a de um garoto, e seu traseiro teso naquelas calças apertadas a recordavam a respeito de tigelas viradas de cereal. Ela se perguntou o que ele faria se ela lhe mordesse diretamente uma daquelas nádegas deliciosamente musculosas.

A ideia é ficar fora da cama do vampiro, Val, ela recordou a si mesma. Calma, a ideia também é um pouco tentadora. Para se distrair da libido gritante, ela perguntou:

— McKinnon, o que você está fazendo?



— Me assegurando de que você não faça algo estúpido — ele se levantou sobre suas mãos e joelhos com uma flexão muscular deliciosa e afastou a cama, deixando um pedaço de lençol torcido estendido de baixo até a cabeceira.

— Para que é isso?

Ele puxou as algemas de seu bolso.

— Bem, tenho de amarrar as algemas em algo.

Val recuou.

— Esqueça. Não faço bondage.

— Olhe, tenho sentido o cheiro do sangue de Hirsch em torno de quatro horas, e me deixa faminto. Preciso de um banho, e não vou arriscar que você saia às escondidas pela porta enquanto o tomo.

Ela deu marcha ré, sabendo que não se atreveria a deixá-lo algemá-la; a fuga seria impossível.

— E se eu prometer ser uma boa garota?

— Sinto muito, você não me soa como confiável.

— Nem você soa — Val girou para a porta.

E se viu voando de volta para a cama enquanto ele a capturava. Ela atingiu o colchão e saltou, mas antes que ela sequer pudesse pensar sobre rolar para fora, McKinnon estava em cima dela.

Repentinamente Val estava coberta por um macho duro, quente, seus longos dedos envoltos ao redor de um de seus pulsos. Ela tentou bater nele com sua mão livre, mas o metal frio do bracelete já tinha estalado ao redor de seu pulso capturado. Enquanto a fechadura travava, ele pegou seu punho livre e algemou aquele pulso também. Ela o amaldiçoou sem fôlego, corcoveando, mas ele ignorou seus esforços e serenamente atou a corente curta entre as algemas. Furiosa, Val se arqueou contra ele... e foi repentinamente consciente de uma cordilheira dura amassando sua barriga. Parecia enorme. Ela congelou, os olhos se arregalando.

— Sim, tenho uma ereção — disse a ela. Enquanto ele falava, ela vislumbrou as pontas de suas presas. — Por isso é que tomarei o banho.



— Posso sugerir adicionar um pouco de cubos de gelo? — ela grunhiu.

— Eu devia mesmo fazer isso — ele rolou para longe dela e virou para o banheiro, curvando-se para apanhar a espada que ele tinha apoiado contra a cadeira enquanto caminhava.

Val observou suas costas largas desaparecerem através da porta, logo deixou sua cabeça cair no travesseiro. Quando ela suspirou, seus mamilos rígidos roçaram contra a renda do seu sutiã.

— Economize alguns cubos para mim enquanto você está aí — ela resmungou.

Se você o deixasse Transformá-la, poderia tê-lo para sempre, a jovem voz murmurou.

Val paralisou enquanto um medo gelado instantaneamente matava sua excitação.

— McKinnon! — ela gritou, mas a água já silvava através dos canos. Ela levantou sua cabeça e gritou para a porta fechada. — McKinnon, maldito, use esses ouvidos de vampiro! Preciso de você! — nenhuma resposta. — Ah, inferno — zangada, ela volteou sua cabeça para...

E olhou direto para uma garotinha brilhante flutuando ao lado do criado mudo.

Val uivou e tentou rolar para longe da cama, mas as algemas sacudiram seus braços erguidos. Ajoelhando-se com seus braços torcidos dolorosamente, ela cravou os olhos na criança.

— Quem diabos é você?

Sou Abigail McKinnon, a voz disse, embora os lábios da garotinha não tenham se movido. *Cade é meu irmão.*

McKinnon havia dito que ele nascera em 1846. Qualquer irmã caçula dele teria que ter...

— Oh, homem — Val gemeu. — Primeiro vampiros, agora, fantasmas. Estou presa em um especial pós-escolar de Dia das Bruxas. Tudo o que precisamos é o monstro do Frankenstein e o Lobisomem — ela puxou duramente suas mãos, mas as algemas se aferraram.



O fantasma piscou os olhos grandes, escuros que pareciam muito com os de Cade.

Não há tais coisas como o monstro do Frankenstein.

— Isso significa que há um Lobisomem? — Val perguntou com uma frivolidade nascida de nervos inflamados. — Não, não me diga — ele é seu outro irmão.

O rosto do fantasma endureceu com amargura.

Meu outro irmão foi morto a tiros em Gettysburg. Pap tentou salvá-lo, mas levou um pedaço de estilhaço no peito e morreu devido a suas dores. Cade é o único que sobrou. A cólera retorceu aquela brilhante boca suave. E você vai levá-lo à morte.

Hoooo garoto.

— Olhe, não pedi a Cade que se envolvesse em meus problemas. Posso me cuidar.

Abigail riu silenciosamente. O som mental daquilo foi muito irritado e amargo para virem de uma criança.

Você nunca viu o que Ridgemont faz às mulheres como você. Se você tem algum senso, rogará para que Cade a faça uma vampira. Agora. Enquanto ainda há tempo. É o único modo de você também ter uma oportunidade no inferno.

Não importa com o que ela parecia, Val percebeu, o fantasma não era uma garotinha. Não mentalmente, de qualquer maneira.

— Mas não quero me converter em um vampiro — retorcendo suas mãos para todos os lados, ela procurou sub-repticiamente pelo nó que unia as algemas ao lençol. Ela estaria condenada ao inferno se não conseguisse se libertar e fugir. Ela já tivera bastante disso. Conde Cowboy e Pirralha Fantasma poderiam encontrar alguém mais para jogar. — Não quero me converter em alguma coisa má que bebe sangue.

Meu irmão não é mau, garota. Os lábios do fantasma recuaram para trás de seus dentes pequenos. Não confunda o que outros são com ele. Sim, Ridgemont e Hirsch são pervertidos e maus, mas então, sempre foram. Cade é um bom homem quer ele beba sangue ou não. E ele merece viver.



— Pois eu mereço também, maldição! — Val levantou sua cabeça para olhar encolerizadamente. — Apenas quero uma vida normal. Desde que meus parentes foram assassinados, isso é tudo o que jamais quis — esperando distrair o fantasma enquanto ela desfiava o nó ao redor das algemas, ela começou a balbuciar. — Duas crianças e um marido que me ame. E um cachorro. Um desses cachorros grandes, felpudos — Maldição, McKinnon a tinha amarrado tão apertado quanto um garrote em um rodeio. — Um Setter Irlandês, talvez. Os Setters são cães dóceis. Tive um amigo que tinha um Setter...

Idiota. Abigail flutuou para cima, sua camisola grande começando a levantar e bater ao redor dela como se em um vento invisível se levantasse. Você não tem uma vida normal. Você vai se converter em uma vampira.

— Não — Val murmurou, um calafrio descendo sobre ela com a certeza absoluta na voz do fantasma.

Sim. Ou meu irmão o fará, e vocês dois matarão Ridgemont juntos, ou você o rejeitará e o monstro o assassinará e a escravizará. Aqueles olhos negros começaram a resplandecer com uma luz fria, sobrenatural enquanto os cabelos de Abigail flutuaram atrás de sua cabeça. Seu rosto com forma de coração ficou magro, a pele translúcida escurecendo, caindo. Apodrecendo.

Um pedaço da face do fantasma se estatelou no carpete para revelar ossos brilhantes. Seus olhos se esbulharam enquanto suas pálpebras se desvaneciam, lábios podres escurecendo e se retraindo sobre pequenos dentes brancos.

Mas eu te contarei isto, a boca sem lábios disse, se você fizer com que meu irmão seja morto, eu juro que te assombrarei por toda sua vida miserável, interminável.

A mandíbula se abrindo em um grito silencioso, pedacinhos andrajosos de carne podre vibrando ao redor de sua caveira, o fantasma disparou diretamente para ela.

Val gritou com todo o ar em seus pulmões.



Cade enxaguava os últimos restos do xampu de seus cabelos quando ouviu Valerie gritar com terror absoluto. *Merda*, ele pensou. *Ridgemont!*

Ele mergulhou da ducha, agarrou sua espada da estreita pia enquanto passava por ela, e se arremeteu através da porta. Nu e gotejando, ele caiu em guarda, levantando a lâmina e escaniando o quarto por seus inimigos.

Mas tudo o que ele viu foi Val, enrolada contra a cabeceira em um nó trêmulo, histérico.

— Valerie! — ele andou a passos largos até ela, pegou o lençol torcido que ainda estava atado em torno das algemas e o rasgou em dois com um puxão, então ele pode erguê-la da cama. Ela passou seus pulsos algemados sobre sua cabeça e se colou ao seu pescoço, soluçando, seu corpo trêmulo fixado contra o dele. Ele deslizou um braço reconfortante ao redor de sua cintura, a outra mão ainda mantendo a espada. — O que aconteceu? Ridgemont fez...?

— Não! — ela ficou sem fôlego. — Foi sua irmã!

Ele pestanejou. Oh, pelo fogo do inferno. O que Abigail tinha feito agora?

— Ela não pode te machucar, Val. Ela é um fantasma.

— Ela apodreceu, maldição! Ela se converteu em uma caveira e ela disse que se eu fizesse com que você morresse, ela me assombraria! E então ela... — Val se deteve e soluçou. — Deus, maldição, eu me sinto como uma idiota!

Cade suspirou e a puxou para perto, jogando a espada na cama, então ele poderia mantê-la.

— Ela não pretende nada. Ela é apenas protetora.

Val recuou para lhe disparar um olhar feroz através das lágrimas brilhantes.

— O inferno que ela não pretende! Você não a viu o olhar em seu rosto. Enquanto ela *apodrecia*, Jesus! — ela se afundou contra seu pescoço outra vez.

— Abigail! — exasperado, ele olhou fixamente ao redor do quarto por ela. — Venha se desculpar neste minuto.



— Deus, não a chame de volta...

Mas o fantasma já tinha aparecido ao lado da televisão, sua expressão teimosa. Ele ficou aliviado por ver que ela parecia a mesma de sempre.

Não vou me desculpar, Abigail anunciou, encarando Val malvadamente, que se encolheu contra o peito dele. Alguém tem que fazê-la ver o risco que vocês estão correndo.

Esse não é seu lugar, ele se aferrou ao seu temperamento desgastado e apertou seus punhos em sua prisioneira trêmula. Diga a ela que você não irá assombrá-la.

Ela despiu seus dentes pequenos, brilhantes.

Não. Porque se ela fizer com que o matem, irei assombrá-la.

Abigail...

Com um agito de laços e anáguas, ela mudou de direção e voou direto através da parede. Val se lançou em seus braços com um ofego.

Ele suspirou.

— Sinto muito.

Ela não respondeu, em vez disso se aferrando a ele enquanto seus estremecimentos se acalmavam. Seu corpo se sentia deliciosamente suave e entregue contra o dele. Ele acariciou sua coluna estreita e murmurou tolices em sua orelha, tentando ignorar seu membro rijo. Segurá-la outra vez, tocá-la, mesmo sob tais condições... era tão condenadamente doce. Tão tentador.

— Você sabe, ela não é realmente de todo má — ele disse no fim das contas, em parte para se distrair de sua própria fome nascente.

— Oh, certo — Val fungou e limpou seus olhos com um pulso algemado. — E o Cavaleiro Sem Cabeça era realmente um cara simpático. A coisa inteira da decapitação foi tudo um cruel equívoco... Maldição, McKinnon, você está molhado — ela se afastou dele e olhou para baixo. Seus olhos se arregalaram. — E nu.

E ela bem poderia estar, ele percebeu, calor correndo através dele enquanto dava uma boa olhada em si mesmo.

Uma olhada muito boa.



Quando Val tinha se entocado contra seu corpo gotejante, ela tinha encharcado aquela linda blusa nova diretamente. Agora o tecido molhado, transparente se colava carinhosamente a seus seios deliciosos. Um sutiã de renda cor de creme moldava as elevações cheias, mas uma das taças tinha baixado para revelar um tímido mamilo rosado. Ele cravou os olhos naquilo. E ansiou chicotear o ponto pequeno com sua língua até que ele estivesse evidente e vermelho.

— Ummm — corada tão furiosamente quanto apenas um ruivo pode, Val desenganchou seus braços de torno de seu pescoço e relaxou longe. — Você não acha que seria melhor secar... — seus olhos caíram sobre sua imensa ereção. — Fora! — a última palavra emergiu como um guincho.

Repentinamente lhe ocorreu que esse poderia ser um bom momento para provar aquela sedução, se apenas para mantê-la muito ocupado para fugir. Deu-lhe seu melhor sorriso lupino — completo com presas.

— É para melhor te comer, minha querida.

Se o Grande Lobo Mau parecesse em algo com McKinnon, não é de se admirar que Chapeuzinho Vermelho tenha terminado como almoço, Val pensou. Embora ele sem dúvida alguma não se parece com a vovozinha de ninguém.

Não com aquela ereção, de qualquer maneira. Ela ficou com o olhar fixo nela, a boca seca, sentindo-se como um pássaro hipnotizado por uma serpente. Uma serpente muito grande.

Projetava-se para ela atrevidamente, tão grossa que ela não achou que poderia envolver com seus dedos toda a forma ao redor da base, vermelha escura com sua excitação. O mastro era longo e ereto e lindo, com veias azuis grossas serpenteando ao longo de sua extensão, e uma cabeça grande, com forma de coração. Seus testículos se aninhavam sob ele, isolados em pelos sedosos como se pendessem entre suas poderosas coxas. Deslumbrada, ela deixou seus olhos trilharem para cima por seu corpo desde aquela coluna surpreendente, percebendo que ele era tão belo quanto parecera em todos aqueles sonhos eróticos. Um metro e noventa de masculinidade esculpida.

Mas aquele não era seu herói de sonho. Aquele era McKinnon, carne e osso... e vampiro.



A respiração presa, Val investigou seus olhos. Havia fome lá, sim, ardente e escura e completamente masculina. Uma fome não de sangue, mas de sexo. Dela.

As narinas do nariz reto dele fremiram como se aspirando seu perfume, e sua língua escorregou para molhar seu lábio inferior. O olhar fixo dela desceu impotentemente para sua boca, recordando aqueles beijos apaixonados de sonho. Os beijos que ela agora poderia saborear na realidade se ela apenas se inclinasse para frente...

Seus olhos se estreitaram e ele deu um passo para perto outra vez, tão perto que seus mamilos pontudos tocaram sua pele úmida. Uma gota de água deslizou de seus cabelos molhados e desceu de sua têmpora para traçar um caminho brilhante ao longo de uma maçã do rosto alta, arrogante.

O coração disparando, Val assistiu sua cabeça até que sua boca tocou a dela, apenas um roçar sedoso a princípio, gentilmente sedutor. Ela sabia que devia dar um passo atrás, mas o desejo enraizou seus pés ao chão. Ela ouviu um lamento de desejo e soube que tinha sido ela mesma.

Como se esse som indefeso fosse o sinal pelo que ele tinha estado esperando, os braços de McKinnon deslizaram em torno dela, puxando-a contra seu corpo duro, poderoso. Indefesa para fazer qualquer outra coisa, Val deixou seus lábios se abrirem. A língua dele entrou silenciosamente, deslizando habilmente. Incapaz de resistir, ela roçou a sua contra ela. Ele aprofundou o beijo, sua boca se tornando cada vez mais faminta contra a dela.

Ela sentia a pele dele fresca pelo banho, úmida sob suas mãos enquanto ela envolvia seus braços em torno dele para cravar as unhas em seus ombros. Seu corpo era todo cordilheiras e vales, tão rijo e forte que ela teve que lutar para respirar.

Ele chupou com muita sede o canto de sua boca, então saboreou o caminho abaixo para seu queixo até que sua cabeça zonza caiu para trás, então ele pôde pressionar um rastro de beijos apaixonados ao longo da carne fina de seu pescoço. Val se aferrou atordoadamente a ele,



choramingando pela intensidade daquilo. Os dentes dele raspavam sua pele, uma dor diminuta...

E ela viu sua mãe, contorcendo-se em agonia enquanto Hirsch afundava suas presas em sua garganta. Recordou o sonho com o Cowboy se alimentando da mulher mais velha enquanto ele transava com ela e a usava.

Essa memória desencadeou uma ainda mais atemorizante: a horrível Fome vampírica de Cade dezessete anos antes. A Fome que tinha marcado pesadelos em seu cérebro como garras cortantes. Um calafrio girou sobre ela, cortando o feitiço erótico que ele tecera tão habilmente. Val recuou, empurrando suas mãos algemadas contra seu peito.

— O que você está fazendo?

— Fazendo amor com você — ele murmurou, seus olhos uma escuridão de veludo enquanto seus braços musculosos se contraíam.

Oh, Deus, ela pensou selvagemente. O que faço se ele não parar?



Capítulo Oito

— Não! — ela tentou se afastar, mas ele não soltou. — Você disse que não me forçaria!

Cade parou de repente, olhando para baixo para seu rosto por um momento antes de apertar seus olhos fechados, visivelmente lutando por controle. Ela observou, tensa. Se ele perdesse aquela batalha...

McKinnon endireitou seus ombros e deu um passo atrás, soltando-a enquanto seu rosto assumia linhas frias, inexpressivas.

— E eu quis dizer isso.

Ele girou em torno de si como um soldado e caminhou para o banheiro. Val se curvou, a respiração pesada de medo — e embora lhe repugnasse admitir, excitação prolongada.

Ele saiu um momento mais tarde com duas toalhas. Dando uma a ela ele pôs a outra sobre seus ombros e pegou suas calças, procurando num bolso a chave das algemas. Ela estendeu seus pulsos.

— Você pode ter o banheiro. Vá trocar suas roupas molhadas enquanto eu me visto aqui — ele energicamente abriu as algemas, seu tom distante contrastando rigorosamente com o calor persistente em seus olhos.

Val inclinou a cabeça e caminhou sobre pernas trêmulas até a mala que ele deixara na cômoda. Quando ela se curvou, viu o reflexo dele no espelho. Ele estava cravando os olhos em seu traseiro, seu olhar fixo fervendo e feroz. Um tremor deslizou por sua coluna vertebral.

McKinnon olhou para cima e encontrou seus olhos no espelho.

— Adivinho que a informação vampiros-não-tem-reflexo é outro mito — ela disse, tentando arranjar um tema menos incendiário.

— Logo são muitas coisas nas quais você acredita a nosso respeito — um músculo pulsou em seu maxilar quadrado. — Não sou um monstro, Valerie. Se fosse, não me teria detido agora pouco.



Ele marcara um ponto. Ele parara — e se ela fosse honesta consigo mesma, ele poderia tê-la persuadido a esquecer de seu medo. Ele definitivamente poderia tê-la forçado.

Então talvez... talvez ela estivesse realmente segura.

Ou não.

Val curvou sua cabeça para procurar pela bagagem com mãos trêmulas. No momento em que ela encontrou uma camiseta e um par de calças, escapou para a segurança do banheiro.

Agarrando firmemente suas roupas, desmoronou contra a porta, a respiração pesada. Ela viu a cortina da ducha meio corrida através da banheira e estremeceu, a tentação de sair dali surgiu quando lhe ocorreu que Abigail poderia forçar outra aparição.

Ela se vestiu e voltou ao quarto em menos de um minuto.

McKinnon tinha posto um par de shorts de exercício de náilon que não eram de perto o suficiente para cobrir toda aquela magnífica pele sobrenatural. Ambos os braços musculosos estavam erguidos enquanto ele energicamente secava com toalha seus cabelos. Val se sentou sobre a cama e tentou não observar o agrupar e brincar dos músculos atraentes enquanto ele se movia, mas seus olhos rebeldes continuaram vagando em sua direção.

Quando ele terminou e procurou pelas algemas que deixara descansar sobre a cama, ela se agitou.

— Por favor, McKinnon. Não. Eu não... — ela se deteve e engoliu em seco. — Entre uma coisa e... outra, eu realmente prefiro não ser algemada. Eu prometo que não tentarei escapar.

Ele lhe deu um longo, pensativo olhar e inclinou a cabeça lentamente.

— Tudo bem.

— Obrigada — ela deixou seus ombros caírem de alívio, então subiu rapidamente entre as cobertas e as puxou até seu queixo. Agudamente consciente de que ele se mantinha ao lado da cama, observando-a, Val se acomodou comodamente em seu lado olhando para a janela. As cortinas riscadas eram grossas, mas ela ainda podia ver a luz da manhã se filtrando.



Ela cravou os olhos na resplandecência dourada, seus olhos ardendo de exaustão. *É luz do dia*, ela disse a si mesma. *Estou a salvo. McKinnon prometeu. Ele não me algemou quando ele poderia ter feito. Ele não me forçou quando ele poderia ter forçado. E ele não me seduziu. Estou a salvo.*

Ao menos dele. Se apenas ela estivesse tão segura sobre todas as outras criaturas sobrenaturais que vinham por ela...

A cama cedeu enquanto ele subia atrás dela. Um braço firme rodeou sua cintura e a puxou para trás contra seu corpo grande. Seu calor a envolveu, e os músculos tensos relaxaram ao longo de sua coluna vertebral. Ela o sentia tão familiar. Apesar de tudo — apesar de suas mentiras, apesar de suas memórias traumáticas, uma parte dela persistia em vê-lo como o Cowboy, seu herói Texas Ranger.

Pensando em quanto ilógico era sentir tal senso de segurança nos braços de um vampiro, Val deixou seus olhos, que pareciam cheios de areia, se fecharem.

O oficial Ken Bratton fez seu circuito da manhã através do estacionamento do Corrington. A maioria das vezes era uma perda de tempo, mas uma ou outra vez ele encontrava um carro registrado na lista quente de veículos roubados do dia. Os caras maus gostavam de hotéis baratos.

Quando ele divisou o Lexus negro na linha de antigos Toyotas e decrepitos Fords, o carro atraiu sua atenção porque estava tão completamente fora de lugar. As pessoas que se permitiam veículos como aquele não ficavam no Sleeper.

Bratton pegou a Lista Quente do dia fora do banco ao seu lado. Como ele meio que esperou, encontrou que o número da placa de licença do carro estava listada entre outros que os policiais monitoravam. E a descrição combinava — um Lexus 2003 negro.

Então ele franziu o cenho. O carro não estava na lista como roubado, nem era para se prender o motorista para questionamento. Em vez disso, alguém que visse o Lexus era instruído a telefonar ao despachante, que era



por sua vez ordenado a notificar o N.Y.P.D. O que era definitivamente estranho, uma vez que eles não tinham jurisdição fora, ali na Virginia.

Mas ordens eram ordens. Bratton pegou seu rádio de mão e telefonou.

Cade se pôs de lado com Val enrolada contra seu corpo. Cada vez que ele inspirava, o perfume dela alagava sua cabeça, rico com o perfume leve, inebriante de excitação persistente. Ele tentou ignorá-lo apesar do membro duro como mármore descansando contra suas nádegas suavemente musculosas. A Fome estava desperta e rondando, incitando-o a girá-la sobre suas costas e terminar a sedução que ele tinha iniciado.

Esqueça, ele disse a si mesmo severamente. Ele jurara que a deixaria em paz, e ele, maldição, não violaria sua confiança. Particularmente considerando que era surpreendente que ela tivesse confiado inteiramente nele.

O fato de que ela dormia tão pacificamente em seus braços repentinamente o atingiu como um raro presente. Deitado ali escutando o pulsar do coração dela, Cade lentamente relaxou em um raro, frágil senso de paz. Ele sabia que a realidade estaria de volta o suficientemente logo, mas aquilo apenas fez com que ele se determinasse a gozar aquele momento. Saboreando-o, ele a puxou mais para perto contra ele, acomodou sua ereção contra seu traseiro e sentiu a tensão ecoar de seu corpo.

Calor beijou a face de Val. Ela ouviu um estalo e sentiu o cheiro outonal de fumaça de madeira se desfazendo ao vento. Forçando seus olhos a se abrirem, ela viu uma fogueira de acampamento a uns poucos pés, lambendo a escuridão de um anel de pedras desiguais. Deslumbrada, ela levantou sua cabeça e olhou ao redor. A luz da lua pintava uma paisagem de um filme de John Ford — altos despenhadeiros rasgando o céu, areia, rochas e arbustos, tudo desolado e friamente belo.



Um ruído curto e apagado a sobressaltou. Val girou para ver um cavalo branco enorme de pé a alguns metros, vislumbrante e fantasmal à luz da lua. O animal a estudou com olhos que refletiam a fogueira do acampamento, resplandecendo misteriosamente verdes.

Do outro lado de sua fogueira, um homem deitava em uma esteira, suas pernas longas cruzadas em um par de Levi's, uma camisa branca justa sobre as poderosas curvas de seu peito. A estrela de um Texas Ranger, feita a mão de uma moeda de prata, brilhava contra o escuro de seu colete de couro.

Então, com a ilógica repentina de um sonho, a camisa tinha ido, deixando para trás nada mais que o colete cobrindo seu torso musculoso. Val, submersa no sonho, silenciosamente aprovou.

Ele levantou uma mão enluvada e levantou a aba de seu *Stetson* branco. Seus olhos, negros à luz do fogo, estudaram-na e começaram a arder com excitação masculina.

Quando Val olhou para baixo, ela percebeu que vestia um diáfano negligee moderno, rendado e fino como um sussurro. Seus mamilos eram tesas pontas rosadas sob o tecido delicado, e doíam, como a mendigar pela boca do Cowboy.

Ela moveu suas pernas enquanto calor se concentrava entre elas. Ela usava uma pequena calcinha de renda, mas enquanto ela a olhava, também desapareceu, revelando cachos castanho-avermelhados. Val lançou seus olhos para cima, uma mão descendo para cobrir seu sexo vulnerável.

— Você não tem que se esconder de mim. Não Aqui — ele rolou da esteira e começou a engatinhar para ela sobre suas mãos e joelhos, músculos poderosos se agrupando em seus bíceps e ombros enquanto ele se movia. A aba de chapéu sombreou seu rosto, mas ela viu o brilho de seus olhos, a examinando por debaixo.

— Isto é perigoso — ela lhe disse.

— É um sonho, assim como todos os outros. O que pode machucar?

— Mas eu sei que você é real agora. E você é um vampiro. Eu não deveria te querer.



— Mas você quer — ele se ergueu sobre ela, a luz do fogo contornando seus ombros largos de dourado enquanto ele a alcançava. — E é seguro aqui. Nós podemos nos temer quando estamos acordados, mas este é apenas um sonho. Aqui sou simplesmente o Cowboy, e você é simplesmente Valerie. Nada de vampiros. Nada de Kith. Nada de complicações.

Ele pegou sua face entre suas mãos enluvadas. Ela respirou profundamente e sentiu o cheiro quente de couro, cavalo e homem. Seus lábios cobriram os dela deslizantemente, sedosa tentação, e sua língua girou em sua boca. Ele tinha sabor de café e carne assada — e Cowboy. Seu doce amante de sonho.

Val relaxou e deixou seu peso empurrá-la de costas na esteira. Em vez de lã e algodão áspero, sentia-se como uma almofada grossa de seda contra sua coluna.

— Nunca gostei de fazer amor na terra — o Cowboy murmurou contra seus lábios. — Soa mais romântico do que é.

Ela o sentiu se pôr sobre ela, seus braços envolvendo-a na dura força masculina, o tecido áspero de seus quadris cobertos de jeans pressionando entre suas pernas enquanto seus longos dedos tomavam posse de seus seios. O couro flexível de suas luvas era sentido como delicioso enquanto ele beliscava e acariciava seus mamilos. Quando ele girou seus quadris, quente umidade inundou seu sexo com creme.

— Deus — ele ronronou em seu ouvido. — Amo esse aroma.

Ele inclinou para trás seu Stetson e abaixou sua cabeça. Ela cravou os olhos na copa de seu chapéu e estremeceu com a sensação de sua língua sobre seu mamilo através da renda fina de sua camisola. As grandes mãos enluvadas acariciaram e apertaram até que ela se contorceu. Seus dedos desceram deslizando para as concavidades idênticas de sua cintura antes de traçarem a extensão de sua coxa. O couro gasto era quente, suave contra sua pele.

Logo ele encontrou o ninho de cachos úmidos entre suas pernas. Um dedo agasalhado em couro deslizou dentro dela, e ela se contorceu com deleite voluptuoso. Quando seus dentes amavelmente morderam um



mamilo ereto, os prazeres gêmeos se teceram juntos em sua mente, cada momento mais luxurioso na combinação.

Repentinamente a luva se foi, deixando sua pele nua tocando-a.

— Você se importa? — ele murmurou, levantando sua cabeça para olhar para ela, seus olhos brilhando tenuemente à sombra de seu chapéu. — Queria te sentir.

— Não — ela ficou sem fôlego. — Não, não me importo.

Seu polegar dedilhou seu clitóris até que o êxtase a obrigou a cravar as unhas nas cordilheiras apertadas de seus bíceps para evitar gritar. A força dura, flexível dele a embriagou. Ela relaxou seu apertão desesperado para deslizar suas mãos dos músculos flexionados de seus braços para os contornos de seu peito poderoso.

Dois dedos a penetraram. Val ofegou. Repentinamente ele se puxou para fora dela, mas antes que ela pudesse murmurar um protesto, ele se moveu para baixo até que sua cabeça estivesse entre suas coxas.

Suas mãos pegaram suas pernas e as deixaram abertas. Ela sentiu a aba de chapéu roçar sua pele pouco antes que sua língua começasse a lambe-la, saindo para procurar sua carne mais sensível e banhando-a com perícia úmida.

— Deus, Cowboy — ela gemeu, da mesma forma como tinha feito tantas vezes antes. Enquanto ele mordiscava e chupava, suas mãos se afundaram em seus seios outra vez, acariciando com tal habilidade delicada que ela pôde apenas jogar a cabeça para trás de prazer. Mas não era suficiente. Ela o queria. Em cima dela, dentro dela. Agora. Ela arranhou os ombros nus dele. — Cowboy!

Ele se empurrou para cima, levantando-se sobre seus joelhos. As calças jeans tinham desaparecido, e ele estava nu, exceto pelo colete e o distintivo. Seu sexo maciço roçou contra sua coxa, uma extensão de seda ardente, coberta de aço, ansiosa pelo calor apertado dela.

Ela lambeu seus lábios.

— Nossa, nunca tive alguém com seu tamanho.



— Bom — ele grunhiu, e logo estava dentro dela. Sua força tomou sua respiração. Ela o sentiu interminável enquanto ele entrava, liso e grosso e delicioso. Os quadris dele giraram entre suas coxas enquanto ele começava a arremeter em potentes estocadas. Ela prendeu suas pernas sobre suas musculosas cadeiras, curvou seus braços ao redor de suas espáduas e se agarrou ao seu corpo resistente.

Enquanto ela jogava para trás sua cabeça de prazer, o Cowboy ergueu a sua, e a luz da lua resplandeceu em cheio em sua face sob seu chapéu. Sua boca estava aberta e ofegante de prazer. Suas presas brilhavam, brancas e agudas.

Ele começou a abaixar a cabeça para sua garganta...

Os olhos de Val se abriram de repente. McKinnon se inclinava sobre a parte superior dela, seu corpo maciço aninhado entre suas coxas. Sua ereção pressionava contra seu sexo, impedido de entrar unicamente por suas calças de algodão e os shorts de náilon dele. Por um momento ela pensou que ainda estava sonhando, até que ela encontrou seus olhos alarmados à luz do dia vertendo através das cortinas puxadas.

— Primeira vez que jamais despertei de um desses sonhos para te encontrar de fato aqui — ele disse, escorregando seus braços ao redor dela, puxando-a para mais perto. Seu membro se roçou contra ela com o movimento. — Isto tem possibilidades — as presas brilharam em seu sorriso malicioso.

Val cravou os olhos nele.

— Você fez isso de propósito! — ela empurrou infrutiferamente seus ombros maciços.

McKinnon se recostou em seus próprios quadris e a deixou engatinhar para longe.

— Realmente, não fiz. Apenas... aconteceu.

— Bem, é melhor que não aconteça de novo. Permaneça fora de meus sonhos, diabos! — ela explodiu, antes de lhe ocorrer que o perigo não estava



totalmente nos dentes. Ele podia fazer qualquer maldita coisa que quisesse com ela, e não havia forma de que ela pudesse detê-lo.

— Ouça, não foi intencional — ele protestou. — Além disso, metade das vezes é você a que surge em *meus* sonhos!

Ele marcou um ponto, mas ela estava condenada se ia admitir.

— O que seja — Val rolou para fora da cama. — Vou tomar um banho.

— Você faz isso — ele grunhiu, seus olhos se movendo rapidamente para as janelas acortinadas, que começavam a escurecer notavelmente. — É quase pôr do sol, de qualquer maneira. Precisamos pegar a estrada. Quero sair daqui antes que Ridgemont venha chamar.

Val agarrou uma muda de roupas de sua bagagem e voou para o banheiro, batendo a porta atrás dela com um pontapé satisfeito.

— Tolo — ela arrancou sua camisa e a bermuda, então as lançou em cima da pia com suas roupas limpas antes de girar para uma torcida violenta na torneira do chuveiro. — Tolo grande, dentuço, sexy.

Ela começou a girar a água quente completamente, mas ela não era uma masoquista. Pondo a temperatura para morna em vez disso, ela mergulhou sob o jato agudo e o deixou atingir seu corpo sensibilizado. Aqueles sonhos malditos sempre tinham feito aquilo com ela. E o efeito era pior — imensamente pior — agora que ela sabia que o Cowboy era real.

Seus mamilos estavam tão intumescidos que pareciam uvas. Escorregando uma mão exploratória entre suas pernas, ela percebeu que estava tão lisa quanto creme chantilly. Tão lisa que ela não podia resistir a acariciar sua carne desesperada. Deixando cabeça cair para trás, Val mordeu seu lábio e mergulhou seus dedos profundamente enquanto recordava a forma como ele parecera, nu e gotejando, seu membro pesado inclinado ligeiramente para cima com a força de sua fome.

Passou-lhe pela cabeça esperar que Abigail não estivesse em nenhum lugar *por perto*. Logo ela esqueceu todo o resto. Ela estava tão ardente que mal levou um momento para se produzir um clímax duro, entontecedor.



Quando ela terminou, rapidamente ensaboou seu corpo formigante, amargamente envergonhada de si mesma. Ele era um vampiro, maldição.

Ainda assim ninguém exceto ele alguma vez a tocara daquela forma. Talvez fosse porque nunca se apaixonara por algum outro — nenhum mero macho humano poderia competir com o Cowboy. E agora que ela sabia que ele era real, como diabos ela esperava manter suas mãos para si mesma?

Val pegou a torneira de água quente e a girou até o final, reprimindo um grito quando agulhas de água gelada atingiram seu corpo superaquecido.

O machado de guerra era uma obra de arte, intrincadamente gravado através de sua lâmina larga com cenas de batalha, seu cabo de carvalho grosso esculpido com runas. Meio hipnotizado, Hirsch passou seu polegar através do fio e observou um filete de sangue escorrer do corte. Ele levantou a arma em sua mão, sentindo o peso, o balanço perfeito. Ele poderia cortar o pescoço de um homem como um pedaço de manteiga.

Ridgemont tinha apresentado a arma a ele pouco antes de sair, com instruções para usá-la no americano.

O alemão fechou seus olhos, imaginando o momento quando ele separaria McKinnon de sua cabeça. O sangue do bastardo jorraria como uma fonte, e Hirsch tomaria um banho nele. Ele quase podia saboreá-lo em sua língua, a ferida e um pedaço da vida de um vampiro, tão mais aguçado que o cobre doce de uma mulher.

E uma vez que ele se alimentasse do precioso Pistoleiro de Ridgemont, haveria Valerie Chase. Hirsch lambeu seus lábios e sentiu seu membro crescer.

Uma labareda psíquica de ansiedade levou sua atenção ao homem sentando em frente a ele. Giovanni Case era um assassino profissional e desumano, o homem atingira tantos e ficara tão renomado que o gelo em suas veias impressionara Ridgemont o suficiente para recrutá-lo. Ainda havia medo em sua cara enquanto ele olhava para Hirsch agora.



O alemão sorriu abertamente de prazer. Ele achava tão prazeroso aterrorizar mortais.

— Aterrissaremos às cinco — o piloto do helicóptero disse através de seus fones de ouvido.

— Não tão perto do motel — Hirsch alertou pelo seu microfone. — Não quero que McKinnon perceba que estamos indo atrás dele.

Ridgemont conseguira uma palavra da localização dos fugitivos na péssima hora das três à tarde. Hirsch não tinha apreciado ser comandado de sua cama fresca e longe da luz ardente do sol, mas se o ataque funcionasse, então valeria a pena.

Felizmente a limusine e as janelas da cabine do piloto do helicóptero tinham sido polarizadas para bloquear raios ultravioletas, então a viagem tinha sido tolerável. Agora a noite caíra bem a tempo, e Hirsch estava mais que em condição de matar McKinnon e tomar a garota.

Ele se perguntou se o americano ignorara seus escrúpulos e se alimentara de sua prisioneira. Seria ainda mais doce se ele tivesse feito aquilo. Como torturaria o americano morrer sabendo o que aconteceria a ela nas mãos de Hirsch!

Ele não podia esperar para violá-la. Ela tinha o tipo de tetas grandes e corpo de pernas longas que ele adorava em suas vítimas. Ainda melhor, ele não poderia compeli-la como uma fêmea normal, então ela lutaria pelo caminho enquanto era levada à garagem do estacionamento. O pensamento fez seu pau forçar contra seu zíper. Tinham se passado décadas desde que ele tivera que prender uma mulher. Algumas vezes ele as deixou lutar, mas não era o mesmo. A última vez em que ele desfrutara de uma violação genuína tinha sido aquela combatente da Resistência Francesa durante a guerra. Foder Valerie seria bem melhor, especialmente se ele fizesse aquilo com ela enquanto McKinnon estava vivo para observar.

Então ele a levaria de volta a Ridgemont, junto com a cabeça cortada do americano.

Hirsch olhou para cima e encontrou o negro olhar fixo e inquieto de Casale.



— Enquanto pego Cade, quero que você capture a garota. Mas não a machuque — Hirsch sorriu com a quente antecipação. — Eu me encarregarei disso.

Valerie finalmente emergiu do banheiro bem quando Cade considerava entrar atrás dela. Ele já estava vestido, armado com sua pistola, e colocara no carro a espada e o resto de suas coisas.

— Te tomou muito tempo — ele grunhiu, tentando ignorar a forma de sua camiseta azul e suas calças jeans que mostravam aquela figura apetitosa. Seria melhor que eles pegassem a estrada antes que ele a jogasse para trás naquela cama e terminasse o que aquele maldito sonho começara.

Pegando-a pelo cotovelo, ele abriu a porta.

— Temos um monte de chão para cobrir esta noite, e não perderemos tempo aqui.

— O que acontece quando chegarmos aonde estamos indo? — Val perguntou enquanto ele a guiava sob a saliência para o carro.

— Para começar, eu ir...

Cade, é Hirsch!

Merda! Ele empurrou Val para trás dele e tirou sua pistola.

Com um rugido de triunfo, o alemão mergulhou do teto sobressalente do motel sobre ele. Algo metálico faiscou na direção de sua cabeça. O antebraço de Hirsch atingiu seu ombro com um golpe de bater os dentes enquanto eles se estrelavam contra o pavimento tão duro que o impacto arrancou a pistola de sua mão. Cade levou ambas as mãos à camisa de Hirsch, chutou sua barriga, e o enviou voando. Rolando para seus pés, ele silenciosamente se amaldiçoou por deixar o alemão pegá-lo de guarda baixa.

— Nós vamos ver quem consegue matar agora, americano — Hirsch grunhiu, dando um salto com um grande machado de batalha em sua mão. Aquele brilho refletor que Cade tinha visto devia ter sido a lâmina não acertando por pouco sua cabeça.



Oh, inferno, a espada estava na parte de trás do carro! Cade procurou pela pistola, não a viu, e se preparou para lutar de mãos vazias.

O grande alemão se moveu para ele nas pontas de seus pés, o machado brilhando à luz fria dos postes da rua. Seu sorriso era frio.

— Desta vez eu te peguei, seu metido a santarrão!

— Nem mesmo em seus sonhos, Gerhard — mas ele não estava tão confiante como ele tentava soar. Ele menosprezara muito Hirsch. Se ele não mudasse de atitude agora, estava morto — e Val pagaria por seu mau julgamento.

Val atingiu a terra com sua barriga, desesperadamente procurando pela pistola de McKinnon. Tinha-a visto deslizar sob o Lexus. Se ela pudesse encontrá-la, colocaria uma bala no cérebro do alemão. Ela estava condenada se permaneceria por aí retorcendo as mãos como uma virgem vitoriana.

Estava um escuro breu sob o carro, mas quando ela pregou sua face contra o pavimento frio, pôde ver a silhueta da pistola sobre o solo. Ela estendeu uma mão tão longe que a articulação de seu ombro protestou. E mal conseguiu tocar e agarrar com seus dedos o metal frio.

Arranhando-os, ela se esforçou para deixar a pistola perto o suficiente para agarrar. No minuto em que teve seus dedos em torno dela, ela saltou para seus pés e apertou a trava de segurança. Uns poucos meses atrás ela tinha feito alguns tiros ao alvo para uma reportagem, e seu instrutor havia lhe dito que ela era uma atiradora natural. Agora ela se inteiraria se ele apenas a estivera bajulando.

Val olhou para os dois vampiros bem quando Hirsch impulsionava seu machado para a barriga de McKinnon. Ele saltou para trás para evitar ser cortado em dois, então deu um bote para estar ao alcance do machado e agarrou o antebraço de Hirsch. Sua força cinética o empurrou contra o peito do vampiro maior, e os dois se lançaram um contra o outro enquanto lutavam pela arma em um espetáculo intimidante de músculos e esforço.



Val deixou seus pés separados na forma que fora ensinada e levantou a pistola para mirar nas costas do alemão. Seu estômago pesou ao pensar em disparar em alguém, mesmo em tal monstro, mas ela rangeu seus dentes e estabilizou sua mira. Não poderia deixá-lo matar McKinnon.

— Eu não faria isso — uma voz estranha disse.

Algo frio pressionou contra sua nuca. Ela soube sem olhar que era a boca de uma pistola.

— Deixe-a cair — o homem armado fez o pedido.

Maldição, ela pensou, *Hirsch trouxe reforços*.

As boas notícias eram que não era Ridgemont, a julgar pela falta de sotaque inglês. O que queria dizer que ele era um laçai. E queria dizer que ela tinha uma oportunidade.

— Eu disse que a deixe cair — o homem vociferou. — Ou atingirei sua pequena cabeça vermelha imediatamente.

Cada rastro de saliva deixou a boca de Val, mas ela não baixou a pistola.

— Você não vai atirar em mim.

Ele riu, o som tão sujo que ela sentiu um frio arrepio por sua coluna vertebral.

— Um monte de pessoas mortas poderia lhe dizer algo diferente.

— Mas Ridgemont não precisou delas vivas — Val começou a mudar de direção, tentando ignorar a pressão gelada da boca do cano lutando contra sua cabeça com o movimento. — E ele estaria muito, muito infeliz se você me matasse.

Ela quase mudou de opinião a respeito de seu plano quando ela deu uma boa olhada no pistoleiro. Ele não era um homem grande, mas seu casaco impermeável azul-marinho se esticava sobre um peito de barril. Sua cabeça rapada como uma bola de boliche, e ele tinha feições acentuadas, fixava com olhos tão pequenos quanto frios e vazios como gelo negro. Algo na forma como ele a olhava sugeria que ele considerava matar da mesma forma que escovar seus dentes. Ela percebeu que teve sorte por ele tê-la deixado se voltar sem apertar o gatilho.



Val tomou a maior oportunidade de sua vida e apontou a pistola de McKinnon para ele. Admiravelmente, a arma não tremeu em suas mãos.

— Não penso que você queira entristecer Ridgemont — *É melhor que ele não queira*, ela pensou severamente. *Ou estou morta*.

Aqueles pequenos olhos negros piscaram para a boca de nove milímetros da arma, então voltaram para a face dela.

— A coisa é, te deixar ir realmente o irritaria muito. E não acho que você vai atirar em mim — a mão esquerda do laçao se balançou para cima e perto, agarrando a pistola.

Val detonou.

Ele caiu para trás com um uivo. Ela o assistiu atingir o chão, seus ouvidos retinindo pelo estrondo ribombante da arma. A fumaça espiralou ao redor da pistola em sua mão, cheirando ao dia Quatro de Julho.

— Cadela cadela CADELA! — o pistoleiro se contorceu no pavimento, uma mão apertando forte seu ombro. Ela percebera no último segundo que não poderia matá-lo e apontara mudando a direção. — Sua pequena puta — ele levantou sua cabeça para olhar para ela, sua face estreita, feia desfigurada de fúria. — Vou empurrar essa arma em sua boceta e puxar o gatilho — os negros olhos raivosos travados nos delas, ele lutou para se levantar.

Oh, inferno. Não o ferira mal o suficiente para detê-lo. E se Hirsch tinha posto uma compulsão nele... Cravando os olhos naquela face forte, mortífera, Val percebeu que a única forma de deter o pistoleiro era explodir seus miolos — e ela já aprendera que não poderia fazer aquilo. Se xingando, ela girou e fugiu.

— Você tem que correr melhor, cadela! — ela olhou para trás para vê-lo cambalear sobre seus pés.

Abaixando sua cabeça, Val entrou em velocidade. Se ela pudesse escapar daquele bastardo, não se deteria até se aproximar de Beth.



Capítulo Nove

Quando a arma disparou, Cade relanceou os olhos por cima do ombro de Hirsch bem a tempo de ver que um homem cair enquanto fumaça subia de uma pistola nas mãos de Val. Cade o reconheceu: Giovani Casale, o assassino favorito de Ridgemont.

O pânico flamejou nos olhos de Hirsch enquanto os pensamentos do alemão explodiam como um grito alto: *Aquele louco do Casale a matou*. Hirsch lançou uma instintiva olhadela sobre seu ombro para o tiro atrás dele.

Cade o chutou na face tão duramente que uma cabeça mortal teria voado de seus ombros como um uma bola de futebol rumo às traves. Hirsch foi transportado pelo ar, o machado se lançando de sua mão.

Avançando para perto dele, Cade viu Val correndo para fora com o lutador aos seus calcanhares. *Praga*. Não havia tempo para acabar com Hirsch. Ele tinha que se aproximar de Val antes que Casale a pegasse ou a polícia aparecesse. Depois daquele tiro, não demoraria antes que metade da força da lei de Corrington corresse para o estacionamento do hotel.

Disparou um olhar para Hirsch. O alemão ficara de barriga para cima, suando frio, sua face uma ruína ensanguentada pelo chute. Infelizmente, o dano não era nem um pouco mal o suficiente para matar um vampiro.

— Terminaremos isto mais tarde, seu bastardo — Cade resmungou, e disparou atrás de sua prisioneira fugitiva.

Ele facilmente passou Casale, que cambaleava no rastro de Val como alguma coisa fora de *A Noite dos Mortos Vivos*, firmemente sob a prisão de uma das compulsões de Hirsch.

— Pare — Cade agarrou o matador, conduzindo as palavras profundamente com um ataque psíquico dele mesmo. — Vá dormir! — ele fez uma pausa apenas o tempo bastante para fazer de fato o assassino cair, logo acelerou seus passos.

Mesmo com toda a velocidade vampírica, ele teve que se esforçar para pegar Valerie. Deus, aquela garota podia correr.

— Val, está tudo bem! — ele gritou. — Casale está caído! Volte!



Ela parou seus passos e se voltou, erguendo a pistola para apontá-la bem entre seus olhos.

— De costas. Afastado — ela cuspiu, em duas palavras distintas. — Se você chegar mais perto, abrirei um buraco em você.

Cade sentiu sua mandíbula cair. Olhando para seus olhos selvagens, desesperados, ele soube que ela quisera dizer cada palavra.

Querendo apenas ficar longe de todos eles, Val cravou os olhos na bela face de McKinnon. Agitava-se febrilmente. Uma bala não o feriria permanentemente, mas o retardaria. Enquanto ele estivesse se recuperando, ela poderia fugir.

Por um momento ele pareceu atordoado, como se incapaz de acreditar que ela realmente consideraria atirar nele. Infelizmente ele era um guerreiro demais para deixar a ameaça mandá-lo embora.

— Você não pode matar um vampiro dessa forma — McKinnon disse a ela, na voz elaboradamente razoável conta de alguém tentando falar com uma mulher louca à beira de um precipício.

— Não quero te matar — Val disse, conservando a pistola apontada entre aqueles escuros olhos aveludados. Ele parecia tão grande e largo de pé à luz do poste da rua, a camiseta preta que abraçava aquele peito deslumbrante enfiado dentro de jeans usados que faziam suas pernas parecerem quilométricas. Ela afastou sua atenção para longe da crua beleza masculina dele e firmou sua mira. — Apenas quero que você me deixe sozinha. Eu tenho de alcançar Beth.

— Isso só a meterá em mais perigo, Val, até mais se você fizer isso — ele deu um passo lento para ela, seu olhar fixo enfocando além da boca da Smith & Wesson para encontrar o dela. — E você não faria. Ridgemont te teria antes do nascer do sol. Sou a única chance que você tem.

— Mas você disse que não está à altura dele, não sem me Transformar. Se eu ficar com você, a única coisa que acontecerá é você sendo morto e eu me tornando escrava de Ridgemont — e ela não podia resistir ao



pensamento de McKinnon morrendo. — Ou você me Transforma e eu termino como uma vampira. Eu não gosto de qualquer alternativa.

— Há outras formas para matar Ridgemont que enfrentando-o corpo a corpo. Não me menospreze — McKinnon deu um passo mais perto. Val recuou outro passo. — Venha, Valerie — ele persuadiu naquela voz profunda, paciente. — Não temos tempo para isto, a polícia está a caminho. Posso ouvir as sirenes.

Ela lambeu seus lábios secos.

— Bom. Eles podem me prender. Seria mais seguro na prisão.

— Não se Ridgemont te tirar sob fiança — os olhos de látegos escuros se fixaram dentro dos dela, atentos e exigentes. Val observou seus olhos se estreitarem e soube que ela não poderia olhar para eles quando ela atirasse nele. Ela baixou sua mira para um ponto a meio caminho entre suas largas maçãs e fechou seus olhos.

Enquanto seu dedo mal apertava o gatilho, ela sentiu afluxo de vento e movimento. A mão de McKinnon pressionou a dela para baixo de novo, sacudindo a pistola para cima enquanto seu outro braço envolvia sua cintura. Antes que ela pudesse sequer abrir seus olhos, ele tirou a arma de sua mão tão facilmente como um homem tomando um brinquedo de uma criança engatinhante.

Admirada, ela fixou seus olhos em sua face severa.

— Como você fez isso tão rápido? — ele estivera a uns quatro metros longe.

— Sou um vampiro — McKinnon explodiu, enfiando a pistola em seu coldre vazio enquanto ele a transportava próxima a ele e a levava de volta para o carro. Tropeçando atrás dos passos largos dele, ela ouviu as sirenes lamentando cada vez mais perto. — E você tem sorte que eu não seja Ridgemont, porque ele a teria feito comer essa pistola. Só um idiota fecha seus olhos quando atira em alguém.

Ofendida, ela olhou encolerizadamente seu perfil de pedra.

— Sinto muito. Na próxima vez em que eu for abrir um buraco em você, eu me certificarei de observar.



— Veja que você faça — os músculos em sua mandíbula forte se apertaram enquanto ele apressava seu passo. As sirenes estavam ficando mais altas. — E o que diabos te ofende, de qualquer maneira? Pensei que tínhamos terminado com isso. Sem mim, você não tem uma súplica.

Ela abriu sua boca para responder, mas antes que pudesse dizer algo, um carro patrulha irrompeu no estacionamento, as luzes azuis girando, as sirenes uivando. Vários outros gritaram rua abaixo.

— Oh, inferno — ele a puxou em uma corrida.

— O que foi?

— Há também muitos policiais. Nós temos que conseguir sair daqui.

— O que foi? Por que não lança uma praga psíquica neles?

— Não posso compelir mais que uma pessoa de cada vez. E soa como se metade da força está a caminho. Se vierem aqui, estamos fodidos — quando alcançaram o Lexus, ele abriu com um puxão a porta do motorista e a empurrou para dentro. Ela engatinhou através da alavanca de marchas e caiu no banco do passageiro.

— Ei! — um policial corpulento saiu de seu carro patrulha e se dirigiu a ele. — Senhor, eu preciso falar com você. Agora.

Cade olhou para cima e o apanhou com um olhar fixo.

— Não tivemos nada a ver com isso.

O homem interrompeu os passos, confusão nublando seus olhos.

— Mas há um corpo no...

— Não, não há — ele deslizou para trás do volante e ligou a ignição. O policial cravou os olhos neles inexpressivamente enquanto Cade tirava o Lexus de ré de seu espaço e disparava pela saída de trás.

Dando uma olhada pelo espelho retrovisor, ele viu outro policial sair de um segundo carro e se aproximar do primeiro, gesticulando. Cade se sobressaltou, sabendo que ele conseguira para sua vítima uma reprimenda muito menor. Infelizmente ele não tinha tempo de se preocupar com aquilo. Havia uma boa probabilidade de que eles tivessem obtido o número da



placa, em cujo caso cada policial na cidade logo estaria procurando por ele e Valerie.

Ele pisou no acelerador, desligou os faróis, e se mandou a toda velocidade e reflexos afiados que só um vampiro poderia dirigir.

Enquanto Cade acelerava, Val automaticamente procurou tateando seu cinto de segurança e o fechou fortemente. Aquela não fora sua melhor hora. Ela se sentia mal do estômago — as consequências de uma embriaguez de adrenalina misturada com desespero. Mas não era com os policiais ou mesmo Ridgemont sobre o que ela estava mais preocupada.

Estava gastando muito tempo com McKinnon — e ficando seduzida.

Sandra Kent franziu o cenho sobre o rosto estragado de seu paciente, mal registrando o bipe dos monitores postos ordenados em torno dele. Uma tripulação da ambulância acabava de trazê-lo para o E.R.

O Dr. Bryson tinha dado uma olhada e falado a ela para preparar o homem para a cirurgia. Ela suspeitava que fosse um esforço inútil. Eles estavam para perder aquele paciente; não havia maneira de que ele pudesse sobreviver a lesões na cabeça como as que ele mantinha.

Ele tinha sido atingido com o que devia ter sido um martelo de ponta redonda. Sua mandíbula estava quebrada, seu nariz, estilhaçado, e os ossos da face, despedaçados, mas mais importante era a fratura do crânio na parte detrás de sua cabeça. Com os golpes que tinha recebido, seu cérebro contundido já inchava dentro da jaula de seu crânio. Logo a pressão crescente o mataria.

Mas tinham que tentar.

Com um suspiro de resignação, Sandra se esforçou para checar o fluxo da unidade de sangue pendurando sobre sua cabeça. Ela capturou um fraco vislumbre azul e olhou para baixo. Surpreendentemente, os olhos do homem estavam abertos, embora ela pudesse ter jurado que tinham estado inchados e fechados havia um momento. Ele sorriu para ela através de seus lábios rebentados e ensanguentados.



Sandra olhou fixamente, perplexa. Como ele podia sorrir abertamente com sua mandíbula destruída? Olhando mais perto, ela viu que o inchaço parecia ter diminuído. Delicadamente ela se estendeu para tocar a face despedaçada do homem. E arquejou.

Meia hora atrás, os ossos tinham se deslocado sob seus dedos quando o havia tocado. Agora pareciam inteiros. O que era completamente impossível. Ela tinha visto as radiografias. Aqueles ossos tinham sido estilhaçados como vidro.

Uma mão contundida, fragmentada se fechou em torno do pulso dela tão forte que ela ofegou de dor.

— *Fraulein* — o paciente disse, sua voz tão deformada por sua mandíbula destroçada que ela mal pôde entendê-lo — me tire daqui. E então nós iremos... brincar.

Não era a primeira vez que Sandra tinha tratado com um paciente que estava fora de si. Ela abriu sua boca para gentilmente lhe dizer que ele não ia a qualquer lugar, exceto a cirurgia. Mas quando ela fez aquilo, encontrou aqueles frios olhos azuis.

E percebeu que não podia dizer absolutamente nada.

Iludir o policial manteve a mente de Cade firmemente ocupada por mais de uma hora enquanto ele costurava através das ruas escuras de Corrington. Percebendo um homem no lado da rodovia ajeitando um flat, Cade parou o tempo suficiente para influenciá-lo a mudar as placas de matrícula, logo se garantiu de que ele não recordaria nada a respeito daquilo.

Para ajudar a confundir as coisas, Cade parou apenas o tempo suficiente para repetir o processo, uma vez que a casa onde as luzes estavam acesas tinha, além disso, uma conveniente área de estacionamento repleto. A mudança de placa deveria fazer uma cortina de fumaça¹⁶ muito

¹⁶ No original está "Muddy the Waters", turvar as águas, e resolvi deixar a expressão mais "abrasileirada".



bem enquanto os policiais estivessem interessados, embora não deteria Ridgemont.

Agora que Cade parou para pensar, era óbvio que Hirsch tinha obtido o número da placa no aeroporto. O ancião tinha, então, usado a força da lei para seguir a pista deles, algo que Cade, pelo maldito inferno, deveria ter previsto. Meditando, ele relanceou os olhos para o perfil impassível de Val. Ele devia ter estado distraído.

Bem, usar as placas para deixar rastros deles não seria tão fácil dessa vez, entretanto Ridgemont ainda podia fazer aquilo. Cade sabia que o ancião interrogaria os donos a cada placa trocada que fosse encontrada, então chegaria ao número da nova placa e a encontraria por sua vez. Eventualmente ele seguiria a pista de Cade e Valerie, mas seria um processo longo. O suficiente longo, esperançosamente, para dar a Cade tempo de lhe preparar uma armadilha.

Infelizmente, no momento Cade não tinha ideia da forma que aquela armadilha tomaria. E ele malditamente bem apostava que seria melhor se apressar. Ir para cima de Edward Ridgemont sem uma estratégia bem estruturada era um bom caminho para ter sua cabeça entregue para você. Literalmente.

Cade olhou para Valerie enquanto as luzes de um carro que passava pintavam a linha regular de seu nariz e seu pequeno queixo teimoso. Ela tinha descansado sua testa contra a janela, os olhos fechados. Pela primeira vez, ele se encontrou questionando sua determinação de não Transformá-la. Estava ele sendo honrável — ou apenas suscetível?

Havia uma certa lógica cruel que demandava que ele dirigisse para o hotel mais próximo e acabasse com aquilo. A Transformação custaria a ela qualquer oportunidade de uma vida normal, e ela o odiaria depois, mas ainda era melhor que seu destino se Ridgemont a pegasse despreparada. Cade sabia disso melhor que qualquer um, tendo observado impotentemente enquanto seu mestre violentava muitas e muitas mulheres.

Mas mesmo com Cade como mestre dela, a Transformação ainda a aterrorizaria. Claro, diferente de Ridgemont, ele não tinha intenção de fazer sexo com ela durante o processo. Não era necessário, e ele duvidava de que



ele seria capaz de funcionar mesmo se fosse. A ideia de forçar Valerie era apenas tão repelente. Mas ele teria que se alimentar repetidamente, e ela acharia a experiência um pesadelo.

Não. Esqueça. Ele teria que imaginar outro meio para matar o ancião. Talvez outra bomba.

Eu poderia seduzi-la... O pensamento se insinuou em sua mente. Ela tinha respondido o suficientemente ansiosa a seus beijos lá atrás, no motel. Sem mencionar aqueles sonhos incrivelmente eróticos... ele tomou fôlego e a estudou outra vez. Ele poderia relatar cada respiração dela desde que ela adormecera. Provavelmente exausta pelo trauma de atirar em Casale. E malditamente perto de atirar em Cade também, pensando nisso.

Ele rangeu seus dentes. Era ridículo se sentir ferido porque ela quase tinha metido uma bala nele. Ela era uma prisioneira, pelo amor de Deus! — claro que ela tentaria qualquer coisa para escapar. Não era como se ela realmente pudesse matá-lo. Mas se ela fosse a vampira e ele, o mortal, ele sabia malditamente bem que não teria sido capaz de apontar uma pistola para ela.

Olhando para ela, você nunca pensaria que ela seria mesmo capaz disso. O rosto dela parecia tão adorável emoldurado por aquela juba castanho-avermelhada, como um anjo Renascentista adormecido. Seus cílios longos se moviam contra faces de porcelana, seus olhos se agitando de um lado para o outro atrás das pálpebras fechadas. Perguntando-se o que ela estava fantasiando, Cade automaticamente automaticamente se estendeu fora de sua mente para tocar a dela, esquecendo-se por um momento de que ele não seria capaz de estabelecer contato. Em vez disso, ele encontrou a mente dela aberta para ele, seu escudo Kith baixado no sono.

Sua investigação psíquica tocou uma vívida imagem de sonho — o próprio Cade, parecendo-se com o herói de um filme de cowboy no dorso de um grande garanhão branco, agarrando Val, que estava montada na sela em frente a ele.



Cade sorriu abertamente. Ela estava nua. Era um desses pesadelos de nu-em-público que todo mundo tinha. *Mas nossa, oh, nossa*, ele pensou malvadamente, *as possibilidades!*

Claro, o cavaleiro que sua mãe tinha criado nunca teria invadido a privacidade de Val enquanto ela dormia. O vampiro em que ele se convertera via como uma única oportunidade de seduzir uma mulher que era mais que meio-disposta, de qualquer maneira. E o homem... recordou que ele estivera malditamente perto de por uma bala nele.

Cade tomou a primeira saída para a que ele chegou. Para isto, ele precisou se encostar.

Val se retorceu na sela, mas os braços de músculos duros em torno de sua cintura não se soltaram. Ela desesperadamente precisava pôr algumas roupas, mas Cade não a deixaria descer. Mortificada, ela quis gritar. Ela não podia imaginar como ele a havia trazido nua para o dorso de um cavalo.

Repentinamente o sonho tomou uma claridade vívida que surpreendeu sua mente adormecida. Ela podia sentir o couro da sela entre suas coxas nuas e o calor dos poderosos braços em torno dela. Uma brisa noturna soprou em seus seios, e seus mamilos se endureceram pela sensação fresca, delicada.

— O que você fez, querida? — Cade ronronou. Sua respiração provocou sensíveis espirais em suas orelhas. — Que sujo crime você cometeu para ser presa por um Texas Ranger?

— O quê? — ela empurrou o braço que a prendia, mas ele não se moveu. — Não fiz nada.

— Você está algemada, coração — ele ronronou, seu peito vibrando contra sua cabeça. Ela olhou para baixo e viu que suas mãos estavam algemadas na frente dela. — Você deve ter feito algo. Furtar um cavalo? Roubar um banco? — ele levantou uma mão enluvada e fechou seus dedos ao redor de um seio nu com ternura deliciosa. — Talvez você seja uma pomba maculada, e as damas do povoado resolveram expulsá-la por tentar seus provincianos ao pecado — os dedos cobertos de couro provocaram e



giraram a ponta apertada, dura de seu mamilo. Sua voz arrastada continuou. — Você com certeza está me tentando.

— Cade, pare com isso! — ela se retorceu. E congelou, olhos arregalados, quando seu traseiro roçou contra a protuberância grossa de sua ereção.

— E agora você está fora, aqui, no meio do nada, com um Ranger que está tendo um mau momento recordando que ele supostamente tem que ser o mocinho — preguiçosamente, ele arrastou seus dedos para baixo pela barriga dela para deslizar entre suas dobras estreitas, úmidas. O couro áspero roçou seu clitóris ereto. Sua voz se aprofundou e baixou. — Não obstante, considerando o quanto você é malvada, talvez seja meu dever aplicar um pouco de justiça de fronteira.

Ele levantou as rédeas e acariciou as correias flexíveis primeiro contra um seio, então o outro.

Obedecendo à pressão para frente em seu freio, o garanhão começou a dançar sob eles. Os cascos negros deixaram o chão em uma empinada parcial que jogou Val para trás sobre o colo de Cade. Sua ereção grossa, coberto pelo tecido áspero de suas calças jeans, esfregou-se entre suas nádegas nuas.

— Acho que poderia desfrutar de te disciplinar — ele ronronou, e raspou as rédeas sobre um mamilo outra vez. Obedientemente, o cavalo saltou sobre suas patas traseiras, sacudindo-a contra seu membro. Seus dedos cavantes raspavam sobre seu clitóris, o redemoinho perverso de prazer fazendo-a se contorcer. Cade riu em sua orelha, o som feroz. — Você gostaria de passar um pouco de tempo duro, Valerie?

— Pare com isso — ela lhe disse. — Se supõe que você é o rapaz de chapéu branco, se lembra?

Com um puxão nas rédeas, ele trouxe o cavalo para as quatro patas de novo, então agarrou seu *Stetson* e o empurrou para as mãos dela.

— Não estou usando meu chapéu agora — Cade disse em sua orelha, seu tom uma ameaça aveludada. Abaixando a cabeça, ele pressionou sua boca na lateral de sua garganta. — Agora eu sou um vampiro.



Lentamente, levando seu tempo, ele afundou suas presas na pele dela. Ela se arqueou com a sacudida erótica da penetração apaixonada.

— Oh! — o som emergiu como um pequeno gemido atormentado.

Mas depois de uma agulhada aguda de dor, não doeu mais. Ela podia sentir seus lábios se movendo em seu pescoço enquanto ele bebia dela em longos goles, ronronando de prazer. Sua boca era quente e suave e excitante enquanto suas mãos acariciavam seu corpo. Um orgasmo se concentrou em seu estômago como uma tempestade em construção, só para pairar em suspensão ali, não completamente formado. Incapaz de resistir nenhum momento mais, ela gemeu:

— Deus, Cade, por favor!

Acalmando a alimentação, ele grunhiu um som feroz e cavou seus dedos indicadores sobre seu sexo, puxando-a contra seu membro coberto pelos jeans enquanto girava seus quadris como se empurrasse duro dentro dela. Ela se contorceu desesperadamente, tentando conseguir aquela última pequena estimulação que necessitava para gozar, mas foi inútil para ela. Ela gritou de frustração.

Pouco antes que ela perdesse a razão, ele soltou sua garganta e lambeu o cordão escoante que descia de sua orelha. Seu hálito soprando na carne delicada a fez ofegar de desesperada excitação quando ele murmurou:

— Viu? Não dói. Acorde, e eu te mostrarei...

Duro como um sabre no banco de trás, Cade deslizou para fora do sonho de Val bem quando ela se sacudia acordando. Ele observou enquanto ela levantava os dedos trêmulos até a lateral de sua garganta, indo em busca das marcas de suas presas. Não estavam lá, claro. Ele não a tinha mordido.

Não que ele não fora tentado.

— Isso foi interessante — ele falou arrastado, sorrindo abertamente. De um momento para outro, ela queimaria seus ouvidos com um daqueles



palavrões criativos dela, talvez até tentasse lhe esmurrar o nariz outra vez. Ele suspeitava que merecia.

Ela olhou para ele. Seus olhos estavam aturdidos, desfocados.

— Você sonhou comigo outra vez? — lambendo os lábios, ela deu uma olhadela em torno, como tentando se orientar. — Onde nós estamos?

— Eu saí da estrada — a confusão sonolenta dela enviou uma flecha de culpa através dele. Quando ela despertasse completamente, realmente o deixaria ter o dele. — Exceto que não foi um acidente desta vez. Quando você dorme, seus escudos mentais caem, então fui capaz de entrar em sua mente — e tinha sido uma das experiências mais quentes que ele jamais tivera em sua vida.

Ela se alterou, o olhar atordoado e vulnerável.

— Você fez isso? Você me fez sonhar aquilo?

Ele se sobressaltou, a culpa se intensificando.

— Bem, a ideia básica foi sua, mas a ajudei por algum tempo.

Realmente, a coisa toda tinha ficado fora de controle. Ele tivera de provocá-la com uma mordida de sonho, não praticamente fodê-la na sela.

Os olhos de Val deslizaram longe dos dele, piscando duro. Enquanto ele observava com alarme crescente, a vergonha e a dor evidente alagaram seu rosto. Ela procurou apalpando a maçaneta da porta e a abriu.

— Val, o que você está...

Ignorando-o, ela saiu. Favoravelmente, ele havia saído da estrada sobre uma pequena clareira coberta de erva, e agora ela começava a cruzá-la à luz da lua, seus ombros rígidos.

Oh, inferno, Cade pensou, seu estômago caindo quando ele empurrou sua própria porta para abri-la. Eu realmente a feri.

Val se arrastou mecanicamente através da grama, seu corpo ainda flamejando quase tão quente como seu embaraço mortificado.

Cade tinha penetrado em sua mente. Ele tinha visto quanto o quisera, usara esse conhecimento para mergulhá-la naquela excitação abandonada.



Ele sabia como trazê-la agora. Poderia levá-la a qualquer hora que ele quisesse. Ela não teria esperado isso dele.

Ele é um vampiro, retardada, Val disse a si mesma ferozmente. *Para ele, você é um fornecimento de sangue e vagina em um pacote fácil para usar. Uma combinação dois pelo preço de um.* E ela continuara o vendo como seu nobre Cowboy. O quanto estúpida ela podia ser?

A parte realmente irritante era o quanto brutalmente ela ainda o ansiava. Em face daquela fome rasgante, todas as razões para permanecer longe dele já não pareciam bem o bastante — não o medo de seu vampirismo, nem mesmo seu instinto de autoconservação.

Por que ela deveria se negar, ela se perguntou amargamente. Não era como se ela pudesse suplicar pela sobrevivência, de qualquer maneira. Por que não agarrar os momentos fugazes de prazer que ela poderia ter, considerando o precipício no qual ela oscilava?

Antes que ela pudesse dar outro passo agitado, os dedos fortes de Cade pegaram seus ombros, a fizeram parar e a giraram em torno de si mesma.

Val olhou encolerizadamente para ele. Mesmo depois do que ele tinha feito, a visão dele fez seu corpo vibrar como uma flecha afiada — e ela tinha certeza de que ele sabia. Ela esperava que ele a derrubasse na grama.

Mas em vez de triunfo, ela viu culpa em seus olhos.

— Val, sinto muito. Não tive a intenção de magoá-la.

Ela se balançou para trás em seus calcanhares, estudando-o. Parte dela precisava desesperadamente acreditar em suas desculpas, mas ela recordou a sedutora zombaria do vampiro de seus sonhos muito bem. Ela se perguntou qual era o papel — o Mocinho Cowboy ou o Grande Lobo Mau.

Ele mesmo sabia?

— Por que você deveria *sentir*? — Val exigiu, e estava encantada com o quanto ela soara amargurada. A amargura era muito melhor que a mágoa. — Não sou um vampiro ou um fantasma. Sou apenas uma mortal. Você fode com os mortais o tempo todo — nos faça acreditar em tudo o que você



quer, faça tudo o que você quiser. Você é o senhor de tudo com uma pulsação.

Aquilo o ofendeu. Ela viu a labareda de cólera em seus olhos misturada com um estremecimento de reconhecimento, e seu espírito maltratado celebrou aquela pequena vitória.

Cade abriu sua boca, logo fechou de novo e visivelmente refreou sua cólera.

— Tudo bem, mereci isso. Disse-lhe que não ia violá-la, e logo me voltei e fiz justamente isso, mentalmente, se não fisicamente. Mas seja o que for que você acredite, não tenho o costume de agir como um salafrário.

— O termo moderno — lhe disse com uma zombaria entediada — é escroto.

Em vez de estar ofendido, ele riu de alívio.

— Sabia que você teria tempo para queimar meus ouvidos cedo ou tarde — dando uma leve pancadinha em seu nariz elegante, Cade abaixou sua cabeça. — Ok, venha aqui. Me bata. Bem aqui.

Ela levantou suas sobrancelhas.

— Te bater?

Ele sorriu abertamente. Foi um sorriso aberto devastador, bonito e infantil e sardônico, e ela teria apostado que ele sabia exatamente que, quando muito, um soco machucaria de leve. As presas não eram sua arma mais devastadora, de qualquer maneira.

— Você quis me dar um soco desde que fechei as algemas. Aqui está sua oportunidade. Não a deterei. Veja se você pode quebrá-lo — ele fechou seus olhos e se preparou psicologicamente como se ela realmente pudesse fazer algum dano.

Val cravou os olhos nele, divertida apesar de si mesma. Seus cílios grossos roçando contra suas altas maçãs do rosto e sua boca tentadora estavam esticados em um meio sorriso. A luz de lua prateou seus ombros largos e seus cabelos sedosos com gelada luz branca. Ela considerou a fantasia agradável de bater nele em seu traseiro firmemente musculoso.



Em vez disso, ela fez o que tinha estado desejando fazer por horas. Envolvendo ambos os braços ao redor de seu pescoço, ela ficou nas pontas dos pés e tomou sua boca.

Os olhos de Cade se abriram de repente enquanto seios suaves pressionavam contra seu peito e lábios ainda mais suaves se selavam sobre os dele. Seu corpo instantaneamente irrompeu em chamas na intensidade sedosa de seu beijo.

Quando ele gemeu, a língua dela roçou em sua boca, ágil e escorregadia e impossivelmente tentadora. Ele recuou apenas longe o suficiente para murmurar:

— Pensei que você queria fraturar meu nariz.

— Ele apenas cicatrizaria — ela grunhiu contra seus lábios. — Nesse momento, há algo que quero bem mais.

— E o que isso seria? — Cade perguntou com um malvado sorriso aberto.

Ela deslizou uma mão entre seus corpos e o segurou atrevidamente. Ele ofegou em um estertor enquanto dedos longos acariciavam e apertavam carne que saltou ao seu toque.

— Realmente, vampiro, eu gostaria de *te* drenar — aqueles dedos o mediram enquanto o calor se despejava em seus testículos. — Apesar da percepção da coisa, esse podia ser um projeto longo.

— E ficando mais longo a cada momento — ele levantou seu queixo para examinar seus olhos. Ele podia sentir as pontas de suas presas contra seus lábios enquanto falava. Você está certa disto, Val?

— Sim — ela disse suavemente, com voz rouca. — Quero você, Cade. O quis por anos. Faça amor comigo.

Aspirando, ele podia farejar sua excitação, densa e tentadora, confirmando simplesmente o quanto ela queria aquilo.

— Sim — com um grunhido suave de necessidade, ele a puxou para dentro de seus braços e girou para voltar sobre seus passos em longas passadas.

Ela riu nervosamente e agarrou firmemente seus ombros.



— Aonde vamos nós?

— O carro — ele olhou para baixo em seus olhos e observou a forma como brilhavam à luz da lua como algo precioso. — Não quero fazer amor com você com rochas furando meu traseiro.

Val brincou com uma mecha dos cabelos dele.

— Isso soa como distração.

— E não quero estar distraído — ele alcançou o carro e caminhou em torno dele, ainda levando-a. Gentilmente, ele a pôs sobre a mala e a inclinou para trás contra o para-brisa traseiro.

Cade se endireitou para arrancar sua própria camisa, logo a embolou e a dobrou atrás da cabeça dela como um travesseiro. Ela o contemplou, calor e uma confiança relutante em seus olhos. Pegando a barra de sua própria camiseta, ela a levantou e passou sobre sua cabeça para revelar seios cheios presos em renda. Os montículos doces, altos pareceram mendigar suas mãos, sua boca. Um pulso bateu forte em seu pescoço longo.

A visão dela se ofertando fez a Fome saltar. Ele suprimiu de volta sua necessidade abrasadora, determinado a não traí-la. Dar-lhe-ia o que ela quisesse — e só o que ela quisesse — mesmo se aquilo o matasse.



Capítulo Dez

O que eu estou fazendo? Uma última voz sensata gritou na parte de trás do cérebro de Val enquanto Cade alcançava o zíper de seus jeans. Observando seus longos dedos abrirem suas calças, ela a ignorou.

Tudo o que importava era aquele momento — e fazer amor com Cade.

Ele fez uma pausa e a contemplou. A Fome fez seus olhos arderem com uma luz lupina que a teria assustado se ela também não sentisse seu freio de ferro.

— Se eu começar a tomar mais do que você queira ceder — ele disse, em um som baixo, determinado — me diga. Te juro que me deterei — as pontas de suas presas se mostraram quando ele falou, mas ela acreditou nele.

Quando ele alcançou o cós dela para tirar seus jeans, suas mãos grandes tremeram. Enquanto ele os descia, ela se lembrou de seu sonho com a mulher que ele pegara. Suas mãos tinham sido rocha estáveis então. O leve tremor que ela via agora mostrava que isso significava muito mais para ele, ou ela era culpada de pensamentos desejosos?

Ele se endireitou com os jeans dela pendurando de uma mão, devorando-a com olhos escuros, vorazes. Ela engoliu em seco, abruptamente consciente de que vestia nada menos que um sutiã e uma diminuta calcinha. O metal do porta-malas do Lexus pareceu gelado contra suas pernas nuas.

Ele pareceu tão malditamente grande de pé ali, os contornos musculosos de seu peito prateados ao luar. A fome tornou sua bela face dura, feroz. Ele deixou cair seus jeans e se estendeu para ela. Ela foi para seus braços com um gemido que ele amorteceu com sua boca. Sua língua escorregou entre seus lábios em um golpe lento, sedutor enquanto uma mão firme pegava a parte da frente de seu sutiã e puxava para cima, descobrindo seus mamilos. Longos dedos deslizaram ao redor de seu seio, quente e macio.



Ela fechou seus olhos e choramingou contra seus lábios. Sua língua circundou a dela.

O calor crescente a induziu a envolver suas pernas em torno de sua cintura e prender seus calcanhares contra seu traseiro musculoso. Ela deslizou sua boca pela dele enquanto ele tomava posse de um mamilo rosado, apertando gentilmente, ritmicamente.

— Te sentir é tão... — ela se deteve para gemer quando seus dedos deslizaram por sua coxa em uma carícia deslizante — bom.

— Você parece ser feita de seda — ele murmurou depois. O vidro frio do para-brisa contra suas costas era um contraste extremo em relação ao calor molhado de sua boca sugante se fechando sobre um mamilo. Cada sucção enviou prazer florescendo delicadamente ao longo de seus nervos. Uma lambida de veludo sobre uma ponta tesa e rosada a fez se arquear contra ele. Ela ficou sem fôlego e sentiu seu sutiã apertar os topos de seus seios.

Cade se deleitou com seus lindamente sensíveis mamilos enquanto o corpo esbelto dela se retorcia contra o seu, suave e quente. Sua essência inundou sua cabeça com o aroma rico, picante de excitação feminina, e os batimentos cardíacos dela retumbavam uma pulsação tão forte que enviava a Fome a uma subida vertiginosa. A energia de seu prazer crescente se acumulava em torno deles como uma nuvem narcótica.

Seduzido, ele tentou alcançar sua calcinha, faminto para trazê-la primeiro a um clímax delicioso. Quando ele sentiu o tecido fino, sedoso sob seus dedos, mal resistiu à urgência de rasgá-lo, mandando-o para longe. Enquanto ele o puxava por suas coxas, seu polegar acariciou a virilha. Estava molhada. Incitado, ele grunhiu contra seu seio e recuou apenas longe o suficiente para arrancar a calcinha completamente fora.

Ela pestanejou para ele, movendo-se deliciosamente pela camada negra de metal do Lexus, luz contra escuridão, calor contra frio. Seus mamilos estavam duros e rosados e molhados pela boca dele, suas pernas longas dobradas e abertas. Os olhos dele se fixaram no macio triângulo ruivo entre suas coxas. Sua boca se inundou de saliva. Movendo-se entre suas coxas, ele enterrou seu rosto contra ela.



A primeira punhalada da língua de Cade quase lançou Val para fora do carro. Instintivamente ela agarrou seus bíceps e cravou suas unhas enquanto ele lambia e sugava com habilidade cruel. O puro prazer quente a fez se contorcer. Ele se estendeu sobre seu corpo para apertar seus seios, acariciando e apertando enquanto se deleitava. Ela curvou um joelho sobre seu ombro e prendeu seu calcanhar duramente contra suas costas. Cade sacudiu sua língua de um lado para outro através de seu clitóris até ela se contorcer. O vidro liso da janela parecia deliciosamente frio contra suas costas quentes, suadas.

Ainda apertando seu mamilo com uma mão, ele alcançou entre suas coxas com a outra. Um só dedo deslizou no creme molhado, espesso que encheu seu sexo bem quando sua língua dava em seu clitóris o golpe perfeito.

Luz explodiu atrás dos olhos dela. Sua coluna vertebral se curvou como um arco.

— Deus, Cade!

Ele levantou seus olhos para observá-la gozar e deslizou outro dedo nela. A cabeça se arremessou para trás, os seios de pontas rosadas se arqueando enquanto seus lábios cheios, rosados se abriam em um ofego, ela parecia com um anjo raptado. A energia de seu clímax se verteu sobre ele, e ele tremeu ante o poder alagando sua mente. Suas presas doeram e seu membro pulsou com a necessidade de se enterrar nela. Ele reprimiu a Fome e deu nela outra lambida longa, deliciosa.

Deslumbrada, ela percorreu com o olhar seu corpo até ele para ver aqueles olhos negros observando-a sobre os cachos de seu sexo. Ela estava surpresa por eles não arderem. Então as mãos dele se moveram, uma torceu seu mamilo, a outra dirigiu três dedos dentro de sua carne apertada enquanto sua língua dançava sobre seu clitóris. Seu clímax, que se desvanecia martelou de volta com força total.

Quando ele finalmente a soltou, ela se esparramou no carro, deslumbrada e fraca pelos rasgantes orgasmos múltiplos que ele arrancara dela. Ela mal se moveu quando suas mãos pegaram um de seus quadris



para gentilmente virá-la, pondo-a de barriga para baixo sobre o portamalas.

— Cade?

Seu zíper soou. Instantaneamente, seus sentidos saciados saltaram em alerta.

Girando sua cabeça para ele, observou-o liberar seu membro grosso de sua cueca. Os olhos dele ardiam, apertados e quentes enquanto ele se fartava em seu sexo úmido, aberto. Lendo a pergunta em seu olhar fixo, ele disse:

— Se eu te tomar daquele jeito, não confio em mim mesmo que não vá beber de você.

Ela se lembrou do que sentira quando suas presas se afundaram nela no sonho. Embora uma parte traumatizada dela recuasse aterrorizada, o resto sentia a ascensão de uma excitação escura.

— Você pode... — ela ficou sem fôlego enquanto a coroa grossa, arredondada de seu membro acariciava suas dobras — Você pode me ter desse modo, se você quiser.

Seus olhos encontraram os dela e flamejaram com fome.

— Oh, quero — a carne escorregadia dela floresceu aberta enquanto ele empurrava dentro. Ele parecia tão grosso e duro, ela se perguntou por um ansioso momento se poderia recebê-lo. — Mas acho que deixarei para a próxima vez — ela ficou sem fôlego enquanto ele vinha sem parar. O calor possessivo em seu olhar fixo enquanto ele a fazia tremer. — Quando estiver mais faminto.

Val gemeu.

— Não estou certa de que sobreviveria se você ficasse mais faminto que isso.

Ele sorriu ligeiramente, feroz e masculino.

— Você tem feito um belo bom trabalho de... — seu membro deslizou a última polegada — aguçar meu apetite.

— Oh, Deus!



Ele se deteve, enterrado nela até os testículos, uma presença tão maciça, invasora que seu prazer balançou à beira da dor.

— Você é tão apertada — ele respirou em sua orelha enquanto se curvava sobre ela.

— Faz um... — ela prendeu a respiração enquanto ele saía um milímetro de cada vez. — Faz um longo tempo desde que eu fiz amor — sorriu ligeiramente. — Isto é, em algum lugar mais que um sonho.

— Valeu a espera? — mais daquele órgão acetinado deslizou para fora, apenas para pressionar lenta e profundamente outra vez.

— Deus, sim — o porta-malas era apenas alto o suficiente para que seus pés realmente não tocassem a terra. Ela se grudou à superfície escorregadia. O carro balançou sob o peso de Cade enquanto ele apoiava um joelho no para-choque e girava seus quadris. Ela choramingou com a percepção de seu mastro preenchendo-a tão profundamente.

Voltando a cabeça, contemplou-o sobre seu ombro. Ele se avultava sobre ela, seus ombros bloqueando as estrelas, sua olhar fixo concentrado no rosto dela enquanto se arremetia em sua vagina escorregadia. Ela girava seus quadris para ele, indo ao encontro de seus impulsos. O prazer se construía, curvando-se ao longo de sua coluna vertebral até ela se contorcer.

Ele abaixou sua cabeça enquanto seus lábios se separavam, mostrando presas que brilhavam em sua boca aberta. Val estremeceu e mordeu os lábios. A respiração dele soprou quente contra sua garganta. Ela girou sua cabeça em convite. Cade começou a morder, logo sacudiu sua cabeça para trás.

— Não desta vez — ele engoliu em seco. — Mais tarde.

Ele investiu seu membro tão profundo que ela gritou pelo prazer cruel. O carro balançou em seus pneus enquanto seu corpo poderoso se lançava e martelava contra seu traseiro. Cada impulso daquele grande mastro conduzia outro choque de prazer por sua coluna vertebral.

— Cade! — ela agarrou as bordas do porta-malas com ambas as mãos, agarrando-se impotentemente quando o orgasmo nascente demoliu seus



sentidos ao mesmo tempo de seus golpes perfurantes. Por fim seu clímax se quebrou sobre ela em uma onda fundida. Ela gritou.

A energia de seu orgasmo explodiu como foguetes na mente de Cade, conduzindo a Fome em um grito mantido. Ele quase poderia saborear o sangue trovejando no pulso palpitando tão duro em sua garganta magra. Ele lutou contra a necessidade, determinou que essa vez, a primeira vez, ele a tomaria como um homem em vez de um vampiro.

Sua carne escorregadia, apertada pulsou duro em volta de seu membro. O prazer ardente girou por seus testículos acima e desceu por seu mastro. Ele conduziu a si mesmo dentro dela tão fundo quanto ele pôde alcançar e jogou sua cabeça para trás. E se afogou em êxtase.

Seus sentidos maltratados, Val ficou imóvel sob o peso masculino úmido e sensual de Cade. *Deus, ela pensou, apenas fiz sexo com um vampiro. E foi incrível.*

Quase ronronando, ela fechou seus olhos enquanto escutava a respiração dele se aprofundar e estabilizar. Ela supôs que deveria usar um parafuso de propulsão rápida dentro da justa culpa que sentiria agora, mas ela se sentiu tão malditamente bem. Leve e flutuando, ela ficou imóvel e deixou seus músculos estremecerem.

Cade cobriu seu corpo, uma manta de masculinidade saciada. Quando ele finalmente começou a parecer pesado, ela tentou se mover, só para se assustar quando sua pele suada se colou à superfície de metal do carro.

Sentindo algo se mover profundamente dentro de seu corpo, ela fez uma pausa. O membro dele estava ainda dentro dela. Flácido agora, sim, mas a conexão entre eles permanecia.

— Deus, Cade — ela disse, e engoliu em seco para limpar a rouquidão. Sua garganta estava machucada. Ela suspeitou que fosse pela gritaria. — Isso foi — ela não podia pensar em uma palavra que fizesse justiça.

— Sim — ele soou um pouco áspero também. — Você está bem?



Ela riu sufocadamente.

— Bem não chega nem perto.

— Você tem certeza? — ele se afastou, seu membro escapando dela. Ela sentiu uma pontada de pesar. — Fui um pouco violento no final. E você foi bem... oral.

Val sorriu com a preocupação que podia ouvir em sua voz.

— Não se preocupe, aqueles foram gritos de prazer — ela levantou sua cabeça e gemeu, os músculos machucados protestando. — Ai. Demais para o legendário luxo do passeio no Lexus.

— Acho que eles só prometem isso se você estiver *dentro* do carro — suas mãos firmes a ajudaram a se voltar, e ela se sobressaltou quando sua pele suada se afastou do porta-malas.

Val abriu sua boca para outra brincadeira, logo esqueceu o que estava a ponto de dizer quando os olhos dele encontraram os dela. Apesar da paixão formidável que eles mal acabavam de compartilhar, ela sentiu sua pulsação acelerar outra vez com a ternura nele.

Cade se inclinou para um beijo lento, completo, sua boca se movendo gentilmente enquanto suas mãos grandes seguravam seu rosto. O prazer se espiralou através dela, doce e preguiçoso agora em vez de duro e potente. Quando ele recuou, apoiou sua testa na dela por um momento.

— Obrigado por confiar em mim.

Ela lambeu seus lábios, saboreando-o. Saboreando a ambos. Algo em seu coração deu uma reviravolta enquanto ela olhava dentro de olhos escuros tão quentes quanto chocolate derretido. *Como eu podia fazer qualquer outra coisa?* Ela refreou as palavras, repentinamente com medo do que elas significavam.

Ele se endireitou, clareando a voz enquanto olhava ao redor.

— O que fiz com suas roupas?

Gastaram os seguintes poucos momentos vestindo-se. Apesar de tudo, Val sentiu o quente brilho romântico começando a se dissipar enquanto a prudência começava a se abater.



Que diabos ela estivera pensando? Se ela não tomasse cuidado, ia terminar com completo novo conjunto de mecanismo dental.

Franzindo o cenho, ela puxou sua camiseta. Seu estômago retumbou ruidosamente. Cade olhou para ela e sorriu abertamente.

— Vejo que não sou o único que está faminto. Há uma Casa de Waffles mais a frente da rodovia. Quer ir para lá?

— Eu poderia fazer com uma grande pilha de waffles — o que soava como um tema muito mais seguro que discorrer sobre o sabor da boca dele e a sensação de seu corpo oscilando contra o dela.

E o calor que floresceu nela quando ela olhou dentro de seus olhos.

Cade se sentou na cabine do restaurante e observou Valerie demolir um prato de waffles. Tarde como era, não havia ninguém no restaurante 24/7, exceto um cozinheiro cansado e um bêbado cochilando sobre seu café.

— Como você terminou com Ridgemont para começar? — Val exigiu entre garfadas. — Digo, considerando como você o odeia.

— Não se tem muita escolha — Cade tomou um gole de café. Seu metabolismo de vampiro podia aceitar comida, enquanto fosse em quantidades muito pequenas. — Ridgemont me fez um vampiro. Até que rompi com seu controle há cinco anos, isso lhe dava poder sobre mim. Ele não podia manipular minha mente da forma como você pode com a de um mortal, mas ele podia monitorar meu corpo, minha fome. Ele podia bloquear meus músculos a fim de que eu não pudesse me mover, ou me compelir para obedecer às suas ordens não importando o quanto eu as achasse repulsivas — ele encontrou seus olhos firmemente. — Como quando ele me disse que te matasse.

— Mas antes de você ser Transformado, você era Kith, certo? — franzindo o cenho, ela torceu uma garfada de waffle em seu xarope de bordo. — Se você sobreviveu ao processo, então você deve ter sido. Pensei que você tinha dito que Kith é imune à influência psíquica.



— E eu sou. Nenhum outro vampiro poderia me forçar a obedecer, não importa o quanto ele fosse poderoso. Mas durante a Transformação, Ridgemont forjou um laço profundo com minha mente. Sem isso, eu teria deslizado para o coma e teria morrido. E ele manteve esse laço até cinco anos atrás, quando ganhei a força para quebrá-lo — ele olhou fixamente para sua xícara de café por um longo, sombrio momento antes de continuar. — Ele é tão malditamente poderoso que me levou cem anos para me libertar. Sou livre há cinco anos agora.

Ela franziu o cenho.

— Mas por que não partiu? Por que você ficou com ele?

Cade deu de ombros.

— Você e Abigail são muito boas reféns.

— Por quê? Digo, entendo o que ele poderia me fazer, mas Abigail já está morta.

— Ela é também pura energia psíquica — ele tomou outro gole para lavar o sabor de sua boca. — E nos alimentamos de mais que sangue.

Os olhos dela se arregalaram de horror.

— Você quer dizer que... ele poderia *comê-la*?

— Dado seu poder, sim. Não seria possível para um vampiro mais jovem, é por isso que ela está a salvo de Gerhard. Mesmo para Ridgemont, não seria fácil — ela lutaria, provavelmente lhe daria uma queimadura psíquica séria. Mas ele poderia fazer isso. E ele manteve essa ameaça sobre minha cabeça por doze décadas.

— Bastardo.

— Isso é sobre a magnitude dele.

Olhando fixamente a face pensativa dele, Val sentiu uma profunda, nascente cólera enquanto percebia como ele devia ter sofrido.

— Como você sobreviveu?

— Ridgemont não me deu muita escolha — ele disse, dando de ombros. — E encontrei formas de me distrair. Ele viajava muito, e onde quer que fôssemos, havia geralmente algo que precisasse ser feito. Estivemos na



França por um tempo durante a Segunda Guerra Mundial, então eu combati na Resistência — sua expressão se iluminou com um repentino sorriso aberto que foi notavelmente de garoto. — Estivemos em Nova Iorque nos últimos dez anos, então estive tornando miserável a vida para os traficantes de drogas, terroristas e uma miscelânea de outros vilões...

— Sim? — ela o estudou com interesse. — Onde você estava em 11/9?

O humor se desvaneceu dos olhos dele.

— Em Paris com Ridgemont. Averiguando as modelos.

Ela tremeu.

— Você não pode estar em todos os lugares, Cade.

— Não. Mas malditamente bem desejo que eu tivesse estado lá.

— Parece que você tem feito sua parte. Tenho uma impressão de que o declínio do índice de criminalidade de Nova Iorque tem suas impressões digitais nela.

— Não inteiramente, mas tive meus momentos. Muitos dos traficantes têm dinheiro, o qual vem a ser malditamente conveniente para lutar contra Ridgemont. Os Lexus pertence a esse...

— Espere um minuto — ela baixou seu garfo para cravar os olhos nele.
— Você *rouba* os traficantes de drogas?

— Os policiais pegam os ativos deles, também, se eu me lembro — ele levantou uma sobrancelha e tomou outro gole de café.

— Mas são policiais!

— E eu obrigo os bastardos que eu capturo a confessar para a polícia, abandonar seus comparsas traficantes, e a mudar de vida, nada do que os policiais poderiam fazer por eles.

Ele fizera um ponto. Especialmente desde que, sem ele, os traficantes, suas drogas e seu dinheiro de outra maneira permaneceriam na rua, fazendo Deus sabia quanto dano. E desde que, com suas habilidades, ele realmente pudesse fazer os criminosos andarem em linha reta, provavelmente valeria qualquer dinheiro que ele pegasse. Ainda que...

— É uma ladeira escorregadia, McKinnon.



Ele bufou.

— Minha vida é uma ladeira escorregadia, Val.

Enquanto eles dirigiam pela I-95, Cade ouvia distraidamente enquanto Val conversava com Beth pelo seu telefone celular. Tendo bipado sua irmã, ela estivera absorvida em se certificar que Beth estava bem. Quando ele lhe deu uma olhadela, se encontrou cativado pelo movimento de seus lábios cheios. E estava surpreso por sentir tanto ternura quanto luxúria. *Droga*, ele percebeu repentinamente. *Estou apaixonado por ela*.

A ideia trouxe uma flor lenta, doce de calor e um sentido de inevitabilidade, como se fosse algo que ele pretendia fazer. Inferno, podia ser que ele estivera caído por ela desde sete anos atrás, desde que tinham começado a compartilhar aqueles quentes, eróticos sonhos.

Ele tentou recordar a última vez que tinha amado — e percebeu que fora a mais de um século. Não desde que a vitimização de Caroline Johnson por Ridgemont lhe tinha ensinado que qualquer mulher que ele gostasse se converteria em um refém instantâneo aos olhos sádicos do ancião. Não que ele pudesse gastar mais que uma única noite com suas amantes de qualquer maneira sem correr o risco de tomar muito sangue.

Ele não tinha ilusões de que sua relação com Valerie seria mais durável. Eventualmente ele teria que deixá-la, como ele tivera que deixar Caro, como ele tivera que deixar todas as mulheres depois. Mesmo se Val resolvesse se converter em uma vampira — uma possibilidade muito remota — ele duvidava que ele sobrevivesse à batalha inevitável com seu Mestre. O melhor que ele poderia fazer era se assegurar que levasse o ancião consigo.

Mas de uma forma ou de outra, ele estava malditamente certo de que, sem dúvida, a faria sobreviver. Não seria tão ruim morrer se ele soubesse que ela estava viva, livre enfim de Ridgemont.

Eles se dirigiam para baixo pela interestadual outra vez quando Val sentiu cheiro de hortelã. Ela deu um salto para o lado contra a porta do



carro enquanto Abigail se inclinava entre os bancos da frente. Um dedo brilhante, translúcido apontou uma saída pelo caminho adiante.

Há uma placa de motel lá em cima por esse caminho, o fantasma disse. Você não deveria parar?

— Não — Cade disse brevemente. — Quero conseguir voltar para casa pelo amanhecer.

O fantasma franziu o cenho.

Tem certeza de que você deve esperar? O processo levará dias em seu estado atual, e você não sabe quanto tempo Ridgemont levará para te encontrar. Acho que você deveria começar agora.

Val olhou suspeitosamente do perfil brilhante de Abigail para o de Cade.

— Que processo? Sobre o que ela está falando?

— Nós já terminamos com isso, Abigail — ele disse, sua mandíbula se apertando. — Eu te disse, não a Transformarei.

Val caiu para trás.

— Deus, não.

Os olhos vislumbrantes se deslocaram para os dela.

Por que não? Você fez amor com ele.

— Você estava assistindo? — afrontada, ela olhou encolerizada.

O fantasma inclinou seu queixo em um ângulo arrogante.

Claro que não. Mas senti do Outro Lado.

— Que Outro Lado?

Abigail deu de ombros.

O lugar do Outro Lado.

— É como uma dimensão alternativa que existe ao longo dessa — Cade disse a Val. — Todo gênero de energia psíquica se manifesta lá — para Abigail, ele acrescentou — O que aconteceu entre nós não tem nada a ver com...



Ignorando-o, o fantasma começou olhar fixamente para Val, sua expressão gelada com condenação.

Você é uma puta?

Val enrijeceu.

— Você realmente ultrapassou um limite, Pirralha Fantasma. Eu...

A vida dele está em perigo, mortal, Abigail explodiu. Ele poderia morrer. Ninguém exceto uma puta o traria para dentro de sua cama e não faria tudo o que pudesse para ajudá-lo.

— Isso é um golpe baixo — ofendida, ela tentou ignorar a impressão inoportuna de que o fantasma fizera um ponto. — Você não tem o direito de me enviar em uma viagem de culpa apenas porque não quero perder minha humanidade.

Cade tem a perder mais que isso se você recusar, porque Ridgemont o matará. Os olhos do fantasma se estreitaram. Talvez você precise ver uma demonstração.

— Abigail — Cade grunhiu.

Ignorando-o, o fantasma se curvou para frente até seu rosto estar a polegadas do de Val.

Você pode ser capaz de defender sua mente deles quando você está acordada, mas você não pode me manter fora. Olhe e veja o que eu vi.

Involuntariamente, Val olhou dentro dos olhos negros do pequeno fantasma — e se sentiu começando a cair, mergulhando silenciosamente dentro...

Luz!

Val piscou duro, cega. Negando com a cabeça para clareá-la, ela olhou ao seu redor para se encontrar de pé no meio de uma arena. As paredes eram de uns bons quatro metros e meio de altura sob um teto abobadado, e o piso estava densamente coberto de serragem.

O som de lâmina em lâmina atraiu seus olhos para o centro do enorme espaço, onde dois cavaleiros medievais davam golpes cortantes um no outro com espadas.



Ela piscou, confusa. Ela tinha viajado de algum modo no tempo?

Logo ela percebeu que os combatentes não eram realmente cavaleiros; a armadura que usavam tinha algo além de simples aço. Olhando mais de perto, ela viu que o mais alto dos dois homens era Cade, seu belo rosto gelado e firme com concentração atrás das barras de seu protetor de face. Seu adversário... Val sentiu um estremecimento de frio através dela. Ela conhecia aquelas feições rudes, brutais. Era o homem loiro que tinha mandado Cade matá-la.

Ridgemont.

Eles se aproximaram ao mesmo tempo em um borrão de poder bruto, desumano. As lâminas cortavam e perfuravam, eram bloqueadas por impedimentos de golpes com lâmina ou escudos erguidos, aço retinindo e impactando como se por golpes de um martelo de ferreiro.

Não era nada como os combates com Hirsch, mesmo ruins como aqueles tinham sido. Esses ataques eram mais duros, mais rápidos, ainda mais brutais, embora os dois vampiros se movessem como dançarinos em suas armaduras maciças.

Mas o que assustou Val foi o olhar no rosto de Cade. Em vez da confiança que ele tinha mostrado contra Hirsch, havia um brilho de suor em seu lábio superior, e sua mandíbula estava apertada com o esforço. Mas o vampiro mestre sorria, o prazer cruel brilhando em seus olhos de estaca.

Ridgemont brandiu sua espada como Babe Ruth batendo numa corrida sem parada por todo o circuito¹⁷. Cade mal conseguiu bloquear o golpe. Mesmo assim, o impacto impeliu seu escudo contra seu peito, arrancando um grunhido rouco de sua garganta. Ele tropeçou para trás e quase foi abaixo, então empurrou seus calcanhares e se refreou. Visivelmente convocando sua força, ele empreendeu por si mesmo um ataque feroz, sua face retorcida em uma careta de esforço.

Mas Ridgemont atingiu sua lâmina afastando-a com facilidade zombeteira.

¹⁷ No original está "Babe Ruth swatting a home run", isso é uma referência ao beisebol, pois uma "home run" no vocabulário específico é uma corrida dada por todo a área sem parar até chegar de novo ao lugar de onde bateu a bola.



Estão lutando há uma hora, Abigail murmurou. Cade pode medir forças com Ridgemont por períodos curtos, mas eventualmente o velho monstro o cansa.

Val piscou, surpresa por ele ter mantido esse nível de combate penoso por tanto tempo.

Subitamente estava terminado. Ridgemont estocou, conduzindo sua espada para o ventre de Cade como uma lança. Desesperadamente, Cade tentou deter o golpe. Sua espada se quebrou contra a lâmina que se aproximava. Rompeu através da armadura como uma casca de ovo e atravessou seu corpo como uma lança tão duro que o ergueu fora de seus pés.

Val gritou. Abigail encheu sua visão com o rosto de Cade, seus olhos arregalados com a sacudida do golpe, sua boca retorcida em um silencioso bramido de agonia.

Ridgemont agarrou seu ombro, facilmente o mantendo longe do chão. Lentamente, deliberadamente, o vampiro retorceu a lâmina. Cade deixou sua espada cair e tentou se defender inutilmente do aperto de seu pulso torturante. O sangue borbulhou entre seus lábios. Sua face empalideceu enquanto ele visivelmente lutava para não gritar.

— Sua guarda baixou um pouco ao final — Ridgemont disse a ele, seu tom tão calmo e clínico como o de um cirurgião. Ele mergulhou a lâmina para deixar os pés de sua vítima tocarem o chão outra vez. Ofegando em agonia, Cade encontrou seu olhar fixo com um quente olhar feroz.

Ridgemont sorriu abertamente, plantou um pé contra a virilha de Cade e arrancou a espada de dentro dele. Cambaleando, ele caiu duro com um ofego arquejante de dor.

Seu mestre levantou a espada ensanguentada como se para decapitá-lo. Ofegando e desarmado, Cade torceu seus lábios ensanguentados em ar de zombaria. A espada fez um arco para baixo. Val gritou.

A ponta se sepultou na serragem a uma polegada da garganta dele.

— Espero que você me combata melhor quando o momento chegar, Pistoleiro — Ridgemont escarneceu. — Caso contrário será um tanto... anticlimático depois de cento e vinte anos — o vampiro mestre se virou e andou afetadamente em direção contrária. — Bem, Hirsch, é sua vez...



— Merda! — enjoada e ofegando, Val caiu contra a porta do carro enquanto sua mente era liberada do controle da visão.

Cade cravou os olhos em Abigail em frio desagrado.

— Não aprecio isto.

O fantasma deu de ombros.

Ela precisa saber o que você está encarando.

Engolindo em seco convulsivamente, Val olhou para ele.

— Deus, Cade, o quanto frequentemente ele fez isso a você?

Ele afastou o olhar e enfocou sua atenção no tráfego.

— Não foi tão ruim como pareceu, obviamente. Eu sobrevivi.

Só porque ele é um vampiro, Abigail disse. Um humano teria morrido bem mais rápido. E, considerando como ele sofreu com essa cicatrização insultante particular, ele provavelmente teria preferido a morte.

— Sim, bem, não morri — disse a ela asperamente. — Eu nunca morro.

Você quer dizer que você nunca morreu. Ainda. Abigail voltou seu olhar fixo exigente para Valerie. Agora você o deixará se Transformar?

— Abigail, vá para o Outro Lado — Cade disse. — Agora. Você já fez o bastante.

Mas...

— Agora, Abigail.

Com um pequeno chilique de ultrage, ela alçou voo através do teto do carro. Val, atordoada e doente, mal percebeu.



Capítulo Onze

A imagem dos olhos de chocolate de Cade vidrados em agonia a rasgava. Val estremeceu.

— Me Transformar o impediria de fazer isso a você outra vez?

— Não — ele disse.

Ela o olhou de relance.

— Mas eu pensei que você disse...

— Faria as disparidades se equilibrarem mais, mas isso é tudo. Ele ainda poderia me derrotar em combate. Não há garantia.

Ela fechou seus punhos em seu colo.

— Mas se você não me Transformar, e você lutar com ele outra vez...

— Provavelmente perderei — ele admitiu.

— Não lute com ele.

Cade riu brevemente.

— Desejo que fosse tão simples. Infelizmente, Ridgemont tem uma forma de forçar o assunto.

Os pensamentos de Val se agitavam enquanto ela se esforçava para encontrar uma alternativa.

— Mas tem que ser espadas? Não há alguma outra maneira de matá-lo?

— Oh, sim. Qualquer coisa que arranque a cabeça ou destrua o coração serviria. Uma detonação de escopeta poderia fazer isso, embora, com Ridgemont, você nunca possa dizer. Eu tentei uma bomba num carro alguns dias atrás, mas Abigail o advertiu e ele escapou...

Ela cravou os olhos nele.

— Por que diabos ela fez isso?

— Eu estava no carro ao mesmo tempo — ele deu de ombros.



— Você ia se explodir? — o calafrio em seu coração se tornou ainda mais frio. Cade poderia ter morrido antes que ela tivesse a probabilidade de saber que ele era real, tocá-lo, beijá-lo...

— Eu quis tirá-lo de cena antes que você chegasse.

Ele esteve disposto a sacrificar sua vida para me proteger, ela pensou. Aquela imagem de sonho dele como seu herói cowboy estava muito mais perto da verdade do que ela percebera.

Como ela podia se recusar a fazer algo que o ajudasse? E ainda assim... Se converter em uma vampira significava abandonar sua humanidade, voltar suas costas a qualquer oportunidade que ela alguma vez teria de uma vida normal. Ela nunca seria capaz de voltar atrás.

Mas ela podia viver consigo mesma se deixasse Cade morrer sem fazer tudo em seu poder para salvá-lo?

Ela engoliu em seco e olhou para longe, sentindo seu intestino se apertar pelo conflito brutal. Ela não podia voltar as costas a qualquer pessoa, muito menos o homem que tinha sacrificado tanto para salvá-la. Seu coração começou galopar.

— Cade...

— Não.

Ela piscou.

— Não?

Ele a encarou.

— Não deixarei você tomar essa decisão por pena de mim. Se eu a Transformar, você não terá crianças. Você nunca mais se dedicaria ao trabalho que ama. Você nunca se casaria — ao menos, não com um mortal. Tudo o que sua vida tem sido até *agora* estará terminado...

— O que será igualmente verdade se Ridgemont me pegar — ela lhe disse. — Se você me fizer imortal...

— O ponto é, você não *será* imortal — um músculo se mexeu em sua mandíbula. — Você não envelhecerá e não adoecerá, mas você ainda pode



morrer. E se eu combater Ridgemont e perder, ele a matará da forma mais humilhante, sádica que ele puder. Não vou te impor...

— Espere um momento — ela interrompeu. — Você disse que me Transformaria se eu estivesse disposta. Por que a súbita reviravolta?

Percebi que eu te amo, Cade pensou. Ele refreou as palavras.

— Reconsiderarei a situação, e me decidi que o risco é inaceitável — lhe disse brevemente. — Me ocorrerá alguma outra solução.

Ela o olhou com reprovação.

— Como o quê?

Cade deu de ombros.

— Não sei. Uma emboscada, talvez. Alguma coisa.

Ela negou com a cabeça.

— Cade...

— Val, desista.

— Deixe de ser um idiota teimoso, McKinnon — ela explodiu. — Esta é minha vida também. Tenho direito de dar minha opinião em...

— Quem diabos você pensa que é, Buffy, a Caça-Vampiros? — ele grunhiu. — Até três dias atrás, você não acreditava sequer que algum de nós existisse. Você não tem ideia do que agirá contra nós e do que não, então sugiro que você apenas feche a maldita boca e me deixa pensar.

Ofendida, ela apertou seus dentes fechados.

Cade agradeceu seu silêncio gelado com um suspiro mental de alívio. Ele ficaria irritado com a pena qualquer dia desses.

Você é um idiota, sabe disso? Abigail disse.

Cale-se.

Olhando irritadamente para a linha pontilhada desvanecendo atrás do Lexus enquanto acelerava pela I-95 abaixo, ele se dispôs a tentar encontrar uma solução para o problema de matar Ridgemont. E tentou ignorar a impressão de que sua irmã estava certa.



A casa de Cade se estendia através de seu terreno de três acres arborizado, grande e baixa, vagamente em estilo espanhol, com brancas paredes de estuque que brilharam tenuemente em tom de rosa no início da luz matinal. As luzes estavam por trás das janelas de vitrais coloridos que derramavam cor sobre a grama orvalhada. Enquanto o Lexus deslizava pelo caminho acima, um tordo americano decolou e voou para as árvores.

— Maldição! — Val contemplou a elegante entrada em forma de arco e o jogo de cores brilhantes das janelas. — Estou impressionada.

Cade inclinou para ela um sorriso aberto enquanto se estendia na frente dela para pegar o abridor da porta da garagem no porta-luvas.

— Obrigado. Investi algo do dinheiro das drogas que confisquei, e ele pagou integralmente.

— Neste mercado? — ela ergueu uma sobrancelha e bufou. — Você deve ter poderes mágicos.

O sorriso dele se ampliou.

— Não, antes da queda da Bolsa de Nova Iorque¹⁸. Esta casa tem vários anos de idade — Cade entrou com o carro na garagem próximo a uma minivan reboque azul Windstar.

Perguntando-se de onde ele viera, Val estudou a garagem. Estava apinhada com caixas, todas marcadas com pincel atômico preto. Em uma delas leu "Roupas de Camille". Quem diabos era Camille, e por que Cade tinha suas roupas?

Antes que ela pudesse perguntar, uma porta se abriu no outro lado da garagem. Uma magra mulher negra vinha caminhando da casa, um amplo sorriso se espalhando através de sua face redonda, bonita. Ela vestia jeans e uma camiseta com logotipo de uma universidade na frente.

— Ei, Sr. McKinnon. Fez um bom tempo.

¹⁸ A autora escreveu apenas "crash", mas se referindo à Queda da Bolsa, em 1929.



— Olá, Camille — Cade saiu do carro e foi apertar a mão dela, logo inclinou sua cabeça como se a estudasse. — Você parece relaxada, considerando a pressão sob a qual eu a pus. Desculpe por isso.

— Que pressão? Qualquer estresse sob o qual eu ainda estivesse, você o afastou. Começando com Cleave, o bastardo — os quentes olhos castanhos observaram Val sair do carro. — Essa é sua amiga?

Val rodeou a capota para apertar a mão delicada da mulher.

— Oi. Valerie Chase.

— Esta é Camille Robbins — Cade disse a ela. — Ela e suas três crianças têm cuidado da casa para mim.

— Você quer dizer que estivemos vivendo aqui de graça — Camille corrigiu secamente enquanto guiava o caminho para a casa e entrava num pequeno hall de uma cozinha enorme. — O que é algo para o qual tomarei medidas tão logo eu me gradue.

Enquanto Cade dizia a ela que não tinha intenção de aceitar seu dinheiro, Val olhou ao redor para os utensílios brancos brilhantes, o balcão com um bloco para cortar carne topo de linha e o piso de ladrilhos de cerâmica vermelha da cozinha. As panelas de cobre estavam penduradas sobre uma ilha central, e ervas cresciam em potes no batente da janela. Organizado, eficiente, com um amor básico pela beleza simples, o lugar parecia com Cade.

Finalmente Camille deixou a briga para convencer seu benfeitor a aceitar renda.

— Olhe, estou certa de que você está cansado. Puxei sua orelha o bastante, e tenho que me preparar para levar as crianças para a escola.

— Sim. Tenha um bom dia, Camille.

— Durma bem — ela parou de repente. — Oh, preparei a suíte master para você. Através da sala de estar, sob o hall, única porta à esquerda.

Enquanto Camille tagarelava, Val se voltou para Cade.

— Você não tinha que mandá-los para longe. Eles podiam ficar aqui.

— E serem pegos no fogo cruzado entre mim e Ridgemont?



— Oh. Não pensei nisso — ela hesitou. — Podíamos ter ido para um hotel.

— Pondo em perigo os hóspedes e o quadro de funcionários em vez disso? Nem em sonhos. Não, isto foi muito melhor — ele se voltou na direção da garagem. — Irei descarregar o carro, então lhe mostrarei os arredores.

— Eu te ajudarei — ela o seguiu.

Camille caminhou de volta para a cozinha. Ela podia ouvir McKinnon discutindo com sua amiga lá fora na garagem sobre se ela carregaria suas próprias malas. Sorrindo ligeiramente, Camille alcançou o telefone. McKinnon tinha sido um salva-vidas para ela e para suas crianças. Literalmente. Ela não tinha dúvida de que estaria morta agora sem a ajuda que ele lhe dera. Se Cleave não a matasse, então as drogas eventualmente o teriam feito.

Quando o homem respondeu ao telefone, ela se identificou e disse:

— Ele está aqui.

— Bom. Se esqueça de que falou comigo.

Camille desligou o telefone, então franziu o cenho, incapaz de recordar o que ela viera fazer na cozinha. Por que ela ainda estava ali? Ela tinha que levar as crianças para a escola.

— Jena! Lashonda! Antwon, vamos!

Hirsch guardou seu telefone celular em sua jaqueta com um sorriso de satisfação. Quando ele tinha encontrado a carta de Camille Robbins na escrivaninha de McKinnon meses atrás, ele não mencionara aquilo a ninguém. Ele apenas seguira uma intuição e voara para a Carolina do Sul, onde, para sua encantada surpresa, encontrou a mulher e suas crianças vivendo em uma casa que McKinnon tinha construído. Ele prontamente a



pusera sob uma compulsão para mantê-lo informado a qualquer hora em que o americano chegasse para fazer uma visita. Aquele pouquinho de precaução realmente tinha valido a pena consideravelmente.

Agora ele precisava ter uma conversa com Ridgemont. Quando ele fosse atrás de McKinnon dessa vez, ele tinha a intenção de trazer reforços.

— Acho que tive uma ideia sobre como matar Ridgemont, mas vai ser difícil — Cade disse a Val enquanto eles carregavam suas malas para a suíte master. — Preciso começar a trabalhar nisso se for para conseguir sucesso antes que ele nos encontre.

— E se apenas descarregamos nele ambos os canos de uma escopeta? Você disse que isso serviria.

— Em um vampiro inferior, sim — ele negou com a cabeça enquanto empilhava as malas que levava para a cama. — Mas com Ridgemont, eu teria que chegar perto o suficiente para usá-la, e ele saberia que eu estava lá. Preciso estar fora de seu raio psíquico, mas dentro do raio de qualquer arma que eu use. O que limita minhas opções consideravelmente, porque Ridgemont alcança um inferno de raio. Além de que a única coisa que teria a capacidade é um míssil Stinger.

Val se deteve em seus passos para olhá-lo boquiaberta.

— Você está sendo sério? — mas ela podia contar que sim pela expressão sombria que ele mostrava. — Onde diabos você planeja conseguir um desses?

Cade deu de ombros.

— Plantei uma compulsão naquele general militar que encontrei dois anos atrás. Ele me dará qualquer coisa que eu quiser, tudo, incluindo um Stinger — franzindo o cenho, ele esfregou os músculos na base de seu pescoço. — O problema é, o Exército se inteiraria disso e o suspenderia para averiguações, então hesitei em usá-lo. Infelizmente, estou voltando para uma encruzilhada, agora.

Ela pôs o estojo do laptop na escrivaninha e voltou a olhar para ele.



— Você não pode estragar a carreira do homem, Cade.

— Eu pensarei em uma forma de protegê-lo. Apenas preciso lhe dar um telefonema e calcular o que fazer.

Cruzando seus braços, ela apoiou um ombro contra uma parede.

— Você sabe, se você me Transformasse, nada disso seria necessário.

Cade deu a ela um fixo olhar frio.

— Apenas para te colocar sob um risco muito pior. A carreira de ninguém vale sua vida.

Val piscou e se endireitou surpresa pela negativa áspera. Antes que ela pudesse se perguntar se ele realmente queria dizer aquilo, ele disse:

— Estou indo na frente através do hall para usar o telefone. Se você necessitar de algo, sirva-se. Tudo o que tenho é seu.

— Okaaay — suspirando, ela se voltou para examinar o quarto em torno de si. Ela precisava de descanso e de uma cabeça clara se quisesse encontrar sentido naquilo.

Ela desfaria as malas, então tomaria uma ducha e desabaria na cama. Talvez toda esta situação seria muito mais compreensível depois que ela dormisse um pouco.

O tapete afundou luxuriosamente sob seus pés. Um cinza pérola suave, sentia-o tão espesso e macio como espuma. Os móveis eram maciços e escuros, com uma imensa cômoda com espelho, um armário e uma cama do tamanho de um porta-aviões. Duas poltronas borgonha estavam em um pequeno arranjo no outro extremo do enorme quarto.

O efeito completo teria sido severo, se não fosse pelas duas enormes janelas de vitrais coloridos que tomavam a maior parte de uma parede, paisagens deslumbrantes de cascatas e bosques. Em cada imagem, lobos rondavam, solitários e escuros. Tais janelas não eram baratas; visto que a casa tinha mais vitrais coloridos que a maioria das Igrejas, o gasto devia ter sido cambaleante.

Mas então, dada a vulnerabilidade de Cade à luz do sol, o investimento provavelmente valia à pena. As cores ricas cortariam mais os raios nocivos e lhe dariam permissão para desfrutar da luz sem



preocupação. Ela estava quase se aproximando para um olhar mais de perto quando o ar repentinamente se encheu com o perfume de hortelã.

Val suspirou. Suspeitando que ela nunca seria capaz de comer outra bengala de caramelo por quanto tempo ela vivesse, ela se voltou para olhar Abigail.

— Se você quer encher meu saco sobre me transformar em uma vampira, não faça. Estou disposta. É com Cade que você precisa falar.

O fantasma torceu suas mãos translúcidas juntas.

Não estou aqui para arengar com você. Eu apenas... estou preocupada com Cade.

Bem, aquilo tinha sentido. Para fazer alguma coisa com suas próprias mãos, Val caminhou até às malas amontoadas na cama e estalou as fechaduras para abrir uma delas.

— Estou preocupada, também.

Olhando para cima, ela saltou. A face de Abigail estava a polegadas da dela enquanto o fantasma flutuava acima da cama, olhando fixa e atentamente dentro de seus olhos.

Acho que você está. E preciso de sua ajuda, porque estou com medo de que Cade se lance para a morte.

Engolindo em seco, Val arrancou uma camisa para fora da mala e se voltou para pendurá-la no armário. O fantasma podia estar de um humor brando, mas ela era uma assombração de qualquer maneira.

— Se for algum conforto, a ideia do Stinger soa como algo que surtiria efeito.

Sim, soa. Mas se falhar, Ridgemont o matará. A menos que Cade a Transforme para ganhar a força que ele precisa para lutar.

— Mas ele se recusa a fazer isso — ela abriu a porta do armário e se estendeu para pegar um cabide.

E você se perguntou por quê? É mais que seu medo de te levar à morte, entretanto esse é certamente um fator.

Franzindo o cenho, Val deslizou a camisa no cabide.



— Um considerável e malditamente grande fator, a julgar pelo olhar nos olhos dele alguns minutos atrás.

Claro. Ele está apaixonado por você, afinal de contas.

A confirmação prática do fantasma sobre suas próprias suspeitas prendeu a respiração de Val. Ela cravou os olhos em Abigail em espanto atônito.

Não. O pequeno fantasma estava equivocado, ou tentando brincar com ela. Ou alguma outra coisa.

Mas essa não é sua única preocupação, Abigail continuou, como se o planeta não tivesse acabado de sair de seu eixo. Você se perguntou o que aconteceria se Cade te fizer uma vampira e ambos tiverem êxito em matar Ridgemont?

— Você quer dizer outra coisa além de mim dançando na tumba do bastardo?

Me unirei a você. Bom fazer uma quadrilha. Mas o que vem depois?

Val deu de ombros e colocou a mão no armário para arrancar um punhado de cabides.

— Todos nós vivemos felizes para sempre depois, eu acho — Cade *podia* estar apaixonado por ela? Deus, que pensamento sedutor...

Que, considerando que ambos vocês seriam vampiros, poderia ser um tempo muito longo. Você ficaria com Cade?

— Ficar? — em seu caminho de volta para a cama com os cabides, Val olhou para o fantasma, franzindo o cenho.

Como sua amante. Ou mesmo sua esposa. Você dois, unidos por séculos.

Cade. Dela. Sem medo de Ridgemont ou Hirsch. Dela para tocar e saborear. Décadas de suas mãos malvadamente hábeis extraindo prazer de seu corpo enquanto seu grande membro se movia e arremetia profundamente. A ideia era misteriosamente tentadora.

— Eu... não sei. Ele não perguntou se queria que eu ficasse — ela levantou seu queixo. — E não estou apaixonada por ele — ela não podia estar.



Você não está?

Val apartou o olhar.

— Não.

Abigail sorriu.

O ponto é, Cade acredita que você certamente não consideraria ficar. Ele pensa que você o rejeitaria.

— O quê? Por quê?

Porque Caroline Johnson o fez.

— Quem diabos é Caroline Johnson?

A única mulher, além de você, que ele alguma vez amou.

Val esperou em fascinação suspensa, mas em vez de continuar nesse caminho, o fantasma flutuou para o vitral colorido da janela e olhou para fora, como se ela pudesse ver além das cores brilhantes. Talvez ela pudesse.

Na terra desta casa se situou uma vez parte da plantação de nossa família, você sabe disso? Por isso que Cade a comprou, para começar. Antes da guerra, você podia ver o algodão balançando as cabecinhas no vento, um espaço enorme dele, como um campo de neve. Cade gastou horas lá fora com papai, aprendendo como tomar conta dele, como fazê-lo crescer. Porém, depois da Guerra, ele partiu sem um olhar para trás.

Val franziu o cenho, perguntando-se onde Abigail estava indo com aquilo.

— Isso provavelmente não foi tanto abandono, não se foi como em outras plantações nesta parte do país.

Verdade, mas houve mais que isso. Em sua maior parte ele apenas quis se esquecer. Ele tinha apenas dezesseis anos quando se alistou. Tinha dezenove anos de idade quando a guerra terminou, mas esses três anos tinham deixado o preço de décadas de cicatrizes. Ela ficou silenciosa por um longo tempo, como se recordando. Finalmente ela continuou, Ele se culpou pelas mortes de papai e nosso irmão. Talvez o silêncio faça. Pensei que ele deveria ter sido capaz de salvá-los, embora não saiba como. O fantasma deu um sorriso leve, amargurado.



Cade sempre teve um talento para a culpa. Papai lhe ensinou responsabilidade muito bem.

Algo em Val esticou um nó de dor pela ideia de McKinnon carregando tal carga em uma idade tão jovem.

— Você sabe, nunca pensei em como a vida dele foi antes de Ridgemont — ela negou com a cabeça. — Tinha esperado que fosse... feliz.

Não foi. Cade chegou a casa bem a tempo para me assistir sucumbir à febre amarela. Mamãe já tinha morrido disso. Não sei como ele evitou infectar a si próprio, particularmente dado que ele me enterrou com suas próprias mãos. Sua expressão era amarga, ameaçadora. Todos os empregados, todos os escravos, tinham partido.

Bem, você dificilmente pode culpá-los, Val pensou. Ela não disse as palavras, sabendo que Abigail não veria desse modo.

Sem mãos para o campo e nenhum dinheiro, ele não podia produzir uma colheita. Ele ficou no ano seguinte só porque ele estava tão fraco e faminto que precisava aumentar sua força. Mas tão logo ele pôde, fugiu, indo para o oeste. Ele vagou por vários anos, trabalhando como um peão de campo ou ajudando a pôr trilhos de estrada de ferro, até que eventualmente ele chegou ao Texas e decidiu se tornar Texas Ranger.

— E ao seu respeito? Onde você esteve todo esse tempo?

Abigail voltou seu olhar para ela, a luz da janela fluindo através de seu corpo translúcido.

Depois que... morri, permaneci. Quase todo mundo permanece, no mínimo um dia ou dois. E vi isto.

Repentinamente os olhos dela prenderam os de Val como o estalo de uma armadilha se fechando. Tudo girou e...

Ela olhava para baixo para Cade como se ela flutuasse no ar bem sobre sua cabeça. Mas era um Cade muito mais jovem, muito magro, os pulsos ossudos se projetando das mangas muito curtas de um uniforme cinza esfarrapado enquanto ele se ajoelhava a um monte novo de terra. Uma cruz de madeira feita de dois pedaços de tábuas estava no topo do monte. Era, Val percebeu, o túmulo de Abigail.



Ele não chorava — sua cara estava muito desolada para isso, seu olhar fixo destruído e vazio como as janelas de uma casa atingida por artilharia.

De repente ela recordou a face de um garotinho risonho, olhos escuros dançando com alegria, longos dedos afundando em suas costelas enquanto ela gritava:

— Cade! Cade, pare!

A memória de Abigail. Compartilhando-a, Val sentiu seu coração doer.

Mas logo seus olhos se dirigiram para cima, e seu coração falhou uma batida. Bem acima de sua cabeça, algo se turvou — um negrume, semi-visão, radiando um senso de horror tão intenso que os cabelos se arrepiaram na parte de trás de seu pescoço.

— Que diabos é isso? — Val disse.

O futuro de Cade, a voz fantasmal de Abigail respondeu em sua mente.

— Ruim — Val murmurou. — Sofrendo.

Eu não sabia o que era, mas soube que esperava por ele. E soube que seria pior que tudo que ele já tinha suportado.

Repentinamente um brilho de luz dourada se derramou sobre o tumulto de Abigail, mas Cade não olhou para cima. Era como se ele não tivesse visto. Mas Val sentiu... algo provindo dessa luz. Uma emoção — uma paciência, uma bondade tão infinita que trouxe lágrimas aos seus olhos.

A presença falou com Abigail, sua voz um estrondo gentil imbuído de uma textura que ela podia sentir sobre sua pele, um sabor que encheu sua boca, delicioso e estranho e indescritível. Mas embora ela pudesse sentir o som reverberando em seu peito, ela não podia entender as palavras.

Abigail pôde.

Eu ainda não posso ir! a voz do fantasma protestou. *Não posso abandoná-lo assim! Não posso ajudá-lo?*



O ser respondeu em um longo, deslizando som surdo. Era frustrante, Val pensou, como ouvir metade de uma conversa telefônica. Ainda que, de certa forma, ela não estava certa de que queria ouvir o que disse a presença dourada.

Mas eu poderia ajudá-lo?

Agora o trovão soou como afirmação e advertência, ao mesmo tempo.

Não me importa. Farei o que eu tiver que fazer. Não posso deixar que o tenham.

Val se sentiu puxada violentamente¹⁹.

Val estava sentada na cama de Cade, sua cabeça nadando enquanto ela cravava os olhos no fantasma flutuando diante o vitral da janela. Ela engoliu em seco.

— Esse era... Deus?

Abigail deu de ombros.

Realmente não sei, mas não acredito que tenha sido. Acho que era um anjo.

— Você deixou sua oportunidade de ir com o anjo para você ficar com ele?

O fantasma sorriu.

Não poderia fazer qualquer outra coisa. Você poderia, depois de ver o que esperava por ele?

— Não — Val franziu o cenho, reconsiderando sua imagem mental de Abigail. Ela tinha pensado no fantasma como uma pequena cadela fria, mas agora ela percebia quanto amor e lealdade havia sob essa disposição implacável de fazer qualquer coisa por seu irmão. — Como ele reagiu quando você subitamente apareceu?

Oh, ele não sabia que eu estava lá até Ridgemont Transformá-lo. Como um mortal, ele não tinha seu poder. Outros dezoito anos passariam antes que ele me visse.

¹⁹ No original, está escrito “WRENCH!!”, o que acredito seja uma onomatopeia com o sentido de um puxão violento, no caso da ilusão causada por Abigail.



— Você o seguiu por dezoito anos sem ao menos falar algo com ele?

Valerie, eu estou morta. Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer.

— Bom ponto. O que aconteceu então? — de repente ela queria saber mais, precisava saber mais.

Como eu disse, ele vagou.

As imagens passaram como um relâmpago pela mente de Valerie: Cade, afundado na cela de um cavalo cansado, uma barba por fazer escurecendo sua mandíbula enquanto ele montava ao lado de um rebanho de gado fatigado. Cade, sem camisa ao sol, brandindo uma picareta. Cade conduzindo uma junta de mulas, seus olhos pacientes e entediados.

MUDANÇA. Parecendo-se com o herói Cowboy dos sonhos de Valerie, ele montava duramente sobre um cavalo galopante, seus olhos apertados e quentes com determinação. Um distintivo cintilava em seu peito largo.

Até que ele se uniu aos Rangers. Deu a ele um sentido de propósito outra vez, o sentimento de que ele fazia algo para ajudar aqueles que precisavam.

MUDANÇA. Outro homem, um distintivo preso ao seu peito, estando ao lado de Cade enquanto os dois lançavam fogo de suas armas em três homens que corriam de um banco. Dois dos bandidos se abaixaram, mas o terceiro parou de repente dando um tiro, atingindo o outro Ranger. Com um grito, Cade explodiu o assassino para longe, então caiu sobre seus joelhos ao lado de seu camarada abatido.

— Tome conta dela, McKinnon — o moribundo Ranger disse ofegando. — Não deixe minha Caroline morrer de fome.

Então veio Caro.

MUDANÇA. Cade de pé com ambos os braços envolvidos em torno de uma mulher enquanto ela soluçava, uma expressão de piedade em sua face — lástima, e uma consciência desconfortável misturada com culpa.

MUDANÇA. Sentando-se à mesa da cozinha dela, ele observava sua risada por algo que ele havia dito. A fome masculina resplandeceu em seus olhos escuros enquanto ele a olhava.



MUDANÇA. Cade beijou Caroline, bebendo em sua boca. Val sentiu uma punhalada surpreendente de ciúmes que ela soube que foi tudo dela mesma.

Eu sabia que não daria certo, o fantasma disse. Ela não era como você. Havia uma fraqueza nela que não daria certo com o que esperava por ele. E eu estava certa.

MUDANÇA. Cade e Caroline estavam no alpendre, a boca dele se movendo sobre a dela com habilidade gentil, galante.

Repentinamente um homem gritou algo, e a cabeça de Cade se ergueu.

O outro homem caminhou a passos largos para ele, sujo, a cara vigorosa torcida com ferocidade enquanto ele pegava sua arma. A mão de Cade se estendeu para o Colt em seu quadril. Ele foi apenas uma fração mais rápido. A fumaça ondulou de sua pistola, e o homem caiu, sua própria arma disparando selvagememente.

Caroline cravou os olhos no pistoleiro caído, seus olhos se arregalando de espanto. Cade baixou o olhar para ela e congelou enquanto lia a mudança brusca no olhar fixo dela.

— Mas o cara ia matá-lo! — Val disse, indignada. — Ele apenas se defendeu!

Sim, e ela já tinha perdido um marido. Ela não podia ter a probabilidade de perder outro, particularmente quando ela estivera tão perto de ser atingida no processo. Ela rompeu com ele essa noite.

MUDANÇA. Cade cansadamente escalou um conjunto de escadas estreitas. A derrota deixava seus ombros largos derrubados, e havia dor em seus olhos.

Ele voltou ao seu hotel, pensando que não poderia ficar pior.

Enquanto Val o observava subir, ela sentiu algo esperando por ele no topo das escadas. Algo sombrio. Algo mau.

— Oh, Deus — Val murmurou. — Ridgemont.



Capítulo Doze

As memórias do fantasma de Abigail gritaram uma advertência a Cade, que não pôde ouvir enquanto caminhava pelo hall para seu quarto. O estômago de Val se retorceu. Ela não queria ver mais, mas segurou sua língua. Se ele tivera que suportar aquilo, ela tinha que ver.

Cade! Pare! O fantasma implorou outra vez. *Por favor, pare! Por favor!*

Ele deteve seus passos, franzindo o cenho. Por um momento, Val pensou que ele realmente tinha ouvido os gritos psíquicos de Abigail, mas então um gemido feminino de dor soou, e ela percebeu que fora o som que detivera seus passos.

Cade se voltou como se tentando determinar a origem daquele ruído diminuto, desesperado. Uma voz masculina profunda rosnou algo ameaçador de trás da porta à sua esquerda. Ele mudou de direção e a olhou, os olhos se estreitando, os ombros largos se retesando.

Oh, Deus, Val pensou. É uma mulher, e ele vai tentar resgatá-la. E Ridgemont está no outro lado daquela porta.

Outro som amortecido, inconfundivelmente um grito, interrompido por um tapa.

Cade tirou sua pistola e atingiu duramente seu pé calçado em bota na porta. Ela voou se abrindo com um estrondo ensurdecedor. Ele deu um passo para dentro do quarto, a arma pronta para disparar.

— Mãos ao alto!

Ridgemont olhou para cima enquanto se curvava sobre uma mulher deitada sobre a cama. Ele estava completamente vestido, enquanto ela estava nua e amarrada. Seus seios nus estavam lubrificados com o sangue de duas feridas de espetada localizadas bem acima de um mamilo. Seu olhar fixo desesperado encontrou o de Cade acima de sua mordança, arregalados com terror, silenciosamente pedindo ajuda.

Cade relanceou um olhar chocado ao corpo brutalizado, então começou a dirigir sua pistola para Ridgemont com um rosnado.



— Que inferno está acontecendo aqui?

O vampiro esfregou a mancha vermelha no canto de sua boca.

— Saia.

Cade ergueu a pistola para apontá-la diretamente entre aquelas grossas sobrancelhas loiras.

— Não acho que a dama esteja disposta. Afaste-se ou receba uma bala.

Ridgemont tentou compelir Cade, Abigail esclareceu. Mas ele era Kith, e isso foi antes de seu vínculo. Por isso não surtiu efeito. E isso foi quando o bastardo malvado se deu conta do que Cade era.

O interesse surpreso se agitou nos frios olhos azuis.

— Bem, bem. E quem seria você?

— Sou um Texas Ranger, senhor, isso é todo o inferno que você precisa saber. E não tenho o costume de dar uma ordem duas vezes. Afaste-se da dama.

— Como você deseja — Ridgemont se moveu para trás, ainda sorrindo abertamente. Cade começou a dar um passo para ir até ele, deslizando sua mão livre em seu bolso de trás como se procurando por algo para usar para prender o outro homem.

Antes que ele completasse o passo, o punho maciço do vampiro se estrelou contra sua mandíbula com tal velocidade ofuscante que ele não teve tempo algum para reagir. Val ofegou horrorizada quando Cade atingiu a parede atrás dele com impacto, então deslizou para desmoronar no chão em um monte sem ossos.

Ridgemont se balançou para trás em seus calcanhares, estudando sua vítima. Um sorriso lento curvou seus lábios.

O fantasma gemeu:

Oh, não. Oh, Cade...

MUDANÇA. Cade estava sentado mergulhado na inconsciência em uma cadeira de encosto reto, seus pulsos presos atrás do encosto, seus tornozelos amarrados às pernas dela. Ele levantou sua cabeça com um



gemido de dor, as pálpebras se abrindo semicerradas antes de prontamente se fecharem apertadas outra vez.

— Faz três séculos desde que eu encontrei alguém como você — Ridgemont disse.

Os olhos de Cade se abriram de repente.

O vampiro estava sentado sobre a cama com suas costas recostadas contra a cabeceira, suas longas pernas cruzadas nos tornozelos em calças justas de lã pretas, um colete preto se esticando através de seu peito maciço.

— Minha última cria morreu um século atrás — ele disse. — Um líder não é nada sem seguidores, e fui um líder toda minha vida. Sinto falta.

— Um século? — os olhos de Cade pestanejaram.

Ele pensa que está tratando com um louco, Val percebeu.

— Mas apenas um seguidor qualquer não serve — Ridgemont continuou, observando sua face firmemente. — Prefiro que meus homens tenham certo... aço. E a julgar pela forma como você derrubou aquela porta, acho que você servirá perfeitamente. Por tudo isso, estou encantado.

— Não estaria, se eu fosse você — Cade sacudiu suas mãos presas com toda sua força. As cordas nem mesmo rangeram. — Porque, quando eu me soltar, vou te espancar sangrentamente.

Ridgemont riu.

— Estou quase tentado a soltar você e deixá-lo provar. Infelizmente, você não seria um grande desafio em suas condições atuais. Alegre-se, entretanto. Isso vai mudar — ele balançou suas pernas para fora da cama e se levantou. — E então você será.

Cade cravou os olhos no vampiro com raiva ardendo em seus olhos.

— Seria melhor que você me matasse agora, seu filho da puta. Porque, se você não o fizer, vou estripá-lo como um comanche.

O vampiro examinou Cade com interesse clínico enquanto rondava por volta das costas de sua cadeira.



— Pergunto-me quanto tempo me levará para fazê-lo gritar — ele se curvou de repente até que seus lábios estavam ao nível da orelha de seu prisioneiro. — Meu nome — ele disse — é Sir Edward Ridgemont.

— Diga-o para o agente funerário, seu... — o desafio de Cade se transformou em um silêncio surpreso enquanto ele via as presas brilhando entre os lábios apartados de Ridgemont. — Que diabos?

O vampiro sorriu abertamente.

— Receio que essa tenha sido uma vez em que você realmente não deveria ter corrido para o resgate, meu valente amigo — ele envolveu um grande punho nos cabelos de seu prisioneiro e puxou sua cabeça para um lado.

Os tendões no pescoço de Cade se retesaram enquanto ele se opunha à força de Ridgemont.

— Foda-se!

— Se você fosse uma mulher, eu faria justamente isso — ele lambeu seus lábios e baixou sua cabeça. — Mas não posso ter tudo — tomando seu tempo, ele enterrou seus dentes no pescoço musculoso de Cade, mordendo tão intensa e brutalmente que sua vítima sibilou de dor.

Suavemente, Abigail começou a soluçar.

A imagem mudou outra vez, desfazendo-se rapidamente de cena em cena enquanto Ridgemont mordia Cade várias vezes.

O ancião levou dois dias para drená-lo e infectá-lo.

MUDANÇA. Ridgemont passou uma faca através de seu pulso grosso, então forçou a ferida contra os lábios de seu prisioneiro até que Cade tivesse que beber o sangue ou sufocar.

MUDANÇA. Cade estava sentado pouco consciente na cadeira, seus olhos semiabertos enquanto o vampiro violava uma mulher soluçante na cama.

Dois dias de horror e impotência.

MUDANÇA.

Até que finalmente ele deslizou dentro do coma da Transformação.



Mantido em sua cadeira unicamente por suas cordas, Cade estava caído, a cabeça pendendo, os olhos fechados. Ridgemont se inclinou perto, sua expressão selvagem, seus olhos quase acesos.

Acho que ele lutou para morrer então. Rezei para que ele conseguisse, porque ambos sabemos o que aconteceria com ele se ele sobrevivesse. Mas Ridgemont era muito forte e arrastou-o de volta.

MUDANÇA.

Isso foi quando ele finalmente percebeu o que tinha sido feito a ele.

A face de Cade se torcia com repugnância enquanto ele cuspiu dois dentes no chão e olhava para cima, revelando as presas que os tinham substituído.

MUDANÇA. Uma mulher se debatia nos braços de Ridgemont enquanto ele a curvava à força através do colo de Cade, um punho agarrando com força seus cabelos para lhe manter a cabeça para trás. Cade cravou os olhos nela com vergonha e desesperada necessidade antes de apertar seus olhos os fechando, curvando-se para frente e afundando suas presas em sua garganta.

Mas simplesmente Transformá-lo não foi o suficiente. Ridgemont tinha que provar que ele possuía Cade, e ele quis fazer isso de um modo que faria a lição de casa. Então ele raptou Caroline.

MUDANÇA. O vampiro mais velho andou pelo quarto conduzindo a viúva, uma grande mão envolta em torno de seu cotovelo. Sua expressão estava vazia, como se ela estivesse firmemente sob o poder de Ridgemont. Cade, deitado dormindo na cama, acordou com uma sacudida. Vendo-a, seus olhos se arregalaram com horror desesperado enquanto sua face empalidecia.

Ridgemont lhe deu uma risada maliciosa.

— Ela não dirá não dessa vez, Pistoleiro.

Cade rolou da cama e recuou. Sem camisa, sua Levi's de montar baixas em seus quadris, ele parecia grande e impressionante, dez centímetros mais alto que o vampiro mais velho. A expressão em seus olhos revelava a impotência que ele sentia.



— Deixe-a ir para casa, Ridgemont. Suas crianças precisam dela.

O ancião sorriu abertamente, claramente se regozijando.

— Oh, ela irá para casa. Eventualmente — ele se voltou para Caroline.

— Mostre para ele esse belo corpo, meu amor. Ele quer vê-lo há meses.

Seus olhos vazios como os de um sonâmbulo, a viúva levantou suas mãos e começou a desabotoar o decote alto de seu severo vestido azul. Ridgemont mal dispensou a ela uma olhada, muito mais interessado no pânico nos olhos de Cade.

— Há mais para se alimentar que sangue, Pistoleiro. E não há nada como sexo para fazer com que a vítima goze — especialmente se você misturar um pouco de medo.

Quando Caroline puxou o vestido para baixo de seus quadris, seus olhos repentinamente se inundaram de horrorizada consciência. Mas isso não a deteve de mecanicamente dar um passo para fora do círculo do vestido, ou alcançar as fitas de suas anáguas.

— Saboreie isso, McKinnon — Ridgemont disse suavemente. — O medo. É doce, não é?

Enquanto ela lentamente se despia, revelando um corpo pequeno, delicadamente arredondado, Cade baixou sua cabeça e despiu seus dentes. Os tendões de seu pescoço se sobressaíam rigidamente contra a ascensão da necessidade.

— Não.

— Sim — Ridgemont foi para trás de Caro, alcançado ao redor de sua cintura para começar a abrir o espartilho. — Dispa-se, Pistoleiro. Faremos com ela juntos.

O horror nos olhos de Cade se aprofundou quando suas mãos foram aos botões de sua Levi's. Sua cara se contorceu com esforço enquanto ele lutava contra a compulsão, mas seus dedos obedeceram de qualquer maneira.

— Deus te amaldiçoe.

O ancião riu e segurou os seios dela em ambas as mãos.



— Você pode muito bem deixar de lutar contra isso, McKinnon. Você somente não tem o poder para evitar que minha mente domine a sua — preguiçosamente ele puxou os mamilos dela. — Ela tem belas tetas, não tem? Tão cheias e brancas — Ridgemont abaixou sua cabeça e disse em sua orelha — Pense nisso, Caroline. Duas varas, dois conjuntos de presas. Vai doer — e eu farei você gostar.

O olhar fixo da viúva voou para Cade e silenciosamente implorou. A expressão dele endureceu com determinação mesmo enquanto ele deslizava seus jeans para baixo por suas pernas longas, musculosas.

— Você gostou, Ridgemont?

— Gostei do quê? — o ancião perguntou enquanto apertava e acariciava os seios de Caroline.

A voz de Cade estava baixa e mortífera.

— Você gostou quando os sarracenos te tomaram, antes, quando você era mortal?

As mãos grandes de Ridgemont ficaram imóveis, sua boca ficou frouxa com a surpresa.

— Enquanto você estava tão ocupado invadindo minha mente durante a Transformação, consegui um relance da sua — nu, Cade se aproximou dele e baixou o olhar para os olhos dele com um sorriso zombeteiro. — Seu precioso Coração de Leão hesitou muito tempo a respeito de resgatá-lo quando você foi capturado pelos sarracenos durante aquela Cruzada. E eles ficaram com um pouco de tédio. Foi há oitocentos anos, mas não importa quantas muitas mulheres você tenha violentado, não pode se esquecer de como foi estar na outra extremidade da vara.

O ancião empurrou Caroline para um lado com um rugido de fúria brutal. Ela caiu, logo se arrastou para seus pés e se estendeu para pegar suas roupas, nem mesmo olhando em torno enquanto Ridgemont andava a passos largos através do quarto e dirigia seu punho para o rosto de Cade. Ele se chocou violentamente contra a parede, mas ela não olhou para trás enquanto embrulhava suas coisas e corria nua para a porta.

— Como ela o abandonou? — Val reclamou. — Vadia.



Ridgemont estava tão furioso que ele libertou a mente dela, tal como Cade pretendia. Ela sabia que não conseguiria outra oportunidade — e a primeira prioridade de Caroline foi sempre Caroline. Além disso, em sua mente, Cade havia se tornado grande como um monstro.

Como Cade cambaleava de outro soco dirigido como uma estaca, Ridgemont parou brevemente, visivelmente se esforçando para trazê-lo de volta sob seu controle.

Lambendo o sangue de seu lábio cortado, Cade ficou em pé, embora ele tivesse que se recostar contra a parede para fazer aquilo. Ele sorriu aberta e cruelmente, uma luz demoníaca em seus olhos escuros.

— Oh, vamos, Eddie — seja honesto consigo mesmo. Você gostou em todos aqueles séculos atrás. De fato, você realmente não quer que eu transe com Caroline — você quer que eu transe com você.

Com um bramido de ira furiosa, o vampiro mais velho girou e se apoderou de uma longa espada embainhada que descansava sobre uma pilha de bagagem. Ele puxou a arma com um silvo de aço. E girou, a espada segura em ambas as mãos enquanto a lançava ferozmente contra seu atormentador. Cade nem sequer se sobressaltou.

A lâmina se deteve a poucos milímetros de seu pescoço. A respiração dura, Ridgemont o encarou.

— Não. Você não vai escapar de mim tão facilmente, McKinnon. Você vai viver, seu bastardo, e amaldiçoar cada dia que respire — ele jogou para um lado a arma com um estrépito. — Mas primeiro você vai aprender seu lugar mesmo se eu tiver que bater em você — ele enterrou seu punho na barriga de Cade tão duro que ele levantou os pés do homem maior do solo.

Um puxão violento.

Val desmoronou na cama, tremendo e doente. A imagem de Cade observando aquela lâmina vindo para sua face queimava em sua mente.

Ela tiritou e engoliu em seco.

— Deus. Oh, Deus. Não posso deixar Ridgemont fazer isso com ele de novo — ela se deteve enquanto a certeza a atingia como um trem de carga. — Oh, amável Deus.



O *que foi?* Abigail perguntou, preocupada com o tom de certeza atordoada dela.

— Irei obrigá-lo a me Transformar — ela se oferecera antes, mas no íntimo ela ficara aliviada quando ele desprezara sua oferta. Agora ela sabia que tinha que persuadi-lo custasse o que custasse. Mesmo se significasse perder sua humanidade.

Mas como? Ele já recusou uma vez.

Apenas um caminho veio à mente. Val endireitou seus ombros.

— Abigail, vá para o Outro Lado.

O *que?* O fantasma exigiu, sobressaltada. *Mas...*

— Não precisamos de uma audiência. Vá para o Outro Lado, e não volte até que nós te chamemos.

O desconcerto de Abigail se tornou um brilho de sabedoria.

Oh. Você vai seduzi-lo.

— Não com uma espectadora de treze anos de idade. Desapareça.

Estou atualmente com cento e quinze anos, mas não me deterei por insignificâncias.

Curvando a cabeça com satisfação, o fantasma se desvaneceu no teto.

— E não espione! — Val falou atrás dela.

Não seja ofensiva.

Val sorriu abertamente com o tom indignado do fantasma, então ficou sóbria, seus olhos se estreitando. Não havia muito tempo. Logo Cade estaria de volta, e ela tinha que estar pronta para ele.

Movendo-se rapidamente para uma das malas sobre a cama, ela a abriu com uma sacudida e começou uma inspeção, procurando lingerie. Ela sabia que a única oportunidade que tinha de obter sucesso era deixar Cade tão ardente que seu membro impressionante começasse a pensar por ele.

Mas enquanto ela procurava pela mala, ela percebeu que não tinha guardado uma maldita coisa que fosse convenientemente provocante.



Acreditara que aquela seria uma viagem de negócios, afinal de contas; vampiros sedutores nunca tinham sido parte do itinerário. *Maldição.*

Por outro lado, se a ideia era atingir os hormônios dele tão duro e rápido que seu cérebro não tivesse tempo de engrenar, talvez ela estaria melhor dentro de nada mais que um sorriso. Ele podia ser uma criatura imortal da noite, mas ele ainda era um homem — e nada era mais seguro para sacudir o cérebro masculino como encontrar uma mulher nua em sua cama.

Uma ducha. O que ela necessitava era de uma ducha. E dessa vez ela deixaria de fora os cubos de gelo.

Meia hora mais tarde, Val subiu na cama limpa e nua, seus cabelos habilmente soltos, seu rosto maquiado apenas o suficiente para não parecer muito pintado. Sua barriga se moveu de vagar, sacudidas nervosas enquanto ela se recostava contra os travesseiros que ela empilhara contra a cabeceira. *Que diabos estou fazendo?* Ela se perguntou freneticamente. *Se ele me Transformar, nunca poderei voltar atrás. Renunciarei a crianças e longos passeios de amanhã pela praia, e minha carreira jornalística. O que Beth vai pensar? Nunca comerei outro pedaço de chocolate. Terei que beber sangue. Isto é louco!*

Logo ela recordou a admiração extrema, quente na face de Cade enquanto ele a penetrava, o prazer cru em seus olhos quando ele chegou ao clímax.

Oh, inferno, Val pensou. *Chocolate me faz engordar, de qualquer maneira.*

Ela tinha que pôr suas dúvidas de lado. Cade sempre soubera quando ela estava excitada, o que queria dizer que ele também saberia quando ela não estivesse. Era melhor que ela estivesse genuinamente quente quando ele caminhasse através da porta do dormitório. E havia apenas uma maneira para se assegurar disso.

Mas e se ele a pegasse de surpresa?

Por outro lado, isso provavelmente ajudaria.



O coração galopando, Val empurrou para baixo as cobertas, pensou melhor e as subiu para arrumá-las destramente fora do caminho. Ela afofou e reajeitou os travesseiros em um monte artístico, então se arrastou para trás sobre a cama para se recostar contra eles.

Mordendo seus lábios, ela deslizou uma mão hesitante entre suas coxas e apertou um mamilo com a outra. *Quente. Pense quente. Pense em Cade apertando meus seios lá fora sobre o porta-malas do carro.* Ela afastou todos os pensamentos de vergonha, Ridgemont, vampirismo — mesmo Beth e o assassinato de seus pais — e se concentrou furiosamente nos contornos musculosos do grande corpo de Cade McKinnon.

A imagem foi tão potente que não demorou para que seu sexo ficasse escorregadio sob seus dedos acariciantes. Quando a porta se moveu para se abrir, ela acabava de atingir seu segundo clímax.

Val sacudiu suas mãos para fora e se aprumou enquanto Cade se detinha mudo na entrada, seus olhos se arregalando. O rosto dela ficou tão quente que ela sabia que estava ruborizando como uma cereja vermelha. *Maldição, pretendo seduzi-lo, não pular como uma virgem,* ela pensou, totalmente irritada consigo mesma por sua vergonha. *Deixe disso, Val!*

Cade pestanejou e engoliu em seco, mostrando uma bandeja de café da manhã que ele mantinha em ambas as mãos.

— Eu, uh... pensei que você poderia estar com fome.

— Uh, sim — ela considerou se levantar de um salto para lavar suas mãos, logo pensou melhor sobre disso. *Sedução, sedução...* — Um pouco de alguma coisa antes da cama seria bom.

Val pensou que o ouviu murmurar:

— Bem o que eu estava pensando.

Cade caminhou até a mesinha de cabeceira e baixou a bandeja. Seu olhar fixo definitivamente estava começando a esquentar. Ela se ergueu em seus joelhos para examinar a bandeja, menos porque ela tinha fome que por uma consciência aguda de sua nudez. Ela nunca tinha feito algo como aquilo em sua vida. *Só o conheço há dois dias!* balbuciou uma baixa voz na parte de trás de sua cabeça. Ela a mandou se calar.



— Morangos — Val disse, examinando o hábil arranjo da comida. No meio de uma pilha vermelha fresca, estava uma tigela com algo marrom escuro. — E... chocolate? — ela sorriu abertamente para ele, percebendo que ele mesmo planejava uma sedução. — Você leu a minha mente — ela pegou com uma colher um dos frutos e o molhou no doce derretido.

Cade assistiu enquanto ela lentamente afundava seus dentes brancos na carne firme, vermelha da fruta. Quando ele engoliu em seco, pôde saborear a excitação dela no ar. Seu membro cresceu atrás de seu zíper.

Ela pegou outro morango e o girou no chocolate. Encontrando o fixo olhar atento dele, ela sorriu aberta e malvadamente e tocou a fruta gotejante em um mamilo duro. Cade inspirou agudamente quando o chocolate deslizou sobre a delicada ponta rosada.

Os olhos com as pálpebras caídas, Val acariciou o fruto sobre sua carne, pintando fios doces, escuros.

— Estava me perguntando — ela ronronou. — Os vampiros gostam de chocolate em suas... refeições?

— Vamos descobrir — ele a pôs de costas sobre o monte de travesseiros e mergulhou para lambar o pico duro, coberto de chocolate. Tinha gosto delicioso de doce e Val. Com um gemido ávido, ele o sugou até ela choramingar.

Quando o pequeno ponto estava limpo, rosado e desesperadamente duro, Cade olhou para cima e encontrou os olhos dela.

— Sim. Vampiros definitivamente gostam de morder doces²⁰.

Quando ela gemeu com o péssimo trocadilho, ele alcançou a bandeja, pegou um morango e o mergulhou na tigela. Com um sombrio sorriso aberto, ele introduziu o fruto coberto de chocolate entre os lábios abertos de seu sexo e lubrificou a carne úmida com sua mão livre.

— Ei! — Val se endireitou, mas antes que ela pudesse tirá-lo, ele deslizou a fruta em seu canal apertado. Ele gemeu pela sensação ao redor

²⁰ Tentei fazer o melhor possível para manter o trocadilho. No original está "have a sweet tooth", que quer dizer "gostar de doces", mas a parte de "sweet tooth", dentes doces, foi usada por Cade para fazer um trocadilho com o fato de ele ser um vampiro.



de seus dedos. Ela estava incrivelmente molhada e apertada. — Isso é frio! — ela protestou com uma risada enquanto agarrava seu pulso.

— Na verdade, eu pensava que está quente — ele deslizou o fruto um pouco mais profundo. — E muito, muito tentador — se ajoelhando ao lado da cama, ele enterrou seu rosto em seu sexo e começou a morder a fruta.

Val agarrou sua cabeça com ambas as mãos e se arqueou no travesseiro, retorcendo-se deliciosamente enquanto ele dava mordidas, pequenas, delicadas no fruto, parando frequentemente para brincar com sua carne molhada.

— Não pensava... — ela se deteve num ofego. — ... que os vampiros pudessem comer.

— Oh, podemos comer — ele devorou o último pedaço da fruta de sua vagina. — Também podemos lamber, chupar e morder.

Ela gemeu.

— Oh, sim. E você é realmente, realmente bom nisso... Cade! Oh, Deus!

Com um grunhido baixo, ele enterrou seu rosto em seu sexo e chupou o pedacinho duro de seu clitóris em sua boca. Em segundos, ele a trouxe a um clímax libidinoso, trêmulo. Enquanto ela desabava nos travesseiros, mole, ele se pôs de pé e começou a desabotoar sua camisa com mãos rápidas, impacientes.

Ele queria estar *dentro* ela. E a Fome uivava agora, vindo com total intensidade por causa da visão e da essência da excitação de Val. Dessa vez ele se renderia e a tomaria. O pensamento de penetrá-la com suas presas e seu membro fez com que ele ficasse tão duro quanto uma viga de ferro dentro de seus jeans. Cade tirou a camisa e a jogou através do quarto, então alcançou o puxador de seu zíper.

Val abriu seus olhos para observá-lo se despir com um tipo de antecipação aturdida.

— Sim, eu largaria as câmaras de bronzamento por isto — enquanto ele descia os jeans por suas coxas, ela disse subitamente. — Me Transforme, Cade.



Ele congelou no ato de sair fora de suas calças. Havia uma tentação pecaminosa nesse pensamento. Tê-la, possuí-la. Para sempre.

Mas não seria justo com Val. Ela estava quente agora, arrebatada pelo sexo e pela necessidade, não pensando em tudo sobre o que ela estaria desistindo. E ela poderia terminar morrendo em um combate entre ele e Ridgemont.

— Falaremos sobre isso mais tarde.

— Mas estaríamos juntos — ela protestou. — E odeio a ideia de você ficar indefeso contra ele outra vez.

No minuto em que as palavras saíram de sua boca, Val se sobressaltou — e se sobressaltou outra vez quando Cade se retesou. Seu olhar fixo se estreitou e se fixou na face dela.

— Minha irmã esteve mostrando seus filmes psíquicos caseiros outra vez, concluo — ele disse em uma voz baixa, dura.

Maldição, Val. Você estragou tudo agora, ela pensou.

— Que pequeno incidente sórdido ela revelou ante seus olhos curiosos? — Seu fixo olhar escuro estava claramente hostil agora. Ela apartou a vista de seu olhar fixo tão perspicaz e engoliu em seco. Cade praguejou ferozmente. — Caroline.

— Ele quase te matou — Val disse com desprezo. — E ela apenas te deixou lá.

— Ele quase me matou um monte de vezes — a boca sensual de Cade se torceu em um sorriso frio. — Então isso é sexo piedoso?

— Não! Eu apenas acho que nós deveríamos... fazer isso. Me Transforme.

— Então você resolveu me seduzir para isso, não é verdade? — sua voz soou baixa e sedosa, mas algo nisso fez os olhos dela se arregalarem em alarme. — Oh, entendo. Por isso que você enterrava esses dedos em seu pequeno corpo apertado quando eu entrei. Você acreditou que subjugaria minha mente masculina infeliz com o aroma de vagina molhada.

— Não, eu...



De repente as mãos firmes se fecharam em torno de sua cintura. Ela gritou chocada enquanto ele a arrancava da cama como um homem agarrando uma criancinha que fez algo errado. Ele se endireitou, mantendo-a facilmente no ar com seus pés pendendo. Os olhos arregalados, ela sondou seu rosto duro, zangado, extremamente consciente da amplitude totalmente musculosa do peito dele.

— Então você pensa vai me salvar, pequeno e desamparado, de Ridgemont, se sacrificando corajosamente. Bem, talvez você devesse repensar isso, doçura. Porque, de onde eu me encontro, a única que está indefesa aqui é você.

Ela engoliu em seco.

— Você está sendo um tolo, Cade.

— E o que você vai fazer a respeito disso? — ele a inclinou contra seu peito e deslocou suas mãos até conseguir segurar suas coxas em suas palmas. Apesar da resistência instintiva dela, ele abriu suas pernas facilmente e puxou seu corpo contra o dele. A cabeça firme, aveludada de seu membro acariciou seu sexo. Ele sorriu lentamente, os olhos dentro dos dela, zombeteiros e sórdidos. — Como eu disse, você está indefesa.

Ela rangeu seus dentes.

— Você se fez entender. Ridgemont pode comer sua cara com as minhas bênçãos. Me solte!

Cade sorriu zombeteiramente, escorregando uma mão em torno dela para sustentar seu traseiro enquanto ele erguia a outra para gentilmente segurar seu seio.

— Mas não quero — delicadamente, ele deslizou seu polegar sobre seu mamilo. Apesar de seu ultrage, ela sentiu uma espiral de calor. Ele a levantou facilmente até que pôde se aninhar sob seu queixo, lambendo a carne suave, fina bem sobre sua pulsação. — Estou... faminto — ele a baixou ligeiramente até que a cabeça de sua ereção maciça pressionasse contra suas dobras. Ela se retorceu em excitação relutante. — E você seria um banquete delicioso.

Val mordeu seu lábio.



— Cade...

— Talvez eu a Transforme no final das contas — ele grunhiu, soltando seu seio para escorregar abaixo por seu corpo. Ela sentiu o membro dele se apertar mais duro contra ela enquanto ele se direcionava, procurando a abertura apertada de seu sexo. — Que homem não iria querer sua própria escrava pessoal do amor? Quer estar a minha mercê, Valerie?

Ele encontrou seu canal e deu um meio impulso pouco profundo, mal entrando. A saliva alagou a boca de Val com o prazer pecaminoso da sensação. Ela fechou seus olhos.

— Você está entrando em terreno movediço²¹, Cade.

— Estou a ponto de entrar em seu terreno, Val — ele a baixou, lentamente a empalando no enorme mastro. Ele gemeu de prazer enquanto ela tremia, sua carne lisa, envolvente se adaptando à sua espessura.

— Há muito a ser dito para ser seu mestre — ele disse roucamente. — Eu poderia fazer você fazer qualquer coisa que eu quisesse, a qualquer hora que eu quisesse.

Ela fechou seus olhos.

— Você não iria... — ela prendeu sua respiração quando ele a penetrou outra polegada. — ...você não iria me machucar.

— Inferno, não — ele disse asperamente, abandonando a pretensão de sedução ameaçadora. — Isso é a última coisa em minha mente — gemendo, ele a mudou de posição em seus braços. — Preciso obter um ângulo melhor. Se segure, doçura.

Val envolveu ambas as pernas ao redor de sua cintura, mantendo-o no lugar enquanto ele a punha de costas sobre a cama. Imediatamente ele começou a arremeter em longas, fortes estocadas que arrancaram um grito estrangulado da garganta dela. Ela fechou seus olhos, apertando-os, enquanto o mastro maciço avançava e recuava, cada mergulho gerando uma explosão de luz por trás de seus olhos.

²¹ A melhor tradução seria, talvez, “você está pisando em areia movediça”, mas se eu a usasse, não conseguiria fazer o trocadilho que aparece com a frase de baixo, por isso deixei da melhor maneira para que o trocadilho não fosse perdido.



— Deus, Cade, essa coisa não entra no caminho quando você anda?

Ele gargalhou em sua orelha.

— Não, querida, honestamente posso dizer que isso nunca foi um problema.

Quando ele olhou para ela, sua cabeça girando na glória selvagem de seu calor cremoso, ela jogou sua cabeça para trás e arqueou suas costas. O movimento destacou as hastes longas de seus mamilos duros e a curva doce de sua garganta.

— Vou gozar!

A Fome o inundou de fogo.

— Me deixe beber de você.

Ela mordeu seu lábio inferior, as linhas delicadas de seu rosto tão sensuais em seu prazer que ele quis chorar, quis rugir, quis gozar.

— Deus, Cade, sim! Beba!

Com um gemido, Cade baixou sua cabeça e afundou suas presas profundamente na pele de cetim delicado de sua garganta. Ela gritou de prazer enquanto seu sangue fluía na boca dele, com sabor de vida e destilando sexo. Seu orgasmo explodiu na cabeça dele enquanto seus escudos mentais de Kith caíam. Ele gemeu enquanto bebia, saboreando cada intoxicante porção. E gozou em longas, ardentes sacudidas de seu membro. Ainda bebendo.

Apesar de todas as mulheres que ele tivera em mais de um século como um vampiro, nunca tinha sido tão completamente ardente. Ele soube sem dúvida que era porque ele a amava.

Ele apenas desejou que soubesse que diabos fazer agora.



Capítulo Treze

Cade! O grito psíquico de Abigail apunhalou seu cérebro enquanto ele estava deitado enroscado contra Val. *Você tem companhia!*

Ele rolou da cama antes que estivesse totalmente acordado, dando um bote para a espada e o escudo que ele colocara ao lado da cama. Depois do ataque de Hirsch no motel, ele se assegurara de que suas armas estivessem sempre ao alcance da mão.

Estendendo sua mente em um rápido escaneamento, ele franziu o cenho. Ridgemont não estava em parte alguma.

— Quem é? — ele exigiu, baixando suas armas para pegar um jeans e enfiar suas pernas neles.

Val levantou sua cabeça, alarmada.

— O que foi? O que está acontecendo?

Ridgemont enviou um pelotão de ataque. Abigail lhes transmitiu imagens de homens, ao menos trinta deles, todos com armas automáticas MAC-10. Tinham se separado em equipes — uma para desativar o sistema de segurança, uma para investigar a casa, outra para cercá-la e bloquear uma fuga. Um pequeno pelotão estava se aproximando do corredor agora.

Inferno, Abigail, teria sido lindo ter um pouco de aviso antes que estivessem na maldita casa!

Cade se arremeteu para a porta. Não havia tempo para tirar as armas do armário. Ele teria que se arranjar com sua espada.

Eu estava no Outro Lado! Não os senti até agora.

Maldição. Onde está Hirsch?

Não aqui.

A julgar pela luz do sol vertendo através das janelas de vitrais, era de tarde.

— Provavelmente ele não queria um bronzado. Vá para o outro lado da cama e rasteje contra o chão — ele instruiu Val. — Haverá disparos.



Ele escancarou a porta do quarto e avançou. Sua espada atravessou o peito do homem que estava a ponto de entrar à força. O mercenário uivou de agonia enquanto Cade enfiava sua lâmina nele como em uma linguiça de frango e lhe dava xeque-mate. Instintivamente ele rompeu em gritos de alarme.

Aquele grupo tinha entrado em sua casa para sequestrar sua mulher. Suas vidas estavam compradas e pagas.

Girando sobre si, ele bateu fortemente seu escudo na face do mercenário mais próximo enquanto o homem avançava sobre ele. O sangue espirrou. O homem armado perdeu o equilíbrio, morto antes que atingisse a terra. Cade saltou entre os três invasores restantes, grunhindo para suas faces aterrorizadas com presas despidas.

Nesta situação, os números de mercenários realmente trabalhavam contra eles. Não podiam disparar essas armas de alta potência sem arriscar que as balas perfurassem diretamente através de Cade e entre seus próprios aliados.

Então, por trinta segundos cruciais, deixaram de disparar. O homem mais próximo atacou com a coronha do rifle, mas Cade foi mais rápido. Seu punho esmagou o crânio do mercenário. Sangue fresco e coagulado salpicou em sua face enquanto a arma batia na parede e caía no chão com estrépito. Ela soou, disparando uma saraivada de balas enquanto os mercenários se jogavam para um lado.

— Porra! — alguém gritou. O escudo de Cade sacudiu e retiniu em sua mão quando um dos três mercenários sobreviventes entrou em pânico e disparou seu MAC-10 nele. Seu escudo tinha sido desenhado para combate entre vampiros, e sua superfície de liga espacial nem mesmo se amassou. Mas o mercenário ajustou seu alvo e disparou outra vez, e dessa vez a bala atingiu a coxa de Cade. Ele grunhiu de fúria, brandindo sua espada enquanto girava. A arma perfurou profundamente. O invasor gritou e caiu para frente.

Mas antes que Cade pudesse matar os últimos dois homens, o resto do pelotão entrou estrepitosamente no corredor do lado oposto.

— Merda! — um deles perdeu o fôlego quando olharam a carnificina.



Cade ergueu seu escudo e despiu seus dentes para eles de trás. Fazendo uma contagem silenciosa, ele sentiu seu coração afundar. Havia ao menos oito deles. Não havia nenhuma forma de que ele pudesse levar todos antes que o explodissem para inferno e além. E se eles pusessem muitas balas em seu peito para destruir seu coração, imortal ou não, ele morreria.

Encolhendo-se com o som de gritos e disparos vindos do corredor, Val engatinhou para o closet. Ela era uma condenada se ia se acovardar sob a cama enquanto Cade lutava por suas vidas.

Enquanto esperava, ela encontrou a bolsa de ginástica de Cade apoiada no chão ao lado das altas botas de couro dele. Ela pensou que tinha divisado uma espingarda serrada na bolsa na última vez que ele a tinha aberto...

Quando abriu o zíper, Val suspirou de alívio. Ali estava a espingarda, curta, preta e mortal em seu ninho de dinheiro. Ela a pegou. Divisando uma nove milímetros meio enterrada nas cédulas, ela a tirou também, teve certeza de que a trava de segurança estava no lugar e a socou na parte da frente de seus jeans. A espingarda embalada em ambos os braços como uma criancinha mortal, ela se pôs de pé e correu rapidamente para a porta, curvou-se até a cintura para evitar qualquer bala perdida vinda do corredor.

Enquanto seu coração galopava em estocadas duras, nauseantes, Val perscrutou em torno do marco da porta, rezando para que nenhum dos mercenários atirasse nela por equívoco enquanto ela atirava neles de propósito.

O peito nu e encharcado de sangue, Cade estava rodeado por uma multidão de homens vestidos de preto, girando e estocando enquanto ele atacava com sua espada dentro dos invasores como Conan, o Bárbaro realmente de péssimo humor. Vários corpos estavam caídos aos seus pés, nenhum deles se movendo. Arcos de sangue voavam para o ar com cada golpe cortante, salpicando as paredes brancas. Enormes, extensas piscinas carmesim encharcavam o tapete cor de creme.



Vamos passar um inferno de tempo limpando isso, Val pensou, com uma ilógica chocada.

— Recuem! — alguém berrou. — Precisamos de algum espaço, foda!

Ela se abaixou rapidamente atrás do marco da porta e colou suas costas contra a parede do quarto, suas mãos trêmulas apertadas em torno da espingarda. Se ela comesse a disparar, poderia atingir Cade. Mas se ela não o fizesse... Cautelosamente, ela olhou pelo canto outra vez.

Os homens rodeavam Cade tentando contornar, três indo por um lado, dois por outro. Ele saltou sobre a dupla, conduzindo sua espada neles em um golpe cortante duro, diagonal que derrubou ambos os homens.

Atrás dele, um do trio recuado virou e levantou seu MAC-10.

Os três mercenários estavam juntos tão perto que ela pensou que seus corpos protegeriam Cade se ela disparasse. Sem se dar permissão de pensar no que estava fazendo, Val se lançou no corredor. Ela encontrou os olhos surpresos de um dos do pelotão enquanto ele estava a menos de trinta centímetros de distância. Então ela explodiu com ambos os canos das espingardas.

E percebeu que calculara mal. Dois dos pistoleiros estavam muito próximos para a explosão para se propagar muito longe, e as balas perfuraram ambos. Uma chuva repugnante de sangue se arqueou através da face de Val, cegando-a enquanto um homem gritava em agonia.

Mas ela tinha perdido o terceiro homem.

Uma MAC-10 disparou em um estouro retumbante, ensurdecador enquanto o terceiro mercenário começava a disparar em Cade. Com um grito angustiado, Val esfregou uma mão desesperadamente através de seu rosto, tentando enxugar o sangue cegante, pegajoso. O aroma fez seu estômago se revolver. Piscando duro, ela conseguiu clarear sua visão apenas o suficiente para ver os dois em quem ela atirara caídos no chão.

Então foi Cade.

Lançando a espingarda agora imprestável de lado, ela saltou sobre os corpos dos homens mortos, se desviou em torno do assassino que tinha disparado em seu amante. O mercenário pegou sua pistola para destruí-la,



então deteve sua descarga no último instante. Val não pôde ter se importado menos.

Cade estava esparramado de bruços através de um dos mercenários caídos. A submetralhadora tinha perfurado uma linha de orifícios sangrentos, feios diagonalmente através de suas costas. O coração em sua garganta, ela o agarrou por um ombro forte e conseguiu virá-lo para cima.

— Deus, Cade — ela gemeu.

As feridas de saída na parte da frente de seu peito estavam ainda maiores que as feridas de entrada. Seus olhos negros olhavam fixamente além dela, e por um momento ela pensou que ele estava morto. Então ela sentiu a boca do cano de uma arma ser empurrada na parte de trás de seu crânio.

Os caras maus parecem gostar de fazer isso, ela pensou entorpecidamente.

— Ok, cadela — disse o mercenário que tinha disparado em Cade — Mãos ao alto antes que eu...

Cade cuspiu sangue e ofegou.

— Você. Não se mova.

Lambendo seus lábios, Val se atreveu a dar uma olhada sobre seu ombro. Por um momento tudo o que ela pôde ver foi a boca do cano da submetralhadora se abrindo como o abismo do inferno. Logo ela conseguiu enfocar além dela o mercenário que a segurava. Ele estava os encarando de cima, seus olhos arregalados e em pânico, suas mãos ainda mantendo a arma apontada para o lugar onde a cabeça dela estivera. Ela recuou para trás dele, mas ele não se moveu. Com um suspiro de alívio, Val percebeu que Cade devia ter usado seu poder para fechar cada músculo no corpo do mercenário.

Encarando o rosto vigoroso do homem, ela sentiu seus lábios se abrirem sobre seus dentes. Esse bastardo tinha disparado em Cade pelas costas. Sua mão foi para o cabo da pistola em seu cinto e a trouxe à liberdade. Ela a nivelou bem entre os arregalados olhos cor de avelã.

— Melhor não, cadela.



Por causa da estranha voz masculina, Val girou em torno de si.

— Oh, inferno — ela murmurou. Uma nova multidão de mercenários estava no corredor atrás dela. Reforços.

Um deles apontou sua pistola para Cade.

— Renda-se, ou veremos se um vampiro pode se curar da falta de uma cabeça.

O ácido invadindo sua boca, Val jogou sua pistola no chão e ergueu suas mãos. Os mercenários percorreram o vestibulo, as armas apontadas e preparadas. Seu líder agarrou o pulso dela e a fez ficar de pé. Ela ofegou quando uma lança de dor trespassou seu braço pela força do aperto dele.

Um grunhido baixo retumbou, e Val olhou para baixo. Apesar dos buracos sangrentos em seu peito, Cade rosnava para o mercenário, as presas despidas, tal ameaça em seus olhos que o grande homem recuou rapidamente, arrastando Val com ele.

— Olhe, companheiro, nem tente — o mercenário disse a Cade, apontando sua arma entre aqueles furiosos olhos castanhos. O cara estava malditamente perto de ser tão grande quanto Hirsch, Val percebeu, com uma cabeça cheia de cabelos de cinza metálico em cachos desordenados e suados. Apesar de seu tamanho, seus olhos azuis pequenos e redondos estavam nervosos quando ele baixou os olhos para a face selvagem de Cade. — O Sr. Hirsch quer te pegar pessoalmente, mas se você me tentar, enfiaremos tantas balas em você que você vai retinir quando caminhar.

Ela se perguntou por que Cade não o compelia a deixar ambos irem, logo se deu conta de que, mesmo se o líder tentasse dar aquela ordem, os outros não teriam obedecido. Especialmente se tinham sido advertidos sobre poderes vampíricos.

Quando Cade apenas ficou caído ali e ofegando, seus olhos negros selvagens, o comandante dos mercenários inclinou a cabeça com satisfação.

— Sofra pela sua escolha, vampiro. Agora, você apenas vai ficar sangrando aí — arrastando-a com ele, ele recuou para o hall, fazendo gestos com as mãos para seus homens acompanhá-los.



Um grunhido retumbando em sua garganta, Cade levantou sua cabeça para observá-los irem. Por um instante seus olhos encontraram os de Val, e ela viu a agonia neles.

Antes que ela pudesse responder, o líder dos mercenários se deteve em seu caminho, sacudindo-a para uma parada. Erguendo os olhos para ele, Val percebeu o fio espiralado de um fone de ouvido contornando seu colarinho. *Ele deve estar usando um rádio.*

O comandante relanceou os olhos em torno para seus homens e fez um rápido gesto cortante com sua mão livre. O grupo inteiro se moveu rapidamente e partiu para o hall. Enquanto levavam Val com eles, ela olhou fixamente sobre seu ombro para Cade. Embora ele estivesse ensanguentado e indefeso, seus ardentes olhos negros enviaram a ela uma mensagem feroz que ela quase pôde ouvir: *Eu irei te salvar.*

— Vamos embora — o mercenário deu um puxão em seu pulso que quase arrancou seu braço da articulação. — Não temos tempo para olhares de saudade, cadela.

— Sobre os feridos, senhor? — um mercenário negro alto perguntou.

— Se ficarmos por perto aqui tentando “mover eles” ²² todos, seremos pegos pela lei antes que terminemos — o líder resmungou. — Deixe os policiais tomarem conta deles. Eles não vão falar.

A esperança animou Val fracamente. Aparentemente a polícia estava a caminho, sem dúvida alertada por algum vizinho que tinha ouvido a Terceira Guerra Mundial acontecendo na porta ao lado.

E isso queria dizer que Cade estava salvo. Os policiais se assegurariam de que ele conseguisse uma transfusão de sangue. Considerando seus poderes restauradores de vampiro, amanhã à noite ele teria se curado de suas lesões. Infelizmente, os oficiais também teriam perguntas às quais ele não seria capaz de responder.

Era óbvio que os mercenários tinham entrado pela força, e como um proprietário de uma casa atacado em seu próprio lar, Cade não seria acusado de tê-los matado. Mas a polícia poderia e provavelmente o deteria

²² No original está “If we hang around here trying to move ‘em all”.



por horas o questionando a respeito dos detalhes. Ele poderia ser capaz de usar magia para escapar da custódia se pudesse pegar um oficial comandante que pudesse compelir, mas se um grupo conspirasse contra ele, ele não poderia anular a investigação.

Em todo caso, Val sabia que ele não seria capaz preparar um resgate até amanhã à noite o mais breve possível. O pensamento do que lhe aconteceria nas horas até então a faziam se sentir doente e gelada.

Maldição, ela deveria ter tentado persuadir Cade a Transformá-la mais cedo.

Por outro lado, ao menos se ele viesse atrás dela amanhã, tampouco haveria tempo para Ridgemont terminar o processo. Mas e se o monstro a matasse durante a tentativa de resgate?

Talvez fosse melhor se Cade não viesse atrás dela. Se ele morresse, não teriam qualquer esperança. Mas se ele esperasse um tempo suficientemente longo, ela eventualmente seria capaz de se livrar do controle de Ridgemont. Poderia levar um século ou mais ou menos, mas ela conseguiria mais cedo ou mais tarde. Então eles poderiam imaginar uma forma de matar Ridgemont. Ela poderia resistir um século de abuso se soubesse que tinha Cade esperando no final.

Infelizmente, Val o conhecia um pouco bem demais para acreditar que ele apenas a deixaria nas mãos de Ridgemont. Ele teria que tentar um resgate, mesmo sabendo que possivelmente não poderia ganhar. E se Cade morresse, ela poderia muito bem se matar. De fato, a julgar pelas imagens que Abigail lhe tinha mostrado, ela provavelmente desejaria a morte antes que Ridgemont acabasse com ela.

E o que faria a respeito de sua irmã? Ridgemont a deixaria sozinha uma vez que ele tivesse Val, ou ele viria atrás de Beth também?

Ela tinha perdido todo mundo com quem se preocupava?

Enquanto os pensamentos de Val se agitavam em desespero, os mercenários a empurram para fora até uma grande van branca ligada estacionada na boca da garagem. Eles tinham movido o caminhão para trás o mais perto possível para que os homens pudessem entrar e sair sem os vizinhos se darem conta de que levavam bastante poder de fogo para



invadir o México. Erguendo seu pescoço enquanto os homens entravam a bordo, ela viu a porta de trás do caminhão ser baixada, revelando os bancos enfileirados, o equipamento de comunicação e as prateleiras de armas que o enchiam.

O captor de Val a derrubou em um dos bancos e se sentou ao lado dela enquanto o resto dos homens se acomodou. Afundada em sofrimento, ela mal percebeu quando fecharam a porta, e a van guinou pelo caminho de acesso curvo abaixo.

Fechando seus olhos, ela lutou contra as lágrimas, sabendo que, ainda enquanto eles dirigiam para longe, Cade estava caído indefeso em seu próprio sangue.

A dor queimou através do peito de Cade em ondas pulsantes. Ele rangeu seus dentes e a ignorou. Uma bala tinha cortado sua aorta, e ele tinha que enfocar todo seu poder para manter a ferida fechada e cicatrizar o tecido prejudicado antes que ele desmaiasse pela perda de sangue. E era malditamente melhor que ele fizesse aquilo tão rápido quanto possível.

Cada minuto que ele levava cicatrizando era outro minuto em que Val estava à mercê de seus sequestradores mortos-vivos.

As outras balas tinham prejudicado ambos os pulmões, seu estômago e seus intestinos. Cade tinha sido capaz de manter sua circulação interna, mas isso era o melhor que ele podia fazer até poder conseguir um local seguro e se concentrar para se pôr de pé de novo. Claro, seu corpo eventualmente curaria seus próprios danos, mas isso duraria muito e o colocaria fora de ação por dias dos quais Val não poderia dispor.

Como se isso não fosse ruim o bastante, Cade podia ouvir o lamento distante de sirenes. Felizmente, a casa era tão longe na região rural que levaria aos representantes do xerife delegados do oficial mais alguns poucos minutos para chegar à cena. Com alguma sorte, ele já teria tido tempo suficiente para chegar a um esconderijo.

O que queria dizer que ele necessitaria da ajuda de seu pretenso assassino. O mercenário silencioso estava de pé ali no hall como um



androide abandonado, paralisado pela última compulsão de Cade. Seus camaradas o tinham deixado para trás com os mortos e feridos.

Reunindo sua força, Cade ergueu os olhos para seu cativo. Ele tinha feições quadradas, duras de um assassino de pedra, mas, estranhamente, seus cabelos eram vermelho cenoura, e as sardas salpicavam a ponte de seu nariz. Apesar do colorido Opie Taylor, ele era um grande brutalhão, facilmente de 1,80 m X 1,80 m, com a musculatura grossa, poderosa de um halterofilista.

Justamente o que Cade precisava para tirá-lo do inferno da casa antes que a lei chegasse.

Me ajude, ele ordenou silenciosamente, desviando o poder suficiente para fazer o homem com certeza obedecer.

Os olhos arregalados de terror, o mercenário se ajoelhou e enlaçou o braço de Cade sobre seus ombros, logo envolveu um braço musculoso ao redor de sua cintura e o ergueu sobre seus pés. A agonia detonou no peito de Cade em ondas alternadas de calor e frio. Respirando com dificuldade, ele apertou seu punho em torno dos ombros grossos do mercenário.

Minha espada e meu escudo. O sangue surgiu contra a bandagem psíquica que ele criara. *Pegue-os*.

Tão obediente quanto um robô, o mercenário se curvou e pegou a espada. Cade agarrou firmemente seus ombros para evitar cair em sua cara. O homem entregou a arma. De certa forma Cade conseguiu obrigar seus dedos fracos a se fecharem em torno do punho. Recolhendo o escudo, o mercenário se endireitou.

O vestíbulo girou ao redor de Cade, e ele unicamente mal conseguiu resistir a uma onda de escuridão.

Vamos. Ele envolveu seus dedos escorregadios, ensanguentados mais firmemente ao redor de sua arma.

O mercenário — cujo nome era Hank, Cade viu em seus pensamentos — obedientemente o ajudou a tropeçar através da casa. Cada passo provocava reverberações revolvendo de dor, e ele teve que usar cada



último newton²³ de seu poder para manter o sangue fluindo pela sua cavidade torácica apesar das feridas que o perfuravam.

Foi uma maldita boa coisa Val tê-lo deixado beber dela. Sem o sangue e a energia que ela lhe dera, ele nunca teria sido capaz de se manter daquela forma.

Quando saíram à luz solar matutina, Cade ficou sem fôlego com a dor. Fraco como estava, era como caminhar dentro de um forno. Ele podia sentir sua pele começando a arder.

Às árvores. Se apresse. A sombra lhe daria ao menos um pouco de proteção.

A rebelião se ergueu na mente de Hank; ele queria deixar sua antiga vítima cair e correr. Cade depressa desviou uma quantidade suficiente de poder para trazê-lo de volta na linha, então telepaticamente destapou as feridas que instantaneamente começaram a sangrar outra vez.

Um braço apertado em torno da cintura de Cade, o outro apertado através das correias do escudo dele, o mercenário relutantemente o carregou para o bosque. Cade deixou Hank fazer todo o trabalho enquanto se concentrava em controlar o grande homem e se impedia de perder sangue. O suor fluiu por sua face abaixo, o esforço e a luz solar martelando em sua cabeça desprotegida, mas ele mal percebeu.

Quando alcançaram as árvores, Cade distantemente percebia apenas sua sombra refrescante. A polícia estava minutos longe, e ele queria estar o suficientemente longe no bosque para que eles não pudessem encontrá-lo até que ele estivesse curado o bastante para se defender deles. Mentalmente estimulando Hank para frente, ele rangeu seus dentes contra a dor enquanto o grande mercenário alongava seus passos.

²³ No original está “erg”, a unidade que se usa na física para se referir a Trabalho, mas acho que a unidade de força, Newton, caberia mais em português.



Quando a van dos mercenários parou em frente da casa de pequenos tijolos estilo rancho a dez minutos do lar de Cade, Val estava admirada. Ela esperara ser carregada para um avião para voar para Nova Iorque.

Em vez disso, o líder a apressou para fora da van e através de uma entrada de abrigo de carros. Ela vagamente percebeu uma pequena cozinha com aparelhos verde oliva e painéis escuros antes que ele a empurrasse através de um corredor para dentro de um gabinete pequeno.

Enquanto Val recuperava seu equilíbrio, ela conseguiu um bom olhar do que a esperava e sentiu seu coração se contorcer de pena. Duas mulheres jovens, nenhuma com mais de vinte anos, estavam sentadas em um sofá que parecia como se tivesse vindo de uma loja de usados. Ambas as garotas tinham profundas feridas de espetadas em suas gargantas. Vestidas para a primavera com shorts e tops tubinho que deixavam à mostra uma constelação de machucados, elas tinham expressões idênticas de sofrimento entorpecido. Nenhuma delas se sobressaltou quando o mercenário arrastou Val e a forçou para baixo no sofá ao lado delas.

Val estremeceu com seus fixos olhares vazios, chocados e posturas curvadas. Quando ela murmurou uma saudação indulgente, elas não responderam, muito desanimadas — ou muito aturdidas — para se importarem.

Olhando ao redor, ela descobriu um livro-texto de química da universidade na mesinha de café deteriorada e uma mochila caída sobre uma poltrona florida. Elas deviam ser estudantes da universidade da comunidade, alugando aquela casa para o semestre. Agora seus corpos e sua casa tinham sido tomados à força por vampiros. Imaginando Beth no lugar delas, Val estremeceu. De alguma forma, ela tinha que impedir que Ridgemont e Hirsch pusessem suas mãos em sua irmã.

Ela estudou a face contundida, vazia da garota mais próxima, perguntando-se se havia algo que ela pudesse fazer para ajudar as duas enquanto isso. Logo ela fez uma careta. Pelo que Cade dissera, provavelmente elas seriam soltas no fim, embora ainda mais desgastadas. Não era provável que ela mesma tivesse aquela sorte. Contudo não fazer nada...



Passos no hall.

Val sacudiu sua cabeça para cima ainda enquanto Gerhard Hirsch entrava, sorridente e presunçoso.

— Olá, *fraul*... — ele parou no meio da fala. A fúria contorceu suas feições.

Val se encolheu de medo enquanto ele caminhava até ela, movendo-se com aquela graça estranhamente leve que era a marca da força do vampiro.

— Sua vadia! — ele cuspiu, agarrando-a por um braço. — Você esteve transando com ele! Você leva a marca dele em seu pescoço!

Hirsch puxou sua mão para trás para um tapa. Val ergueu rapidamente ambas as mãos para defender sua cabeça, mas em vez disso ele transferiu seu aperto para seus cabelos e a puxou brutalmente para fora do sofá. Ela refreou um grito, maldita fosse se daria ao bastardo a satisfação.

O alemão empurrou seu rosto contra o dela. Ela encurvou seus ombros com repulsa enquanto ele respirava profundamente, inspirando seu perfume.

Quando Hirsch recuou, a fúria se desvaneceu de seus olhos.

— O mau cheiro dele está sobre você inteira, mas ele não começou a Transformá-la — lentamente, insultuosamente, ele sorriu de maneira aberta. — Se poupou para mim, *Fraulein*?

Finalmente Cade julgou que eles tinham ido longe o suficiente entre as árvores. Os agentes teriam que se separar para procurar no bosque; Qualquer um que pudesse tropeçar sobre eles naquela distância provavelmente seria um homem solitário que ele poderia telepaticamente enviar para algum outro lugar.

Ele olhou para o mercenário e enviou um comando mental:



Me desça. Hank obediamente o baixou em uma pilha de folhas. A dor o queimou enquanto seu corpo mudava de posição, mas ele rangeu seus dentes até que esteve finalmente debruçado. Felizmente quieto por fim, Cade fechou seus olhos e ofegou.

Sua pele já estava ardendo com uma queimadura de sol; estava suave o suficiente agora, mas não estaria em umas poucas horas. Felizmente ele tinha percebido uma lona usada para cobrir uma piscina na casa de um de seus vizinhos. Ele enviou a Hank uma imagem da lâmina de plástico esticada por trás da cerca.

Vá pegá-la.

O grande homem pôs-se a caminho numa corrida lenta, a compulsão plantada tão profundamente que ele não poderia ter desobedecido se sua vida dependesse disso. Enquanto esperava o mercenário cumprir suas ordens, Cade cravou inexpressivamente os olhos no céu dolorosamente azul e lutou para evitar sangrar até morrer.

Finalmente ele ouviu o ruído surdo rápido de botas de combate correndo. Hank derrapou numa parada, assomando sobre ele como o monstro de Frankenstein. Sem gastar seu fôlego com conversa, Cade mentalmente instruiu o mercenário a fazer uma barraca com a lona sobre seu corpo. O grande homem começou a trabalhar, estendendo a grossa lâmina de borracha através de um galho da árvore sobre sua cabeça e ancorando as extremidades com pedras.

Quando ele fez isso, Cade ordenou a Hank que rastejasse para dentro da tenda com ele. Logo, tão zozzo com a dor que mal podia enfocar, ele olhou para o homem e murmurou:

— Fique parado.

Instantaneamente o corpo de Hank se fechou no lugar, os olhos enfocados diretamente, sua face assentada sem linhas de expressão, o que desmentia o pânico extremo que ele sentia em se encontrar indefeso. Cade podia ter acalmado seu medo, mas naquele momento ele precisava do filho da puta temeroso com suas habilidades. Tudo porque a emoção gerava uma boa fonte de poder.



Seguro agora, Cade se permitiu deslizar em um meio transe enquanto ele estendia uma rede de energia psíquica sobre suas lesões. Era uma experiência nova para ele; ele nunca antes usara seus poderes para acelerar o processo de cicatrização. Normalmente ele apenas ia dormir e deixar que quaisquer feridas se curassem por si mesmas, mas ele não tinha tempo para isso agora. Ele tinha que se recuperar tão rápido quanto possível, nem matéria com muita energia ele tinha para queimar para fazer aquilo.

Uma por uma, ele encontrou as balas e direcionou seu poder a cada uma, tirando-as à força ao longo das feridas de entrada que tinham dilacerado sua carne. O suor se desatou em sua face com o esforço, e sua cabeça começou a latejar.

Ainda bem que a telecinesia de um vampiro só tivesse efeito dentro de seu corpo. Considerando o quanto fora duro mover um pedaço minúsculo de chumbo, ele podia imaginar o esforço que levaria mover qualquer coisa maior.

Finalmente a última bala se esvaiu de seu peito, deixando um rastro encaracolado de sangue. Com um grunhido aliviado, Cade urgiu a seu organismo que começasse a cicatrizar, unindo a carne rasgada, reparando os órgãos feridos até que ele já não tinha que trabalhar tão duro para bloquear o sangramento.

Enquanto as horas passavam, ele perdeu toda a noção do tempo, despertando de seu transe apenas o tempo suficiente para usar seus poderes em qualquer dos agentes que vagassem muito perto.

Muitas vezes, a mente de Cade vagava para Val. Onde ela estava? Ela estava nas mãos de Ridgemont ou de Hirsch por essas horas, e se ela estava, o que eles estariam fazendo a ela?

O pânico selvagem provocado por esse pensamento o forçou a controlar sua mente. Ele tinha que salvar sua própria vida antes que pudesse salvar a dela.

Chegarei a ela a tempo, Cade disse a si mesmo.

Ele tinha que chegar.



Capítulo Quatorze

Val lutou contra o aperto desumano de Hirsch enquanto ele a arrastava para dentro de um dos pequenos dormitórios da parte de trás da casa, mas teria sido melhor que ela tivesse poupado sua força. O alemão facilmente a obrigou para baixo na cama dupla e escarranchou em seus quadris, imobilizando-a com seu peso enquanto arrancava um pedaço fino de corda de um dos bolsos de trás. Val apontou um soco para seu nariz, mas ele agarrou seu punho antes que ele pudesse atingir e começou a atar seu pulso em um dos postes da cama. Ela lançou sua cabeça para frente e apertou seus dentes em seu antebraço musculoso.

Ele praguejou bastante que não ia violentá-la sem uma briga.

— Pare com isso, sua pequena vadia! — luz explodiu por trás dos olhos dela. Val ficou frouxa, atordoada por uma bofetada que ela nem mesmo vira que estava vindo. Acima do badalar de sinos em seus ouvidos ela o ouviu grunhir — Você vai começar a aprender qual o seu lugar agora, puta.

Aspirando em um arquejo, ela sentiu o cheiro do perfume dele. Calvin Klein e alguma coisa não humana. Sentiu seus braços e pernas sendo abertos esticados, os tornozelos e os pulsos permanecendo atados. *Lute!* Val mentalmente gritou consigo mesma, mas seu corpo entorpecido recusou-se a cooperar. Alguma coisa agarrou a parte da frente de sua camisa e sacudiu, levantando-a meio que para fora da cama. O tecido se rasgou. *Oh, Deus,* ela pensou enquanto sua cabeça girava, *Ele rasgou minhas roupas!*

Repentinamente Calvin Klein se converteu em hortelã, e algo se despedaçou diretamente sobre a cabeça de Val. Uma chuva de objetos pequenos tamborilou contra sua face. Abrindo os olhos, ela viu fragmentos de porcelana atingirem o colchão ao lado de sua cabeça.

Hirsch xingou.

— O quê? Que diabos é...? — logo ele grunhiu — Abigail!

Abigail? Val pensou. *O que ela está fazendo aqui?* Ela abriu seus olhos bem a tempo de ver um livro-texto da universidade viajar através do dormitório para se estatelar contra a cabeça do alemão.



O vampiro se sobressaltou e saltou para longe dela, olhando com olhos arregalados ao redor do quarto.

— Abigail, sua pequena cadela, isso não é nada da sua conta!

Ela é de Cade, Gerhard. Deixe-a sozinha.

Abigail flutuou em um canto do quarto como algo saído de um filme de terror, seus cabelos fluindo ao redor de uma face meio apodrecida, seus olhos amarelos e salientes. A julgar pelo fixo olhar selvagem do alemão, Hirsch a achava tão completamente inquietante como Val achara quando o fantasma fizera o mesmo truque com ela.

Abigail, o que você está fazendo? Val pensou, ainda aturdida com a bofetada de Gerhard.

Tentando te salvar, criança. Fique quieta.

Eu retiro tudo o que alguma vez disse a seu respeito.

— Ela é minha agora! — Hirsch vociferou, recuando um passo. — Pelo que diz respeito a Cade, ele nem mesmo terá um pau — ou uma cabeça — quando eu acabar com ele.

Assumindo que Ridgemont te deixe viver tempo o suficiente para lutar com ele. Seu mestre não vai gostar disso, Gerhard.

Ele arreganhou seus dentes.

— Isso não terá importância depois que eu a tenha Transformado.

— No momento, Gerhard, isso parece incerto.

Hirsch girou. Um homem baixo, musculoso estava recostado contra o marco da porta, seus braços poderosos cruzados, mantos sóbrios vestindo seu corpo vigoroso em jardas de algodão branco flutuante. O rosto emoldurado por um ornato de cabeça árabe não era bonito; seu nariz parecia como se tivesse sido quebrado algumas vezes, e havia uma cicatriz fina, branca sobre uma maçã do rosto.

Algo a respeito dessas feições fez a mente de Val nitidamente entrar em foco num estalo.

Oh, Deus, ela pensou, ficando gelada quando o reconheceu das visões de Abigail e suas próprias memórias torturantes da infância. *É Ridgemont.*



Até o fantasma recuou quando o vampiro mestre andou para dentro do quarto. Ele relanceou para Abigail um olhar depreciativo.

— Desapareça, espírito, ou te beberei de um gole como o sangue de uma virgem.

Abigail pareceu se expandir de tamanho enquanto flutuava em direção a ele, seu rosto escurecendo e apodrecendo ainda mais até Val sentir seu estômago se retorcer de repulsa.

Mantenha suas mãos longe dela!

Um das mãos enormes de Ridgemont reluziu e se fechou, de modo impossível, direto em torno do fino pescoço do fantasma. O terror retorceu o pequeno rosto de Abigail enquanto ela tentava se afastar intensamente, mas ele a manteve presa. Deu a ela um sorriso lento, zombeteiro.

— Pensaria que a estas alturas você saberia qual o seu lugar, criança. O que facilmente podia ser em minha travessa de trincar²⁴ com uma maçã em sua boca.

Como diabos ele está fazendo isso? Val se perguntou em estado de choque.

O fantasma deixou de lutar e encontrou os olhos dele com desafio, suas feições apodrecidas se toldando de volta para seus contornos normais.

Faça, então. Estou cansada de ser usada como um bastão para atingir Cade.

O aberto sorriso dele revelou um horrível comprimento de presas.

— Talvez eu faça isso. Meus planos estão em fim de jogo agora — você não tem mais uso. E você seria deliciosa. Tanto poder...

Oh, Deus, Val percebeu. Ele vai absorvê-la. E sua destruição mataria Cade.

— Não! Abigail, vá para o Outro Lado!

²⁴ No original está “trencher”, um dos significados em português é “trincho”, que por sua vez pode significar “travessa sobre a qual se trincham as iguarias”, algo que na Idade Média se usava muito, quando os pratos e talheres não eram usados, apenas uma travessa normalmente de madeira e uma faca para cortar. Como Ridgemont quando humano é dessa época, pela alusão à participação dele nas Cruzadas, decidi usar esse significado.



Ele não vai me deixar. O fantasma cravou os olhos em Ridgemont, desesperado desafio em sua face. *Ele está me mantendo aqui.*

Ele deve exercer algum tipo da energia psíquica, Val constatou. *Se eu pudesse distraí-lo...*

— Deixe-a ir. Farei qualquer coisa que você queira.

Ridgemont levantou uma sobrancelha e olhou para ela.

— Oferta intrigante. E precipitada. Tem certeza de que você quer...?

O fantasma pareceu se dissolver como névoa entre os dedos dele, só para tomar forma direto sobre a cama.

O que você está fazendo? Val pensou, encarando-a furiosamente. *Vá para o Outro Lado antes que ele a coma!*

Cade está a caminho, o fantasma disse a ela, a voz se enfraquecendo. *Persista. Não o pressione, Valerie. Quero ajudar, mas ele me feriu. Estou perdendo meu controle neste plano.*

Apenas vá! Val pensou, embora parte dela se encolheu de medo com a ideia de estar abandonada sozinha com Ridgemont.

Abigail mordeu seu lábio, parecendo dividida. Ela não fez muito para voar para longe dessa vez enquanto desaparecia como fumaça.

Observando os últimos fragmentos desaparecerem, Val pensou:

Maldição, eu nunca pensei que ficaria triste ao te ver ir embora.

Quando ela olhou ao redor, encontrou Ridgemont cravando os olhos nela, uma expressão de diversão profunda em sua face. Ela se perguntou que diabos ele achava tão engraçado.

Antes que ela pudesse perguntar, Hirsch exigiu:

— O que você está fazendo aqui? Você disse que ia me deixar lidar com isso — ele deu um passo para frente da cama como se para bloquear a visão de seu genitor.

— Eu disse — Ridgemont falou friamente. — Mas você não fez. Você enviou um exército de mortais armados enquanto permanecia seguro nessa pequena cabana e se divertia com as duas crianças no outro quarto — ele



ergueu uma sobrancelha. — A ideia era provar seu valor em combate com o Pistoleiro.

— Ele tentou isso. Duas vezes — Val franziu seus lábios para as costas do alemão. — Cade chutou seu traseiro em ambas.

Ela ouviu um ruído como uma bofetada e paralisou em surpresa. Ridgemont estava de repente em pé ao lado de Hirsch, que estava agora a encarando. A mão do vampiro mestre estava fechada em torno do antebraço do alemão, evitando que o punho dele a atingisse. Ambos se moveram tão rápido que ela nem mesmo viu a movimentação.

— Você não ganhou o direito de bater nela, Gerhard — Ridgemont disse a ele, seu tom tão trivial que Val sentiu um calafrio.

— Você jurou que ela seria minha se eu pudesse afastá-la dele — Hirsch rangeu. — Você não especificou como.

— Você é estúpido, mas não tão estúpido — tão casualmente como um homem jogando de lado uma bola de papel, Ridgemont o jogou na parede. A casa inteira tremeu com o impacto. — Você sabia exatamente o que eu pretendia.

Hirsch se arrancou para fora do espaço que seu corpo fazia no *plasterboard*²⁵ e se enroscou em uma bola emaranhada.

— Você sempre favoreceu o americano sobre mim. Há algo de antinatural a respeito disso.

— Oh, é completamente natural — Ridgemont disse, erguendo uma sobrancelha ofensiva. — O Pistoleiro é um guerreiro com senso de honra. Você é um tolo controlado por suas presas e seu pau.

Hirsch abriu sua boca para cuspir uma réplica mordaz, mas antes que ele pudesse falar caiu sobre os joelhos como se alguém tivesse chutado seus pés sob ele.

Enquanto o alemão lutava para se levantar, o vampiro mestre lentamente caminhou atrás dele.

²⁵ Folhas de gesso com papel, usadas para paredes divisórias, bastante típicas nos Estados Unidos.



— Você acha que sou tão idiota que não sei que quem pegar a garota me desafiará? — uma mão ficou indistinta, segurando os cabelos loiros de Hirsch e puxando sua cabeça para trás até que Ridgemont pudesse perscrutar dentro de seus olhos que giravam. — Isso é exatamente o que eu pretendo, seu camponês ignorante. Mas você tem que se provar digno dela. Não a verei destruída por alguém que eu matarei em dez minutos.

— Você me acha um tolo? — o alemão cuspiu. — Mesmo se eu estripar seu favorito, você a manterá para você mesmo — e eu permanecerei como seu escravo por outro século.

Os olhos gelados de Ridgemont se estreitaram. Sua mão livre segurou em torno da garganta de Hirsch, o aperto se estreitando até seu prisioneiro silenciar.

— Você questiona minha honra?

O alemão lambeu seus lábios. Seu olhar fixo deslizou para longe.

— Não.

— Talvez não seja tão tolo ao final de contas — ele soltou Hirsch e deu um passo atrás com um sorriso gelado.

— Vá. O encontre. Prove que você tem direito a meu presente.

Hirsch olhou para as cortinas fechadas.

— Mas estamos à luz do dia!

— Se você a quer tão desesperadamente, um pouco de queimadura de sol não vai detê-lo. Posso te assegurar, não deteve o Pistoleiro.

A boca do alemão se estreitou quando ele ficou de pé. Ele se voltou para a porta, então voltou o olhar para Ridgemont.

— Está cedo ainda. Ele ainda vai cicatrizar. Posso me alimentar antes de sair para caçá-lo?

— Suponho que você se refere às duas prisioneiras no quarto próximo — Ridgemont disse, uma nota de advertência em sua voz.

Os olhos de Hirsch relancearam para o corpo nu de Val e se demoraram de uma forma que enviou um calafrio à espinha dela.



— É obvio — ele disse, seu sorriso sujo. — Haverá bastante tempo para ela uma vez que McKinnon esteja morto.

— Uma hora, não mais — o alemão desapareceu pelo corredor tão rápido que pareceu como se ele tivesse desvanecido em pleno ar. — Filhote — Ridgemont resmungou.

Val abriu sua boca para protestar pela entrega dele das duas garotas para Hirsch, mas antes que ela pudesse dizer uma só palavra, ele se virou e ergueu uma sobrancelha para ela.

— Parece que temos um pouco de tempo sozinhos.

Pareceu para ela que as vítimas de Hirsch poderiam ter consideravelmente um fim melhor.

— Que horas são? — Cade umedeceu seus lábios rachados, inchados.

Os olhos castanhos de Hank dardejaram com medo, mas sua voz foi lacônica quando falou:

— Três e quinze.

Cade praguejou silenciosamente. Tinha-lhe levado horas para cicatrizar suas lesões — horas das quais Val não poderia dispor.

Onde ela estava? E o que eles estavam fazendo com ela?

Deus, ele estava fraco. Ele conseguiu rolar de costas e se erguer sobre as mãos e os joelhos. Por um momento ele ficou ajoelhado ali, sua cabeça pendendo, seus braços e suas coxas tremendo tão violentamente que ele mal podia se deter. Sua boca estava seca, sua língua, inchada. Reunindo suas últimas forças, ele se pôs lentamente de pé, afastando a lona até que ela caiu longe. A luz do sol do entardecer penetrou através das árvores e em seus olhos, mas ele a ignorou.

Ele precisava se alimentar. Agora. Felizmente, havia uma fonte fácil de sangue esperando.

Cade baixou os olhos para Hank, que ainda estava sentado sobre a terra, impotentemente paralisado. Tocando a mente do mercenário, ele



podia sentir a dor das juntas enrijecidas, a dormência por se sentar imóvel por tanto tempo — e o terror absoluto de Hank pela visão de sua vítima vampira de pé, seu peito inteiro e ileso apesar do sangue seco incrustado em sua pele.

Por que o bastardo não está morto? O mercenário mentalmente balbuciou. Atirei seis vezes nele!

— Mas não no lugar certo — Cade sentiu um sorriso desagradável se estender através de seus lábios. Curvando-se para baixo, ele estendeu a mão e levantou o queixo quadrado do grande homem, forçando-o a encontrar seu olhar fixo. — Assustado, Hank? — o mercenário cravou os olhos nele, incapaz de falar. Ele suspendeu parte da compulsão. — Me responda. Você está com medo?

— Sim — Hank grasnou.

— Bom — ele murmurou, sua voz sedosa e ameaçadora. — Igualmente está a mulher que amo. E você vai me ajudar a salvá-la — ele descobriu suas presas. — De certa forma.

Ridgemont se sentou na beira da cama. Val engoliu em seco, agudamente consciente de sua nudez, da contusão que ela podia perceber inchar em sua face pela bofetada de Hirsch. Ele se estendeu para ela. Ela recuou para trás instintivamente, mas os grandes, ásperos dedos dele simplesmente acariciaram sua garganta.

— Vejo que minhas crias estiveram se divertindo.

Val percebeu que ele se referia tanto à mordida de Cade como à mão pesada de Hirsch.

— Algumas atenções foram mais bem-vindas que outras.

Ele riu de forma sufocada.

— Aposto que sim — seus olhos vagaram ao longo de seu corpo nu de volta, e ela prendeu a respiração com o interesse cruel que viu neles. Ele se levantou, e Val instintivamente se encolheu no colchão. — Seu coração está batendo como o de um coelho — Ridgemont observou, um canto de sua



boca larga se levantando em um malicioso meio sorriso. — Esse é um som muito erótico para um vampiro. Você seria inteligente se se acalmasse.

Ela lambeu seus lábios secos e falou de forma sufocada

— Manterei isso em mente.

— Vejo que você manterá — ele se inclinou para pegar algo sobre o piso. Quando se endireitou, ele trazia uma trouxa mole, marrom. Ela se sobressaltou. Mas quando ele a sacudiu para fora, ela percebeu que ele trazia a colcha que Hirsch tirara do colchão antes de amarrá-la. Com um estalo nítido, ele a lançou sobre ela.

Ridgemont encontrou seus olhos e deu de ombros.

— Acho que eu podia passar sem a tentação. Suspeito que, depois de ter você, eu teria dificuldade de voltar atrás.

Ele pegou uma cadeira com o espaldar em formato de travessa que estava no canto, a depôs ao lado da cama e se sentou. Estendendo suas pernas musculosas, ele cruzou seus tornozelos e disse casualmente:

— Embora eu facilmente poderia me persuadir de que te violentar por enquanto conduziria Cade em uma fúria muito satisfatória.

Val lambeu seus lábios secos e atreveu-se a perguntar:

— Então por que evitou que Hirsch me batesse?

— O bastardo me irritou muito com sua fraude — ele disse com indiferença. — Se ele tivesse tido coragem para prosseguir com o ataque, ele podia ter te espancado com minha bênção. Um olhar para seus vergões teria sido todo o incentivo que Cade precisaria para arrancar o coração dele e comê-lo.

Ela piscou de surpresa.

— Hirsch está certo. Você favorece Cade.

— Bem, é claro. O alemão é ótimo para um companheiro de copo²⁶, mas eu o quebraria como um galho em uma briga, mesmo com o poder que você lhe daria. Se vou sacrificar o prazer de sua companhia, preferia que fosse por algum bom propósito — seus olhos se demoraram com pesar na

²⁶ No original "a drinking companion".



elevação de seus seios sob a manta. — Terei que te matar quando estiver terminado, é claro.

Val realmente tinha começado a relaxar. Com suas palavras, seu corpo inteiro estremeceu em um nó.

— É claro — ela disse fracamente.

— Sem o laço que se faria ao te transformar, você seria impossível de controlar — Ridgemont explicou. — Embora provavelmente te foderei algumas vezes antes que você morra.

Exatamente como minha mãe. Maldição, ela não deixaria o bastardo ver quanto a aterrorizava esse pensamento. Retesando sua coluna vertebral, Val se forçou a encontrar os olhos dele.

— Isto é, assumindo que Cade não te mate primeiro. E penso que você o achará mais duro de derrotar do que você espera.

Ridgemont deu de ombros.

— Realmente, não estou completamente seguro de que eu possa bater no Pistoleiro uma vez que ele a Transforme. O que é um ponto indiscutível. Verdade, eu ainda terei mais poder, mas ele é ardiloso o suficiente para encontrar a maneira de me derrotar de alguma maneira — uma expressão estranha cruzou sua face. Quase... orgulho? — Mesmo sem você, ele quase me matou semana passada. Uma bomba não é exatamente o que eu teria em mente, mas fiquei encantado com sua vontade de me eliminar de qualquer forma que ele pudesse.

— Encantado? Você ficou *encantado*? — ela cravou os olhos nele, tão alarmada que se esqueceu de ser diplomática. — Que tipo de lunático você é?

— Nenhum lunático na verdade — ele sorriu ligeiramente. — Apenas um cavaleiro preso no século errado. Entretanto, sendo uma fêmea do século vinte e um, eu suponho que isso é algo que você nunca entenderá.

— Uh, huh — ela olhou para ele. — Por que você não me esclarece?

Ele deu uma olhada preguiçosa para fora da janela.

— Desde que eu não ouço uma luta acontecendo lá fora, posso muito bem fazer isso — inclinando-se para trás com o ar de um homem se



acomodando para contar uma história particularmente divertida, ele cruzou suas mãos atrás de sua cabeça. Seus bíceps grossos se tornaram salientes sob suas mangas. — Quando eu era um membro do séquito do Príncipe Ricardo...

— Isso foi antes ou depois que os sarracenos te capturaram?

Ridgemont ficou tão quieto quanto uma serpente, seus olhos planando com ameaça reptiliana.

— McKinnon mencionou isso, mencionou?

Oh, Deus, Val percebeu, fitando a fúria assassina no olhar fixo do vampiro, Estou a ponto de ter minha garganta arrancada fora. Ela engoliu em seco e enviou uma oração rápida, silenciosa.

— Na verdade, foi o fantasma. Abigail.

Ridgemont relaxou, franzindo os lábios.

— Essa pequena pirralha é como uma peste — ele deu de ombros. — Mas ela foi um refém útil desde que Cade ganhou sua liberdade. De outra maneira, ele teria partido anos atrás, e isso não servia para meus planos.

— Ele é mais... carinhoso com ela — Val cuidadosamente abriu seus punhos. Ela o impediria de matá-la — ao menos no momento. — Você estava dizendo?

Ridgemont a olhou por um longo momento, seu olhar fixo indiscernível até que seu coração começou a galopar outra vez. O momento se prolongou, vibrando com tensão agonizante enquanto ela começava a suar.

Logo ele sorriu muito ligeiramente e rompeu a tensão como uma corda de violão.

— Quando éramos homens jovens, tempos antes de Ricardo se tornar rei, viajávamos através do circuito de torneio — ignorando o suspiro involuntário de alívio de Val, ele se acomodou para trás em seu assento outra vez. — Ganhava-se realmente bem vivendo para tomar outros cavaleiros como refém. Deus, eu amava esses dias — sua expressão se atenuou, ficando quase sonhadora. — Você não tem ideia de como era ter um cavalo de batalha entre suas coxas e uma espada em sua mão, indo ao



encontro de outro cavaleiro em combate. Nos seguintes poucos segundos, você vai viver ou morrer, a mercê de sua força, habilidade e sorte. Cada sentido é tão intenso, parece que o mundo tem extremidades, como pedaços de vidro — lentamente o brilho quente se desvaneceu de seus olhos. — Estou vivo há oitocentos anos, fodi e atormentei mais mulheres do que eu posso mesmo começar a contar, desafiei a Inquisição e os nazistas, mas nunca me senti da mesma forma depois. Não há mais cavaleiros, e sou velho e poderoso. E entediado. Mas Cade... dado o enorme poder, ele seria um adversário muitíssimo satisfatório.

Val cravou os olhos nele enquanto a luz lentamente se fazia em sua mente.

— Você é um viciado em adrenalina. E você acha que ele poderia te dar a dose perfeita.

Satisfeito, ele sorriu ligeiramente.

— Agora você começa a entender.

— Então tudo o que você tem feito a ele...

— Foi para esse fim — ele concordou. — Por isso que o levei quando ele se dirigiu para salvar aquela garota tola há mais de um século, e por isso que gastei todos estes anos o incitando — seu olhar fixo se intensificou sobre ela como se esperando sua reação. — E é por isso que matei seus pais.

Estupefata, ela cravou os olhos nele.

— O quê?

— Apenas uma fêmea Kith qualquer não poderia tê-lo provido com o que ele precisa para competir comigo — Ridgemont disse. — Eu tinha que encontrar alguém com uma grande quantidade de poder latente. E você se adéqua ao necessário perfeitamente, tanto que era óbvio mesmo quando era criança.

— Você *sabia* que eu era Kith!

— Oh, sim — ele sorriu abertamente para ela. — Eu te vi em um shopping de Atlanta uma noite. Você caminhava de mãos dadas com seu pai, e eu podia ver o poder resplandecendo para fora de você. Tão grande



potencial... e nesses dias, você parecia uma coisinha como Abigail. A mesma criança alegre se desenvolvendo. Você era perfeita.

O estômago dela se retorceu com culpa doente. *Mamãe... Papai...*

— Para quê? Eu ainda nem...

— Neste tempo, Cade estava ainda sob meu controle, e tinha estado por mais de um século — Ridgemont explicou. — Eu estava ficando impaciente, e queria dar a ele o incentivo que ele precisava para começar a quebrar meu controle.

— Por que você apenas não o deixou ir? — *Deus*, ela pensou, encarando aqueles olhos calmos, racionais, *ele é realmente um monstro*.

O vampiro negou com a cabeça.

— É mais como desenvolver um músculo físico. Você ganha força por trabalhar contra outra força. Cade tinha que quebrar meu controle por si mesmo ou não significaria nada — ficando em pé, ele começou a andar, gesticulando enquanto falava. — Sabendo como ele é a respeito de sua irmã, eu decidi que a coisa a se fazer era pô-lo para matar uma criança. Eu sabia que ele faria qualquer coisa para evitar isso.

— Mas e se ele tivesse obedecido?

Ele deu de ombros.

— Nenhum prejuízo.

— Exceto para mim! Eu estaria morta!

Ridgemont ergueu uma sobrancelha loira para ela.

— Te aconselharia a apagar essa expressão condenatória de sua cara se quer viver tempo o suficiente para foder com o Pistoleiro outra vez.

Muito furiosa para se importar com o que ele fizesse a ela, ela zombou.

— Você não vai me matar — levaria muito tempo encontrar outra fêmea Kith com tanto poder quanto eu.

Ele cravou os olhos nela, tal cólera girando através de seus olhos que uma flecha de medo rompeu o ultrage dela.



Então ele jogou sua cabeça para trás e riu.

— Oh, você é perfeita para ele. Duvido que *você* sobreviva a ele meia hora antes que você me desafie a te matar, mas suponho que não posso ter tudo.

Ela olhou de forma furiosa.

— Eu realmente quero observá-lo te matar.

— De alguma forma, duvido que você desfrutará desse combate tanto quanto você pensa.

Val franziu seus lábios.

— Veremos.

— Sim. Veremos. Onde eu estava? Oh sim. Foi real e simplesmente boa sorte que eu a tenha encontrado. Se não estivéssemos vivendo em Atlanta ao mesmo tempo... — ele deu de ombros. — Logo quando eu te vi, percebi quanto poder você tem, foi quando o plano inteiro caiu como uma bomba sobre mim. Foi perfeito. Ele te salvaria de si mesmo, conseguiria a liberdade em uma década ou mais ou menos isso, acumularia sua força... E então eu te meteria no caminho dele outra vez.

Ele planejou a coisa toda, Val pensou, estupefata. Cada movimento, desde o começo, assim como numa partida de xadrez.

— E surtiu efeito.

Ele sorriu abertamente com ar satisfeito.

— Um dos melhores roteiros de longa metragem que tenho feito simultaneamente.

— Mas por que assassinar meus pais? Você não tinha que envolvê-los.

— Ser Kith é um traço genético. Seu pai o tinha. Se eu o tivesse deixado viver, era inteiramente possível que ele tivesse sumido com você e te levado, me deixando incapaz de te encontrar outra vez.

Seu pai tinha sido como ela? Ela pestanejou, estupefata.

— Mas e a respeito de minha mãe?



— Tinha a intenção de deixá-la — ele deu de ombros. — Mas Hirsch saiu do controle. Felizmente sua avó foi suficientemente condescendente com meus propósitos.

— Minha avó? — ela cravou os olhos nele confusamente. — O que ela tem a ver com isto?

Ele lhe deu aquele sorriso horripelantemente agradável outra vez.

— Porque eu a usei para seguir seu rastro por anos.

— Vovó era uma espiã para você? — ela soubera que a mulher era uma alcoólatra, mas...

— Não dei muita escolha a ela. Ela tinha um rastro do seu mesmo poder psíquico, então deu um pouco de trabalho, mas valeu a pena — ele cruzou seus braços maciços e lançou um olhar contemplativo para a janela. — Acho que ela realmente se tornou consciente do que eu estava fazendo às vezes. Não que fizesse qualquer bem a vocês, é claro...

De repente Val percebeu que ela poderia estar vendo a razão para o problema com a bebida de sua avó.

— Há qualquer aspecto de minha vida que você não tenha arruinado?

Ele meditou sobre a questão, então sorriu abertamente.

— Provavelmente não.

Cade praguejou violentamente, cravando os olhos no rancho pequeno de tijolos enquanto se abaixava se ocultando num campo cruzando a rua. A julgar pelo poder sombrio que ele quase podia sentir girando ao redor da casa, Ridgemont estava dentro.

Quando diabos ele tinha aparecido? Cade havia escaneado as memórias de Hank havia meia hora — perfurar os bloqueios mentais que Hirsch tinha erguido não tinha sido difícil — mas o mercenário não tinha se lembrado de Ridgemont presente, então.

Ele deveria ter sabido que trazer Val de volta não seria tão fácil.



Para piorar as coisas, os vampiros já tinham estado ocupados, a julgar pelos pensamentos mal conscientes de duas vítimas fêmeas dentro da casa. Escaneando-os, Cade viu que Hirsch mal tinha terminado de se divertir.

As garotas também se lembravam de ver Val, embora ele não pudesse sentir sua presença diretamente por causa de seus escudos Kith. Logo ele tocou outra memória em suas mentes, uma que fez seu intestino se apertar: elas a tinham ouvido gritar. Maldição, se ele apenas tivesse estado ali meia hora mais cedo.

Infelizmente, estar ali tinha sido foda. Ele tinha pegado a posição do covil temporário de Hirsch da mente de Hank o suficientemente fácil, mas o transporte tinha apresentado um problema. Sua casa ainda estava fervilhando com policiais manipulando a cena do crime e tentando calcular de onde todos os cadáveres tinham vindo. Não havia forma de que Cade pudesse se aproximar do Lexus, então ele tivera que fazer outros planos.

Depois de telepaticamente convocar um agente para encontrar Hank — Cade relutantemente havia resolvido deixar o mercenário vivo, desde que ele não matava homens indefesos — ele escapulira para a casa de um vizinho e perguntara se podia pegar emprestado o carro do homem. O vizinho, é claro, não recusou.

Hirsch, fosse por causa da arrogância ou impaciência, tinha escolhido um covil muito perto, então não tinha levado a Cade muito tempo para dirigir pela rota da qual Hank recordara. Ele tinha deixado o carro estacionado na rua próxima de cima e tinha cruzado em silêncio para fazer um reconhecimento.

Os resultados não o fizeram vibrar. Os mercenários sobreviventes estavam de guarda do lado de fora, embora alguém que os olhasse pensaria que estavam fazendo uma refeição ao ar livre. Tinham trocado as roupas ao estilo Rambo por bermudas e desabotoado as camisas, alguns com camisetas debaixo, outros de peito nu. Fazendo uma rápida varredura para encontrar quem estava armado, Cade descobriu que todas as camisas tinham coldres de ombro ocultas, e havia o suficiente de armas automáticas escondidas para alcance fácil para deixar um traficante de armas invejoso.



A turma homicida inteira perambulava em torno de uma grelha de churrasco, rindo e brincando enquanto esvaziavam latas de cerveja de um refrigerador. Mas embora eles parecessem estudantes de universidade desfrutando de uma festinha, a audição vampírica de Cade captou fragmentos de conversas a respeito da América do Sul e do Oriente Médio. Os garotos de Hirsch falavam sobre trabalho.

Ele provavelmente lutaria por seu caminho além deles, claro, mas o que Hirsch e Ridgemont fariam a Val enquanto isso? No que diz respeito ao assunto, o que eles estavam fazendo com ela agora?



Capítulo Quinze

Cade praguejou silenciosamente para si mesmo. Não gostava das probabilidades, mas não era como se ele tivesse muita escolha. Ele não poderia deixá-la ali com eles. Mas um assalto de frente seria suicídio.

Justo quando ele tentava pensar num plano, uma figura familiar saiu da casa. Mesmo envolto em túnicas sóbrias como alguém saído do *Noites das Arábias*, aqueles ombros de touro foram instantaneamente reconhecidos.

Ridgemont.

O ancião arrastava Val por um pulso. Uma manta cobria seus ombros magros, mas pelo brilho longo, nu de suas pernas enquanto ela se movia, Cade diria que ela estava nua debaixo dela. Ela parecia furiosa, mas, por outro lado, ilesa.

A sensação de alívio de Cade foi tão opressiva que ele teve que fechar seus olhos por um instante. *Ela está viva!* Deus, ele não percebera o quanto realmente estivera aterrorizado até que a vira. Ele queria segurá-la tão urgentemente que sentiu dor.

Ele abriu seus olhos bem a tempo de ver um segundo ombro masculino através da porta, adornado de branco da cabeça aos pés. Se Ridgemont parecia um sheik do deserto, esse podia ter sido um fugitivo de um filme de ninjas — exceto pelo machado de guerra e o escudo levava. *Hirsch*, Cade percebeu, reconhecendo o machado.

O alemão usava uma máscara branca de tecido que cobria completamente sua face, exceto por um par de óculos escuros desenhados para proteger seus olhos do sol.

Logo Cade sentiu o peso do toque mental de Ridgemont.

Pensei que eu tinha sentido você aqui fora, Pistoleiro. Vamos dar uma volta. Preocupado em continuar?

Cade se balançou para trás em seus calcanhares, perguntando-o que o ancião tinha na manga. Ridgemont raramente saía à luz solar; em sua idade avançada, ele era mais vulnerável a isso que Cade ou Hirsch.



Aonde, exatamente, nós vamos?

Estou contando em que haja um prado muito agradável acima da estrada, oculto muito bem por árvores. Bom lugar para um duelo.

Não iríamos querer ser interrompidos por qualquer policial inconveniente, Cade concordou.

Acho que isso é improvável em todo caso, Ridgemont lhe disse. Entendo que cada oficial de polícia em dez milhas ainda está pondo em ordem a desordem em sua casa.

Apenas pela curiosidade, estarei lutando com ambos vocês?

Na verdade, não, o ancião disse. Tenho intenção de me manter fora disso. Vou deixar vocês dois decidirem quem consegue possuí-la.

Incrédulo, Cade tentou uma varredura mais profunda. Para seu espanto, Ridgemont permitiu. Ainda mais, ele viu que seu genitor queria dizer o que disse. Ele tentava fazer com que Cade e Hirsch duelassem, e ele não tinha intenção de interferir mesmo se Cade ganhasse. Ele pretendia entregar Val ao vencedor de uma forma ou de outra. E uma vez que ela fosse Transformada, ele duelaria com o ganhador.

Serei eu, seu bastardo, Cade grunhiu mentalmente.

Estarei altamente desiludido se não for. Venha, Pistoleiro.

Levantando-se de seu ninho de capim, Cade correu de volta para seu carro enquanto Val e os vampiros entravam na limusine. Ele olhou para trás sobre seu ombro bem a tempo de ver o carro rodar para uma parada na entrada de acesso. Atento a uma traição, ele parou para observar.

Ridgemont apareceu pela janela. Com a audição vampírica de Cade, foi fácil pescar a conversa.

— Vocês estão todos despedidos. Me enviem uma fatura.

Um dos mercenários bufou.

— Vai ser um inferno de uma conta, considerando quantos de meus homens você deixou morrer.



Mas nenhum deles tentou impedir o carro de partir enquanto ele continuava abaixo pela estrada, provando que eram mais inteligentes do que ele tinha pensado.

Cade mudou de direção e disparou à frente. Enquanto corria, ele se tornou agudamente consciente do calor sufocante da luz do sol feroz, martelante. E aquilo, ele sabia, ia ser um problema.

Ele tinha tomando a camisa de mangas longas de Hank, as botas e as luvas para usar com os jeans com que ele tinha ido lutar. Para proteger seu rosto, ele cortara um pedaço de lona para fazer uma máscara com capuz, cortando fendas largas para os olhos e a boca. Hank tinha um par de óculos escuros escondidos em um bolso, e ele pôs esses da mesma forma. Embora o arranjo inteiro providenciasse alguma proteção do sol, ele sabia que não seria suficiente se ele se visse forçado a lutar por muito tempo. Hirsch ironicamente teria a vantagem por uma vez. Em sua idade, ele tinha uma tolerância maior à luz do dia que qualquer de seus antecessores.

Alcançando o terreno arborizado onde ele tinha deixado a Toyota de seu vizinho, Cade abriu a porta e entrou enquanto a limusine passava. Ele ligou o carro e seguiu, saindo com o carro entre duas árvores e bombeando gasolina enquanto se dirigia para a rua.

Ele sabia que pegar Hirsch não seria fácil esta vez. Ele tivera que gastar um inferno de energia cicatrizando suas feridas, e mesmo se alimentar de Hank não havia lhe trazido muita força. Hirsch, por outro lado, não tinha lutado de forma alguma. E a julgar pelo que Cade tinha visto nas mentes das garotas, o alemão praticamente tinha se fartado nelas meia hora antes.

Dessa forma, esse duelo seria de longe mais equilibrado do que ele gostava, especialmente com a vida de Val na borda. Mas se ele tivesse êxito, então Ridgemont daria suas costas a ela. Ela estaria a salvo... se Cade pudesse ganhar o próximo duelo com o ancião.

De repente algumas das ações mais inexplicáveis de Ridgemont começaram a fazer algum bizarro tipo de sentido. O ancião amava um combate. De fato, ele frequentemente havia dito que nunca se sentia vivo de verdade a menos que estivesse em risco iminente de morrer. Sempre tinha



sido uma fonte de frustração para ele não poder encontrar um adversário respeitável. O que requeria uma pergunta: exatamente há quanto tempo ele estivera planejando aquilo, de qualquer maneira?

Cade?

— Abigail? — ele disse, olhando com o censo franzido para o para-choque da limusine. Sua voz mental soava muito mais fraca que normalmente. — O que te aconteceu? Você não soa como você mesma.

Ridgemont a morteceu uma parte de minha energia. E me desgastei brincando de poltergeist para divertir Hirsch. Ele estava batendo em Val.

— Você está bem? — Cade estreitou seu aperto na direção. — O quão mal ela foi ferida?

Eu... sobreviverei. Quanto a Val, ela sofreu algumas contusões antes que Ridgemont pusesse fim à surra.

Quaisquer que fossem os motivos do ancião, Cade agradecia por eles.

— Obrigado por tentar ajudar, Abigail.

Só desejo que eu pudesse fazer mais, mas tenho que ir para o Outro Lado. Usei muito poder lutando contra eles, tenho que descansar... Sua voz se enfraqueceu completamente, até mesmo o aroma de hortelã desapareceu.

Cade enviou uma oração rápida pelo bem-estar dela, esperando que Ele ainda aceitasse mensagens de um antigo Texas Rangers transformado em vampiro.

Mais adiante, a limusine virou por uma estrada de terra e seu caminho foi coberto por uma nuvem de pó. Cade seguiu cautelosamente, seus sentidos psíquicos em alerta máximo, procurando qualquer movimento, qualquer pensamento, o que fosse fora do comum.

Eles dobraram uma curva na estrada de terra, serpenteando ao redor de um grupo de pinheiros. Do outro lado das árvores havia uma área coberta de grama ampla e oval e margeada em um lado por um riacho estreito. Perto, um carvalho maciço com ramos longos, frondosos espalhava uma generosa cobertura de sombra. Parecia mais com um local particular de piquenique de alguém. Cade notou com aprovação que a grama tinha sido recentemente cortada, o que deixaria a clareira melhor para pisar.



Hirsch estacionou a limusine comodamente próxima do carvalho. Cade dirigiu e estacionou atrás dele, cautelosamente deixando um pouco de distância entre os dois carros. Ridgemont saiu, então retornou ao carro para arrancar Val do banco de trás. Ela veio fácil o suficiente, mas havia um olhar encolerizado em sua face que dizia que ela carinhosamente gostaria de lutar. Rigidamente, ela permitiu ao vampiro carregá-la para o outro lado da árvore e posicioná-la sob um de seus galhos grossos.

Cade pegou sua espada e seu escudo e deslizou do carro observando cautelosamente. Olhando para cima, os olhos dela encontraram os seus. O rosto dela se inundou com uma massa confusa de alegria, alívio e ansiedade. Ela deu um meio passo para ele, mas Ridgemont sacudiu suas costas. Procurando dentro de um dos bolsos de suas roupas, ele arrancou um pedaço de corda fina e o lançou sobre um galho suspenso.

Os lábios apertados, Cade caminhou a grandes passos para eles. Antes que ele pudesse interferir, Ridgemont puxou os pulsos atados de Val acima de sua cabeça. Enquanto seus braços se erguiam, a manta que a ocultava escorregava, deixando-a nua.

— Agora espere apenas um maldito minuto — Cade rosnou, pondo-se a correr. Hirsch entrou em seu caminho, seu escudo levantado, seu machado preparado em sua mão.

— Apenas fazendo o possível para assegurar que todos tenham seus olhos no prêmio — o ancião disse serenamente, atando a corda ao redor do cordão que amarrava os pulsos dela. Val olhou furiosa para ele, a cor alagando suas faces. *Provavelmente explodindo de vontade de cuspir em seu olho*, Cade pensou.

Sentindo vontade de matar, ele analisou o corpo dela, procurando lesões. A única mordida que ele podia ver era a que ele mesmo colocara ali, mas havia machucados salpicando sua pele pálida que ele sabia que não tinham estado ali na noite anterior.

Cade girou para Hirsch rosnando uma obscenidade. O alemão mal ergueu seu escudo a tempo de bloquear o golpe descendente de sua espada longa. Acima da ressonância do aço, ele ouviu Ridgemont rir.

— Agora isso é o que eu gosto de ver.



Os braços amarrados doendo sobre sua cabeça, Val assistiu entorpecidamente quando o combate começou. Havia um sentido de irrealidade a respeito da coisa inteira — dois homens, um vestido todo de preto, o outro todo de branco, atingindo um ao outro com armas medievais tão rápido que era difícil ver exatamente o que acontecia. O ódio entre os dois era quase palpável, como uma névoa grossa, fria. Embora suas faces não pudessem ser vistas sob as máscaras que usavam, a fúria ardia sob a superfície de cada movimento que faziam.

— Ah, combinação muito bonita, Hirsch — Ridgemont murmurou, quando a figura branca balançou seu machado, então abruptamente reverteu o violento golpe da arma a meio caminho em um movimento que humano algum poderia ter igualado. Cade saltou para trás bem a tempo de evitar que a lâmina se alojasse em seu peito. — Hirsch o pegou dessa vez.

— O quê? — Val perguntou, alarmada, enquanto Cade erguia sua espada e em um golpe esmagador que o alemão mal bloqueou. — Cade se machucou?

— Golpe cortante através do peito — Ridgemont disse a ela. — Com armas como essas, um passo em falso pode te cortar ao meio.

Ela relanceou o olhar para o vampiro, horrorizada. Havia um entusiasmo absorto em seu tom que a fazia lembrar estranhamente de um de seus velhos namorados explicando um jogo de futebol americano.

— Eles parecem muito bons hoje — Ridgemont continuou naquela voz de entusiasta de esportes. — Você não tem ideia de como foi difícil ensinar guerreiros de pólvora a lutar como cavaleiros. Levou anos. Mas se tornaram muitos bons.

Hirsch atacou outra vez indistintamente com seu machado. Cade se esquivou para trás, então serpenteou para frente e empurrou sua espada diretamente para as costelas do vampiro. O alemão afastou a lâmina com seu escudo e depois reverteu seu golpe. Cade recuou outra vez.



Um calafrio deslizando sobre si, Val percebeu que ele parecera mais lento que as outras vezes em que ele havia lutado contra Hirsch, sua velocidade uma fração menor.

— Eles estão mais equilibradamente iguais hoje — Ridgemont disse, confirmando suas suspeitas. — Normalmente Cade tem a vantagem da força e experiência — estive trabalhando com ele por mais de um século, afinal de contas — mas se curar de suas lesões cortou profundamente suas reservas. Ele não está atingindo tão duro como ele normalmente faz, e seus bloqueios estão mais lentos.

O estômago dela fez um nó de ansiedade. Ela quis bradar para Cade parar, para ir para casa e esquecê-la, a e Ridgemont e Hirsch. Ela preferiria estar abandonada à misericórdia duvidosa deles a observá-lo morrer.

De repente Cade estocou com um urro, girando sua espada em um ataque duro, aéreo que enviou Hirsch correndo para trás.

— Por outro lado — Ridgemont adicionou enquanto o coração dela dava um pequeno salto de alegria — ele realmente se zangou.

Deus, onde fora sua velocidade? Cade se perguntou desesperadamente. Se ele não fosse malditamente cauteloso, ia perder esta luta, e Val pagaria o preço. *Não pense nisso*, disse a si mesmo selvagemente, percebendo uma machadada em seu escudo. Se ele se deixasse imaginar o que Hirsch faria a ela, a distração poderia ser fatal.

Ele tentou desesperadamente se firmar no ritmo familiar de combate, mas foi mais duro que qualquer outra vez que tinha sido antes. Seus braços e pernas pareciam carregados de chumbo, e sentia sua espada inábil em suas mãos, enquanto não obstante balançasse ineficientemente. Ele não podia dar a impressão de que procurava toda sua força atrás dela.

Maldição, ele estivera fazendo aquilo por anos; ele deveria ser capaz de atingir Hirsch dormindo. Onde quer que fosse que eles tivessem ido em suas viagens, Ridgemont sempre obrigara Cade a treinar com espada e escudo, machado e armadura, até que ele se tornasse mais familiar com eles do que ele fora com seu Colt's Peacemaker. Depois que Ridgemont



impetuosamente recrutara Hirsch, Cade tinha atingido o alemão com regularidade monótona.

Mas o bastardo treinara interminavelmente para compensar sua falta de experiência, e enquanto os anos passavam, ele havia se tornado mais difícil de derrotar. Agora seu tamanho maior e seu alcance mais longo começavam a pesar a balança em seu favor, especialmente desde que o poder de Cade tinha sido esgotado por suas lesões.

E o sol não ajudava, tampouco. Cade tinha consciência do calor brutal de sua radiação ardendo através de sua roupa. Mesmo se ele evitasse um dano maior, ele teria que entrar num sono cicatrizante apenas para se encarregar das queimaduras que ele suportava. Pior, a luz esgotava sua força.

Somando-se a seu sofrimento, ele tinha perdido seus óculos escuros emprestados fazia um momento, e agora seus olhos estavam ardendo com uma combinação de clarão e suor. Hirsch não tinha esse problema, com aqueles grossos óculos de natação polarizados.

Deixe de choramingar e tenha foco, seu bastardo, ele disse a si mesmo selvagememente. Você vai deixar o metido a besta ganhar.

Reunindo sua energia, Cade se concentrou em vertê-la por seu braço abaixo para sua espada. Na próxima vez que a arma atingiu o escudo de Hirsch, reverberou com mais convicção. *Melhor*, ele pensou desagradavelmente.

— Vou matá-lo — o alemão sibilou em uma voz baixa, venenosa. Era a primeira vez que qualquer um deles falara desde que a luta começara. — Vou tomar um banho no sangue da cepa de seu pescoço, e então irei até sua mulher com seu sangue em minhas mãos, e irei...

Enquanto começava a descrever o que faria com o sangue, Hirsch estocou, fazendo girar o machado. Cade girou no para longe, balançando sua espada longa em um arco longo, plano. Mas como ele mudou de direção, a luz do sol da tarde se dirigiu para dentro de seus olhos como um gancho. O resplendor cegante explodiu em seu crânio.

Instintivamente Cade sacudiu com força sua cabeça para um lado para salvar sua vista vampírica, perdendo seu balanço...



E percebeu que ele estava muito desprotegido, sua espada muito longe em seu golpe para reverter. O golpe do machado de Hirsch ia rachar sua cabeça. Por puro instinto, Cade balançou seu escudo com cada onça de força sobrenatural, almejando cegamente ao lugar onde a cabeça de seu adversário deveria estar.

Ele ouviu um grito sufocado, sentiu a borda do metal frio do escudo morder sua carne, raspar contra o osso. Salto livre. Algo quente e molhado se espalhando por sua face. Um peso maciço colidiu em seu ombro, atirando-o ruidosamente ao chão.

— Cade! — Val gritou.

Ele caiu de lado, lutando para respirar. Sentia seu peito paralisado. Ele sabia que ele não podia se asfixiar de verdade, mas seus instintos gritaram de qualquer maneira.

Por fim ele aspirou e seus pulmões começaram a operar outra vez. Ainda ofuscado, ele tentou voltar sua cabeça e não pôde. O movimento foi bloqueado por algo metálico. Estranhamente, ele não sentiu dor, só uma sensação propagadora de frio. Levou-lhe vários minutos entorpecidos para perceber o que acontecera.

O machado de Hirsch estava sepultado em seu ombro.

Cade ergueu a mão e tateou cegamente até encontrar o cabo. Ele arrancou. Algo rangeu contra osso. Líquido quente jorrou abaixo por sua lateral. Sentindo cheiro de cobre no ar, ele sabia que estava sangrando. *Maldição, não outra vez.* Cansadamente, ele reuniu seu poder e bloqueou o jato de sangue enquanto jogava o machado de lado.

A vista de Cade começou a clarear bem a tempo de ver Val correndo para ele, nua e desesperada.

— Volte! — ele gritou roucamente. — Hirsch...

— ...Não está mais em cena — Ridgemont passou por perto enquanto Val caía de joelhos ao lado dele e começava freneticamente a examinar seu ombro efusivamente. — Você decapitou-o com seu escudo. Muito bonito. Infelizmente, seu desempenho, por outro lado, foi lamentável. Espero que você faça melhor quando nos encontrarmos, ou será uma luta muito curta.



— Oh — Cade grunhiu, olhando fixamente para seu inimigo — você conseguirá sua luta. E será a última coisa que você terá.

Val não se interessou pela atitude deles.

— Preciso de algo que estanque o sangramento — ela se virou e estendeu uma mão para Ridgemont. — Me dê essa coisa de tecido que você está usando.

O vampiro mestre ergueu uma mão como se protegendo.

— Nem em sonhos. Além disso, ele já está deixando o sangramento sob controle. Você lhe fará mais bem dando sua garganta a ele e permitindo-o se alimentar enquanto ele se satisfaz — para Cade, ele acrescentou — Estive à luz do sol tempo demais por sua causa. Mantereí contato.

— Eu farei isso, seu bastardo — Cade grunhiu.

— Não por uma semana ou pouco mais, apostarei — Ridgemont disse, submetendo o corpo nu de Val a uma avaliação lasciva. — Divirta-se, Pistoleiro. Eu certamente o invejarei nos próximos poucos dias.

— Melhor ele que você — Val lhe disse.

O ancião a olhou.

— Terei minha vez muito em breve — ele se virou e olhou sobre seu ombro para o cadáver ensanguentado de Hirsch com um grunhido de desgosto. — Suponho que seria melhor eu me desfazer dos restos mortais. Você não se levantará para isso, e se eu não me encarregar disso agora, o encontrarão e farão uma autópsia. A próxima coisa, você sabe, alguém publicaria uma matéria em um periódico em algum lugar. E não me arriscarei a ser descoberto pela minha própria criatura.

Resmungando, ele marchou para o vampiro caído.

Enquanto Ridgemont se ocupava do corpo de Hirsch, Val apressadamente voltou sua atenção para Cade. Poderia muito facilmente ter sido ele a estar sendo removido para um descarte.



— Você me assustou como o inferno — lhe disse ferozmente.

— Eu me assustei como o inferno — ele disse. — Me ajude. Preciso sair do sol.

Enquanto ela se ajoelhava para deslizar um braço ao redor de seu ombro, um seio nu acariciou algo úmido e pegajoso. Olhando para baixo, ela viu que o lado inteiro do corpo dele estava escorregadio e vermelho. Seu estômago revirou.

— Jesus!

— Não está tão mau como parece — ele grunhiu, apertando um braço ao redor dos ombros dela com força esmagante.

— Se fosse, você estaria morto — ela lhe disse severamente, esforçando-se para pô-lo de pé. O aroma de sangue foi tão forte que ela quis engulhar. Quando o carro de Ridgemont ligou com um rugido e tomou seu rumo, Cade cambaleou contra ela. Ela estreitou seu aperto, sobressaltando-se com o grunhido de dor dele. — Você está ok?

— Apenas me leve para o carro — ele grunhiu.

Lembrando-se do conselho do vampiro mestre, Val estudou a face encapuzada de Cade enquanto cambaleavam para a Toyota em que ele chegara.

— Você precisa me morder agora?

Ele baixou os olhos para ela, seus olhos escuros começando a se encobrir com sua máscara. A pele visível através das órbitas estava ardendo num vermelho brilhante.

— Uh, não no momento.

— Ridgemont disse...

— Estou certo de que ele fez, mas o sangue por si próprio não me faria muito bem sem emoção forte para lhe dar poder. Não poderei fazer amor, e, diferente de algumas pessoas que poderia nomear, não tenho interesse em te aterrorizar — deu a ela um sorriso tenso. — Mas se você me fizer o convite no futuro...

O sorriso dela estava igualmente tenso.



— Você deve se sentir mal, se está recusando sexo.

Ele riu num latido de dor.

— Não se preocupe, cicatrizo rápido. Particularmente com esse tipo de incentivo.

Quando alcançaram o carro, ela lhe abriu a porta. Ele se soltou cuidadosamente no assento do passageiro com um silvo de dor. Enquanto Cade se recostava, ele propositalmente esquadrinhou o corpo nu dela.

— Você não acha que seria melhor ir pegar a manta? Há provavelmente uma lei contra dirigir nua neste estado.

— Você está brincando? Isto é a Carolina do Sul. Há uma lei contra *ficar* nua — ele grunhiu uma risada enquanto ela fechava a porta. Agradecida pelas árvores que a ocultaram da estrada, ela se virou e se apressou para recuperar sua coberta caída.

Apesar da dor abrasadora em seu ombro, Cade a olhou ir. Sua nudez esbelta pareceu resplandecer na luz ardente do sol poente. Ele quase a tinha perdido hoje.

A dor desse pensamento quebrou o torniquete mental em sua ferida. Ela instantaneamente começou a jorrar. Apressadamente Cade apertou a rede de poder e cortou o fluxo sanguíneo, mas a culpa estava ainda acentuada. Se Hirsch tivesse ganhado, ela teria sido vítima do sadismo sexual do alemão até que ele a matasse ou ela fugisse. Quantas décadas ela teria sofrido?

E seu futuro seria até mais sombrio se Cade não matasse Ridgemont no próximo duelo. Mesmo se Cade tentasse enviá-la para longe, o ancião seguiria a pista dela, mesmo se unicamente para castigar a ambos por tentarem interromper seus planos.

Abigail estivera certa todo o tempo. Cade tinha que Transformá-la. Ao menos como uma vampira, Val teria alguma oportunidade de resistir. E sem a ligação mental formada durante a Transformação, Ridgemont careceria de mais maneiras de torturá-la.



Mas ele ainda a mataria se Cade não o matasse primeiro. E, considerando o quanto tinha sido difícil acabar com o muito mais fraco Hirsch, como diabos ele supunha fazer aquilo?

Val encontrou sua manta caída sob o carvalho e a pegou rapidamente. Enrolando-a e a dobrando em torno de si como uma toga, ela trotou de volta ao carro apesar dos frutos espalhados que pareciam tentar se enterrar em seus pés.

Enquanto deslizava atrás do volante, ela olhou para Cade para lhe dar um sorriso reconfortante. Sentando-se dolorosamente em seu assento com ambos os olhos fechados, ele não pareceu consciente dela. Ele ainda trazia seu capuz protetor. Ela espionou o pôr do sol através do para-brisa e se perguntou se estava escuro o suficiente para remover o tecido. Ela queria dar uma boa olhada nele.

Ele abriu um olho numa fenda esgotada.

— Vamos ter que ir a um hotel. A casa fervilha de policiais, e não serei capaz de tratar com eles.

Val pôs uma dobra errante de toga temporária de volta no lugar.

— Uh, Cade, como nós conseguiremos um quarto? Não estou exatamente apresentável, e você parece que perdeu uma luta para a morte — do que você malditamente esteve perto. Para completar, parece-me ter deixado minha carteira em minha outra manta.

Cade suspirou e tirou sua máscara. Ela se sobressaltou com a faixa de pele brilhantemente queimada ao redor de seus olhos. O resto de sua face estava rosado, como se o sol tivesse atingido diretamente através do tecido. Esfregando uma mão trêmula através de seus cabelos lisos e suados, ele deixou sua cabeça cair para trás contra o encosto.

— Essa é uma pergunta muito boa — seus olhos caíram em um telefone celular descansando sobre o console do carro. — Felizmente, tive uma boa resposta — com um gemido de dor, ele se estendeu para pegá-lo, então usou seu polegar para esmurrar os números.



— De onde isso veio? — Val perguntou.

— Meu vizinho deve tê-lo deixado no carro antes que me deixasse pedi-lo emprestado — disse a ela enquanto escutava o toque do telefone.

Por fim, uma voz familiar disse:

— Alô?

— Camille? Aqui é Cade. Perguntava-me se você se importaria de me ajudar um pouco...

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Camille Robbins estacionava na clareira para dar a Val um maço de dinheiro e uma bolsa K-Mart contendo uma muda de roupas para ela própria e para Cade.

— Te pagaremos de volta tão logo endireitemos as coisas com a polícia — Val disse a ela.

— Não se preocupe com isso — Camille disse a ela distraidamente, olhando fixamente para Cade, que se sentava afundado e imóvel, seus cabelos estavam em pontas suadas. A escuridão no carro evitou que o sangue fosse visível, mas algo a respeito da postura dele sugeria ele estava sentindo dor. — Parece como se você conseguiu mais que o suficiente para se preocupar. Ele não parece muito bem. Você não deveria levá-lo a um médico?

— Nada de médicos — ele disse, sem abrir seus olhos.

Camille encontrou o fixo olhar preocupado de Val com um bufo de desgosto.

— Homens...

Ela sorriu aberta e relutantemente.

— Sim, é mais ou menos isso.



Vestida com o short branco e a camiseta que Camille havia trazido, Val esperou o recepcionista do hotel lhe dar as chaves do quarto. Batendo ligeiramente seus dedos impacientemente no balcão, ela recordou a última vez em que ela estivera num hotel com Cade. Então, ela estivera aterrorizada de que ele a faria uma vampira.

Agora ela sabia que ele não tinha alternativa.

Cinco minutos mais tarde, ela ajudou Cade a mancar para o quarto deles, tentando não cambalear sob seu peso enquanto ele se apoiava contra ela. Sua respiração soou dissonante com a dor.

— Você se dá conta do que temos que fazer agora? — ela perguntou, em parte para lhe dar alguma outra coisa em que pensar enquanto ela lutava para ajudá-lo a baixar seu peso para o colchão sem irritar suas feridas.

— Sim — ele disse brevemente. Ela poderia contar que ele não estava contente com isso, mas estava tão dolorosamente consciente quanto ela de que não tinham alternativa. Sua face parecia mais pálida que o travesseiro em que sua cabeça se afundara. — Mais tarde — segundos mais tarde, ele se afundou no sono cicatrizante.

Val quis tirar muitíssimo a camisa dele e olhar a ferida, mas ela não queria empurrá-lo. Em vez disso, ela se enroscou na outra cama do quarto com seus olhos bem abertos, tensa demais para dormir. Quando Cade despertasse, ele teria fome outra vez. Fariam amor — e começariam o processo de Transformá-la.

Cravando os olhos nas linhas firmes, masculinas da face dele, os contornos musculosos do braço poderoso que ele lançara fora das cobertas, Val teve que admitir que a perspectiva de ficar para sempre com ele não era exatamente uma dificuldade. Se apenas eles tivessem um para sempre.

Se apenas tivessem uma semana.

Uma vez que Cade a Transformasse, ele iria atrás de Ridgemont como Ahab atrás de sua baleia até que também seu mestre estivesse morto — ou ele estivesse. Ainda mais — o que aconteceria se eles tivessem êxito em matar Ridgemont? Ela se deu conta de que a perspectiva a assustava quase tanto quanto a primeira alternativa.



Ela seria uma vampira.

Val seria conduzida pelo poder da Fome para se preocupar com sua habilidade de controlá-la. Por mais heroico e de vontade de aço que Cade era, quase o tinham forçado a matar uma criança. O que faria a ela?

E o que significaria seu vampirismo para sua relação? A paixão entre eles era quente agora, mas o que aconteceria uma vez que o fogo se extinguísse? Também, como mestre dela, ele a possuiria. Sendo o tipo de homem que ele era, ele nunca abusaria desse poder. Mas seu afeto viraria desprezo uma vez que ela lhe pertencesse? Ela não achava que poderia resistir a olhar aqueles olhos escuros e ver ali nada mais que indiferença...

Val prendeu seu fôlego quando repentinamente percebeu que aquele pensamento doía tão cruelmente. Ela estava apaixonada por Cade McKinnon.



Capítulo Dezesseis

A ideia parecia tão inevitável, tão natural, como se ela sempre tivesse sido apaixonada por ele. E talvez ela tivesse, se apenas como Cowboy. Em algum nível, ela sempre adorara seu Texas Ranger de faz de conta, primeiro com o afeto de uma criança, então com a paixão de uma mulher. Descobrir que ele era tanto real quanto um vampiro sacudira esse amor, mas não o destruíra. Por isso que ela sempre fora tão dividida, porque ela instintivamente quisera confiar nele mesmo que a lógica insistisse que ela não deveria.

Deus, subitamente ela precisava falar com Beth. Estudando a face fatigada de Cade, Val decidiu que ele estava tão profundamente em seu sono cicatrizante que seria improvável que ela o despertasse. Ela alcançou o telefone ao lado da cama e digitou o número do biper de sua irmã.

O telefone tocou quase imediatamente e Val saltou sobre ele, querendo se assegurar de que não despertasse Cade.

— Beth?

— Val? — sua irmã soou tão aliviada que ela se sentiu instantaneamente culpada por não ter chamado mais cedo. — Deus, obrigada! Eu estava preocupada. Está tudo bem?

— Sim — ela mentiu automaticamente. — Tudo bem.

— Não soa bem — Beth disse, com aquele talento infalível que ela tinha para ler as emoções de sua irmã. — Você soa deprimida.

Na próxima vez que você falar comigo, posso não ser humana.

— Estou apenas me omitindo a você. Seria... estourando, uns três dias.

— Bem, estive aproveitando bem nossas férias improvisadas — seu tom soou tão animado que era óbvio que ela tentava animar Val. — Descansando na praia, conseguindo um bronzeado primoroso...

Val fez um som estrangulado meio entre uma risada e um soluço. *Isso é algo que eu não farei outra vez...*

— Não me diga onde você está.



— Você é tão paranoica. De qualquer maneira, os caras aqui são de matar para...

Ela olhou para Cade, esparramado em toda sua glória manchada de sangue através da cama próxima.

— Eles não são maus aqui, também.

— Oh, sim? — Val quase podia imaginar as orelhas de Beth se afligindo como as de um gato.

— Oh, sim.

— Então, quem é ele e como você o encontrou?

— Se lhe dissesse, você nunca acreditaria em mim — ela resmungou.

— O quê? Não captei isso.

— Eu me apaixonei.

— Me mate! — a voz de Beth subiu vertiginosamente em um grito deleitado. — Quando posso encontrá-lo?

— Não sei — *Eu nem mesmo sei se te verei outra vez.* — As coisas estão... complicadas nesse momento. Perigosas.

— OK, agora você está tão malditamente misteriosa que está começando a me deixar nervosa — sem mencionar que está me assustando como o inferno. O que está acontecendo?

Val desejou despejar a história inteira, mas se ela o fizesse, Beth estaria no próximo avião para a Carolina do Sul. E ajudaria um pouquinho no tiro ao alvo de Ridgemont com o resto deles.

— Como eu disse, é muito complicado ir nesse momento.

— Val... — o tom de Beth mantinha uma nota de advertência.

— Oh, aqui vem Cade com nossas *margaritas* — ela interrompeu alegremente. — E acho que ele está com disposição para amar. Tenho de ir.

Houve uma pausa longa, fria.

— Não estou comprando muito isso.

Val suspirou.



— Você sempre foi muito mais inteligente que eu. Olhe, não posso entrar nesse assunto. Eu ainda não posso. Mas é extremamente importante que você seja cuidadosa. Não use seu cartão de crédito. Não deixe um rastro. Este cara com quem estamos tratando não é alguém com quem jogar.

Beth vacilou.

— Não se preocupe, Val. Tomarei cuidado.

— Eu te amo — sua voz quebrou, e ela tomou uma profunda respiração para firmá-la. — Você sabe disso, certo? Eu não poderia pedir por uma melhor...

— Te lembrarei disso na próxima vez que furtar seu suéter favorito — Beth mesma soou um pouco lacrimosa. — Ouça, se cuide, está ouvindo? Não deixe seu garanhão e sua grande *margarita* te distrair demais.

— Não se preocupe. Tenho tudo sob controle²⁷.

— Eu unicamente irei apostar que você tenha, irmãzona. Eu te amo.

Era o máximo que Val podia fazer para se despedir com outro “adeus, eu te amo” sem explodir em lágrimas. Lentamente ela desligou o telefone e ficou olhando fixamente, mordendo seu lábio, para o perfil adormecido de Cade.

Beth desligou o telefone público. Lembrando-se da advertência de sua irmã contra deixar um rastro, ela franziu o cenho culpadamente. Quando ela conseguira o bíper de Val, ela correria para seu telefone celular só para descobrir que ele estava morto. Pior, não havia dinheiro em sua bolsa. Ela estivera tão decidida a não perder a chamada que ela tirara seu cartão de chamadas.

Ela deu de ombros. Bem, uma vez que não deveria doer.

²⁷ No original está “I’ve got it all in hand”, e preferi trocar uma expressão mais brasileira.



A espada de Cade emitiu faíscas de reflexão enquanto ele dava golpes cortantes em seu adversário vestido de branco. Os dois homens se moveram como gatos, o sol poente dando a suas armas um resplendor vermelho-sangue.

Mas enquanto circulavam um ao outro, a luz traiçoeira o atingiu em pleno rosto. E ele perdeu seu golpe outra vez. Dessa vez ele não teve tempo para erguer seu escudo. Seu adversário era muito rápido, o machado se movendo entre um arco indistinto, brilhante.

A cabeça de Cade girou de seus ombros.

Val gritou, sentindo seu coração se romper e abrir em seu peito. Ridgemont se virou e sorriu abertamente para ela sobre seu machado ensanguentado.

Seus olhos se abriram de repente enquanto ela se sentava num salto, olhando fixa e selvagememente a escuridão. O quarto estava preto como breu — era ainda o meio da noite. Suando, ofegando, ela cambaleou desesperadamente para o abajur do lado da cama até que conseguiu acendê-lo.

Cade estava deitado na cama oposta, inteiro, o último rastro de dor tinha desaparecido de sua face. Seu ombro estava completamente curado, embora o sangue ainda incrustasse suas roupas. Com um pequeno gemido de alívio, Val saiu furtivamente de sua cama e se acomodou comodamente contra a lateral dele, ignorando o aroma persistente de sangue. Descansando sua cabeça contra seu peito, ela escutou o pulsar reconfortante de seus batimentos cardíacos.

Passou-se um longo tempo antes que ela dormisse outra vez.

Cade despertou, e Val estava ali. Deitada através de seu peito, pesando pouco mais que um gato, seu corpo suave e quente no sono. O perfume dela chutou a Fome em uma labareda forte, estrondosa. Ele desejou rolar sobre ela e enterrar seu membro em seu sexo e suas presas em



sua garganta. Apertando os dentes, ele lutou com a necessidade até que sua força de vontade fosse estável o suficiente para arriscar pôr suas mãos nela.

Mas quando ele envolveu com suas mãos os braços dela e começou a afastar seu corpo do dele, a textura suave, sedosa de sua pele enviou a Fome em um urro constante: *Tome-a tome-a tome-aTOME-A!* Sua cabeça começou a baixar para a pulsante jugular dela.

Movendo-se rápido, Cade escapou de sob ela e fugiu para o banheiro, não se atrevendo a olhar para trás.

Val acordou de supetão enquanto a porta se fechava atrás dele. *Oh, Deus*, ela pensou. *É a hora.*

O tempo de deixar de ser humana com um "H" maiúsculo. Tempo para começar a se converter em outra coisa, algo que bebia sangue e ficava fora da luz do sol — e que amava Cade McKinnon, que a teria de uma forma que humano algum podia realmente ter outro.

Não, não "ter". "Possuir." Possuir num sentido Exorcista "oh-meu-Deus-ele-está-em-minha-cabeça", e possuir completamente no sentido masculino carnal, dominante.

Não posso fazer isto, Val pensou selvagememente. Rolando para fora da cama, ela arrebatou as chaves do carro da mesinha de cabeceira. E parou em seus passos.

— Oh, inferno...

Não poderia deixá-lo. Ele precisava dela. Precisava de seu sangue, precisava Transformá-la. Precisava *dela*. Se o abandonasse, Ridgemont o mataria. E a própria Val, também, uma vez que o ancião seguisse sua pista, mas isso estava realmente longe do ponto.

Os ombros caindo bruscamente, ela se virou e olhou de volta para o banheiro.

Abigail estava parada ao lado da cama, observando-a com olhos solenes. Val soltou um berro e caiu para trás contra a cama.

— Não faça isso! — ofegando, ela inalou o aroma forte, constante de hortelã.

Obrigada, o fantasma disse.



— Pelo quê? Quase cair morta com um ataque cardíaco? — ela apertou seu peito e esperou para que o martelar tomado de pânico desacelerasse.

Por amá-lo o suficiente para sacrificar tanto. Sei que não é fácil para você. O resto de nós não teve uma escolha sobre o que nos tornaríamos. Você está fazendo isso voluntariamente.

— Mais ou menos — Val resmungou. Olhando para o fantasma, ela adicionou — Obrigada por ter distraído Hirsch, em troca. Se você não tivesse entrado, ele teria me violentado.

Abigail deu de ombros.

Ridgemont o teria detido. Ele estava furioso com a armadilha de Hirsch.

— Talvez. A menos que servisse aos seus propósitos para permitir.

O fantasma fez uma careta.

Bom ponto.

— Quando você desafiou Ridgemont... — ela hesitou. — Ele... ele realmente estava a ponto de... te comer?

Sim. Ele esteve ameaçando me absorver por anos, apenas para manter Cade na linha. Sua voz desceu para um sibilo baixo, agudo. E odiei ser usada como um clube para ele atingir meu irmão.

— Deus...

Elas olharam uma para a outra por um tempo longo, incômodo. Finalmente, incapaz de aguentar o silêncio, Val deixou escapar:

— Tenho medo de que venha a machucar alguém.

Você não fará isso. Você não é o tipo que mata por luxúria. E Cade te ajudará a manter o controle.

— Ele saberá tudo. Saberá quanto o amo.

Sim.

Val riu, o som meio selvagem.

— Estou aterrorizada.

Você não tem que estar, o fantasma disse, sua voz mental calma e segura. Ele te ama. Te protegerá.



— Oh, sei que ele me protegerá. Conhecendo Cade, isso é um fato. Mas me amar? Não acredito nisso.

Val, o pensamento em você o tem conduzido por dezessete anos. De outra maneira, ele teria se matado em algum atentado estúpido, suicida contra Ridgemont no minuto em que ele escapasse de seu controle, mesmo se apenas para me proteger.

— A culpa não é o mesmo que amor, Abigail. E não quero a culpa dele.

Não é mais culpa. Não é há anos. Não depois que você se converteu em uma mulher e se uniu a ele nos sonhos. O pequeno fantasma a estudou com aquele fixo olhar sem inocência. E acho que é hora de eu ir para o Outro Lado, assim você pode perceber isso por si mesma. Ela se virou e caminhou para dentro da parede.

Val olhou para a porta do banheiro. Enquadrou seus ombros. E começou a se despir, seu coração batendo ruidosamente como um timbale enquanto ela tirava seu short e camiseta e os dobrava com mãos trêmulas. Ela os empilhou esmeradamente na escrivaninha, então se balançou em seus calcanhares e cravou os olhos neles. *Bem, não tenho desculpas para adiar.*

Mordendo seu lábio, ela caminhou para o banheiro com pernas que pareciam tão fracas como as de um potro recém-nascido. O ar parecia frio em sua pele nua, e ela tremeu enquanto tentava alcançar a maçaneta. Abrindo a porta, Val hesitou, escutando a água batendo em ladrilhos de cerâmica. Ela podia ver a silhueta dele se movendo atrás da cortina de plástico fina da ducha. Aspirando profundamente, ela atravessou o pequeno cômodo e afastou a cortina.

A cabeça de Cade se moveu rapidamente para cima como um animal selvagem, seus olhos escuros encontrando os dela. Eles pareciam arder com tal fome que ela sentiu seu coração saltar em sua garganta.

— Oi — ela grunhiu, e tentou um sorriso fraco.

— Oi — mas ele não sorriu de volta. Em vez disso, seus olhos baixaram para sua nudez com possessividade patente. Val ofegou. Ela nunca tivera um homem olhando para ela daquela forma. Nem mesmo ele.

Ali estava a Fome, claro. Ela esperara isso, sabendo o que a cicatrização daquela ferida do ombro faria a ele. Mas a expressão em seus



olhos era ainda mais escura e antiga que a luxúria do vampiro, mais inteiramente masculina, mais ferozmente triunfante. Como se ele tivesse... a conquistado. Como se ela fosse dele.

Val podia apenas ficar ali, imobilizada pela intensidade predatória de seu olhar fixo. Ele estivera no meio do processo de passar xampu em seus cabelos, e agora a espuma descia rodando pelos fios lisos, deslizando pelos cordões fortes de sua garganta e ao longo das amplas planícies e cordilheiras musculosas de seu peito. Meio hipnotizada, ela inconscientemente seguiu o fluxo de espuma abaixo pelas formas em alto-relevo de seu abdômen para a saliência grossa, faminta de seu membro.

— Você espalhou água por todo o piso do banheiro — ele grunhiu por fim. Suas narinas fremiram. Seu fixo olhar faminto relanceou de seus mamilos para o delta de pelos suaves entre suas coxas, então subiram para seus olhos. — Por que você não pega e fecha a cortina da ducha?

Ela acenou com a cabeça abruptamente e começou a entrar na banheira. Mas antes que ela até pudesse completar o movimento, mãos grandes se fecharam em torno da parte superior de seus braços, pegaram-na sem esforço algum e a colaram contra a extensão úmida, dura de seu corpo. Sua boca baixou sobre a dela, parando sua respiração de surpresa. A ducha batia sobre suas cabeças em um jato quente.

Os sentidos dela estavam repentinamente repletos dele: seu tamanho, seu calor, sua força. A língua dele deslizou suavemente entre seus lábios, saboreando e acariciando, seduzindo-a a se render ainda mais. Longos dedos empunharam seus cabelos, segurando-a ainda enquanto ele se alimentava de sua boca. Sua mão livre deslizou para baixo pela curva de sua espinha, encontrando seu traseiro. Curvando-se possessivamente na carne tesa, erguendo-a para encaixar seu corpo contra o dele. Quando seus pés deixaram o piso da banheira, ela fez um pequeno som alarmado e tentou agarrar seus ombros instintivamente. Enredando suas pernas em torno de seus quadris masculinos estreitos, ela ofegou com a sensação de seu membro maciço contra seu ventre suave. Ele grunhiu em satisfação pura, escura. Virando-se com ela, ele pressionou suas costas contra os ladrilhos frios, úmidos da parede da ducha e a manteve ali com seu corpo, deixando suas mãos livres para possuir e explorar.



— Adoro seus mamilos — ele disse contra sua boca enquanto puxava e acariciava um deles. — Pequenas pontas tão doces e rosadas — sob suas nádegas, dedos longos de sua outra mão deslizaram na abertura de suas coxas, deslizando entre lábios macios que rapidamente se tornavam úmidos enquanto ela perdia seu nervosismo com o desejo. Ela podia sentir seu mastro grosso pressionando contra ela todo o caminho para seu centro. Logo ele empurrou dentro dela... Ela prendeu sua respiração e fechou seus olhos, pensando no deleite abrasador desse momento. Algo começou a se derreter e gotejar profundamente em seu sexo.

— Sim, isso mesmo — ele grunhiu, e mordeu gentilmente seu lábio inferior. — Fique molhada para mim, doçura. Ensope meus dedos. Fique pronta para mim, porque vou fodê-la de modo profundo e duro...

Aquelas palavras cruas, diretas teriam sido uma exibição vindas de qualquer outro homem, mas de Cade eram verdade pura, simples. Ela estremeceu.

— Deus, você me faz tão...

— Sim — ele grunhiu em sua orelha sobre o silvo do chuveiro, conduzindo seus dedos para a abertura escorregadia de seu sexo. — Você é minha, querida. Eu te tomarei. Tomarei seu sangue, e tomarei seu sexo, e te farei beber de mim. E então eu estarei em sua mente, e você estará na minha, e você me pertencerá. Jesus, eu te amo há tanto tempo...

Amor? O coração dela saltou. Seu tom era tão quente e seguro, ela não tinha dúvidas de que ele quisera dizer aquilo, mas quanto daquela emoção nascia da culpa ou do senso de dever que o dirigia?

Ele a ergueu em seus braços, então a fez baixar e a empalou em seu grande mastro com um giro implacável de seus quadris. Ela jogou sua cabeça para trás e gritou impactada. O jato do chuveiro bateu contra seu rosto em um agudo jorro quente. Agarrando-se impotentemente a ele, ela ofegou de prazer quando ele começou a se arremeter, apoiando uma mão contra os azulejos enquanto ele girava seus quadris, conduzindo-se profundamente dentro dela. Ele pareceu mais grosso que qualquer coisa que ela jamais conhecesse, ainda maior do que ele parecera antes. Ela quis uivar de prazer.



— Minha — Cade grunhiu em sua orelha. — Diga que você é minha...

Sua educação feminista se rebelou, mas algo muito mais profundo, muito mais antigo soube que era a verdade.

— Sua — ela ofegou. — Eu sou sua...

— E eu sou seu — ele aprofundou suas estocadas até que arremetia nela em uma tormenta masculina girante de luxúria. Ofegando de prazer, ela podia apenas estreitar o aperto de suas coxas e se encaixar ao seu corpo molhado, duro.

— Ele nunca vai te tocar — ele murmurou selvagememente, seu aperto estreitando os quadris dela quando ele martelou intensamente. — Vou matar o filho da puta. Eu juro a você, a protegerei!

— Eu sei — ela ofegou, mesmo quando seus sentidos começaram a se estilhaçarem com as primeiras vibrações profundas de seu orgasmo.

— Eu te amo — Cade disse, e baixou sua cabeça para sua pulsação. Ela sentiu a leve dor enquanto as pontas de suas presas pressionavam em sua carne. Ela esperou a mordida, mas ela não veio.

E ela precisava dela.

— Cade, me tome!

— Você me ama? — ele exigiu contra sua pele.

— Deus, sim!

— Sim! — seus dentes se afundaram em sua pele enquanto ele conduzia seu membro até o fim, preenchendo-a quase brutalmente. Ela convulsionou em êxtase atordoado, ultrapassou a borda do prazer pela implacável penetração dupla de suas presas e membro. O orgasmo ardeu como uma onda de fogo se quebrando sobre sua cabeça, e ela se contorceu contra ele, gritando enquanto gozava. Ela sentiu seu membro pulsar e disparar dentro dela, ouviu seu profundo gemido contra sua garganta.

Quando finalmente terminou, ela caiu mole em seus braços, saciada e sem ossos, consciente da boca dele trabalhando enquanto ele se alimentava em goles profundos. Sua cabeça girava, e ela não estava certa se era pela perda de sangue ou prazer cru. Ela inclinou seu rosto para trás dentro do jato do chuveiro, esperando que a água quente, aguda limpasse sua cabeça.



Finalmente, ainda enterrado nela, ele recuou levemente. Enquanto ela observava com um tipo vago, oscilante de interesse, ele levantou uma mão e cravou a unha de seu dedo polegar na pele sobre seu peito, rasgando um corte fino que instantaneamente começou a sangrar. Ele capturou a parte de trás de sua cabeça e puxou sua face para a pequena ferida.

— Beba — ele disse roucamente. — Sinta meu sabor.

Entre devaneios, ela obedeceu, lambendo o sangue.

— Mais — Cade ordenou. — Sugue-o.

Com uma risadinha amortecida, frívola ela obedeceu. Seu sangue tinha um sabor estranho, ardente e intoxicante, mais como conhaque que o prosaico cobre salgado que ela conhecia dos cortes de papel de sua infância.

Ele tinha ficado flácido dentro dela, mas enquanto ela bebia, sentiu-o endurecer outra vez. Lentamente, cuidadosamente Cade começou a se impulsionar. Agarrando-se impotentemente, ela engoliu seu sangue enquanto o prazer florescia preguiçosamente sob seus golpes gentis.

— Minha — ele murmurou outra vez.

Quando ela se tornou consciente de si mesma outra vez, estava envolta nos braços dele, sentindo-se tão nula e flácida como um trapo torcido.

— Maldição — ela grasniou. — Suponho que se fizermos isso toda semana, não tenho certeza de que sobreviverei.

— Nem eu — ele gemeu, livrando seu sexo flácido dela e deixando seus pés tocarem o piso da banheira. Havia várias polegadas de água ao redor de seus tornozelos. — Mas Deus, que forma de ir...

Os joelhos dela cederam, mas ele a firmou com uma mão em seu cotovelo.

— Bebi seu sangue — Val disse em uma voz baixa, agarrando firmemente seus ombros. — E gostei — ela já se sentia estrangeira em si mesma. Ela nunca tivera uma experiência tão erótica em sua vida.



— Fico contente — ele levantou uma mão e lentamente acariciou seus cabelos molhados. Ela tremeu. Franzindo o cenho, Cade ergueu uma mão para fechar as torneiras da ducha. — Seria melhor se te secarmos completamente.

Ele a tirou da banheira como se ela pesasse não mais que alguém de dois anos de idade, logo acelerou seus próprios passos e alcançou uma toalha com um braço longo, forte. Ela encontrou seu olhar fixo miseravelmente enquanto ele começava a secar a pele dela com gestos vigorosos.

— Cade, eu estou com medo.

— Eu sei, bebê. Eu também.

Ela lambeu seus lábios secos.

— Você quis dizer o que disse, sobre me amar?

— Sim — seu olhar fixo encontrou o dela firmemente. — Sempre te amei.

Ela sorriu, devagar e brilhante, acreditando nele. O conhecimento estava bem ali, intenso e tão profundo quanto os ossos, como se ela o tivesse absorvido com o sabor de seu sangue.

Incerteza faiscou nos olhos dele.

— *Você* quis dizer?

Seu sorriso se ampliou.

— Sim.

Com um gemido de prazer, ele a pegou em seus braços e a levou para a cama.

Val despertou com a sensação suave das mãos de Cade indo navegando sobre sua pele. Ela gemeu e se espreguiçou, então se aferrou a ele enquanto sua cabeça girava longa, indolentemente.

— Oh!



Cade parou de acariciá-la para abraçá-la confortavelmente. Ela relaxou contra ele, saboreando o calor de sua força envolvente. Ele parecia tão grande, tão sólido, tão masculino. Era duro de acreditar que algo ainda pudesse ameaçá-lo.

— Quando fizemos amor na última vez, toquei seus pensamentos — ele disse suavemente, seu peito retumbando sob sua orelha. — Senti seu medo. É natural, mas você é mais forte do que você pensa.

— Eu sou? A Fome...

— Não é normalmente algo como o que você tocou em minha mente quando era uma criança.

— Eu me dou conta disso, mas o que acontece se alguém me matar de fome da forma como Ridgemont fez com você? E se...

— Um, eu nunca te colocaria sob uma compulsão para matar alguém, e dois, mesmo se alguém te matasse de fome, você poderia controlá-la. Você é uma das pessoas mais fortes que eu jamais encontrei — ele sorriu levemente, passando os dedos através de seus cabelos. — Mesmo quando criança, você era tão malditamente corajosa...

Val bufou.

— Eu estava fora de mim.

— Querida, você tinha um vampiro morto de fome em seus calcanhares, programado para matar. Qualquer humano racional teria corrido como o inferno, mas você foi salvar o bebê primeiro.

— Bem, sim — ela disse. — Não podia abandonar Beth.

— Na verdade, você podia — ele enrolou uma mecha de seus cabelos ao redor de um dedo grande. — A maioria das pessoas teria.

— Não a maioria das pessoas, Cade — Val protestou. — Não deixando um bebê com vampiros.

— Não estaria tão certo a respeito disso. Você podia ter raciocinado que, em vez de estar me deixando com ela, se você apenas corresse, não poderíamos encontrá-la.



— Oh — ela franziu o cenho, pensando nisso. — Sabe, quando você pôe dessa forma, foi meio estúpido.

— Não, porque a teríamos encontrado de qualquer maneira. Duvido que Beth estaria correndo perigo mesmo de Ridgemont e Hirsch — eles não têm interesse em qualquer fêmea abaixo da idade da puberdade — mas você não tinha forma de saber disso. Então ir atrás dela foi bonito e malditamente heroico.

Ela lhe deu um olhar tão cético que ele teve que rir.

— Está tentando me levar para a cama outra vez, McKinnon?

— Se você notar, estamos já *na* cama. E não, eu não estou apenas te bajulando. Eu era mais de meio metro mais alto que você, quarenta e cinco quilos mais pesado, e tenho presas. Mas você apenas me olhou com tal coragem desafiante nesses grandes olhos cinza, eu soube que você cresceria para se tornar um inferno de mulher. E estava certo.

— Por sua causa. Sua orientação fez toda diferença quando eu era criança, particularmente dado que minha avó estava muita bêbada na maioria das vezes para perceber quando eu estava em casa. Lembro uma vez quando tinha treze anos de idade. Eu estava enviando minhas notas para o inferno — não me preocupava com elas, nem com nada. E você apareceu naquele sonho e me puxou as orelhas²⁸! — Ela riu. — Me endireitei. Não dava a mínima para o que vovó pensava, mas não podia continuar a decepcionar meu herói. E eu nem mesmo pensava que você era real!

— Não seja muito dura com sua avó. Noventa por cento dos problemas dela se deveram ao controle de Ridgemont em sua mente. Acho que ela bebia porque sabia que o que ele a obrigava a fazer era errado.

— Sim, percebi isso depois que Ridgemont falou sobre influenciá-la — ela deixou sua cabeça pousar contra o ombro dele e deixou seus dedos brincarem sobre os pelos de seu peito. — A vida dela foi tão malditamente trágica. Seu filho morreu, sua mente foi invadida e subvertida. E em algum nível, ela sabia.

²⁸ No original está “and raked me over the coals”, mas preferi “abrasileirar”.



Eles permaneceram juntos por um longo tempo, perdidos em seus próprios pensamentos.

— No ano em que você fez dezessete, ele fez sua avó enviar seu retrato para ele. Você tinha parado de sonhar comigo então, e eu não te via havia muito tempo. Eu fiquei chocado pela forma que você parecia naquele insuficientemente pequeno uniforme de líder de torcida. As coisas que ele disse — eu lhe dei um murro na boca — Cade sorriu, o prazer sombrio daquele golpe bem merecido iluminando seus olhos. — Devo tê-lo apanhado de surpresa. Ele me paralisou e me deu o tipo de surra que eu não tivera em anos, mas valeu a pena.

Val se sobressaltou, recordando muito bem as outras vezes que ela tinha visto Ridgemont maltratar Cade nas memórias de Abigail.

— Sabe, ele me disse que planejou isso. Foi tudo deliberado, desenhado para te conduzir a romper a compulsão. Ele deve ter te falado que o castigava por alguma outra coisa, mas era uma desculpa. Era tudo sobre nos jogar um para o outro — ela parou enquanto um pensamento a atingia. — Em sua própria forma pervertida, o motivo foi formar um casal — ela estremeceu.

— Ridgemont sempre foi o mestre do plano de longo percurso — dando de ombros, ele conduziu seus dedos em círculos sobre seus ombros nus. — E ele me pegou, por mais que eu odeie admitir. Eu trabalhei duramente para quebrar seu controle e aumentar minha força, então eu poderia te salvar. Eu teria feito de qualquer maneira, mas não com o mesmo tipo de obsessão de um só propósito — ele encontrou seus olhos outra vez e inclinou sua cabeça, submergindo-a na escuridão quente de seu olhar fixo. — Você foi um inferno de inspiração, mesmo que o único contato entre nós tenha sido naqueles sonhos. Inteligente. Bela. Teimosa — sua boca sensual se frizou num sorriso. — Você me fez me apaixonar por você.

— Você, por outro lado, é heroico, bonito, erótico e desgostosamente nobre.

Cade moveu uma sobrancelha.

— Desgostosamente?

— Vamos convir, dado seu obsessivo empenho para o autossacrifício.



— Estou detectando uma nota de crítica insinuada?

— É mais que uma nota, e é mais que insinuada — Val o olhou nos olhos, determinada a retornar a honestidade dele com a sua própria. — Eu te amo, mas você me assusta mortalmente. Tenho a impressão que você não está apenas disposto a se sacrificar para pegar Ridgemont — você preferiria dessa forma. É como se essa fosse a única forma que apagará tudo o que ele fez à sua honra.

Cade se retesou, o sorriso fácil desvanecendo-se de sua boca.

— Você não sabe sobre o que está falando. Não tenho intenção de me matar.

— Espero que não tenha — ela o olhou de frente. — Porque eu não estou me colocando nisso tudo para poder te assistir morrer.



Capítulo Dezessete

Vestidos outra vez, eles caminharam através do estacionamento para o restaurante do motel, onde Cade a fez pedir um grande café da manhã e a encorajou a comê-lo, apesar de sua falta de apetite. Ela não precisou ser encorajada a beber, entretanto. Sua garganta estava tão seca que ela manteve a garçonete ocupada em encher seu copo a cada dois minutos.

Enquanto a mulher completava uma vez mais, ela olhou para Val.

— Você está bem, doçura? Você certamente está pálida.

— Sim, estou... — ela se interrompeu, distraída por um ruído lento, profundo. — Alguém precisa baixar o volume da caixa de som dele.

— O quê? — a garçonete deu a ela um olhar estranha enquanto Cade olhava para cima agudamente.

Val piscou e se firmou contra a mesa enquanto o cômodo parecia mergulhar num giro.

— Nunca entenderei por que os jovens sentem a necessidade de fazer uma serenata para a vizinhança com os estéreos de seus carros. Você pensaria...

— Posso repetir? — Cade interrompeu, erguendo sua xícara de café.

— Com certeza, doce. Deixe-me trazer meu bule — dando a ela um último olhar preocupado, a garçonete afastou depressa.

— Qual seu problema?

Cade se inclinou através da mesa e baixou sua voz.

— Isso não era uma caixa de som, Val. Isso era o coração dela.

— O quê?

— Esse tamborilar. É o batimento do coração dela.

— Brincadeira.

Ele negou com a cabeça.

— Eu o ouço, também.



Um calafrio rodou sobre ela.

— Mas por que *eu* o ouço?

— Acho que você sabe a resposta para isso — ele encontrou seus olhos em um fixo olhar longo, firme.

Val engoliu em seco. *A Transformação começou.*

— Sim. Suponho que sim — agora que ela parara para ouvir, ela podia ouvir outro pulsar — devagar, profundo, estável. De certa forma, ela soube que era o de Cade. — Isso não o está distraindo?

Ele deu de ombros.

— Depois de um tempo, você para de perceber. É como o ar condicionado ou o refrigerador. Ruído de fundo.

Ela começou a fazer outra pergunta, mas fechou sua boca quando a garçonete voltou para encher a xícara de Cade. A mulher deu a ela um olhar de lado. *Alta como uma pipa.*

— Não estou! — Val disse, indignada.

— Por que você não nos traz nossa conta — Cade disse quando os olhos da garçonete se arregalaram. Ela inclinou a cabeça numa sacudida e se retirou.

— Não responda às perguntas que as pessoas não façam — ele sibilou.

— Ela acha que uso drogas!

Ele suspirou como se procurando paciência.

— Dadas as circunstâncias, isso deve ser compreensível. Você não é exatamente você mesma.

Val refreou os palavrões que se reuniram em sua língua e franziu o cenho. Ele tinha um ponto. Ela definitivamente se sentia um pouco confusa, como se ela tivesse bebido taças de vinho demais.

Ela não perguntou se ia piorar. Sabia que sim.

Depois de voltar ao seu quarto, fizeram amor outra vez.



Quando terminaram bebendo um do outro, Val se debruçou sobre o peito de Cade e fechou seus olhos, tentando ignorar as voltas rápidas que o quarto fazia em torno dela.

Não lhe levou muito para perder o controle da consciência.

O braço ferido de Cade já não doía mais, e o sangue fluía do antebraço aos nódulos, jorrando na serragem. Olhando para baixo, ele observou a espada deslizar de seus dedos fracos. Uma varredura com seus sentidos vampíricos lhe disse que Ridgemont tinha atingido algo vital.

Ele estava perdendo sangue.

Vendo Ridgemont a ponto de saltar sobre ele, Cade conseguiu pegar o escudo caído de seu adversário com sua mão esquerda. Mas ele não pôde erguê-lo rápido o suficiente para bloquear, e a espada de Ridgemont talhou seu peito. Algo estalou. Ele atingiu a terra com suas costas e derrapou na serragem.

Desesperadamente ele lutou para tornar a ficar de pé, mas suas pernas se dobraram sob ele e as luzes da arena deram voltas em torno de sua cabeça. Cade caiu para trás, então lutou para se levantar outra vez. E falhou. Ele perdera muito sangue.

Entorpecidamente, ele assistiu Ridgemont contorná-lo, mancando, sua espada oscilando em uma mão. O sangue manchava a lateral das costelas do vampiro mestre; ele também estava muito ferido.

Mas não o bastante.

Cade sempre soubera que isso viria. O filho da puta era apenas muito poderoso. Ele ia morrer, e não era mais do que ele merecia.

Ridgemont sorriu abertamente para seus olhos.

— Você me deu um bom combate, pistoleiro. Me feriu, até. Muito mesmo. Mas não é o bastante para te salvar — ele inclinou sua cabeça para um lado e ergueu sua espada. — Acho que talvez arrancarei seu coração e o conservarei para me lembrar de você.



Val se sentou ereta na cama e olhou ao redor selvagemmente. Cade jazia ao lado dela, seus olhos fechados. Pois um momento de pânico, ela pensou que ele estava morto. Então viu a elevação constante de seu peito e caiu para trás contra seu travesseiro com um ofego de alívio.

Um sonho. Tinha sido apenas um sonho.

Não foi, insistiu uma voz baixa na parte de trás de sua cabeça.

Ela preocupadamente franziu o cenho para o teto. O que acontecia se o sonho que tivera tivesse sido outra de suas visões clarividentes?

Não podia ser.

E ainda... de certa forma ela suspeitou com um calafrio de horror que fora exatamente aquilo. Ela vira o futuro de Cade. Ridgemont ia matá-lo. A menos que ela fizesse algo para impedi-lo.

Val cravou os olhos em seu perfil adormecido e soube que não poderia deixá-lo morrer. Ela tinha que ajudá-lo a matar o ancião. E a melhor forma de fazer isso era completar a Transformação tão rápido quanto possível.

Sentando-se, Val atirou a coberta para longe deles e baixou os olhos sobre ele. Seu membro jazia flácido e curvado em seu ninho de pelos grossos.

— Agora isso — ela resmungou — não fará tudo.

Cade despertou com a sensação surpreendente de uma boca feminina ardente engolindo seu membro. Ele gemeu e se retesou, suas costas se arqueando para trás com o choque da intensidade, chamuscando intensidade pura, queimante de seu prazer. Abrindo seus olhos, ele viu Val curvando-se sobre ele, seu belo e pequeno traseiro no ar, sua boca envolta ao redor de seu mastro. Instintivamente, ele fechou ambas as mãos na grossa seda vermelha de seus cabelos.

— Deus!



Os dedos longos de uma mão envolveram seus testículos suavemente enquanto sua boca sugava com tal poder inflamado que ele pensou que o topo de sua cabeça explodiria. Ele se contorceu abandonadamente nos lençóis, por uma vez completamente sob o poder de uma mulher. Bem quando seu membro alcançou seu comprimento completo, cheio, ela levantou sua cabeça. Ele ficou sem fôlego.

— Não, não pare!

— Oh, não tenho intenção de parar — ela grunhiu, soando mais determinada que sedutora. Ela se endireitou, montou com as pernas abertas seus quadris, agarrou seu membro em uma mão, apontou-o, e se empalou em um mergulho impressionante.

— Jesus! — ele arqueou sua coluna vertebral, instintivamente conduzindo seu comprimento inteiro.

— Sim! — ela disse através dos dentes apertados. — É isso! — desapiedadamente, ela se moveu grosseiramente sobre ele, tomando-o profundo e rápido e duro, girando seus quadris enquanto o cavalgava, assim seu membro parecia se atarraxar em suas profundidades lisas, apertadas. Ele agarrou seus quadris e se firmou enquanto ela mergulhava e pulava. Ela se reclinou, arqueando sua coluna vertebral enquanto firmava seus tornozelos e se forçava para cima e para baixo. Ela parecia tão incrivelmente molhada e estreita que ele soube que tinha apenas segundos antes que disparasse completamente nela pelo seu orgasmo.

De repente ela se inclinou para frente sobre ele, ainda fodendo-o duro. Uma gotinha gelada de seu suor atingiu a face dele.

— Me dê seu sangue! — ela grunhiu. — Aquele filho da puta não vai te matar!

Sem nenhuma disposição para discutir, ele ergueu seu próprio pulso para sua boca e passou suas presas através dele. O sangue fluíu. Ele ergueu a ferida superficial à boca de Val. Ela agarrou seu antebraço, pressionou seus lábios contra ele e bebeu, ainda se movendo contra seu membro.

A sensação combinada de sua boca em sua pele e seu sexo pulsando ao redor de seu membro enviou espirais de calor descendo pela coluna



vertebral dele. Ele podia sentir o orgasmo fervendo profundamente em seus testículos, prestes a explodir.

Ela arrancou sua boca do pulso dele e gritou. Seu sexo apertou seu membro quando ela gozou.

— Eu te amo! — Val ofegou. — Deus, eu te amo! E não vou te deixar morrer!

— E... eu... te... amo! — ele ofegou de volta, empurrando dentro dela com toda sua força. A boca de Val se selou sobre a pequena ferida outra vez enquanto ele jogava sua cabeça no travesseiro e se deixava gozar. E gozar. E gozar.

E gozar.

Ela despertou no dia seguinte com uma dor de cabeça martelante. Cada junta e cada músculo doíam, e sua boca parecia seca como pó. Antes mesmo que ela pudesse grasnir um pedido, Cade girou para fora da cama e entrou no banheiro, retornando com um copo de água e um jarro de plástico. Ela o bebeu vorazmente, e ele encheu outro para ela. Enquanto ela engolia aquele, ele pôs uma mão em sua testa. Sua pele pareceu se refrescar deliciosamente.

Ela levantou olhos aturdidos para os deles, num sussurro.

— Febre?

— Você está queimando. Vou te trazer algo para reabastecer seus eletrólitos. Não demorarei.

— Gelo — ela disse. — Consiga algum gelo.

Ele inclinou a cabeça.

Lendo sua necessidade de distração tola, Cade ligou a televisão do quarto do motel para ela e lhe deu o controle remoto, então se vestiu e caminhou a grandes passos para fora carregando o pequeno balde de gelo de plástico do quarto. Cinco minutos mais tarde, ele estava de volta. Ele encheu o jarro com água e cubos de gelo, então pôs na mão dela um copo e



a deixou surfar pelos canais entorpecidamente enquanto ele partia rumo à loja de conveniência mais próxima.

A sede estava pior que tudo que ela jamais conhecera — tão enlouquecedora que parecia reduzi-la ao nível de um animal. Cade fez tudo o que ele poderia para apaziguá-la, alimentando-a com bebidas esportivas e lascas de gelo e seu sangue, mas ainda não era suficiente.

Para piorar as coisas, cada músculo e cada osso em seu corpo doíam brutalmente. Ele tentou se estender para sua mente para controlá-la, mas ele não podia passar por seus escudos Kith. As horas se passaram enquanto ela se agitava em sua cama, crescendo mais fraca, sua força se drenando com tal velocidade que a assustou. Ela estava morrendo, e sabia.

Finalmente ele tentou alcançar sua mente outra vez — e dessa vez percebeu que a fraqueza desgastara suas barreiras o suficiente para permitir contato. *Acho que posso te ajudar agora*, Cade lhe disse mentalmente, penetrando através de seu terror. *Você quer que eu me desfaça da dor?*

Ela inclinou a cabeça ansiosamente. Ele colocou uma mão grande, fresca sobre sua testa e deslizou em sua mente mais facilmente do que jamais conseguira antes. Ela o sentia familiar e diferente, e tentou se afastar pelo medo da profundidade da conexão. Percebeu que não podia. Mas, antes que seu pânico pudesse aumentar, a dor começou a se reduzir drasticamente, escorregando para fora de suas juntas e músculos como água fervendo. O calafrio horrível, torturante da febre declinou, até que, pela primeira vez em horas, ela estava realmente cômoda. Instantaneamente ela deslizou no sono.

Cade manteve sua conexão com ela, controlando sua dor enquanto ela dormia. Ele podia sentir a Transformação se acelerando, as células de seu corpo obtendo funções e estruturas novas. Convertendo-a em vampira. Se não fosse por sua ajuda psíquica, a transição estaria sendo agonizante.



Enquanto as horas se seguiam, o sono se aprofundou num coma, e ele teve que trabalhar duro para manter mais profunda sua ligação com a mente dela. Val não o queria ali. Na inconsciência, sua mente reagiu com ferocidade à sua invasão, lutando para expulsá-lo, livrar-se de sua presença profundamente alienígena. Sem mesmo saber o que estava fazendo, ela instintivamente voltou contra ele seu nascente poder psíquico, martelando contra a consciência dele com setas de dor.

Cade sabia que, se ele a liberasse para se defender, ela deslizaria além de seu agarre e morreria. Então ele resistiu, recusando-se a deixá-la ir, permanecendo profundamente em sua mente. Mantendo-a viva.

Ridgemont, seu bastardo, ele pensou, os dentes rangendo enquanto sua pele parecia queimar com a dor que ela infligia, *você nunca mencionou esta parte*.

Ele pensou que ouvira uma risada fantasma.

Em defesa própria, Cade teceu as conexões entre eles mais forte, mais profundo, criando uma rede de poder através da mente de Val até que, por fim, ele pôde forçá-la a deixar de torturá-lo. Ela cedeu contra seu aperto psíquico, mas ele pôde sentir sua mente subconsciente se enfurecendo pela sua invasão.

Gentilmente ele murmurou confiança para ela, contando-lhe que a amava, que ela estava a salvo com ele, que ele nunca esbanjaria o poder que estava obtendo. Até que, por fim, a fúria dela se desvaneceu, substituída pela confiança.

Quando Val começou a relaxar, ele captou um flash de memória recente. Algo a respeito de Ridgemont... Franzindo o cenho, ele olhou mais profundo e viu o sonho em sua memória.

— Então é por isso que você praticamente me estuprou — Cade murmurou. Ela tinha pensado que o sonho se faria realidade, e tinha tentado impedi-lo de sua própria forma surpreendente.

Não que ele objetasse.

Contemplando o sonho, ele entreceerrou seus olhos. Teve lugar na arena na mansão de Ridgemont, que ele sabia que Val nunca tinha visto.



Mas os acontecimentos que a visão descrevia não tinham acontecido — ainda. Talvez ela estivesse correta. Talvez fosse um sonho precognitivo.

Val tinha pensado que ela poderia evitar que a visão se tornasse realidade, mas Cade não estava certo de que conseguisse aquilo. Não obstante, Ridgemont realmente não o tinha matado no sonho, tampouco; acabara antes que o ancião brandisse sua espada.

Ele franziu o cenho. Ele sempre soubera que suas oportunidades de derrotar seu mestre não eram boas, mesmo com a ajuda de Val. E, a julgar pelas lesões do ancião no sonho, parecia como se ela de fato estivesse lhe dando aquela ajuda. Cade nunca tinha sido capaz de infligir aquele tipo de dano por si próprio. Mas se o sonho fosse precognitivo, parecia que ele estava destinado a perder sua luta com Ridgemont. O que significava que, de qualquer maneira, ele tinha que fazer sem dúvida Val sobreviver ao combate sem acabar sob a misericórdia do monstro.

Infelizmente, ele não tinha ideia de como fazer isso.

Levou a Cade outro dia inteiro para ensinar ao cérebro humano de Val como fazer funcionar seu corpo vampiro. Finalmente ele se decidiu que ela estava além do ponto de perigo, seu coração e pulmões em funções trabalhando em seu ritmo novo. Como o coma se tornara um sono natural, ele se deixou imergir.

Quando ele ficou consciente outra vez, estava deitado espalhado contra a cabeceira da cama, seu queixo contra seu peito, uma mão descansando sobre a esta dela enquanto ela se curvava ao lado dele. Lenta, dolorosamente, Cade se endireitou, retraindo-se quando sua nuca rígida protestou pela mudança de posição. Girando sua cabeça em seus ombros, ele alongou seus músculos doloridos. Foi estranho estar em seu corpo outra vez, separado e sozinho. Havia um senso de alívio, mas, ao mesmo tempo, ele se encontrou perdendo-a.

Ela se deitava ao lado dele, parecendo tão quieta e pálida que seu coração se apertou em seu peito. Então sua audição vampírica pegou o



golpe lento, estável de seu batimento cardíaco, o suspiro de sua respiração, e ele relaxou.

Franzindo o cenho, ele a estudou. Havia sombras escuras sob seus olhos, e sua pele parecia esticada firmemente sobre as maçãs altas de seu rosto. Seus cabelos ruivos se espalhavam sobre seu travesseiro, úmidos de suor. Seus olhos se moveram de um lado para o outro sob suas pálpebras. Ela recuperaria logo a consciência.

Era melhor que ele se apressasse. Ele queimara uma parte de poder guiando-a através da mudança, e agora ele precisava encontrar bastante sangue para alimentar a ambos. Quando ele rolou para fora da cama e foi em busca de suas roupas, sentiu a agitação da Fome. Mas pareceu... diferente. Ele se deteve em seus passos, franzindo o cenho enquanto analisava, tentando determinar o que tinha mudado.

Em vez da familiar necessidade erótica motriz que ele conhecia tão bem, havia apenas uma sede profunda. Ele tinha que ter sangue, mas isso era tudo. Ridgemont tinha mencionado isto uma vez — que a ligação entre vampiros masculinos e femininos liquidava o componente sexual da Fome.

Coisa boa, também. Cade duvidava seriamente que ele poderia ter tolerado assistir Val seduzir algum bonito garanhão. Sentindo a luz ir embora, ele abotoou suas calças jeans, enfiou-se dentro de suas botas e saiu a grandes passos do quarto do motel.

Fora das imediações do motel, Cade se deteve para inspirar o ar da noite com um suspiro de prazer. O céu estava de uma cor índigo profundo, com os vermelhos brilhantes do pôr do sol pintando o horizonte. Ele se perguntou distraidamente quantos dias tinham se passado desde que a Transformação tinha começado.

Olhando para a estrada, ele viu um homem pequeno, barbudo caminhando adiante.

— Ouça, camarada! — o homem parou e olhou para ele — e foi capturado. A Fome se moveu e flexionou. Cade disse suavemente — Venha aqui um minuto.



Val despertou com uma sede furiosa, pior que tudo que ela jamais conhecera até aquela enfermidade interminável. Sua boca estava tão seca, sua língua parecia com um pedaço de couro rachado e intumescido. Com um gemido, ela se voltou e tateou à procura do jarro de água ao lado da cama, mas só conseguiu derrubá-lo. Nada se derramou; estava vazio.

Gemendo de frustração, ela tentou começar a rolar para fora da cama, mas seus braços e pernas pareciam pedaços inertes de madeira. Ela protestou com o aumento da impotência.

Mãos grandes se fecharam ao redor de seus ombros, levantaram-na até que um corpo fortemente masculino pôde se reacomodar atrás de suas costas. Sua cabeça pendeu, mas os dedos amavelmente pegaram seu queixo e o ergueram. Um copo felizmente fresco pressionou contra seus lábios, ajustando-se. O aroma de água encheu seu nariz. Desesperadamente ela começou a engolir o líquido da vida, dando boas-vindas mesmo ao calafrio úmido enquanto um pouco dela gotejava sobre seu peito. Ela esgotou o copo e conseguiu grasnir:

— Mais!

— Certo, querida — o barítono profundo de Cade disse, seu peito retumbando sob suas costas, sua respiração soprando contra sua orelha. — Espere apenas um segundo.

Ela abriu seus olhos e observou com desesperada intensidade enquanto ele enchia o copo de um jarro de plástico. Quando ele trouxe o copo aos seus lábios, a borda bateu contra um de seus dentes caninos. Ele balançou. Ela levantou uma mão e fracamente empurrou para trás o copo enquanto explorava o dente com sua língua. Caiu em sua boca.

Horrorizada, Val se endireitou e se dobrou para cuspir o dente canino ensanguentado em sua palma. Com o movimento de sua boca, outro dente se soltou, e ela o cuspiu da mesma forma.

— Oh, Deus, Cade, o que está acontecendo com meus dentes? — ela gemeu.

Ele se estendeu ao redor dela com um tecido e os tirou de sua palma.

— Não entre em pânico. São apenas seus dentes caninos.



— Oh, grande. Agora vou parecer com um caipira... — mas quando ela inspirou, o aroma dele inundou suas narinas. A fome a atingiu tão duro que ela ofegou enquanto sua barriga tinha câibras. Uma dor aguda apunhalou sua mandíbula superior, e ela agarrou sua cara, gritando enquanto a sensação se intensificou à agonia. O sangue de suas gengivas cortadas alagou sua boca. Ela tremeu ante o sabor. Mas não de aversão.

— Isso — Cade disse a ela secamente — seriam suas presas.

Val o olhou selvagememente.

— Presas? — ela estremeceu com a forma que a palavra soou quando emergiu. — Oh, Deus, agora estou ceceando. Soo como se tivesse oito anos de idade.

Ele sorriu abertamente para ela.

— Você tem que se acostumar a falar com elas.

— Oh, sim — ela sorriu com uma lembrança repentina. — Fiz isso na primeira vez que pus uma cinta. Eu...

Mas quando Val o olhou, apoiando-se em um cotovelo ao lado dela, ela esqueceu o que ia dizer. Ele estava sem camisa e descalço, vestido com nada além de um par de jeans. O jogo de músculos em seu peito e braços instantaneamente a arrebataram. Ele sorriu para ela, um sorriso terno que iluminou seu belo rosto e olhos de chocolate. Seu perfume encheu sua cabeça, másculo e forte e claramente Cade.

Ela o queria. Agora. Ela queria saborear sua pele e respirar seu aroma, queria senti-lo se mover dentro dela naquelas suas arremetidas longas, implacáveis.

Quando Cade encontrou seus olhos, seu sorriso se desvaneceu, substituiu pelo desejo — e uma expressão sábia. Ele se recostou na cama e abriu seus braços.

— Aqui.

Ela foi para ele ansiosamente, debruçando-se sobre o arco duro de seu peito, amando a forma como o sentia. A mão dele subiu para a parte de trás de sua cabeça. Mas em vez de conduzir sua boca à dele, ele a pressionou em sua garganta, inclinando para trás sua cabeça para lhe dar acesso. Ela



tentou se afastar. Mas então ouviu um rugido sussurrante que a lembrava do mar, erguendo e caindo, um baque surdo, grave, forte, estável. Intrigada, ela voltou sua cabeça e pressionou sua orelha mais perto.

— Você ouve o sangue em minhas veias — disse a ela suavemente. — E meus batimentos cardíacos.

A mão dele firmou sua cabeça, guiando sua boca contra sua pele. A essência dele inundou seu crânio, impossivelmente tentadora. Seu estômago se apertou. Val gemeu em uma combinação de horror e excitação.

Ela queria seu sangue.

Ela tinha saboreado o sangue de Cade antes, era óbvio — mas não como aquilo. Não mordendo e bebendo dele como uma vampira. Mas a Fome era tão insistente que ela sabia que não tinha alternativa.

— Siga o som — Cade murmurou.

Apesar da necessidade voraz retorcendo sua barriga, Val recuou.

— Não quero machucá-lo. E se eu te morder muito duro?

— Você não vai. Além disso, mesmo se você o fizesse, eu poderia cicatrizar — a mão dele a urgiu para mais perto outra vez até que seus lábios acariciaram sua garganta firme. O suspiro de seu sangue pareceu chamá-la.

Fechando seus olhos, ela abriu sua boca e tentou pôr seus dentes contra ele. Mas suas presas eram mais longas que os dentes que ela usava, e ela teve que abrir mais suas mandíbulas até que pôde pressionar as pontas em sua pele.

Duas gotas tentadoras deslizaram em sua boca, mas isso era tudo. Frustrada, ela sugou mais duro.

Ela ouviu um bramido profundo sob sua boca enquanto Cade ria sufocadamente, então a mão dele se fechou em sua cabeça, movendo-a para enfiar seus dentes aos poucos. O sangue jorrou em sua boca.

— Você tem que aumentar os furos, ou suas presas agem como rolhas — disse a ela.



Ela mal absorveu a informação, muito arrebatada pelo sabor estranho derramando-se em sua língua. Ela saboreara seu sangue antes, é obvio, mas estava ainda melhor agora — quente, temperado, intoxicante. Ela bebeu sofregamente, querendo mais.

Cade gemeu e se retesou sob ela. A ligação crepitou na ocasião entre eles com tal intensidade que os olhos dela se arregalaram. Ela sentiu a luxúria repentina que o inundou ao seu toque, sua boca em sua pele. Um desejo ressonante queimou através dela. Ele alcançou e abriu o zíper de seus jeans com uma mão enquanto alcançava sob a bainha da camisa dela com a outra. Agarrou o cós de sua calcinha. E a tirou de um puxão.

Cade a girou sob ele sem quebrar seu contato com sua garganta e se acomodou entre suas coxas. Suavemente, ele a penetrou. Ela estava tão pronta para ele que ele deslizou dentro dela como uma faca em creme batido. Ela lançou suas pernas através de seus quadris estreitos e enganchou seus tornozelos um no outro, então se firmou enquanto ele começava a empurrar, mover-se com golpes longos, famintos que combinavam com os puxões famintos de sua boca em sua garganta.

Ele grunhiu enquanto ela sussurrava contra sua pele, a cabeça dela girando com o prazer compartilhado de seu toque, seu tamanho, seu próprio aperto liso, firme. Gozaram no mesmo instante, combinados em uma explosão quente que detonou no crânio dela como uma bomba.

Quando terminou, ela gentilmente liberou seu agarre em sua garganta enquanto ele lentamente deslizava para fora dela.

— Sim — ele grasnou. — Eu poderia fazer isso por outros trezentos anos.

Recordando o sonho, ela apenas esperava que ele tivesse a oportunidade.

Val tinha pensado que seus sentidos estavam intensos antes, mas agora cada sensação era tão mais poderosa, que o ato mais mundano se convertia em um assalto sensual. As cores estavam mais brilhante, mais vívidas, os aromas, mais fortes, os sons, mais sonoros. Quando eles



tomaram uma ducha juntos, cada toque das mãos de Cade enquanto ele ensaboava sua cabeça com xampu foi sentido mais profundamente erótico do que nunca.

Fizeram amor outra vez, mas ela resistiu a beber dele; ela viu em seus pensamentos que ele precisaria sair para caçar o quanto antes.

— Além disso — Cade disse a ela enquanto se levantava para se vestir — preciso endireitar as coisas com os policiais, assim podemos ir para casa.

— Isso não vai ser fácil — Val o advertiu, falando dos anos de experiência como repórter de batida policial. — Vão querer saber por que te levou tanto tempo para se apresentar. É linda e malditamente óbvio que aqueles mercenários arrombaram a casa planejando matar alguém, então você provavelmente não será acusado. Mas me prepararia para algumas perguntas difíceis se eu fosse você.

— Eu vou — Cade disse a ela, agarrando sua camisa. — Até então terei as respostas.

— Tão logo quanto você possa bolar algo.

— Bem, eu não posso contar exatamente a verdade, posso? — ele sorriu abertamente e caminhou descansado para a porta.

— Me traga uma muda de roupas quando você retornar — ela lhe disse enquanto ele saía. — Estou definitivamente pronta para me livrar destes shorts.

Cade olhou sobre seu ombro e deu a ela um sorriso malvado.

— Nesse caso, me apressarei.

Enquanto a porta se fechava atrás dele, Val riu sufocadamente. E fez uma careta pelo aroma de suor velho.

— OK, é isso — murmurou sob sua respiração. — Não me importa se ele me trouxer uma muda de roupas, esta roupa será lavada. Não posso ter a probabilidade de estar no mesmo código de área com ele.



Val estava com os tornozelos afundados na água, torcendo seus shorts na banheira, quando ergueu os olhos para ver a cabeça de Abigail atravessando a cortina da ducha. Ela saltou — e gritou enquanto sua cabeça estalava no teto. Deslizando duro, ela escorregou e caiu sobre seu traseiro enviando arcos de água por todo o banheiro.

— Droga, Abigail! — caída na banheira, ela olhou encolerizadamente para o fantasma e esfregou sua cabeça dolorida. — Não faça isso!

A pequena face brilhante do fantasma pareceu se inchar, como se ela lutasse contra uma risada.

Concluo que você passou pela Transformação. Você deve ter saltado um metro para cima.

— Aparentemente — Val resmungou, encanto se endireitava e começava a sair da banheira. Sua parte traseira protestou, e ela a esfregou, olhando para o fantasma ressentidamente. — Embora teria sido melhor ter me informado sobre esse talento particular de alguma outra forma.

Abigail ficou sóbria.

Infelizmente, você tem muitas outras lições difíceis à sua frente. Cade vai ter que te ensinar como ampliar seu poder, e isso não será fácil.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Você quer dizer que não é automático?

Não. Levou a Ridgemont mais de uma semana para ensinar a ele as habilidades. Será mais duro para você, desde que você nunca lutou de alguma forma.

Lembrando-se de sua visão da derrota de Cade para Ridgemont, Val franziu o cenho ansiosamente.

— Abigail, tive um... sonho. Ele...

O fantasma franziu o cenho, pegando a memória de sua mente.

Essa é a arena na mansão de Ridgemont.

— Ele fez sua própria arena?

Abigail deu de ombros.



É onde ele ensinou esgrima a Hirsch e Cade.

— Então essa parte do sonho é real — Val disse. — Droga. Esperava que fosse simplesmente um pesadelo. Podia ser uma memória de algo que já aconteceu? — lendo a resposta nos olhos preocupados do fantasma, ela estremeceu. — Estava com medo disso. Que diabos nós vamos fazer?

Assegurar-se de que não se torne verdade.



Capítulo Dezoito

Quando uma hora se passou e Cade ainda não tinha retornado, Val sentiu a exaustão começar a pesar para ela. Seu corpo ainda estava se ajustando à Transformação; como um bebê recém-nascido, precisava dormir. Deixando suas roupas secando sobre a barra da ducha, ela se cobriu com um lençol e se acomodou nua na cama.

Val despertou com uma sensação de ardor. Abrindo os olhos, ela descobriu que sua mão jazia sob um raio de luz do sol matutino. Ela franziu o cenho para a marca. A pele de seus dedos parecia quente, inchada — como se ela tivesse estado deitada na praia por muito tempo. Mas...

— Oh, inferno! — ela pulou para trás tão rápido que seus músculos vampiros a impeliram pela metade do caminho através do quarto para se chocar com a parede. Contendo-se apenas a tempo de evitar cair com a cara no chão, Val correu ao redor da cama para a janela e cautelosamente fechou as cortinas.

— É uma coisa boa que a explosão em chamas seja um mito — ela resmungou sob sua respiração — ou eu seria uma grande cinza de cigarro agora.

Este negócio de vampiro levaria algum tempo para aprender.

Ela caminhou nua para o banheiro para verificar suas roupas. Estavam amarrotadas e levemente úmidas, mas ela sabia que o calor de seu corpo as secaria. Ela se vestiu, fazendo uma careta com a sensação de tecido úmido contra sua pele.

Seu estômago rugiu. De repente, ela teve uma fome voraz. Uma imagem piscou através de sua mente — Cade, esparramado gloriosamente nu sob ela, inclinando sua cabeça para trás... Seus mamilos alcançaram o ponto máximo, e suas presas deslizaram em todo seu comprimento em sua boca.

Franzindo o cenho, ela pegou uma das escovas de dentes que Cade tinha comprado de uma máquina vendedora.



— Usualmente quando estou com esta fome, fantasio sobre Ovos McMuffins, não Garanhão McMuffins — ela grunhiu para si mesma. Havia algo mais que uma pequena inquietação sobre essa nova Fome e a forma que ela combinava a necessidade por sexo e sangue.

Espremendo creme dental sobre a escova, ela a levantou e afastou seus lábios de seus dentes — e parou abruptamente com a visão das duas presas limpas. Elas eram afiadas, brancas e com uma polegada de comprimento.

— Oh, Deus — ela murmurou. — Realmente sou uma vampira. Que diabos eu fiz?

Olhando hipnotizada para dentro de sua própria boca, ela nem mesmo ouviu a batida. Ela finalmente se sacudiu de seu transe com o som da porta do quarto do motel se abrindo enquanto uma voz alegre chamava:

— Camareira!

Deus sabia que o quarto precisava; Cade pendurara a placa de "não perturbe" dias atrás durante sua indisposição.

— Entre! — ela chamou de volta, e fechou sua boca para esconder as presas.

Val entrou no dormitório enquanto a criada se apressava em pôr uma pilha de toalhas em seus braços. O aroma de xampu e sabonete veio com ela, tão intenso como se ela acabasse de sair do banho. E alguma outra coisa, escura e almiscarada — o próprio perfume natural da mulher.

Val inspirou instintivamente, nunca tendo sentido o cheiro de algo como ela. E ofegou enquanto a essência de sangue inundou sua boca e seu nariz. Não era como o cheiro de Cade. Era um pouco mais suave, um pouco menos ardente, de certa forma. Ainda havia algo tão rico e tentador a respeito disso que fez suas presas doerem.

Ela congelou no vão da porta do banheiro, incapaz de se mover, paralisada pela intensidade repentina de sua necessidade. Caminhando para o banheiro, a mulher quase se chocou com ela. Alarmada, a criada ergueu os olhos e encontrou seu olhar fixo.

— Há algo...



E Val pôde sentir seus pensamentos. Seu nome era Mary Sanders, e ela estava trabalhando para sustentar suas duas crianças enquanto ia à noite para a escola para obter seu diploma de enfermagem. Estava preocupada com George Billingham, seu namorado com quem vivia, que tinha passado dos limites outra vez. Ontem mesmo ele a tinha esbofeteado por não ter o jantar pronto, embora ela tivesse trabalhado todo o dia enquanto ele ficava em casa assistindo programas de auditório e acabando com uma garrafa de vodka.

— Você tem que despachar esse bastardo — Val disse a ela. — Ele vai te mandar para o hospital outra vez.

Os olhos da Mary perderam seu foco.

— Está bem — ela murmurou.

E ela fará isso, Val percebeu espantada, observando a compulsão se fechar sobre a mente da mulher. Eu a influenciei. Bem agora, sem mesmo ter tido a intenção. Não é estranho que Cade use tanto seu poder. É instintivo.

Que talento aterrador. Ela ficou com o olhar fixo sobre a face vazia da mulher menor, perguntando-se selvagememente se ela tinha feito a coisa certa. Sim, Mary obviamente precisava despachar George, mas e se ele a machucasse quando ela dissesse a ele que saísse? E que direito Val tinha de decidir de uma forma ou de outra?

Talvez ela precisasse ir procurar George, também...

E talvez você devesse dizer a ela que erga seu queixo, a Fome murmurou de repente.

Os olhos de Val se arregalaram. *Seria tão fácil,* a voz escura, suave da Fome continuou. *Você não precisa de muito. Não a machucará, e você pode se assegurar de que ela não vá se lembrar.*

— Como tudo anda? — Cade perguntou da porta aberta do quarto do motel.

Ela saltou culpadamente enquanto ele entrava, vestido em suas familiares calças jeans e camiseta pretas. Seus olhos de chocolate piscaram dela para a face vazia da criada.



— Oh, inferno — ele resmungou. Ela o sentiu tocar os pensamentos de Mary, observou-o estremecer pelo que viu lá.

— Não tive a intenção! — Val explodiu, retorcendo suas mãos.

— Eu sei, mas você tem que ter cuidado — ele enviou uma onda de energia psíquica para apagar a compulsão acidental da mente de Mary.

— Mesmo jovem como é, você tem uma porção de poder. Você poderia fazer dano real sem querer — para a criada, ele acrescentou — Por que você não volta mais tarde? Já registrei a saída, então você pode fazer a limpeza depois que formos.

Mary inclinou a cabeça mecanicamente e saiu com os passos lentos, sonhadores de um sonâmbulo.

— Mas e a respeito de George? — Val perguntou. — Ele vai machucá-la cedo ou tarde. Muito.

A boca bonita de Cade se apertou em uma linha sombria.

— Não, ele não vai. Vou falar quatro palavras com ele esta tarde sobre o tratamento certo com as mulheres.

— Posso assistir? — ela sorriu abertamente. — De fato, posso esbofeteá-lo um pouco?

Ele disparou a ela um olhar e negou com a cabeça com uma risada curta.

— Não, não pode, sua garotinha sedenta de sangue!

— Literalmente — Val resmungou com uma careta de desgosto, recordando o quanto perto ela tinha chegado de morder a criada.

— Vá com o território — Cade disse a ela, dando de ombros. — Enquanto isso, vamos. Eu ajeitei as coisas com a polícia e trouxe uma turma de trabalhadores para limpar a casa. Quero estar em meu lar.

Ela flexionou sua mão queimada pelo sol.

— Mas é dia.

— Devolvi o carro do vizinho e trouxe o Lexus. As janelas são polarizadas, então se não ficarmos no estacionamento, você nem mesmo conseguirá um bronzado — ele abriu a porta e a chamou com um gesto.



Cautelosamente, Val saiu, sobressaltando-se quando a luz do sol da manhã instantaneamente assaltou seus olhos. Ouvindo o estalar da fechadura do Lexus se abrir, ela correu para o carro, tentando sair do resplendor assassino. Cade avançou à frente para abrir a porta do passageiro para ela, e ela deslizou para dentro agradecidamente enquanto ele contornava para o lado do condutor.

— Então quando chegarmos a casa, o que faremos?

— Então — ele disse austeramente — nós vamos trabalhar.

Val lhe enviou um olhar investigativo.

— A coisa da ampliação psíquica?

— Sim — ele disparou a ela um sorriso repentino, malvado. — Mas teremos que fazer fora, o que significa que teremos que esperar pelo pôr do sol. Enquanto isso, realmente precisamos pintar o corredor do andar de cima. Esfreguei a fundo as paredes, mas há manchas nas quais você não acreditaria.

Eles realmente gastaram a maior parte do dia trabalhando pela casa, repintando o corredor enquanto uma equipe de instalação punha um novo carpete no chão. Depois de sua experiência com a criada, Val fez todo o possível para evitá-los.

Mas, uma vez que a noite caiu e a equipe foi embora da casa, era hora de conseguir trabalhar em um projeto mais urgente.

— Temos que aprender a ampliar todas as energias dos outros — Cade disse a ela, enquanto caminhavam para a escuridão do pátio de trás. — Mesmo combinados, não temos o poder para levar Ridgemont...

— O quê!? — ela cravou os olhos nele, indignada. — Eu pensei que essa era a vantagem disto!

— Você pode me dar um minuto? Eu quis dizer que se nós apenas lançarmos nosso poder juntos, não é o bastante. Mas se o fazemos saltar de um lado para outro entre nós, podemos intensificá-lo.



Val pensou nisso, então negou com a cabeça.

— Não entendo.

— Olhe, você ouviu alguma vez um chiado de feedback de microfone — aquele som agudo, alto e intenso que você ouve algumas vezes quando alguém está tentando fazer um discurso?

— Sou uma repórter, lembra? — ela fez uma careta, recordando reuniões incontáveis, assembleias e discursos. — Toda vez que eu cobria um evento público qualquer, o microfone de alguém soltava uma resposta ao menos uma vez e ensurdecia todo mundo na sala.

— Sim. Pois bem, o que acontece é que o microfone está tão perto dos amplificadores que ele assimila seu próprio som deles, então alimenta esse som para os amplificadores, que o alimenta de volta para o microfone, e assim por diante. Acontece tão rápido que você instantaneamente recebe uma explosão de ruído.

Ela formou com sua boca um “O” de compreensão.

— E conseguimos fazer o mesmo.

— Mas mais rápido. Infelizmente, só pratiquei isto umas duas vezes, e isso foi em 1872, quando Ridgemont me fez aprender como fazê-lo com ele. Mas ele era tão malditamente poderoso que nunca tivemos que realmente praticá-lo em combate, e não tenho certeza como funcionará.

Val o olhou severamente.

— Isso soa animador.

— Sim, bem, é o único jogo na cidade. Toque meus pensamentos.

Dessa forma?

Certo. Agora mais profundo, como nós fazemos quando fazemos amor. Tente sentir o que eu estou sentindo.

Val foi para mais perto, focando seus olhos escuros, os planos e ângulos de sua face, a lâmina longa, reta de seu nariz e a curva cheia de sua boca.

Você sabe, é um tanto atraente.



Se concentre. O pensamento se agitou com impaciência. *Precisamos conseguir isto. Tente olhar através de meus olhos.*

Ela matou seu sorriso e o olhou mais duro, lutando para deslizar em sua mente. Em segundo plano, ela podia ouvir o murmúrio dos pensamentos dele, a tensão, a preocupação. Umas imagens do punho de Ridgemont disparando para o rosto dela passaram como um relâmpago por sua mente, seguidas por uma dor ardente que explodiu em seu crânio como uma bomba. Sobressaltada, ela deu um passo atrás.

— Droga, você quase conseguiu.

— Aquilo era sua memória?

— Sim. Há provavelmente um monte deles assim. Ridgemont tinha como hobby me espancar como o inferno — ele suspirou. — Olhe, talvez estejamos tentando isso de forma errada.

As mãos grandes de Cade se fecharam em seus ombros. *Concentre-se nisto.* A próxima coisa que ela soube era que ela estava colada contra ele enquanto ele a beijava. O abraço começou duro e sério, mas então ele o suavizou até que seus lábios estavam se movendo brandamente sobre os dela, seduzindo, acariciando.

O veludo quente dos lábios dele era sentido de forma diferente pelos sentidos novos dela enquanto eles se roçavam e acariciavam, as sensações familiares crescendo intensa e surpreendentemente. A língua dele deslizou silenciosamente em sua boca para formar redemoinhos em uma doce dança em torno da dela. Ela sentiu sua Fome crescer.

O corpo tenso de Cade relaxou contra ela, e ela se afundou nele, saboreando o comprimento longo, quente de seu corpo. Bem como a forma como ele a sentia, magra e macia contra ele. Sua mente tocou a dela, atraindo-a para mais perto em um abraço que tornava um seus corpos compartilhados.

Veja como eu te sinto, ele pensou. *Tão bom.*

Ela teve uma imagem surpreendente de seu próprio corpo, nu e langoroso, mamilos duros e pernas entreabertas. Ela corou de vergonha, mas ao mesmo tempo sentiu sua aprovação faminta quando ele pensou:



Você é tão linda.

Agora você está brincando comigo, ela lhe disse. Isso parece algo saído de um pôster de revista.

Você que está me dizendo! A satisfação masculina em sua voz mental a fez rir nervosamente. Ele a beijou outra vez, avidamente, sua boca se movendo sobre a dela em deliciosa luxúria.

Ela procurou por uma memória dele, rocha dura e faminto, seus olhos negros brilhando.

Você mesmo não é tão mau, Cowboy.

A imagem o sobressaltou tanto como a memória dele tinha feito com ela.

Acho que você está me idealizando.

Uh-uh. Ela começou a beijá-lo num caminho sobre sua mandíbula para sua orelha direita. *Você é o homem mais erótico que jamais encontrei.*

Ele a puxou para mais perto, seus braços se fechando apertados em torno dela enquanto sua mente atraía a dela mais profundamente. Mordendo o lóbulo dele, ela sentiu a delicada sensação de dentes em sua orelha, embora ela soubesse que a boca dele não estava em lugar algum perto dali. A sensação a deteve totalmente, e o suave morder cessou.

É um eco mental, disse a ela. *Mais perto. Você quase conseguiu.* Ela mordiscou outra vez, concentrando-se na sensação fantasmal até que ela se intensificou.

Com uma sacudida, ela se encontrou repentinamente parada em uma posição diferente, olhando para baixo para um ombro magro. Um peso caía contra ela. Seus braços suportavam algo frouxo e pesado. Ela voltou sua cabeça e viu o perfil de uma mulher, olhos fechados, boca ligeiramente aberta, aparentemente congelada com sua cabeça ruiva descansando sobre o ombro de Cade.

De onde diabos ela viera?

É você, Val, Cade lhe disse. *Você conseguiu. Você está em meu corpo.*



Seus olhos se abriram de repente. Endireitando-se com uma sacudida, Val contemplou Cade selvagemente.

— Droga — ele disse. — Perdemos.

Ela se afastou dele, piscando.

— Que diabos aconteceu?

— Nós nos fundimos — ele estendeu a mão para segurá-la quando ela cambaleou. — Sua consciência estava dentro de mim.

Os pelos se eriçaram na nuca dela.

— E a respeito de *meu* corpo?

Lendo seu medo, ele lhe disparou um olhar.

— Você acha que eu a teria deixado fazer algo que a machucaria?

Ela suspirou.

— Não. Então o que aconteceu?

— Quando nossas mentes se fundiram, você desmaiou. Seu sistema nervoso autônomo continua funcionando, entretanto, comandando seu coração e seus pulmões e todo o resto. É como um sono profundo — bem, mais que isso. Se um médico a examinasse, provavelmente pensaria que você estava em coma.

— Minha mente deixou meu corpo? — ela não gostou de como aquilo soou.

Ele negou com a cabeça.

— Não, mas a ligação é tão profunda que parece. Assim que nos separamos, você recupera a consciência.

— Isto me assusta mortalmente, Cade.

Cade esfregou uma mão sobre sua face.

— Sim. Deveria. Infelizmente, é a única forma que nós temos de ter uma maldita chance de matar Ridgemont.

— Mas e se nós não pudermos? — ela engoliu em seco, lembrando-se daquele sonho aterrorizador. — O que vai acontecer se perdermos?



— Eu morrerei — Cade deu de ombros. — Felizmente, se eu morrer quando estivermos fundidos, isso não te matará — apenas lançará sua consciência de volta para seu corpo.

Ela olhou encolerizadamente e empunhou suas mãos em seus quadris.

— Para uma vida muito curta como brinquedo sexual de Ridgemont. Não que eu me importasse com sua morte.

— Você quer voltar atrás nisto?

— Ele não nos deixaria mesmo se eu fizesse isso — Val sorriu firmemente. — Além disso, não se precisa recorrer à telepatia para saber que você nunca correu de uma luta em sua vida.

Ele baixou os olhos para ela, seus olhos negros solenes.

— Eu correria dessa para te manter viva.

— Sim, bem, a única forma de fazer isso é chutar o traseiro morto vivo de Ridgemont — ela suspirou. — O que se supõe que faremos agora?

— Tentar de novo — Cade deu um passo contra ela e deslizou seus braços ao redor de sua cintura. — Ao menos este método particular tem seus encantos — sorrindo, ele abaixou sua cabeça e tomou sua boca com a dele. Ela se estendeu para ele, com seus braços e sua mente.

E se tornou uma com ele.

A próxima coisa que Val soube era que ela baixava os olhos em sua face inconsciente.

— Isto é apenas muito horripilante — as palavras saíram na voz profunda de Cade.

— Não faça isso — ele disse, balançando o corpo dela facilmente em seus braços. Ela estava alarmada por quão leve ela parecia ser. — Olhe, não tente fazer nada a princípio, OK? Apenas observe... — ele cambaleou e se refreou. — Ou você me fará tropeçar. Meus músculos podem obedecer apenas um conjunto de ordens de uma vez. E você não é capaz de comandar um corpo deste tamanho.



Espero que os vizinhos não assistam, ou pensarão que você está falando sozinho, ela lhe disse, mudando para a comunicação mental.

Está tão escuro que eles não podem ver uma coisa maldita daqui. E uma coisa boa, também. Ele a transportou para dentro e a pôs no sofá da sala de estar. Quando ele se endireitou, baixou os olhos para a mulher magra, pálida no sofá.

— Isso não se parece comigo — Val disse.

— É realmente desconcertante ouvir minha voz dizendo frases alheias.

Sinto muito. Realmente sou assim? Eu sou... pequena.

Você se vê de perto no espelho, Val. Perspectiva diferente. Além disso, sou vinte centímetros mais alto que você. Comparado a mim, você é pequena. Eu deveria obter um trabalho bobo?

Uma imagem passou como um relâmpago da mente dele para a dela, um seio nu pouco antes da boca dele se fechar ao redor de seu mamilo. *Não. Você é perfeito.*

Isso não foi um comentário, eu estava apenas pensando. Você sabe, algumas vezes os pensamentos apenas passam como um relâmpago por sua mente, e você não quer compartilhar com o mundo.

Eu te lembrarei disso na próxima vez que alguma loira voluptuosa passar por aí.

Malvadamente, ela descreveu um porco com presas e uma capa de vampiro.

Sim, bem, você parece ter desenvolvido um gosto pelo sabor do bacon, querida, então você terá simplesmente que viver com ele. Vamos trabalhar.

Enquanto ele voltava para o lado de fora, ela se perguntou o quão perto ela tinha de estar para a conexão dar certo.

Não tenho certeza, Cade respondeu. Poderíamos experimentar e ver. Acho que depende do quão fortes estivermos.

Seria melhor descobrirmos. *Eu odiaria que nós saíssemos do limite no meio da luta.*



Bom ponto. Ele franziu o cenho enquanto caminhava para o pátio. Val ficou instantaneamente distraída pela sensação de grama fria sob seus pés e o perfume rico, floral da primavera no ar. Preste atenção, disse a ela. Vamos começar com uma série de katas.

Ela estava pouco familiarizada com a palavra, mas sabia seu significado das memórias dele: rotinas de artes marciais desenhadas para praticar habilidades até ficaram automáticas.

Por que alguém que pode arrancar o banco de um Buick precisa estudar caratê?

Quando você planeja combater um imortal de oitocentos anos de idade, estuda qualquer maldita coisa que possa. Cade passou a treinar, seu corpo se movendo fluidicamente enquanto ele lançava socos e chutes em adversários imaginários.

Ele começara a praticar as diversas artes marciais na década de 70, tanto que, agora, já não tinha que pensar no que estava fazendo. Para Val era profundamente desconcertante, olhava através dos olhos dele para ver um longo, intensamente musculoso braço ou perna se impulsionar em vez dos mais magros, mais curtos membros dela, que sua mente insistia em que deveriam estar lá.

E a velocidade puramente animal e o poder do corpo dele eram incríveis. Sentindo-o se mover, experimentando a intensa concentração e disciplina que ele tinha trabalhado para construir em décadas — isso tudo desencadeou um ardor lento, quente, de excitação em Val. Ela queria saborear aquela força dura, deliciosa deslizando dentro nela, tomando-a...

Ele se deteve em seus passos.

Val, se você não acabar com isso agora, eu vou ter que voltar para dentro e montar esse seu pequeno corpo delicioso, você estando dentro dele ou não. Havia uma sensação de calor e peso na virilha dele que ela subitamente percebeu que era uma ereção dura como rocha.

Oh, ela disse, envergonhada. Sinto muito!

Não, você não sente. E tampouco eu. Mas realmente precisamos acabar com isto antes de brincarmos.



Tentando se distrair, Val focou a atenção em observar tudo ao redor deles enquanto ele voltava aos seus *katas*. Mas isso só reforçou sua desorientação, desde que os sentidos vampirescos de Cade eram ainda mais intensos que os dela. A noite estava cheia de um constante sussurro e vozes que ela nunca ouvira antes, e o ar estava perfumado com aromas que ela nem mesmo poderia identificar. Inclusive as árvores e a grama pareciam estranhas, cada folha e cada caule visível na escuridão.

Já para Cade, era tudo familiar. Ele sabia que o estalo e sussurro era um gato dormindo sobre a grama atrás deles, reconhecendo que o aroma pronunciado, almiscarado queria dizer que uma fêmea tinha gingado havia umas três ou quatro horas mais cedo.

Três ou quatro horas? Você pode sentir o cheiro de algo que andou há três ou quatro horas a esta distância?

Bem, sim. Havia oculto no pensamento um “Qualquer um não pode”? Tinha passado tanto tempo desde que Cade olhara para o mundo através de sentidos normais que ele já não se lembrava de como era.

De repente, Val teve a sensação vertiginosa de que ela estava se tornando uma não humana. E só pioraria quando os anos passassem. Abrindo os olhos, ela contemplou o teto da sala de estar, voltando para seu próprio corpo outra vez.

Val?

Me dê um minuto, droga. Ela se endireitou no sofá, baixando os olhos fixamente para suas mãos enquanto entrelaçava seus dedos de forma apertada. Ela nunca percebera como eram delicadas e finas comparadas às enormes patas de Cade. Até seu próprio corpo parecia um desconhecido.

— Val, nós temos que fazer isto.

Ela ergueu os olhos para vê-lo parado no vão da porta. E sentiu o soco da vertigem. Pela primeira vez em sua vida, ela sabia o que realmente parecia ser um outro alguém.

— Eu nunca poderei voltar ao que eu era — Val disse suavemente. — Estou me perdendo.



— Não, Val. Não está. Você é mais forte do que pensa — Cade disse, então riu suavemente. — Inferno, você é a pessoa mais forte que conheço. Quando o tempo passar, você se encontrará acostumada com seu corpo novo. Não parecerá tão estranho então.

Ele caminhou para o sofá, sentou-se ao lado dela e pegou uma de suas mãos para segurá-la gentilmente. Ela curvou seus dedos nos dele e se apoiou contra seu ombro musculoso. Ela podia senti-lo refreando sua impaciência, seu empenho para dominar com mestria aquela nova habilidade de maneira que pudesse alcançar a meta pela qual ele vinha se esforçando havia cento e vinte anos.

Matar Ridgemont era mais que uma obsessão para ele, ela percebeu, compreendendo-o agora de uma forma inteiramente nova que a que o *vinha* compreendendo. Para Cade, assassinar o ancião era um chamado sagrado. Seu comentário sobre correr da luta com seu inimigo revelava o quanto ele verdadeiramente a amava.

— E se não pudermos fazer isso? — Val perguntou suavemente, a lembrança do sonho atormentando-a. — E se *eu* não puder fazer? Não quero te ver morto.

Cade abriu sua boca, então a fechou e suspirou.

— Comecei a te dar um discurso “é isso” de macho, mas você sabe que eu não estou mais certo de conseguir isso que você. Apenas sei que não vamos conseguir uma maldita coisa sentando neste sofá. Se jogue.

Ele não quis dizer fisicamente. Ela rangeu seus dentes e se lançou. Assistiu enquanto ele pegava seu corpo antes que ele pudesse atingir o piso. Cade ajeitou sua forma frouxa no sofá outra vez, então caminhou de volta para fora para começar outro *kata*.

Você vai ter que começar a fazê-lo comigo, disse a ela. A ideia é um ampliar o poder do outro, então temos que trabalhar juntos.

Ele girou sobre um eixo. Ela tentou se mover com ele, mas na metade da volta sua perna esquerda travou. Eles atingiram o solo com um ruído surdo irritante.

— Maldição, Val, meus... — ele começou, ao mesmo tempo em que ela dizia — Sinto muito! — a boca dele paralisou aberta, sua garganta



fechada, e um profundo som rangente veio de seu peito. Ela desistiu de tentar falar, e Cade explodiu — músculos só podem obedecer a um conjunto de ordens de cada vez!

Olhe, eu nunca tinha feito isto antes! O que você espera?

A cólera dele desmoronou.

Ah, inferno. Sei que isto é difícil. Vamos apenas ter que aprender a ficarmos sincronizados.

E se eles fizessem aquilo apenas ao lutar contra Ridgemont?

Não iremos, ele disse a ela, lendo seu medo. Uma vez que exercitarmos tempo o bastante, se tornará uma segunda natureza.

Quanto tempo isso irá tomar, Cade?

Não tenho ideia.

Melhor nós começarmos, então.



Capítulo Dezenove

Trabalharam por horas, girando e voltando — e frequentemente com Cade caindo de cara — até que o suor escorria do corpo dele e os hematomas manchavam sua pele. Gradualmente ele começou a se mover mais facilmente enquanto ela aprendia o truque da fusão tão profundamente com ele que ela já não era nem mesmo consciente de si mesma.

Finalmente ele parou.

Acho que isso é suficiente. Trabalharemos na amplificação da força amanhã à noite.

Com um suspiro, Val relaxou e abriu seus olhos para cravá-los no teto da sala de estar. A dor e a exaustão que tinha estado construindo por horas foi embora repentinamente. Em seu lugar, havia um latejar longo, profundo em seu crânio, uma dor de cabeça violenta que parecia ter surgido do nada.

As portas francesas se abriram e Cade mancou para dentro. Seus cabelos escuros caíam retos, e seu joelho sangrava por um desagradável arranhão. Ela correu para ele enquanto ele se jogava no sofá. Sabendo o que ele vinha querendo durante a hora anterior, ela se levantou e foi à cozinha para tirar uma cerveja do refrigerador.

— Acho que consegui a melhor parte nessa transação — ela lhe disse, fazendo estalar a parte superior enquanto a dava a ele. — Liquidamos seu traseiro, e estou completamente descansada — ela sentiu outro desagradável latejar. — Exceto por uma dor de cabeça assassina.

Ele derrubou a cerveja em um gole longo, ondulante. Triturando a lata em sua mão, disse:

— Espero que nos ajude a combater Ridgemont.

Ela estremeceu.



Apesar de sua relativa falta de lesões, Val se encontrou sentindo-se tão quebrada que seria bom uma ducha. Mas quando entrou no banheiro master, seus olhos caíram na enorme banheira garden assentada próxima de uma daquelas deslumbrantes janelas de vitrais coloridos. Ao redor da banheira estavam velas de loureiro em vasos de cristal, e em um canto havia um vidro de espuma de banho com essência de pêssego. Evidentemente Camille os tinha deixado atrás.

Agindo por impulso, Val se despiu, encheu a banheira de água deliciosamente quente, verteu uma generosa quantidade de espuma de banho e acendeu as velas. Com um suspiro de prazer puro, voluptuoso, ela se afundou na água e se reclinou, fechando os olhos. O estouro e sussurro das minúsculas bolhas inundaram seus sentidos vampíricos enquanto o fluxo sedoso da água acariciava sua pele.

Deus, ela pensou, eu precisava disto.

Ela relaxou no calor e perfume, deixando-se meio flutuar enquanto sua dor de cabeça se afastava. Até que a voz aveludada de Cade ronronou:

— Mmmm. Uma ruiva nua e bolhas.

Val abriu um olho. Ele estava no vão da porta, uma delicada taça *Flût* de champanhe em cada mão grande, trajando nada mais que um sorriso malvado. Ela sentiu um formigamento doce, quente apenas ao olhar para ele.

— Um vampiro nu e champanhe — ela disse, olhando-o vaguear pelo cômodo. — Não pensei que nós bebíamos... vinho.

— Bebemos todos os tipos de coisas — ele disse a ela, dando-lhe ambas as taças. — Se você permitir que eu me una a você, demonstrarei.

— Entre, se você não liga de ficar com cheiro de pêssego — ela se endireitou e se apressou a ir para frente para deixá-lo entrar na banheira atrás dela. Cade entrou silenciosamente e se acomodou na água, que espirrou alarmantemente perto da borda da banheira. Val se recostou contra seu peito duro com um suspiro de puro deleite, então lhe deu uma das *Flûts*.

Ele inclinou a taça para um gole, relaxando sob ela.



— Deus, eu precisava disto.

— Justo o que eu estava pensando.

— Me desculpe pelo momento como feitor de escravos. Fico um pouco irritado quando se trata de Ridgemont.

Ela girou sua cabeça para erguer os olhos para a face dele com um sorriso malvado.

— Você acha?

— “Sabe tudo”.

— Em qualquer caso — Val parou para beber um doce, borbulhante gole de champanhe — não quero mais ouvir a palavra comaçada com “R” esta noite. Quero apenas me sentar aqui à luz de velas e às bolhas e ser hedonista.

Ele pôs sua taça no chão ao lado da banheira e se estendeu para gentilmente roçar seus polegares sobre seus mamilos macios. Instantaneamente, alcançaram o tamanho máximo e começaram a corar.

— É isto o que você tinha em mente?

Ela deixou sua cabeça cair contra seu ombro.

— Você leu minha mente.

— Oh, sim. E quando fiz, vi que garota você é, uma garota má, muito má — lentamente, preguiçosamente, ele traçou e puxou as pequenas pontas rosadas até que ficaram rígidas e coradas.

Não foram as únicas coisas a ficarem assim, tampouco. Val pôde senti-lo enrijecer contra suas costas. Ela mordeu seu lábio e gemeu.

— Você sabe, eu realmente gosto de garotas muito más. Especialmente quando têm seios tão bonitos — ele retumbou em sua orelha.

Ela acariciou suas coxas duras, fortes sob a água, desfrutando das correntes delicadas que redemoinhavam ao redor de seus dedos.

— Você é mesmo lindamente mau, Cowboy.

— Vejamos justamente o quanto eu posso ser mau.



Murmurando palavras escuras, famintas, eles se agitaram juntos, traçando e tocando, ouvindo o estouro das bolhas de sabão, inalando a essência de sexo e pêssegos.

— Eu te amo — Cade disse de repente em uma voz baixa, dura. — Não importa o que aconteça, nunca se esqueça disso.

— E eu te amo — ela murmurou em retorno. — Te amar, te conhecer — vale o risco. Vale tudo. Mesmo sabendo que teremos de combater...

— Não diga o nome desse bastardo — ele grunhiu, girando-a sob ele. Água derramou. As bolhas estouraram em torno dos ombros dela, que sorriu ardentemente para nele.

— Não há lugar nesta banheira para ninguém mais que nós.

Ele deslizou dentro dela, uma arremetida longa, quente em seu creme pronto que arrancou um ofego erótico de seus lábios.

Os olhos escuros se focando nos dela, Cade começou a se lançar contra ela em impulsos lentos, potentes que levaram a água da banheira a derramar sobre a borda. Deslumbrada, ela o observou, memorizando as linhas fortes de seu rosto à incandescência da luz das velas.

Ainda preenchendo-a duro, ele se inclinou e tomou sua boca em um beijo que tinha sabor de champanhe, sexo — e desespero. Em minutos, ele a fazia cair queimando pela beira de um clímax longo, agitado, e a seguiu, ardendo.

Nós vamos quebrar cada osso de sua mão, Val disse a ele na noite seguinte.

Não se fizemos certo. Cuidadosamente Cade colocou a porta do cofre contra o maciço carvalho. Ele tinha pegado a coisa de base grossa de sólido aço em um depósito de sucata mais cedo naquele dia, pagara ao dono e lhe dissera que estariam de volta mais tarde, depois que conseguissem um pessoal para transportá-la. O pessoal realmente constava de si mesmo e Val, embora eles tivessem tomado cuidado para não deixar qualquer um vê-los pegar a porta quando retornassem essa madrugada; pesava perto de uma



tonelada. Tiveram que pedir emprestada a caminhonete de um vizinho para transportá-la, e o veículo afundara sobre suas rodas quando tinham carregado a porta para cima dele.

Val estava ainda um pouco abalada pelo quanto tinha sido fácil erguer a maldita coisa.

Sem auxílio, eu poderia amassar uma porta como essa, mas não muito mais que isso, Cade disse a ela enquanto tomava uma posição num suporte de artes marciais diante do painel de aço grosso. *Ridgemont poderia fazer seu punho atravessá-la. Temos que ser capazes de fazer o mesmo.*

Ela se sobressaltou e pensou ansiosamente em seu próprio corpo, caído inconsciente no sofá.

Isto vai doer.

A dor é boa para você.

Não, não é. Por isso é que a chamam de dor. As pessoas normais a evitam.

Olhe, nós nos tornamos peritos em nos mover juntos. Agora temos que aprender como amplificar minha força, e isso é bastante mais difícil. Além disso, se fazemos isto bem, não é realmente meu punho que toca o metal, é a força que geramos juntos.

Você começa a soar como uma reprise de Kung-Fu, Gafanhoto.

Cade suspirou.

Apenas observe.

Ele se concentrou. Seu punho disparou e voltou tão rápido que um mortal não teria sido capaz de ver tudo. Quando ela olhou a porta, havia um amassado grande em sua superfície de metal maculada.

Eu nem mesma senti você atingi-la.

Isso é porque não fiz isso.

E na mente dele, ela viu que seu punho tinha agido como o portador para a onda de força telecinética que ele enviara projetada para o alvo. O que tinha de fazer era pegar aquela força e amplificá-la, então dispará-la de volta para ele.

Entende?



Talvez. Vamos tentar.

Dessa vez enquanto ele concentrava seu poder, ela tentou ajudar a aumentar a energia. O punho dele lampejou, mas o amassado não foi maior que na primeira vez.

Tempo acabado.

Você a atingiu muito rápido. Não tive tempo de amplificá-la.

Temos que fazer isso rápido, Val. Ridgemont não vai estar me combatendo em câmara lenta.

Repetidas vezes, eles praticaram, golpeando a porta até que o corpo de Cade doeu e o suor trilhou caminhos pinicantes por suas costelas. Os amassados gradualmente ficaram mais profundos, mas não o suficiente.

— Você está se contendo! — ele disse a ela. — Você tem que dar tudo o que tem, ou isso não funcionará.

— Eu *não* estou me contendo! — Val rosnou, mal notando o grunhido profundo da voz de Cade.

— Você lembra-se daquele maldito sonho, Val? Quer que aquilo se torne verdade? Esforce-se ao máximo nisso!

Furiosa, ela socou duramente seu punho na porta, não pensando ou se importando que fosse o punho de Cade, mal consciente quando ele adquiriu a energia e empurrou de volta para ela, ou que ela a rebateu como um voleio de tênis, tudo na velocidade do pensamento.

Houve uma explosão ensurdecadora e o guincho e rangido de metal.

Estupefata, Val cravou os olhos no braço de Cade. Estava enterrado até o cotovelo em um buraco rasgado no aço.

— A porta não é tão profunda. Onde está o resto de seu braço?

— Acho que está na árvore.

— Que porra você está fazendo? — uma estranha voz masculina exigiu. — Você sabe que horas são?

Sobressaltados, eles ergueram os olhos para encontrar um homem barrigudo irado vestido em roupão e chinelos parado no pátio uns poucos metros longe.



— São três horas da maldita manhã — o homem rosnou. — Que diabos você está fazendo batendo numa chapa de aço com um martelo de bola às três horas da maldita man... — seus olhos caíram na grossa porta brilhando à luz da lua cheia, o braço de Cade enterrado nela até o cotovelo.

Ele empalideceu e começou a recuar.

— Uh, desculpe por te incomodar. Acho que apenas vou... ah... toma uma pílula para dormir.

Eles o observaram correr para longe.

Você não deveria hipnotizá-lo ou algo assim?

Pela manhã, ele terá se convencido de que sonhou a coisa toda. Além disso, eu pareço estar emperrado.

Com essa habilidade dominada com mestria, eles gastaram várias noites seguintes treinando com espada e escudo. A cada noite, depois que terminavam de atacar adversários imaginários à luz da lua, Cade a levava para atacar ladrões e vendedores de drogas reais, assim ela podia aperfeiçoar o uso de seus poderes.

Eles mal tinham completado o caminho de acesso depois de uma dessas excursões quando Val ouviu o toque do telefone dentro da casa. Ela esperou que a pessoa que chamava desistisse antes que ela entrasse para responder, mas ele seguiu em frente tocando.

Algo a respeito desse trinado sonoro, exigente trouxe agulhões de ansiedade em sua pele. Ela correu rapidamente para dentro e arrancou o telefone de seu lugar, Cade aos seus calcanhares.

— Olá?

— Val? — era a voz de Beth, soando lacrimosa e tensa.

O fundo de seu estômago caiu.

— O que está errado?

— Eu atrapalhei tudo, Val.



— O quê? Bebê, o que você...

A voz de Ridgemont veio na linha.

— Olá, querida. Deixe-me falar com Cade.

Uma onda de frio veio até sua barriga e através de sua face.

— O que você fez a ela, filho de uma puta?

— Nada, ainda. Mas isso vai mudar se eu não ouvir a voz do Pistoleiro na linha dentro do próximo...

Cade gentilmente pegou o telefone de seus dedos rígidos.

— OK, estou aqui.

— Divertindo-se, McKinnon? — com a audição intensificada de Val, ela não teve problemas em discernir a voz de Ridgemont.

— Até agora. O que você está fazendo com a irmã de Val?

— Como eu disse, nada até agora. Mas estou tendo um grande número de ideias. Você sabe que Valerie não é a única irmã Chase que é Kith?

Oh, Deus. *Beth é Kith?* Val cravou os olhos no telefone, cambaleou. *E é prisioneira de Ridgemont?*

— Por quê? — ela tentou, sua voz chocada. — Por que ele a arrastou para isso? Pensei que a ideia inteira de me tornar vampira era te dar uma oportunidade de lutar. Se ele a Transformar...

— Não tenho intenção de fazer qualquer coisa assim — ainda — Ridgemont lhe disse, aparentemente sobreouvindo seu comentário. — Mas me ocorreu que, te tendo, o Pistoleiro poderia decidir não te pôr em risco ao lutar contra mim. Agora dei a ambos um pequeno incentivo.

— Nós íamos! — Val grunhiu ao telefone. — Você não precisava...

— Ela é realmente muito encantadora, você sabe. Não estou certo de quanto tempo possa resistir à tentação. Você estaria bem advertido para estar no próximo voo para cá.

A face de Cade estava dura como pedra.

— Estaremos aí.



— Claro — havia um sorriso em sua voz. — Essa veia heroica o faz bastante previsível, McKinnon. Você realmente deveria fazer algo a respeito disso.

O telefone fez um clique enquanto ele desligava o telefone.

— Como ele a encontrou? — Val murmurou, pânico e fúria comaçando a ascender. — Como diabos ele a encontrou? A delatamos de alguma maneira? Sei que ele não conseguiu de mim; eu não sabia onde ela estava.

— Não importa — Cade disse, caminhando para a agenda telefônica situada sobre o balcão de cozinha. — Temos que nos ocupar disso de uma maneira ou de outra. Vá pegar uma mala enquanto eu reservo o voo.

Sem outra palavra, ela correu rapidamente para as escadas e subiu três degraus de uma vez. Ela arremeteu em seu dormitório para abrir com ímpeto a porta do armário, agarrou mochila de Cade e uma das malas dela e atirou as duas na cama. Rapidamente cruzou o quarto para a escrivaninha para tirar uma muda de roupa íntima e um par de calças jeans para cada um deles.

A julgar por sua própria experiência, ela sabia que Ridgemont não tivera tempo de transformar Beth, mas tivera tempo para seus outros hobbies. Ela estremeceu, recordando imagens que ela tinha visto na mente de Cade do tratamento do ancião com as mulheres.

Então ela enrijeceu com outra memória, essa dela própria: Ridgemont sorrindo para seu corpo nu depois que os mercenários a tinham levado. *“Eu facilmente poderia me persuadir de que te violentar por enquanto conduziria Cade em uma fúria muito satisfatória.”*

Oh, Deus.

Quando Cade entrou no dormitório, ela chorava selvagemente e estufava as roupas em uma mala de pernoite até que ela estava tão completamente cheia que eles nunca seriam capazes de fechá-la.



Seu coração se retorcendo pela aflição e fúria que ele podia sentir irradiando dela, Cade caminhou até ela e gentilmente arrancou o par de calças jeans de suas mãos.

— Já basta, querida. Só necessitamos de uma muda de roupas por enquanto. Por que você não se senta e me deixa terminar isto?

Ela caiu sobre a cama e enterrou sua face em suas mãos, seus ombros esbeltos estremecendo.

— Deus, Cade, não posso falhar com ela, também!

Ele fez uma pausa no ato de puxar um blusão de moletom da mala estufada enquanto captava a corrente de culpa redemoinhando em sua mente.

— Você não falhou com ninguém, Val.

— Sim, falhei — seu tom foi tão lacônico e derrotado que ele teve que olhar mais profundamente. Ela se lembrava de sua mãe, nua e resistindo quando Hirsch a violentou enquanto Ridgemont se alimentava de seu pai.

Ele suspirou e se sentou na cama, deslizando um braço ao redor de seus ombros.

— Val, sabendo o que você sabe de nós agora, o que você pensa que poderia ter feito? Você era somente uma garota de doze anos de idade, e nós éramos vampiros. E mesmo a respeito disso, você ainda conseguiu salvar sua irmã.

Ela levantou sua cabeça com um estalo e o olhou encolerizada com olhos vermelhos, inchados.

— Mas não a salvei desta vez, salvei? Deixamos o filho da puta pegá-la.

— Mas ele não vai mantê-la. Nós a afastaremos dele, eu juro a você.

— Mas o que ele terá feito com ela enquanto isso, Cade? E se nós perdermos? Ele nos matará, mas ela não vai ser tão afortunada. Não quero que ela viva no tipo de inferno que você viveu pelos próximos cem anos — ela respirou profundamente. — Ou até que ele a mate.



Cade se estendeu, pegou seu queixo em sua mão até que seus olhos encontrassem os dele.

— Então eu espero que isso queira dizer que nós apenas não iremos perder. Iremos?

Ela ficou com o olhar fixo nele, e ele a deixou ler sua determinação e desespero que refletiam os dela própria. O queixo dela se firmou.

— Não. Não iremos perder.

Tiveram sorte ao reservar o voo para Nova Iorque. Val se aconchegou ao lado de MacKinnon, uma mão na dele, reconfortando-se com a sensação de seus dedos quentes, longos. Apesar de sua nova natureza, ela percebeu que o terror afetara a maneira como sempre agia — com uma náusea irritante. Seus sentidos vampíricos não ajudaram, assaltando-a com uma variedade desconcertante de aromas: plástico, colônia, suor, sangue, combustível de avião. Ela sabia que teria se perdido ao menos uma vez se não fosse pelas ondas de calma que seu amante disseminou sobre ela, ajudando a sossegar seu estômago com um pensamento.

Longe em sua mente, uma voz baixinha continuava balbuciando, *Não estamos preparados para isto. Preciso de mais prática. E se eu atrapalhar tudo? E se eu o fizer tropeçar outra vez e o fizer morrer? E sobre o sonho? Se ele se transformar em realidade?*

Você não vai me fazer morrer, Cade lembrou. Olhe, eu combati Ridgemont antes...

E perdeu.

Porque eu não tinha você. O bastardo esteve me treinando por décadas, me preparando para esse mesmo dia. Sei como ele pensa, sei como ele luta. Podemos derrotá-lo.

O problema em compartilhar mentes, ela lhe disse, é que é malditamente duro dar a outra pessoa uma esperança quando ela sabe que você está com as mesmas dúvidas.



Sim, bem, ambos precisamos afastá-las para um lado. A dúvida pode nos matar. Nós vamos fazer isto. Vamos ter êxito. Concentre-se nisso.

Ela apertou suas mãos em torno das dele. E lutou para esquecer seu medo.

Enquanto voavam para Nova Iorque, o amanhecer estava nascendo. Val observou com temor como o céu ia se iluminando, passando de negro para índigo profundo, e se deu conta de que ela nunca veria o nascer do sol da mesma maneira outra vez.

Era possível que ela nunca pudesse ver o nascer do sol outra vez, ponto.

Com esse pensamento, ela pôs de lado seu medo do que o sol podia fazer ao seu corpo de vampira e se concentrou na lenta explosão de luz através do céu. O púrpura se fundiu em rosado, iluminou-se num rosa profundo, logo se intensificou em salmão antes de resplandecer em quente combustão laranja enquanto uma fatia do sol deslizava sobre o horizonte. A luz apunhalou seus olhos tão duro que ela se sobressaltou com a dor e teve que se virar. Teria sido sempre dessa forma, ela se perguntou, os olhos lacrimejando, ou eram seus novos sentidos que deixavam ver a glória?

— Um pouco de ambos — Cade murmurou em sua orelha. — Mais, quando você está se preparando para uma luta, tudo é mais intenso, mais real. Suponho que é por isso que Ridgemont faz isto. Ele vive há um tempo tão malditamente longo, que a única forma em que ele se sente vivo é apenas quando ele sabe que pode morrer.

Ela soltou uma risada estrangulada.

— Suponho que seja algum conforto que ele tenha bastante fé em nossa habilidade de fazê-lo correr.



Enquanto aterrissavam, os nervos de Val se tensionaram ainda mais. Mas quando ela tocou a mente de Cade, encontrou unicamente uma calma estabilidade. O único medo que ele sentia era por ela.

Ela viu um flesh de algo — Ridgemont com um chicote em sua mão, uma memória de dor tão intensa que a fez ofegar. Torceu-se para olhar em um espelho e ver as costas largas de Cade escorregadias de sangue, a carne rasgada em doze lugares. Enjoada, ela murmurou:

— Por quê?

— Porque ele podia — havia ódio nos olhos de Cade. — E eu não podia detê-lo.

Minha irmã está nas mãos daquilo.

— Não por muito tempo — ele grunhiu.

— Imagino que precisamos alugar um carro — Val disse para Cade, enquanto entravam no lobby do aeroporto.

— Sim, eu...

— Ei, Cade!

Eles se viraram para ver um homem maciçamente musculoso em uma cópia do velho uniforme de chofer de Cade. Val viu em seus pensamentos que seu nome era Bobby Mason, o motorista de segurança de Ridgemont.

— O chefe me enviou para pegar vocês — ele disse.

Cade olhou para Val e deu de ombros.

É realmente seguro?

Sim, disse a ela. *Ridgemont quer uma luta limpa. Por uma vez, ele não fará joguinhos. Seus olhos brilharam. Não comigo, de certa forma.*

Ambos sabiam que Beth podia não ter sido tão afortunada. O estômago de Val deu outra violenta torção, e ela aspirou profundamente para acalmá-lo.



— Que diabos está acontecendo, Cade? — Mason perguntou logo que Val se aliviou de seu alvoroço. — Hirsch desapareceu, e o chefe não dirá onde ele foi. Não que eu sinta falta do filho da puta. E o chefe tem aquela garota aprisionada...

— Ele a machucou? — Val exigiu.

O grande chofer congelou, sua boca aberta. Ela viu um giro de memórias na mente dele — Beth, pálida e assustada enquanto Mason a escoltava para o quarto dela, Ridgemont sorrindo de maneira aberta...

Libere-o, Val. Você se excede no uso da força.

Ela se sobressaltou com a ordem mental de Cade, e Mason se sacudiu, olhando fixamente para ela com um olhar doente, vidrado em seus olhos. Ela captou uma sombra de um pensamento, bem quando arrancava o nome dele de sua mente: *Tenho que deixar esse trabalho...*

Ela sentiu uma onda repentina de vergonha.

— Sinto muito.

— Não se preocupe com isso — o grande homem resmungou. O pensamento *Outro fodido vampiro*, sibilou através de sua mente e foi imediatamente reprimido. Seus olhos se moveram culpadamente sobre os dela, e ele se encolheu.

Ela podia ver tudo em sua memória. Tendo trabalhado para Ridgemont por dois anos, ele tinha sido castigado mais de uma vez por um pensamento descuidado. Sua mandíbula tinha sido quebrada duas vezes e seu crânio se fraturara por essas bofetadas repentinas, mas ele tinha descoberto que somente não podia se esquivar o suficientemente rápido. Ainda, sempre que ele abrisse sua boca para renunciar, Ridgemont o olharia e congelaria as palavras em sua língua. Ele tinha pensado sobre apenas escapulir, mas de alguma forma ele não podia fazer isso.

Ridgemont o pôs sob uma compulsão, Val pensou.

Sim. É hora de eu fazer algo a respeito disso. Cade deixou cair sua bolsa no piso, então se inclinou para procurar algo dentro dela. Tirando dois



maços de notas “das grandes” ²⁹ — e ignorando os fixos olhares arregalados dos transeuntes — ele os deu para Mason.

— Aqui está seu pagamento, mais o suficiente para mantê-lo e à sua família enquanto você encontra outro trabalho.

Mason lhe disparou um olhar angustiado.

— Eu não posso.

Cade se inclinou e começou a se estender para a mente dele, mas Val o deteve com uma mão em seu ombro.

— Me permita — diante a sobranalha erguida dele, ela deu de ombros. — Acho que tenho uma dívida com ele.

Ele inclinou a cabeça. Mordendo seu lábio, ela olhou dentro dos desesperados olhos azuis de Mason e procurou por uma ordem alheia que o mantinha. Encontrou-a bastante fácil, mas instantaneamente percebeu que não sabia o que para fazer com ela.

Remova-a para longe, Cade disse a ela.

Inclinando a cabeça, ela se concentrou, gentilmente apagando a compulsão, trabalhando duro para empurrá-la para fora dos pensamentos dele sem ferir a mente abaixo. Até que, finalmente, ela foi embora. Val respirou profundamente de alívio.

— Você está livre.

Um largo sorriso se espalhou através do rosto dele quando ele percebeu que era verdade.

— Deus, senhora, obrigado! — Mason remexeu em seu bolso, agarrando um jogo de chaves, e a jogou na mão de Cade. — Aqui estão as chaves dos carros de Ridgemont. Diga a ele que pode beijar meu traseiro — ele hesitou, olhando Cade nos olhos. — Você é o único deles que não é um fodido monstro.

Cade inclinou a cabeça.

²⁹ Refere-se, aqui, a notas de cem dólares.



— Apenas para que saiba, Hirsch está morto. E vou matar Ridgemont.

O homem grande assobiou suavemente.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia? — uma imagem passou como um relâmpago pela mente dele — Cade de joelhos, sangue vertendo de sua boca e nariz, o braço direito quebrado e balançando contra sua lateral.

Cade olhou para Val.

— Eu trouxe uma arma secreta.

Mason relanceou os olhos ceticamente para ela, logo suavizou sua expressão em um sorriso fácil.

— Certo — ele vacilou, culpa passando como um relâmpago por ele. Val podia ver que ele odiava deixar Cade ir contra Ridgemont com nada mais que uma mulher como auxílio. — Desejo que eu pudesse te ajudar, camarada.

— Sim, bem, ambos sabemos por que você não pode. Vá atrás de sua nova vida, Bobby. E, no caso de que eu estrague tudo, faça isso longe daqui.

O grande homem estufou a grana em seus bolsos e pensou em sua esposa e filho de três anos de idade. Ele girou e se afastou através da multidão com passos longos que faltavam pouco para ser uma corrida.

Val o observou partir.

É um poder assustador o que temos, Cade.

Sim. Eu o teria libertado há muito tempo, mas sabia que Ridgemont não teria permitido.

Ela pensou em Beth, e o medo deslizou por suas veias como um rio de gelo.

Se essa é a forma como o bastardo trata seu próprio ajudante, o que estará fazendo com minha irmã?

Não sei, mas melhor que nós vamos para lá e descubramos.



Capítulo Vinte

Dirigir até a mansão levou mais de uma hora através do tráfego de Nova Iorque à tarde. Felizmente, as janelas polarizadas da limusine mantiveram fora o pior da luz, ou Val sabia que teriam fritado no tempo em que levaram para chegar lá.

Por isso, ela teve unicamente muito tempo para meditar. Era tudo o que ela podia fazer para manter sua mente longe da imagem de Cade sangrando e machucado que ela tinha visto nas memórias de todos — a dela, a de Abigail, até a de Mason.

Cade mesmo não disse nada, embora, quando ela tentou tocar sua mente, viu que ele estava ocupado planejando, recordando as lutas passadas e tentando elaborar estratégias para rebater os movimentos favoritos do ancião.

Sem ele para distraí-la, Val sentiu seu temor se intensificar. Ela girou seus ombros, tentando repelir aquilo. Isso era necessário. Teriam que confrontar Ridgemont, se iam salvar Beth. Ainda assim, na parte de trás de sua mente, uma voz baixinha sibilava, *É mal. Corra.*

Maldição, não. Ela fechou seus punhos e rangeu seus dentes. Ela não era uma covarde. Não deixaria sua irmã à mercê daquela coisa. Ele tinha que ser detido pelo bem de todo o mundo.

Mas quando se detiveram ante um jogo de portões de ferro trabalhado fixados em uma parede de pedras maciças, o coração de Val pulsava tão duro que tudo o que ela podia fazer era respirar. Ela observou, engolindo em seco, enquanto Cade olhava iradamente para a câmara montada em um poste que se sobressaía da grade.

— Estou aqui para ver Ridgemont.

Houve uma pausa. Cade olhou para ela em silêncio. Apesar de sua expressão sombria, enviou-lhe uma de onda de calor e amor que fez seu medo diminuir.

Eu te amo, Val. Não importa o que aconteça, lembre-se disso.



Mas mesmo enquanto ele a confortava, ela podia sentir a culpa em sua mente, o arrependimento por trazê-la para o perigo.

Ridgemont nos colocou neste caminho, Val lhe recordou, tentando ocultar seu medo dele. Apenas jogamos com as cartas que nos foram distribuídas.³⁰ De qualquer maneira, eu te amo, também. E estamos ambos vindo para esta coisa vivos.

Ela captou uma sombra de dúvida antes que ele rapidamente a escondesse.

Vamos fazer isso, Cade.

Sim.

Os portões se escancararam. Enquanto dirigiam através deles, uma voz baixinha na mente de Val murmurou *Atrás de você. Há algo atrás de você.* Ela lutou, tentando se concentrar no perfil sombrio, belo de Cade. Mas cada instinto que ela tinha estava gritando que mãos com garras estavam se estendendo sobre o banco para seu rosto. Até que, incapaz de fazer algo mais, ela se moveu depressa para trás e olhou selvagememente para o banco traseiro.

Nada ali.

Envergonhada, ela olhou para Cade, que a olhava com simpatia. Ela lhe deu um sorriso fraco.

- Estou um pouco... nervosa.
- Não é você. Você está captando o campo de poder de Ridgemont.
- O quê? Você quer dizer que esse senso de... — ela hesitou em dizer “maldade” — ...essa sensação é real?
- Sim — ele saiu da estrada e estacionou o carro.

Ao final de uma aleia curva diante deles havia uma mansão enorme que parecia com algo tirado de uma comédia de costumes inglesa. Deveria ter parecido alegre sob a luz do sol matinal, espalhada, construída de tijolos vermelhos e fortes, coberta com hera, rodeada por camas de flores cuidadas de modo perfeito. Mesmo olhando para longe dela, Val estremecia com a sensação de escuridão que ela irradiava.

³⁰ O original seria “apenas jogamos a mão que nos foi distribuída”, referindo-se a jogo de cartas.



— Maldição. Conseguiu sua própria trilha sonora psíquica.

Ele inclinou a cabeça e abriu a porta do carro.

— Na primeira vez em que vi *Psicose*³¹, pensei, “conheço essa música”. Segue Ridgemont onde quer que ele vá.

— E você viveu com isso por cento e vinte anos? — franzindo seu nariz, ela saiu do carro. — Como você evitou ficar louco?

Cade tomou seu cotovelo e começou a andar.

— Você pode se acostumar a ficar malditamente perto de qualquer coisa.

— Espere — Val lambeu seus lábios secos e cravou os olhos na porta, lutando para ignorar a voz que sibilava, *Fuja*. — E você simplesmente vai bater? Não deveríamos tentar entrar às escondidas ou algo assim?

Cade disparou para ela um olhar de mal contida impaciência.

— Você não se aproxima furtivamente de alguém com tanto poder, Val. Ele nos sente simplesmente tão claramente como nós o sentimos.

Ela pestanejou.

— Maldição, espero que não sintamos nada como isso.

Os lábios de Cade se contraíram.

— Eu deixei escapar um pensamento a respeito da comparação com *Psicose* uma vez. Ele disse que ouve o tema de Mr. Rogers Neighborhood³² quando estou por perto. Fiquei profundamente ofendido.

Val sorriu abertamente.

— Ele estava te enganando. Acho que é mais como Três homens em conflito³³.

³¹ Filme de suspense do aclamado diretor Alfred Hitchcock.

³² Antigo seriado infantil americano.

³³ No original, “The Good, the Bad and the ugly”, filme italiano antigo, do tipo western spaghetti, cujo título, no Brasil, passou a ser “Três homens em conflito”.



Logo a porta da frente se abriu e o mal se estendeu em uma onda sombria. Val girou o rosto enquanto seu coração trovejava em sua garganta. Ridgemont sorriu abertamente para eles, então estremeceu com o céu azul.

— Miserável dia aí fora. Por que vocês não entram e saem do sol?

A luz estava pulsando no topo de sua cabeça, mas Val imediatamente decidiu que preferia queimaduras de terceiro grau a estar mesmo um pouco perto dele.

Então Cade ergueu uma sobrancelha para ela, e ela rangeu seus dentes. Ela não era uma covarde, droga. Mas dar um passo através daquela porta era a coisa mais dura que ela jamais teria feito. Seus instintos gritando de advertência, Val se obrigou a andar atrás de Ridgemont enquanto ele recuava um passo para deixá-los entrar.

Ele parecia tão malditamente normal com aquelas feições cheias de cicatrizes e danos e os ombros musculosos que a faziam imaginar um atleta maduro. Mas a cada vez que ela afastava o olhar, seus instintos insistiam que, se ela olhasse de volta, veria carne apodrecida. Tinha-o encontrado antes, quando Hirsch a capturara. Ela não podia entender por que ela não sentira então.

Por que continuo desejando uma cruz? Val pensou para Cade.

— Não te faria qualquer bem — Ridgemont disse, com um estiramento lento, zombeteiro dos lábios.

— Se você transmitir, ele irá captar — Cade disse a ela, deu uma olhadela para Ridgemont. — Vamos conseguir esse feito.

O vampiro inclinou a cabeça e se virou.

— Preparei a arena.

A arena? Ela pensou com uma nova labareda de medo. *Oh, Deus. Eles lutaram numa arena em meu sonho.*

Seguiram o ancião, Val agradecida em não tê-lo andando atrás dela. O pensamento de sua irmã em seu poder a fez estremecer.

— Onde está Beth? — ela exigiu.



Ridgemont disparou para ela um sorriso branco que fez sua carne formigar.

— Esperando por nós.

Como diabos nós devemos matar isso, Val se perguntou, tentando evitar o pensamento de sair à tona longe o suficiente para ser lido. O desespero ameaçava afligi-la. Ela o afastou. Apesar do sonho, Cade acreditava que tinham a força juntos. Isso era o bastante.

Tinha que ser.

Enquanto atravessavam a casa, ela se deu vagamente conta de uma impressão de riqueza e bom gosto — finos quadros, ricos tapetes, mobília antiga. Se não fosse o senso sufocante de mal, ela poderia ter se impressionado.

Eles começaram a descer um corredor. Ridgemont inclinou a cabeça para um grupo de escadas e disse a ela:

— Lá em cima por esse caminho é a galeria onde você encontrará sua irmã.

Automaticamente, Val começou a ir para as escadas, então se deteve a meio caminho e olhou para trás para Cade.

— E você?

— Estarei na arena — ele disse. — Você poderá me ver.

Perto o suficiente para se unir quando ele precisasse dela, ela percebeu, lendo a tranquilidade em seus olhos. Ela inclinou a cabeça e começou a subir os degraus de dois em dois.

O portal se abria para um cômodo imenso, abobadado com um balcão de vista panorâmica. Val deu um passo para dentro cautelosamente, seus olhos imediatamente voaram para uma figura familiar sentada reta e calma em uma cadeira. A cabeça de Beth estalou num giro, os olhos escuros arregalados de terror até que ela reconheceu sua irmã.

— Valerie! — automaticamente, ela começou a se levantar, para cair para trás. Ela estava algemada aos braços da cadeira.



— Deus, bebê! — Val se aproximou correndo dela e se curvou para lhe dar um abraço violento, duro.

— É você... Ai! Você está me apertando!

Val recordou sua nova força e se afastou apressadamente. Engolindo sua ansiedade, ela esquadrinhou o rosto de sua irmã, fixando-se nas feições pálidas, tesas, o branco pescoço longo, o colo branco revelado pelo decote cavado de sua camisa de malha. *Nenhuma mordida óbvia*. Ela suspirou de alívio.

— Você está bem? — Beth perguntou, olhando-a da mesma forma dura.

Por um momento, Val quase pôs uma mão culpada sobre sua garganta, logo recordou que a evidência das presas de Cade tinha cicatrizado.

— Estou bem. Ele te machucou?

— Não, ainda não — a boca suave de Beth se apertou em uma linha sombria. — Mas poderia contar com que ele tem pensado nisso.

Val fixou o olhar, irritada, nos braceletes de aço que fechavam cada um de seus pulsos magros em um braço da cadeira.

— Vamos te tirar destas algemas.

Beth franziu o cenho para elas.

— Um dos lacaios dele tem as chaves.

— Sim, bem, não tenho tempo de encontrá-lo — Val pegou uma corrente de alga em uma mão enquanto ela firmava a outra contra o braço da cadeira. Ela podia fazer isto. Ela podia.

Ela puxou bruscamente.

Beth ofegou. A grossa corrente da alga se quebrou como uma gargantilha de cinco dólares. Com um grunhido de satisfação, Val agarrou o outro braço de Beth e rompeu a corrente que a mantinha da mesma forma. Sorrindo abertamente, ela baixou os olhos para os de sua irmã. E viu terror.



Beth se recostou em sua cadeira, os olhos cinza se arregalando até que as partes brancas ficaram visíveis.

— Ele disse que McKinnon a faria um deles. Ele fez, não? — o sangue drenou de sua face até que pareceu como se ela fosse desmaiar. — Você é uma vampira — ela falou a última palavra em um sussurro suave, desesperado.

O coração de Val se contraiu em dura, desesperada bola e se alojou em sua garganta. Oh, inferno.

— Era a única forma de deter Ridgemont — ela disse, sabendo que sua irmã nunca entenderia.

Beth se ergueu e recuou, aflição e medo em sua face.

— O que... o que você vai fazer comigo?

Ela estendeu a mão, logo a deixou cair quando Beth recuou.

— Você realmente não acha que eu vou te machucar? — a dor explodiu em seu peito.

— Você vai?

— Não é como no cinema, Beth! Não somos assassinos.

Beth empurrou seu queixo para Ridgemont, que observava da arena embaixo.

— Ele é.

— Isso é porque ele é um sociopata filho da puta.

— Obrigado! — o ancião gritou zombeteiramente da arena.

Ela o ignorou.

— Cade e eu somos diferentes. Ainda somos humanos. Nós apenas mudamos. É um vírus ou algo assim.

Beth negou com a cabeça.

— Os vírus não te dão presas, Val.

Tenho de tirá-la daqui, Val pensou. Então apenas vou seguir com isto. Investigando o medo e a dor naqueles amados olhos cinza, Val obrigou seus ombros a se endireitarem.



— Ok, você venceu, sou um monstro. Fora. Você está livre. Vá.

Sua irmã disparou um olhar de puro ódio sobre o balcão insultando o ancião, que os observava de baixo.

— *Ele* não vai me deixar sair.

— Ele não se importa um nada com você — Val disse, sabendo que era verdade. — Apenas te usou para se assegurar que nós não voltássemos atrás — ela lançou os olhos ao ancião. — Não é certo, sanguessuga?

Ele sorriu abertamente, os braços cruzados, obviamente muito divertido. Agora vestia algo que se parecia com a armadura que ela vira em sua visão. Como Cade, que estava perto.

— Oh, sim. De fato... — ele percorreu com o olhar um homem negro magro que estava trabalhando com um emaranhado de equipamentos aos seus pés. — Miller?

O homem o contemplou.

— Sim, senhor?

O ancião inclinou a cabeça para o balcão.

— Escolta essa senhorita para fora da casa e lhe chame um táxi. Terminei com ela.

— Sim, senhor — ele deslizou para fora da porta.

Beth olhou para Val, lágrimas alagando seus enormes olhos cinza. Ela não disse nada. Val não podia pensar em uma só palavra. Finalmente Miller inseriu sua cabeça no portal do balcão e disse:

— Senhorita?

Ela olhou dele para Val e vacilou, obviamente dilacerada.

— Lembre-se de uma coisa — Val disse em uma voz baixa, trêmula. — Aconteça o que acontecer, eu te amo. Ainda sou humana e eu ainda te amo, e te amarei até que eu morra.

Beth olhou fixamente.

— Você acha que ele vai te matar.

— Já estou morta, lembra?



Os olhos cinza olharam dentro dos dela por um longo, suspenso momento. Então Beth se ergueu em sua altura completa.

— Não vou te deixar. Não importa o que você seja.

Val praguejou silenciosamente.

— Não te quero aqui. Não é seguro — e se eles perdessem e Ridgemont resolvesse celebrar mais tarde?

— Não me importa — sua face tomou aquela expressão teimosa que Val conhecia muito bem por viver com ela por dezoito anos. — Você ainda é minha irmã, não importa o quão diferente você seja.

Se Beth se recusasse a ir e Ridgemont a tomasse, tudo ficaria sem sentido. Cade podia facilmente morrer por nada. Fúria indefesa fervia em Val, provocando a ascensão da Fome. Amaldiçoando o momento inoportuno, ela começou a suprimi-la, então mudou de opinião e deixou-a vir. As presas explodiram em sua boca. Deliberadamente, ela abriu suas mandíbulas e as descobriu, movendo para trás seus lábios em um rosnado que ela fez ser tão monstruoso e aterrador quanto pôde.

— PARTA, Beth!

Os olhos de sua irmã se arregalaram de horror enquanto ela tropeçava para trás um passo em estado de choque. Val grunhiu como um vampiro de filme. Com um grito estrangulado, Beth girou e correu atrás de Miller. Seus pés golpearam os degraus atapetados enquanto ela os descia de dois em dois. Era tudo que Val podia fazer para não cair na cadeira e soluçar.

Aplausos lentos, zombeteiros encheram o ar.

— Não vi um show bom como este desde que assisti Bard atuar como Hamlet — Ridgemont gritou zombeteiramente.

Um estalido alto soou.

Cambaleando, o ancião se virou, erguendo uma mão para sua boca sangrenta enquanto encarava Cade.

— Por que, Pistoleiro? — um soco fraco. Estou surpreso com você.



Cade respondeu com uma reca de obscenidades criativas, ao menos a metade delas em uma linguagem que Val nem mesmo entendeu.

Ridgemont sorriu abertamente para ele.

— Nem mesmo pensei que você soubesse essas palavras.

— Você alargou meus horizontes, seu filho da puta. Vamos deixar essas baixarias e terminar com isso — Cade grunhiu. Ele olhou para Val, seus olhos monótonos e escuros. — Vamos, doçura.

Sacudindo-se de sua tristeza, ela se moveu para a cadeira, ignorando as algemas ainda enroladas em seus braços. Sentou-se e se reclinou, fechou seus olhos e deixou seu corpo ficar vazio. E foi para ele.

Ele a envolveu em todo o calor e simpatia que não poderia exteriorizar diante de seu inimigo.

Bebê, sinto muito.

Ela acha que sou um monstro.

Ela está equivocada.

Está? Ela recordou o olhar nos olhos de Mason, o sabor do sangue em sua boca.

Olhe-o e me diga que somos algo como aquilo.

Ridgemont os observou com diversão sombria enquanto um de seus assistentes afivelava algo sobre seu antebraço. Ele parecia menor através dos olhos de Cade, mas a sensação de idade, poder e maldade redemoinhava em torno dele fazendo-o ser sentido ainda mais forte.

Como devemos matar isso? Val exigiu, aflita.

Sim, ele é um bastardo formidável.

— Levante o seu braço, Cade — um dos homens disse a ele. — Preciso apertar a correia.

Ele obedeceu, e o homem começou a puxar um pedaço de couro anexado a um punho de metal em torno de seu braço.

O que nós estamos fazendo? O que está acontecendo?

Ele está me ajudando a pôr minha armadura.



Armadura? Ela percebeu subitamente que ele estava usando um peitoral de algum metal que brilhava como prata. O assistente agarrou outra correia e a cingiu apertada. *Que diabos Ridgemont pensa que é — o décimo terceiro século?*

Com algumas melhoras do século vinte e um, sim, Cade pensou, arqueando seu peito para comprovar o ajuste e inclinando sua cabeça em aprovação para o assistente. *A armadura é desenho de Ridgemont, feito de um polímero da era espacial mais forte que aço com a metade do peso. Não que esse peso signifique um nada para nós.*

Por que usar armadura, enfim? Parece que ele quer que seja tão perigoso quanto possível.

Sim. Ele apenas não quer que termine muito rápido. E com nossa força, seria fácil para um de nós cortarmos o outro ao meio.

Ela se sobressaltou.

Imagem agradável. Um pensamento lhe ocorreu. *Ele pode nos ouvir?*

Não, não em uma profunda ligação como essa.

Finalmente Cade estava completamente armado desde um gorjal em torno de sua garganta até grevas que cobriam suas canelas. Ele flexionou seus braços e se agachou, reunindo seus músculos, testando o ajuste, dirigindo o assistente para apertar isso ou afrouxar aquilo.

Perto, Ridgemont estava fazendo o mesmo. A tensão aumentou até que parecia encher o ar com a essência forte de pinheiro da serragem que cobria o piso.

Por fim, o ancião caminhou para ele, levando longas espadas embainhadas em ambas as mãos. Ele lhe apresentou uma com um leve arquear.

— Uma arma nova. Acho que você a achará satisfatória.

Cade aceitou a bainha e puxou a espada dela com um silvo rápido, eficiente. Tinha um metro e vinte de comprimento, com um punho elegantemente simples e proteção em cruz, ambas do mesmo metal brilhante do resto da armadura. A lâmina cintilava sob a luz brilhante dos refletores enquanto ele vislumbrava seu comprimento, examinando-a à



procura de imperfeições, medindo seu peso. Val sentiu seu prazer com seu balanço soberbo, a forma como parecia flutuar em suas mãos.

— Aceitável.

Ridgemont inclinou sua cabeça outra vez e deu um passo atrás.

— Cade? — o assistente perguntou.

Cade embainhou a espada e a trocou por um elmo que o homem segurava. Tinha a forma do elmo de um cavaleiro medieval, mas a viseira era feita de plexiglás. Ele notou a mudança com muito prazer, sabendo que daria um melhor campo de visão que protetor de rosto rachado de seu elmo velho, que tinha cortado sua visão periférica a quase nada.

Pendendo do ponto cônico do elmo havia uma extensão de meio metro de crina negra que alcançava o meio de suas costas quando ele a vestiu.

Por que essa cauda? Val perguntou.

Ridgemont tem o gosto de um homem medieval pelo pomposo.

Ele tomou o elmo em suas mãos vestidas em manoplas e o fixou no topo do gorro da armadura que ele já vestia. O enchimento grosso do gorro o protegeria — ao menos em parte — se Ridgemont lançasse um golpe no elmo.

Seu assistente lhe deu seu escudo, um coisa maciça, grande como uma pipa de papel. Pintado em sua suave superfície de prata havia um lobo, feito em estilo medieval e enfeitado em preto e vermelho. Enfim, ele pegou sua espada.

Não posso acreditar que nós pensamos em lutar com todas essas coisas, Val pensou, quando ele se voltou e se moveu de volta para Ridgemont.

Apenas siga meus passos. Nos manterei vivos.

Seria melhor que desse o melhor. Eu mal te domestiquei.

Ridgemont estava vestido em uma armadura negra idêntica a de Cade, exceto pelo dragão que se encrespava em seu escudo. Val teve outra vez consciência das ondas de poder e o mal que começavam a girar para fora dele. Sua ansiedade subiu vertiginosamente.



O poder não tem importância, Cade disse a ela. Ele vive, e isso significa que pode morrer.

Mas eles poderiam matá-lo? E a respeito daquele maldito sonho?

Apressadamente, ela suprimiu essa memória e se concentrou em Cade, sentindo o que ele sentia enquanto ele seguia Ridgemont para o centro da arena. Ele tinha muito pouco medo por si próprio, e se recusava a focar a atenção em seu medo por ela, ambos para evitar assustá-la e para manter a mente dela no trabalho à mão. Todo seu ser estava focado em uma meta: matar Ridgemont, mesmo se ele morresse tentando. Não por vingança ou até pela honra, mas porque era a única forma de manter Val a salvo.

Me escute, Cade McKinnon, ela lhe disse, incitada por seu fatalismo. Você vai sobreviver a isto. Você apenas malditamente mantenha sua mente nisso, porque eu preciso de você, e eu não vou desistir de você.

Ridgemont girou para encará-los no meio da arena. Seus olhos se moveram rapidamente para a face de Cade através da viseira transparente de seu elmo, e seus lábios se torceram.

— Faz bem ao meu coração ver toda essa determinação sombria, viril — ele retumbou. — Não gastei um século te torturando por nada. Pelo que te diz respeito, garota — não me decepcione.

— Oh, não irei — Val disse na voz de Cade.

Ridgemont pôs à vista sua espada em uma saudação a qual Cade ecoou com um gesto curto, agitado. Logo ambos os homens se curvaram, erguendo seus escudos.

Oh, Deus, Val pensou, certa de que, agora, todos estavam comprometidos. Não acabaria até que um deles estivesse morto.

Com um rugido, o ancião explodiu para Cade, balançando sua espada como uma foice em um golpe calculado para partir seu elmo e arrancar a parte superior de sua cabeça. Cade dançou para trás e bloqueou. O escudo sacudiu em seus braços com um som de tiro de canhão, e o mundo pareceu uma girândola de fogos de artifício.



Ele se estrelou contra o piso da arena com um ruído surdo de bater os dentes, mas ele instintivamente se dobrou e rolou. Quando caiu sobre seus pés, Cade viu que o golpe o estocara de uns quatro metros. E havia sangue em sua armadura. A espada de Ridgemont tinha cortado através do escudo e pego seu ombro.

Isso foi como ser atingido por um carro!, Val pensou, pasma e trêmula.

— Você pode fazer melhor que isso, Pistoleiro! — Ridgemont gritou zombeteiramente, e saltou para eles, cruzando a arena em um salto não humano.

Calma. Aqui vem ele. Cade se preparou psicologicamente, e ela desesperadamente trabalhou para reforçar seu poder, construindo o poder com ele. Detiveram o segundo golpe, apenas se balançando para trás em seus calcanhares. Val jogou toda sua força no movimento de resposta dele, mas ela estava atrasada, e não era o bastante. O ancião captou o golpe em seu escudo e o devolveu com um golpe aéreo que eles mal bloquearam a tempo.

Ridgemont sorriu abertamente para eles, zombando.

— Ainda não o suficiente bom, Pistoleiro. Esperei muito tempo para que essa luta seja tão fácil assim. É melhor que você aperfeiçoe sua concentração, ou irei atrás daquela saborosa irmã caçula quando terminar com você.

Val mentalmente enredou e bombardeou mais poder no balanço da espada de Cade. Aterrissou no escudo de Ridgemont com uma explosão satisfatória.

Logo, finalmente, ela deixou de pensar, instintivamente se fundindo com seu amante até que ela já não era consciente de sua existência. Em vez disso, ela lutou para se converter em força pura, crua, tomando tudo o que ele lhe deu e o alimentando de volta cegamente, deixando-o usar isso como ele o faria.

Os dois homens deram voltas, os pés se arrastando na serragem grossa, mal conscientes do rangido de armadura e do mau-cheiro de suor e aço. A princípio, foi tudo o que Cade podia fazer para evitar que Ridgemont arrancasse sua cabeça, bloqueando com sua espada ou seu



escudo mal a tempo. Mas a força e a velocidade de seus impulsos de retorno aumentaram constantemente enquanto ele e Val caíam no ritmo de amplificar seu poder.

O amplo sorriso zombeteiro se desvaneceu da face de Ridgemont.

Cade bloqueou um golpe que vinha para suas costelas e girou, Val se empossando de seu poder e o devolvendo. A espada se lançou para fora. Ridgemont tentou bloquear, tarde demais. O gume atravessou seu peitoral. Ele saiu voando como um Babe Ruth³⁴ fazendo um “home run”³⁵.

O desejo de sangue surgindo, Cade saltou atrás dele, a espada erguida. Ridgemont, caído sobre suas costas, viu-o vindo e lançou seu escudo, girando como uma bola sob ele. Cade aterrissou nele com ambos os pés e cortou. Mas o ancião elevou o escudo, lançando-o como uma ficha de pôquer, e o golpe falhou.

Cade saltou outra vez quase antes que ele atingisse o solo. Ridgemont correu velozmente para ele, sua face dura e sombria através de sua viseira.

— Não é mais tão malditamente divertido agora, é, seu filho da puta?
— Cade zombou.

O golpe de resposta da espada do ancião cortou no meio de seu escudo. E se cravou. Os olhos do vampiro se arregalaram. Ele lutou pra livrar sua espada. Cade sorriu abertamente e se lançou para sua cabeça, mas Ridgemont bloqueou o golpe e bateu seu escudo no rosto de Cade tão duro que a viseira à prova de balas se despedaçou.

Cade sentiu o puxão da espada se arrancando de seu escudo justo enquanto ele se abaixava, cego pelo sangue e a dor enquanto os pedaços dentados de plástico cortavam sua face. Desesperadamente, ele arrancou o elmo arruinado, ignorando as extremidades dentadas da viseira

³⁴ **George Herman Ruth Jr.** (6 de fevereiro de 1895 – 16 de agosto de 1948), mais conhecido como **Babe Ruth** e **Bambino**, foi um grande, há quem diga o melhor jogador de baseball de todos os tempos, por ser um dos poucos a saber arremessar e rebater bem.

³⁵ No beisebol, **home run** (denotado **HR**) é uma rebatida na qual o rebatedor é capaz de circular todas as bases, terminando na casa base e anotando uma corrida (junto com uma corrida anotada por cada corredor que já estava em base), com nenhum erro cometido pelo time defensivo na jogada que resultou no batedor-corredor avançando bases extras.



despedaçada que rasgavam sua pele. Ele sentiu mais que viu a espada de Ridgemont descendo para sua cabeça. Seu escudo se fora. Ele lançou para cima sua espada e aparou, arremessando a lâmina de lado. Ridgemont o derrubou outra vez, mas Cade lançou firmemente um pé nas pernas do vampiro mestre tão duro que seu inimigo saiu voando.

Cade se ergueu dificultosamente, mentalmente amaldiçoando a armadura inepta que evitava que ele saltasse com sua usual agilidade vampírica. Ainda cego pelo sangue fluindo em seus olhos das lacerações profundas, ele tropeçou para trás, não certo de onde Ridgemont estava. Ele esfregou seus olhos, sujando de sangue suas manoplas, e lidando para limpar sua visão bem a tempo de ver a espada de seu mestre deslizando para suas coxas.

Ele bloqueou, mas Ridgemont reverteu seu golpe e cortou seu braço estendido da espada. A armadura salvou de ser arrancado, mas a lâmina mordeu numa agonia profunda, aguda todo o caminho para o ombro de Cade. Ele ignorou a dor e se lançou para apunhalar as costelas de Ridgemont com toda sua força. Sua espada se dirigiu para o peitoral negro como uma faca através de folha de estanho, e Ridgemont uivou.

O ancião agarrou a lâmina de Cade em uma manopla. Torceu. A ponta se quebrou.

Um calafrio deslizou sobre Cade enquanto ele baixava os olhos para sua arma quebrada. Uma terça parte de seu comprimento ainda se projetava da armadura negra de seu adversário. Ridgemont ergueu os olhos para ele e sorriu aberta e insultuosamente, um sorriso que Cade conhecia bem de décadas de tortura.

A fúria cegante varreu sobre Cade. Grunhindo, ele bateu seu punho esquerdo na viseira de Ridgemont tão duro que o plástico se estilhaçou. O ancião tropeçou para trás, praguejando, e Cade o seguiu. Ridgemont teve que derrubar seu escudo para arrancar o elmo arruinado. Cade usou a abertura para lançar outro cruzado de esquerda que separou seus pés do chão.

O ancião subiu e recuou rapidamente, ainda puxando seu elmo. Cade o deixou ir. Seu braço ferido já não doía mais. Ele podia sentir o calor do



sangue fluindo do antebraço para os nódulos, vertendo na serragem. Olhando para baixo, ele observou a espada deslizar de seus dedos fracos. Uma varredura com seus sentidos vampíricos lhe diziam que Ridgemont tinha atingido algo vital. Ele estava sangrando.

Oh, Jesus, Val pensou, reconhecendo o momento. É o sonho! Está acontecendo! Temos que bloquear essa artéria!

Está muito prejudicada. Teria que desviar muito de meu poder, Cade pensou, distante e frio. Ridgemont me matará no próximo passo.

Então eu farei isso!

Corra, Val. É o fim. Perdemos. Você se conhece, ele vai me matar justo como fez em sua visão.

Não! Não, eu imaginei isso. Você não vai morrer na minha frente, Cade McKinnon!

Valendo-se de seu conhecimento, ela se estendeu para a ferida e a selou, então trabalhou para ordenar que o corpo dele cicatrizasse a artéria seccionada.

Enquanto isso Ridgemont estava se encrespando como uma cobra para saltar para ele. Cade manejou para recolher o escudo caído de seu adversário com sua mão esquerda. Mas sem o reforço de Val, ele não pôde erguê-lo rápido o suficiente para bloquear. A espada do ancião cortou seu peitoral. Algo estalou. Ele atingiu o chão sobre suas costas e escorregou na serragem.

Desesperadamente, ele lutou para conseguir ficar de pé de novo, mas suas pernas se dobraram sob ele, e as luzes da arena giraram em sua cabeça. Cade caiu para trás, lutou para se erguer novamente, mas ele tinha perdido muito sangue. Entorpecidamente, ele assistiu Ridgemont contorná-lo, mancando, sua espada oscilando em uma mão. Sangue manchava o lado das costelas do vampiro mestre; ele também estava muitíssimo ferido.

Mas não o bastante.

Cade sempre soubera que chegaria a isso. O filho da puta era somente poderoso demais. Ele sacrificara Val por nada. Ele tinha falhado com ela,



bem como falhara com todos os outros. Ele ia morrer, e não era mais do que ele merecia.

Não! Maldição, Cade...

Saia, Val. Volte para seu corpo.

Não vou te perder. Maldito, não vou te perder.

E ela se foi.

Por um momento, ele não podia acreditar nisso. Ele se sentiu vazio, impotente. Mas foi melhor que senti-la compartilhar sua morte.

Ridgemont sorriu abertamente em seus olhos.

— Você me deu um bom combate, Pistoleiro. Me feriu, até. Muito mesmo. Mas não é o bastante para te salvar — ele inclinou sua cabeça para um lado e ergueu sua espada. — Acho que talvez arrancarei seu coração e o manterei para me lembrar de você.

— Sinto muito. Já o dei a alguém mais — fracamente, Cade se preparou psicologicamente para lutar o melhor que ele podia.

— Afaste-se dele, seu filho de uma puta!

Ridgemont girou para longe dele enquanto Val corria rapidamente através da arena para eles, detendo-se apenas longe o bastante para pegar a espada quebrada de Cade.

Oh, Inferno. Não.

Ela dançou ao redor de Ridgemont em seus jeans azuis e camiseta, ignorando sua falta de armadura, ignorando o fato de que ela nunca havia segurado uma espada em sua vida e a que ela tinha agora estava quebrada. Ignorando oitocentos anos de poder do ancião.

Ridgemont riu em sua cara.

— Volte, criança. Não é sua vez de morrer.

— Nem tampouco a dele, seu bastardo sanguessuga.

Inferno. Ridgemont vai matá-la. Cade fechou seus olhos e se lançou através da fronteira da conexão.



Logo ele contemplava seu mestre através dos olhos de Val, e a dor se foi.

O que você está fazendo aqui?, ela exigiu freneticamente. *Você não pode deixar seu corpo. Vai sangrar.*

Deixe-o. Ele não está matando você.

Ridgemont sorriu abertamente e negou com a cabeça, erguendo sua espada.

— Você é uma tola, garota. Você não tem o poder.

Cade estocou para frente através do corpo leve, rápido e pequeno dela enquanto jogavam toda sua energia combinada dentro dos braços estreitos de Val. A espada quebrada se arqueou para cima.

Por apenas uma fração de segundo, o medo e a realização explodiram através dos olhos de Ridgemont. Então a lâmina despedaçada mordeu seu pescoço, e sua cabeça girou para longe, sua mente rugindo um último protesto afrontado:

Não com a mão de uma mulher, Cade!

Val se agachou rapidamente para trás quando o corpo maciço do vampiro vibrou em uma fonte carmesim de seu próprio sangue. Nem mesmo o viu atingir o chão.

Cade! Você conseguiu voltar!

Entraram precipitadamente no corpo dele bem a tempo de descobrir seu coração gaguejante.



Epílogo

Val não teve ideia de quanto tempo trabalharam para salvar Cade, reparando as lesões que seu corpo tinha suportado. Sozinho, ele teria estado em coma por horas tentando desfazer o dano, mas juntos puderam acelerar a cicatrização. No fim das contas tinham feito o que podiam, e ela o deixou para cair no sono curativo.

Ela retornou ao seu corpo ao som de choro.

— Val, por favor, desperte — Beth soluçava. — Lamento o que disse. Não queria dizer aquilo. Por favor, não morra. Eles não me deixarão chamar uma ambulância.

— Coisa boa, também — Val disse roucamente, abrindo os olhos para ver sua irmã ajoelhada ao lado dela no piso da arena. — Que dor de dente³⁶ isso seria.

Os olhos avermelhados de Beth se arregalaram de alegria.

— Oh, Deus, obrigada! Você pode andar? Vamos o inferno para longe daqui!

Agarrando Val pelos ombros, sua irmã tentou erguê-la sobre seus pés. Sentindo-se fraca e zozna, Val afastou as mãos de Beth.

— Espera um momento. Ridgemont está morto. Não há razão para ir a algum lugar.

— Mas o outro deles está vivo. Eu apenas o checava, e sua respiração está melhor. Tenho medo do que ele vai fazer. Precisamos sair daqui.

Val se endireitou e respirou profundamente enquanto a arena dava voltas em torno dela.

— Malditamente certo que ele vai fazer. E eu não o deixarei.

— Mas...

³⁶ Normalmente a expressão “pain the butt” não teria uma boa tradução no Brasil, acho que a expressão “dor de dente” seria melhor quando traduzida para português brasileiro.



— Ele há pouco salvou minha vida, Beth — estudando a face excitada de sua irmã, Val disse — Pensei que você tinha partido.

— Voltei — ela respirou profundamente e estremeceu. — Bem a tempo de te ver arrancar a cabeça de Ridgemont.

— Na verdade, Cade fez isso.

Os olhos escuros de Beth se arregalaram em perplexidade.

— Sobre o que você está falando? Ele estava desmaiado sobre o solo.

Val abriu sua boca, então feito um gesto de descartar.

— Não importa. Levaria muito tempo explicar.

— Você sabe que eu não quis dizer aquilo, certo? — Beth uniu ambas as mãos em seu colo, baixando ansiosamente os olhos para sua face. — O que disse antes. Você sabe que eu te amo. Esta coisa de vampiro não importa.

Val suspirou. A essência de sua irmã dizia outra história.

— Beth, você ainda está com medo de mim.

— Irei superar. Podemos voltar à forma que era antes. Mas você tem que me prometer... — ela se deteve e engoliu em seco.

Cansadamente, rigidamente, Val se levantou. Ela girou sua coluna vertebral para relaxá-la.

— Prometer o quê?

Beth lambeu seus lábios e apartou o olhar. Seu coração pulsava duro.

— Me prometa que você não matará ninguém.

— Oh, pelo amor de Deus! — ela não tinha energia para isso. Tudo o que ela queria fazer era engatinhar em uma cama com Cade e dormir pelos próximos dois dias.

— Você podia beber sangue de vaca ou algo no estilo. Você não tem que se alimentar de pessoas.

Val riu impotentemente.



— Bebê, vampiros não têm que matar alguém. Não precisamos de tanto sangue. Ridgemont apenas fazia isso porque ele era um filho da puta doente.

— Oh — mas Beth não soou como convencida.

Val negou com a cabeça e cambaleou sobre Cade, que jazia espalhado de costas numa porção molhada de sangue na serragem. De cócoras ao lado dele, ela passou a procurar as correias que prendiam sua armadura.

— Então podemos ir para casa agora, certo? — Beth disse, movendo-se para mais próximo com um olhar cauteloso sobre ele. — Começarei o curso em poucos dias. Ainda temos aquele dinheiro que Ridgemont nos deu, e eu poderia conseguir um trabalho de meio período. Dessa vez eu podia te sustentar — ela sorriu, um pouquinho mais brilhante. — Mas se você realmente quer trabalhar, tenho certeza que você poderia encontrar um trabalho, também. Turno da noite ou algo assim.

— Não se preocupe com isso — Val puxou as correias livres e abriu a placa sobre o peito de Cade. Ela se sobressaltou com o sangue que cobria seu peito e tentou se lembrar de onde angariara aquela ferida em particular. — Encontrarei algo para fazer.

O sorriso brilhante murchou enquanto Beth olhava a forma terna com que ela tocava Cade.

— Você está apaixonada por ele.

Val olhou para cima.

— Sim.

— Mas ele te converteu em uma vampira!

— Sim, bem, tinha que ser feito — ela voltou sua atenção para gentilmente tirar o resto da armadura amassada e manchada de sangue de Cade.

Quando ela olhou para cima outra vez, Beth a observava com olhos arregalados e lábios que tremiam.

— Eu te perdi, não é?

O coração de Val se torceu com a dor nos olhos de sua irmã.



— Não. Você nunca poderia fazer isso. Eu te amo — ela baixou os olhos para a face pacificamente adormecida de Cade. — O fato que eu o amo, também, não muda isso.

Quando ela olhou para cima outra vez, viu o medo e o ressentimento deixando o olhar fixo de Beth.

— Estou começando a ver isso. Eu te amo também, Val — sua irmã endireitou seus ombros e baixou os olhos para Cade. Outra vez, um rastro de medo se agitou através de seus olhos, mas ela o banuiu. — Então, como posso ajudar?

Estudando-a, Val sentiu o nó de dor se desatar em seu peito. Seu próximo sorriso foi mais genuíno.

— Tudo o que realmente tenho que fazer é pô-lo em ordem e deixá-lo descansar. Curamos rápido, então o corpo dele fará o resto — ela estendeu a mão e tomou a mão de sua irmã. — Mas e você? O que você quer fazer — ir para casa, ou permanecer na cidade alguns dias? Eu gostaria de passar um pouco de tempo com você antes que comece o curso.

Beth respirou profundamente.

— Realmente preciso ir para casa. Tenho um monte de bagagem para arrumar.

Val tentou descartar a punhalada de mágoa que sentiu.

— Claro.

— Mas — sua irmã disse apressadamente — eu posso me abster de um dia. Ou talvez dois. Se você achar que terá tempo.

— Criarei tempo — ela baixou os olhos para Cade. — Não penso que seria melhor movê-lo agora, mas imaginaria que você provavelmente não quer ficar na mansão durante a noite.

Beth estremeceu.

— Quero estar o inferno longe deste lugar tão rápido como seja possível.



— Não a culpo. Posso te dar meu cartão de crédito, se você quiser conseguir um quarto de hotel. Poderíamos tomar café da manhã — ela fez uma careta. — Se pudermos conseguir uma cabine fora da luz direta do sol.

O alarme alargou os olhos cor de café de Beth.

— Você não...

— Não, não irrompo em chamas, mas me queimo realmente rápido. Eu gosto de permanecer fora do sol o mais possível — colocando a mão em um bolso de suas calças jeans, ela puxou um cartão de crédito e entregou a ela. — Você precisa de meu celular para chamar um táxi?

Beth o tomou.

— Nah, vi um telefone escada abaixo — ela hesitou, então rapidamente se inclinou e beijou Val na bochecha. Instintivamente, Val envolveu seus braços em torno dela em um abraço rápido. Depois de uma pausa, Beth abraçou de volta, mantendo-a quase dolorosamente apertada. Mantiveram-se juntas por um longo tempo. Quando se distanciaram, havia lágrimas nos olhos de Beth, e os de Val ardiam. — Te amo, irmãzona.

— Te amo também, bebê. Nada jamais mudará isso.

— Eu liguei para seu celular amanhã. Tenha uma boa noite — lentamente, a contragosto, Beth recuou, virou-se, e caminhou para longe. Val olhou sua partida, sentindo seu coração se iluminar. Ainda tinham trabalho a fazer para restabelecer a confiança entre elas, mas tinham começado bem.

Com um suspiro, ela baixou os olhos para o corpo inconsciente de Cade.

— É apenas eu e você agora, bebê — ela se curvou para pegá-lo. Apesar de seu comprimento musculoso, ele mal pareceu pesar alguma coisa enquanto ela se voltava e se dirigia para as escadas com ele.

Quando ela olhou para trás uma última vez, viu que um grupo dos homens de Ridgemont envolvia o corpo do ancião em uma lona. Uma cuidadosa varredura mental em um deles lhe disse que o velho vampiro lhes tinha dado uma compulsão para queimar seu cadáver se ele fosse morto. Depois disso, eles todos seriam livres pela primeira vez em anos. Val



foi se aliviou ao notar que nenhum deles tinha qualquer intenção de chamar os policiais.

Embalando seu amante, ela foi à busca de um dormitório que não tivesse o cheiro de Ridgemont ou de Hirsch. Com o último resto de sua adrenalina se desvanecendo, ela não tinha a energia para partir em busca de um hotel. Além disso, os dois estavam cobertos de sangue.

Val encontrou um quarto apropriado e baixou Cade em uma extensão macia de colcha dourada. Deixando-o esparramado em toda sua glória sangrenta, ela saiu para procurar uma ducha. Felizmente, havia uma em um banheiro anexo. Quinze minutos mais tarde, ela se sentiu razoavelmente limpa outra vez, e vagou para fora, nua, para tomar conta dele outra vez.

O sangue tinha grudado em sua pele o traje acolchoado que ele usava sob a armadura, e ela teve que soltá-la com aplicações gentis de uma esponja morna. Ele estava em um coma tão profundo que nem mesmo se moveu. Finalmente ela o teve limpo e nu, a pior de suas lesões se curando bem.

Então, com um bocejo enorme, Val engatinhou para perto de seu corpo grande, quente, descansou sua cabeça em seu ombro musculoso, e instantaneamente caiu adormecida.

Quando ela despertou, os olhos escuros de Cade a observavam, sonolentos e famintos. Um sorriso leve curvava um canto de sua linda boca. Ele parecia tão erótico que Val sorriu.

— Você faz isso de propósito, não faz?

Ele piscou seus cílios longos e escuros.

— O quê?

— Esse olhar de Lobo-Para-Chapeuzinho-Vermelho-Venha-Aqui-E-Me-Deixe-Te-Comer — ela verificou seu corpo, determinando, para sua satisfação, que ele estava curado e inteiro outra vez.



— Au! — ele disse, e baixou sua cabeça para tomar sua boca. Os lábios dele pareciam seda enquanto deslizavam sobre os dela em uma tentação suave, úmida. Com um suspiro, ela se apoiou nele, enterrando as pontas de seus mamilos nas pontas eriçadas dos pelos do peito dele.

Beijaram-se preguiçosamente enquanto ele rapidamente ficava rijo, sua ereção se encompridando contra a barriga dela. Sua mão foi à deriva para baixo pela linha de sua coluna vertebral e escorregou entre suas coxas para encontrar as dobras suculentas de seu sexo. Ela ficou sem fôlego.

— Hmmm — ele ronronou. — As crianças da noite — que música eles fazem.

Val riu suavemente, reconhecendo uma citação de *Drácula*.

— E quanto tempo você esperou uma oportunidade para usar essa piada?

— Um tempo malditamente longo — ele retumbou, e escorregou suas mãos para agarrar suas nádegas em ambas as mãos. Ele a levantou em seus braços e a rolou para cima de seu corpo. Ansiosamente ela o montou enquanto ele lentamente, preguiçosamente a empalava em seu mastro longo. Gritou em erótica surpresa. — De fato, façamos algo mais que música — Cade ronronou enquanto começava a empurrar lenta, profundamente.

A sensação de sua extensão quente a enchendo fez Val estremecer de prazer. Quando ele encontrou o ritmo até que estava lancetando-a em estocadas longas, potentes, ela choramingou de prazer. Enfiando seus dedos em seus ombros poderosos, ela esperou pela própria vida. O prazer era tão agradável e exigente que ela girou seus quadris para arremeter ainda mais duro contra sua deliciosa espessura.

Com um grunhido baixo, feroz, ele empunhou uma mão em seus cabelos e gentilmente puxou sua cabeça para baixo até poder afundar suas presas na parte inferior de sua mandíbula. Gritando em choque, ela convulsionou e gozou em um orgasmo longo, retumbante.

Ainda bebendo em profundos goles, Cade continuou sua posse implacável em seu sexo estreito, cremoso enquanto ela se contorcia impotentemente contra ele.



Jazeram entrelaçados juntos na cama, o corpo grande de Cade curvado em torno do dela, sua cabeça descansando sobre seu peito, ambos os braços musculosos envoltos ao redor de seu corpo. Era, Val pensou, uma posição claramente possessiva. Não que ela objetasse. Pensativamente, ela acariciou uma mão através da seda grossa de seus cabelos escuros.

Mas, contrastando com a atmosfera de paz, quando ela procurou a mente dele, percebeu que Cade estava meditando. Por um momento, Val debateu se o deixava ficar com seus próprios pensamentos, então decidiu que uma pequena discussão não poderia doer.

— Esta coisa com Ridgemont te incomoda — ela disse.

Cade esfregou seu queixo para frente e para trás sobre os seios dela.

— Ele me espancou, Val. Eu preferiria tê-lo derrotado por mim mesmo — usando meu próprio corpo, quero dizer.

— Você tem que admitir, entretanto, que isso não o teria irritado nem um pouco — ela disse, sorrindo abertamente. — Ele estava tão indignado por ser morto pela mão de uma mulher.

Ele deu de ombros.

— Para um homem do século doze, essa foi a última humilhação.

— Talvez para ele, mas foi de fato ironia suprema. Pense em todas as mulheres que ele torturou.

— Sim, suponho que haja uma certa justiça que você o tenha matado.

Ela levantou sua cabeça e a retorceu para olhar sua face.

— Cade, *você* o matou. Sim, as mãos eram minhas, mas ele teria me cortado em suas se você não tivesse interferido.

Seus braços se apertaram em torno dela enquanto ele encontrava seus olhos com um olhar duro.

— O que trouxe um ponto muito bom — que diabos você pensou que estava fazendo?

— Você honestamente não esperava que eu me sentasse ali e o observasse morrer, pensava?



— Não, depois de passar tanto tempo em sua cabeça como tenho feito, não.

Ele estava se inclinando para beijá-la quando o aroma de hortelã encheu o ar. Ambos saltaram e olharam ao redor. Abigail flutuava ao lado da cama, observando-os com olhos solenes.

— Ei, Pirralha Fantasma, você nunca bate na porta? — Val exigiu.

Com quê?

— Ela conseguiu um ponto — Cade disse. Logo ele enrijeceu. — Abigail...

A escuridão foi embora agora, Cade. Você está livre. A incandescência do pequeno rosto do fantasma começou a intensificar-se. E então eu estou. Apenas tinha que te ver uma última vez.

— Abigail, não me deixe — ele disse, seus olhos se arregalando quando ele percebeu que ela não retornaria.

Você tem Valerie agora. Ela tomará conta de você, tal como eu sabia que faria. O sorriso do fantasma foi luminoso. *Seu futuro é tão lindo.*

— Então o compartilhe conosco. Por favor...

Eu não posso, Cade. Posso ouvir as Luzes me chamando, Abigail disse, uma admiração suave enchendo seus olhos. *É como música. Esperei por tanto tempo...*

Val sentiu que os ombros musculosos de Cade caíam.

— Então vá, querida. E lembre-se que eu te amo.

E eu te amo, Cade. Sempre amarei. Sua pequena face erguida, ficou com tal expressão de alegria transcendental que Val sentiu seu coração se apertar. *Sim. Sim, ouço vocês. Estou indo!*

O brilho do fantasma chamejou, intensificou-se até que alagou o quarto. Os olhos de Val se encheram de lágrimas, e ela ouviu a respiração de Cade se encrespar.

Muito lentamente, a luz se desvaneceu, junto com a essência de hortelã. Mas, enquanto eles olhavam o lugar onde ela estivera, podiam



ouvir a música, um retinir longo, retumbante, alto e glorioso e tão jovial que nem mesmo a dor de Cade podia resistir a ela.

Quando a última nota se desvaneceu, os braços fortes dele se apertaram em torno de Val, e eles jazeram juntos num doce casulo de paz.

Fim

Sobre a Autora

O primeiro livro de Angela Knight foi escrito com lápis e ilustrado com lápis de cera; ela tinha nove anos no momento. Mas sua mãe estava encantada, e Angela foi fisgada.

Nos anos que se seguiram, Angela conseguiu compreender um modo de fazer uma vida — mais ou menos — com o que ela mais amava: escrever. Depois de uma carreira curta como um revisora de revista, ela se tornou repórter de jornal, cobrindo tudo, de reuniões de conselho de escola a assassinatos. Várias de suas histórias ganharam prêmios da Associação de Imprensa da Carolina do Sul sob seu verdadeiro nome.

Ao longo do caminho, ela se encontrou brincando de Lois Lane para seu marido detetive Superman. Ele ia resolver assassinatos, e ela andava furtivamente em volta dele tentando descobrir o que estava acontecendo. As únicas vezes que as coisas ficaram realmente pouco confortáveis foi no dia em que ela o olhou caçar bombas em um órgão, uma experiência que ela nunca quer repetir.

Mas o seu primeiro amor pela escrita sempre foi romance. Ela leu o Lobo e a Pomba aos 15, ao menos até que sua mãe a pegasse com ele.

Em 1996, ela descobriu a pequena editora de imprensa Red Sage Publishing, e realizou seu sonho de publicação de romance na antologia *Secrets 2* da companhia.

Desde então, o seu trabalho apareceu em quatro antologias *Secrets*. Ela está tremendamente agradecida à *Publisher Alexandria Kendall* pela oportunidade de fazer seus sonhos se realizarem.

Ela acredita que seu filho escritor, Antony, seguirá um dia seus passos.

Angela gosta das perguntas de seus leitores. Você pode enviar um e-mail para ela pelo angelaknight2002@bellsouth.net. Confira seu website no link www.angelasknights.com.



A Vampire
Romance